Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

1903

A Ill.ma Ex.ma Senhora
D. Josephina d'Ordaz
offerece como singela
prova de respeitosa
e grata amisade.

O Auctor

Lumiar
31 de Maio
de 1903

LISBOA ANTIGA

Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

Antiga Casa BERTRAND — JOSE BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

1902

O BAIRRO ALTO

DE

LISBOA

VOLUME II

CAPITULO I

Esbocei n'um dos capitulos do volume antecedente a porta fortalezada de Santa Catherina, que atalaiava, toda arrogante e soberba, com quatro cubellos ameiados, o sitio onde hoje, a 40 metros de altitude sobre o mar, se abre o *largo das Duas egrejas,* ou *das portas de Santa Catherina,* como se chamou em tempo.

Era um monumento historico e militar aquella porta; era por assim dizer o fecho ou fivéla da grande cinta; devia ter merecido alguma commiseração aos demolidores; mas não mereceu: arrazaram-n-a por inutil no anno de 1702, como se atira para uns desvãos um arnez de batalha. Não lhe valeram os seus trezentos e quasi quarenta annos, perante a intolerancia já tradicional dos nossos municipios. Foi isso durante a gerencia de um activo Presidente do Senado da Camara, o 3.º Conde de Aveiras, João da Silva Tello e Meneses, de quem

diz um escriptor, ter feito na Cidade obras notaveis, *que mereceram applauso universal* (1).

*

Na face oriental da demolida porta existia a Imagem de Santa Catherina; e na face do poente a de Nossa Senhora do Loreto; ambas ellas, toscas estatuetas de pedra lioz, se acham na frontaria da egreja da Encarnação; não as julgo de grande antiguidade; provavelmente do seculo XVII. Por fóra d'esta mesma porta, e um pouco abaixo para a banda do mar, lia-se uma inscripção latina egual ás que se liam nas portas da Cruz e de Santo Antão, composta pelo Ministro Antonio de Sousa de Macedo, de ordem d'el-Rei D. João IV; era uma allusão ao preito de vassalagem votiva tributada pelo mesmo Monarcha á Senhora da Conceição, Padroeira do Reino (2).

Elle proprio, o auctor da *Eva e Ave* conta o caso todo. Tomada em 1646 para Protectora de Portugal a Santa Virgem, ordenou el-Rei ao Dr. Sousa de Macedo apresentasse o texto do lettreiro, que se havia de gravar em todas as portas da Cidade; e o erudito desempenhou-se bem do encargo.

No meu livro *A Ribeira de Lisboa* sahiu tudo por miudos, assim como o texto da legenda e a sua traducção. Não os repetirei.

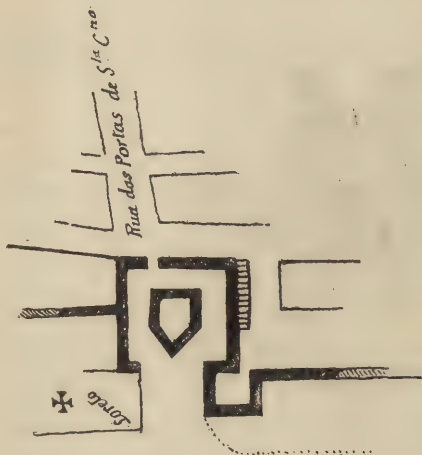
Era esta porta em tudo semelhante á porta da Cruz. As columnas que a enfeitavam foram apro-

(1) *Dem. hist.* citada pag. 197 e 198.

(2) Tral-a frei Apollinario na *Dem. hist.*, pag. 195.

veitadas em 1702 na entrada principal do açougue publico, situado no *Terreiro do Paço,* e lá existiam em 1750, e depois (1).

*

O sitio exacto em que ella se achava, corria pelo centro do actual largo *das duas Egrejas* na direc-

Planta da porta de Santa Catherina segundo João Nunes Tinoco; 1650

ção norte-sul, ficando os dois templos extra-muros.

Tão importante porta, militarmente defendida de uma torre (angular para o lado do poente) era resguardada de barbacan, para cujo adarbe conduzia uma estreita escada interior, e á qual flanqueava

(1) *Hist. gen. da C. R.* — Tom. v, pag. 332.

outra torre no angulo da muralha; é o que deprehendo do plano junto tirado de um antigo documento.

Ora esse documento, é nada menos que a bella planta de João Nunes Tinoco; mas differe sensivelmente do que vemos n'outro desenho anterior. Teria havido demolições e arranjos?

Na vista-planta de Braunio erguem-se sobre a porta quatro torres eguaes quadradas. Difficillimo é caminhar, quando os testemunhos graphicos não merecem confiança absoluta.

Alçado da porta fortalezada de Santa Catherina segundo Braunio (seculo XVI)

*

Além de varios recontros em tempo de guerra, além de apparatosas entradas de Pessoas Reaes, quantas scenas curiosas e engraçadas nos podia narrar esta porta se tivesse voz! Para abbreviar, contarei o seguinte:

*

Passava uma noite Miguel Telles de Moura, sem companheiro, á porta de Santa Catherina. Quatro ratoneiros o accommetteram; pediram-lhe a capa. Ia com pressa Miguel Telles, ou desejou evitar balburdias; entregou a capa, e continuou seu caminho

em corpo, certo de que o não tinham conhecido. E diz de lá um dos quatro em tom sarcastico, e ás gargalhadas dos companheiros:

— Como vai gentil-homem o senhor Miguel Telles!

Elle revira-se, corre para o grupo, e desembainhando a espada:

— Ah! elle é isso? vós conheceis-me? Pois esperae lá.

E acutilou os malfeitores, recobrou a capa, e arrancou-lhes dois ferros.

E seguiu (1).

*

No sabbado 12 de Fevereiro de 1723 celebrou-se em Lisboa a ceremonia do casamento do Principe D. José, depois Rei, com a Princeza castelhana D. Maria Anna Victoria. El-Rei D. João V e a Rainha foram para o sitio da Esperança, a fim de começarem d'ahi n'esse dia a sua pomposa entrada publica pela porta de Santa Catherina. Era o caminho obrigado.

Ao chegar o prestito Real a essa porta, onde se achava postado, em trajo de Côrte, o pessoal todo do Senado, o Vereador mais velho, que era o Desembargador Jorge Freire de Andrada, proferiu uma allocução gratulatoria, que possuo manuscripta (2).

D'estas entradas Reaes podia aqui descrever umas poucas. Serve essa de exemplo, e vamos a diante.

---

(1) Miguel Leitão de Andr. — *Miscellanea.* — Dial. XVIII.

(2) A fl. 278 v. do volume de *Miscellaneas manuscriptas* antigas, n.º 220 da minha collecção Olisiponiana.

*

O que é certo é que nenhum de nós hoje, ao conversar á tarde socegadamente nos grupos da Casa havaneza, ao *flanar* nos asphaltos do passeio pelo braço de algum amigo, ao comprimentar attencioso as elegantes que passam nos seus *coupés,* ao jantar nos restaurantes do sitio, ao examinar as ricas peças de ourivesaria da loja do sr. Leitão, ao atravessar para uma primeira representação no Gymnasio, na Trindade, ou no D. Amelia, ao presencear, emfim, a vida que ali se condensa n'aquelle ponto parisiense de Lisboa, nenhum de nós, ninguem absolutamente, se lembra já da porta sombria e altaneira, que se chamou de Santa Catherina, e que nos seus dias válidos tanto pelejou pela nossa independencia. É partilha dos mortos o esquecimento.

Bem sei que tudo melhorou, e muito; bem sei isso; bem vejo que, em vez dos raros nichos, allumiados apenas pelos tristes lampadarios da devoção, rutíla á noite o gaz e a luz electrica; em vez de uns bastiões enrugados e inuteis, que obstruiam o transito, e vedavam o ar, alastra-se uma praça desafogada e commoda, no eixo de outra praça ornada de um bello monumento; em vez de alguns casebres embiocados de adufas, abrem-se e illuminam-se lojas riquissimas; em vez das cimalhas negras de uma portada anachronica, d'onde pendiam não raro os quartos sangrentos dos justiçados (1), campeiam as nitidas frontarias de duas egrejas de

---

(1) *Dem. hist.,* cit. pag. 197.

marmore e jaspe; em vez da solidão e das trevas, tão propicias aos frequentes assaltos nocturnos dos rufiães, ha os pregões dos jornaes, o rodar dos caleches e *tilburys*, o encontro de bons amigos, o bulicio cidadão, que é uma companhia apreciavel. Bem sei tudo isso; e tenho pena, apesar de tudo, de que não conservassem as proporções e a feição exacta do destruido monumento, de que por gratidão o não assignalassem com uma singela memoria, e de que tudo tenda a obliterar as recordações que enxameiam n'uma paragem como esta, illustre entre todas. O carro triumphal do progresso tem direito a passar, mas não tem direito a esmagar e vilipendiar.

CAPITULO II

Se no seculo xv examinassemos este fragmento da muralha d'el-Rei D. Fernando, notariamos que para a banda norte-occidental da porta existia uma muito antiga ermida de Santo Antonio. É raro o ponto onde se não ache pelas chronicas monasticas o vestigio de capellinhas a povoarem os ermos em volta dos centros grandes. Foi esta ermida escolhida para parochia pelos Italianos residentes em Lisboa, em 1518, no pontificado de Leão x, trocando-se comtudo a invocação do orago; e Antonio de Bulhões, o portuguezissimo thaumaturgo que Padua nos roubou, cedeu logar á Rainha dos Anjos. A *Casa santa* teve uma filial; e a Virgem de *Loreto* passou a receber em Lisboa as homenagens dos seus devotos.

*

Não se recorda n'este momento o meu leitor do que é na alta Italia a *Santa Casa de Loreto?* não? Pois eu lh'o digo em duas palavras.

*

Em Nazareth, na Palestina, veneram os fieis o sitio onde nasceu, conforme as tradições mais antigas e venerandas, a Virgem Maria Nossa Senhora. Parece hoje uma especie de gruta, ou caverna, para onde se desce por dezasseis degraus; é provavel que o alteamento do solo, como succede em todas as cidades, fosse a pouco e pouco afogando o sitio. Precediam o que é hoje a gruta, aliás transformada em capella com seus tres altares, de S. José, de Sant'Anna, e do Anjo Gabriel, as paredes de um pequeno edificio, como antecamara, ali conservadas, atravez de pesadas vicissitudes, ao longo de treze seculos.

Um dia, em 1291, esta parte dianteira da Casa-Santa desappareceu. Singular desapparecimento! os alicerces ficaram. Teve-se como inexplicavel milagre aquelle facto, e muito mais quando constou que o edificio, intacto e inteiro, tinha apparecido na Dalmacia, não longe da praia do Adriatico. Qual não seria o espanto da gente d'aquellas paragens ao dar, n'uma bella manhan, com a presença inesperada do modesto edículo!

Que podia significar aquillo?—perguntavam todos. Quem levantára, no correr de poucas horas, aquella casa? A explicação não tardou: teve certo Sacerdote, em sonhos, revelação de ser a casa de Nazareth, transportada atravez do espaço, por braços de Anjos. Para tirar a limpo quaesquer duvidas, abalaram para a Terra Santa quatro pessoas; as medições que levavam condisseram á justa com

o alicerce; mais ainda: acertava o dia da desapparição na Galilêa com o apparecimento na Dalmacia.

Tres annos e sete mezes andados, fugiu de novo o mysterioso edificio, e, voando por sobre as cincoenta leguas do mar Adriatico, assentou n'um bosque pertencente a uma senhora nobre e virtuosa, por nome Laureta. Os da Dalmacia, angustiados com essa segunda fuga, ergueram uma capella no proprio sitio, então ermo, onde tinham poisado as venerandas paredes, e junto á capella erigiu-se um mosteiro de Frades.

Decorreram mais oito mezes; e em 1295 volveram os Anjos a acarretar a casa para o cume de um montículo a meia legua de distancia. Não tardou que a mysteriosa habitação da Virgem, a sagrada testemunha da Annunciação, fosse por ultimo levada outra vez, sem se atinar como, para outro cabeço desviado um tiro de bésta; e ficou.

*

Tudo que ahi deixo, e que para muitos será inadmissivel, é historico, em que pése á incredulidade. Ha gente que admitte, sem as comprehender, as maravilhas da electricidade, o telegrapho sem fio, o phonographo, a locomoção accelerada, as maravilhas da optica, desde o daguerreotypo até ao animatographo; e só acha duvidas quando se trata de factos sobrenaturaes. Pois resignem-se raciocinadores sem logica; a Santa Sé é a expressão da mais alta sabedoria humana, e deu credito a esses tão inexplicaveis saltos. Os Santos Padres Julio II,

Paulo IV, e Pio V, mandaram rigorosamente syndicar do caso, e confirmaram-n-o com a indiscutivel auctoridade pontificia.

*

Sobre a pequenina casa principiou-se a erguer, pelos annos de 1460, um templo magnifico para lhe servir como de revestimento; e desde então é um dos sanctuarios mais celebres da Christandade, erecto em Cathedral, e cumulado de joias por todos os fieis.

A Santa Casa, ali contida como n'um relicario, conserva o nome adulterado da piedosa Laureta, se (como pensam alguns) não tirou o seu titulo de um loireiral que recobria o monte. Loreto se chamou tambem segundo Plinio velho, certo sitio do monte Aventino, onde verdejára outr'ora uma espessura basta de loireiros (1).

*

A fama da Casa Santa, e os milagres da Imagem da Virgem Maria ali venerada, espalharam-se por todo o orbe christão; e em 1518 os Italianos domiciliados em Lisboa escolheram para orago do seu templo aquella mesma Virgem. O culto d'ella, já antigo na Italia, fôra então recentemente promo-

(1) Falando n'essa arvore, diz o grande naturalista: *Durat in Urbe impositum loco, quando Loretum in Aventino vocatur, ubi silva lauri fuit.*—Hist. Nat.—L. xv, xl, 5—in fine.—O nome d'ella ainda se conserva em Roma imposto a um logar, visto que no Aventino se chama *Loreto* o sitio onde antigamente verdejou um bosque de loireiros.

vido e auctorisado por Julio II, que em mettendo hombros a qualquer empreza, politica ou religiosa, a inflammava no seu proprio enthusiasmo. Não admira que a devoção manifestada por aquelle Pontifice do modo mais efficaz para a authenticação da Casa Santa, se repercutisse no animo dos seus patricios de Lisboa.

O culto da Senhora do Loreto, novo em Portugal, alcançou em 1518 a mesma intensidade que vemos terem conseguido nos nossos dias a Senhora de la Salette e a Senhora de Lourdes. A colonia italiana transformou pois, como disse, a capellinha de Santo Antonio na egreja do Loreto.

Eis ahi o que sei.

*

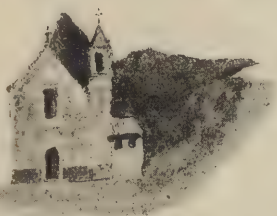
O que não sei, e não sabem varias pessoas que tenho consultado, é o motivo por que a Senhora do Loreto apparece nas suas representações iconographicas entrajada na maneira singularissima por que a vemos, escondendo os braços, e envôlta n'um revestimento adornado de joias, pouco artistico, e semsabor.

A iconographia, tão praticada de Gregos e Romanos com os seus idolos, é linguagem allegorica, e pelos attributos dá a conhecer tal ou tal Santo. A Senhora das Dores, a da Piedade, a do Carmo, e as outras invocações da Virgem, trazem em si mesmas a sua explicação; o symbolismo sacro é riquissimo, e ás vezes eloquente; fala ao espirito, e aos sentidos. Mas que nos diz uma capa sem abertura, um cone revestido de joias? Repito: não sei.

NOSSA SENHORA DO LORETO
segundo uma antiga gravura a agua forte

A gravura junta descreverá melhor esse manto mysterioso do que eu o poderia com a penna.

CAPITULO III

Do nosso antigo Loreto (e quem nos diz que não será da primitiva ermida de Santo Antonio?) existe uma vista n'uma das estampas de Braunio. Vê-se um templo de frontaria em bico sobrepojado de Cruz; porta de entrada, e por cima o janellão do côro. Á direita uma torre sineira, e uns pequeninos annexos.

Egreja do Loreto segundo Braunio (seculo XVI)

Será reproducção exacta do templo de 1518? quero crel-o, mas nada se pode affirmar. A orientação é a actual.

Vou correr alguns dos apontamentos que possuo, e veremos as vicissitudes variadas que tem passado até agora a parochial dos Italianos.

Irá tudo ao acaso, sem preoccupação de fórma. N'estas coisas o essencial é o fundo; o resto é dispensavel.

*

No Loreto havia já, em 1551, um capellão com 180 cruzados de ordenado (uns 378$000 réis de hoje), e sete clerigos para o auxiliarem (1), o que demonstra grande movimento no culto, e devoção no povo.

O mesmo auctor dá como funccionando no Loreto em 1551 as seguintes confrarias:

De Nossa Senhora do Loreto, do Santissimo Sacramento, e de Santa Catherina, todas tres administradas por mercadores italianos, e recebendo de esmolas 200 cruzados;

De Santo Antonio, administrada pelos Indios; 40 cruzados.

*

Contigua á nova egreja campeava ao norte uma das torres da circumvallação. Por alvará de 10 de Julho de 1573 concedeu el-Rei D. Sebastião licença á Irmandade para demolir essa torre «que está — (palavras textuaes) — diante da porta principal da igreja de nosa Senhora do loreto........ pera a dita igreja correr por diante, e se acabar conforme a traça q̃ della he feita.»

Ordenou mais el-Rei, que, se sobreviesse guerra, fosse atulhada a egreja até á altura bastante para servir á defensa da Cidade. Lá o diz por estes termos:

«E isto com tal declaraçã que, sendo caso que

(1) *Summario* de Christ. R. de O. — pag. 21.

em algũu tempo seja neçesario emtulharse a dita igreja pera forteficação da çidade, o que ds. não permita, o provedor e offiçiaes Itallianos da comfraria de nosa Senhora, sytuada na mesma igreja, serão obriguados a ẽtulhar a dita igreja atee a altura q̃ for neçesario, pera que fique por fortalleza em luguar da dita torre, a qual obrigação elles farã por escretr.ª pubrica, em que será treslladado este meu aluara; e da dita escretura se lançará hum trellado na torre do tombo, e outro ficará no cartorio da çidade, p.ª em todo tempo se poder ver e saber a obriguaçã que os ditos prouedor e offiçiais da dita comfraria a iso tem, e com q̃ lhe foy dada liçença p.ª derribarem a dita torre.» (1)

Tanto não foi necessario, felizmente. Os chãos eram foreiros á Camara; e a pedido d'el-Rei foi quitado por ella o fôro e o laudemio (2).

*

Graças ao zelo dos contribuintes, e tambem á protecção dos nossos Governos, foi a casa do Loreto crescendo em fama e haveres.

A Carta Regia de 13 de Março de 1623, citada por extrato na collecção da Legislação, auctorisa a creação de um hospital para Italianos junto á sua egreja do Loreto; prova certa da importancia da colonia italiana. Como não pude estudar o ponto, nem saber quando e como se realisou essa util crea-

---

(1) Sr. Freire de Oliveira — *Elementos*. T. I, pag. 590.
(2) Cartorio da C. M. — Liv. 3.º de emprazamentos, fl. 49.

ção, limito-me a esta nota, que offereço aos estudiosos.

*

Do que era o templo no meio do seculo XVII dá testemunho Frei Francisco Brandão quando diz na *Monarchia Lusitana* (1):

«Ha em Lisboa a parochia de Loreto, de tanto aceio e majestade, que, sendo os templos d'esta Cidade, na estimação de todas as nações, os mais polídos e majestosos da Christandade, tem esta egreja particularidade no adorno, pinturas, e boa fabrica.»

*

Das 8 para as 9 da manhã de 29 de Março de 1651 (2), declarou-se na egreja dos Italianos um medonho incendio, que tomou proporções assustadoras desde o principio, zombou de todos os soccorros prestados á tôa pelos cidadãos, e em tres quartos de hora devorou o rico tecto do templo, coberto de talha doirada e valiosas pinturas, a capella-mór e todos os altares, perdendo-se do espolio sagrado peças importantissimas pela valia estimativa e real.

O *Anno historico* (3) descreve assim a catastrophe :

---

(1) T. V., fl. 200 v., col. 1.ª

(2) E não a 28 como dizem alguns. Era quarta feira da semana da Paixão.

(3) Citado pelo sr. Freire de Oliveira n'uma bella nota do T. V., pag. 346, dos *Elementos*.

«No mesmo dia (29 de Março), anno de 1651 pelas 8 horas da manhan, se ateou o fogo na egreja do Loreto, em Lisboa, uma das mais ricas e perfeitas da mesma Cidade.

«Achou prompta materia em um sepulcro, que estava feito de algodão e carqueja, onde se cevou com tanta força e pressa, que dentro em breve espaço ardeu a egreja inteiramente, tecto, paredes, altares, retabulos, imagens, portas, grades de ferro, e até as mesmas sepulturas estallaram, e sahiram do seu logar. Com grande difficuldade e perigo se poude salvar o cofre do Santissimo Sacramento. Ardeu tambem a sacristia, e n'ella riquissimos ornamentos, e cofres de dinheiro. Arderam finalmente os depositos das decimas d'aquella freguesia. Avaliou-se a perda em mais de 600 mil cruzados (1).»

O sr. Eduardo Freire de Oliveira accrescenta:

«Este medonho incendio ainda obrigou o Senado da Camara de Lisboa a fazer a despeza extraordinaria, infelizmente sem resultado, de uns 5$060 reis, como se vê do seguinte mandado de pagamento:

«*Aos 31 de Março de 1651 annos se passou mandado para João Baptista de Cordes, que serve de Thesoireiro da Cidade, pagar ao Procurador d'ella, Luiz Gomes de Barros, 2$400 reis, que despendeu em coisas necessarias para o incendio que houve na egreja do Loreto; e outrosim pagará a João Coelho de Almeida, Juiz do crime, 2$660 reis, que tantos gastou no mesmo effeito do dito incendio, que tudo junto importa 5$060 reis, de que a um e outro se*

---

(1) 550:800$000 réis.

mandou fazer pagamento. Livro do registo de mandados de pagamento dos annos de 1645 a 1654 fls. 277.)»

A devoção dos Italianos Lisbonenses mostrou então para quanto era. Fintaram-se; alguns deram de contado avultadas sommas; os outros offereceram uma percentagem annual sobre os futuros rendimentos dos seus negocios, e poseram todos mãos á obra, começando-se desde logo a desentulhar a ruina, e a dar ordem á reconstrucção.

Em quanto duraram os impedimentos, a séde da Parochia passou para uma ermida de Nossa Senhora, muito proxima da egreja, ao poente, mais para o sul, e de que logo tratarei. Foi emprestada á Irmandade do Loreto, conforme escritura de 7 de Maio d'esse anno de 1651, por seus donos Antonio Moniz de Carvalho, Fidalgo da Casa Real, Commendador na Ordem de Christo, Desembargador da Casa da Supplicação, e Juiz dos Cavalleiros, e sua mulher D. Isabel Soares de Albergaria, moradores na rua *das Flores* (1).

*

Foram consideraveis e pezados os trabalhos do restauro, reedificação, e ampliações. Em 27 de Maio de 1652 a Camara, attendendo ao allegado pelo Provedor, Mordomos, etc., e ás despezas com a nova obra, deu-lhes licença para occuparem no muro da Cidade contiguo com a parte que já occupava a

(1) Documentos que vi no cartorio da Egreja.

egreja, quanto bastasse para as casas que pretendiam fabricar por traz da capella mór (1).

Segundo se vê, e fossem as causas quaes fossem, o trabalho não correu pela posta. Possuo o traslado fiel de um documento, que existe no cartorio do Loreto, e foi tirado pelo habilissimo paleographo, meu amigo e antigo collega, José Gomes Goes, cujo amor ao estudo e variadissimo saber todos louvámos e admirámos, os que tivemos a fortuna de conhecer tão abalisado homem, da guarda velha da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Reconhece-se por aquelle papel, que, tendo o Dr. Diogo de Gouveia e Miranda procedido em 26 de Março de 1657 a uma vistoria nos destroços do incendio, ordenou se fizesse junta dos mestres pedreiros, com o Architecto Real, e mais algum outro, para examinarem tudo miudamente, e dizerem quanto seria necessario occupar ao longo do lanço da muralha para o novo templo, a sacristia, a via-sacra, e as mais officinas. O Architecto era o engenheiro Matheus do Couto, antepassado dos distinctos officiaes Coutos Valentes, nossos contemporaneos (2).

Elle e os seus companheiros declararam conveniente que se fosse fazendo ao longo do muro a obra do novo recinto da egreja, para por dentro a fechar, tudo até á torre em que se achavam então os sinos (que devia ser uma das setenta e sete da

---

(1) *Elementos*—T. v., pag. 345.

(2) Foi homem muito considerado. Foi Sargento mór, e ainda vivia em 1688, segundo vejo a pag. 275 das *Memorias sobre chafarizes*, por Velloso de Andrade.

circumvallação); ficando o Loreto, que até ali era separado, adjacente e pegado á muralha.

Ora a serventia por cima da corredoira do muro, que ligava cada dois cubellos, era damnosa para a nova egreja, por devassar de alto os seus telhados, e dar azo a latrocinios; propunha a junta dos peritos que se cortasse a dita serventia no muro, pois era inutil; e que, no caso de vir a haver guerra, e ser necessario o servirem-se da muralha os cercados, se fizesse uso de uns pranchões que os empregados da egreja eram obrigados a collocar para restabelecer a passagem, e resguardar ao mesmo tempo os telhados. Assim se fez. Felizmente os pranchões dormiram a somno solto, e a guerra não voltou. Estavam passados os dias cavalleirosos da velha cerca.

A mesa da Irmandade, no intuito de alargar as officinas, comprou por 417$000 rs. (717$240 réis da nossa moeda actual) as casas de Joanna de Aguiar junto á egreja, em 29 de Julho do mesmo anno de 1657; deitou-as a baixo, e construiu a sacristia.

CAPITULO IV

Junto a esta egreja do Loreto, encostada ao muro da Cidade, pela parte de dentro, ao que parece, tinha casa Sebastião de Sá de Meneses no seculo XVII.

Pediu ao tribunal da Relação, e este concedeu-lh'a, licença para estabelecer do seu logradoiro uma escada, que, subindo ao alto do adarbe, e dominando os telhados do Loreto, servisse de mirante. Feita a obra, ou estando prestes a fazer-se, mandou a Camara embargal-a, em consequencia de denuncia official do procurador da Cidade, Antonio Pereira. Os administradores da egreja italiana, favorecendo a Sebastião de Sá, representaram argumentando com a ordem da Relação; mas o Senado intimou-os a não consentirem tal escada.

Quiz el-Rei saber os motivos; e em seu Decreto de 1 de Dezembro de 1655 ordenou á Camara o informasse. Em consulta de 13 de Janeiro de 1656 expõe esta o seguinte, que resumo:

1.º — A jurisdicção e administração das muralhas de cidades e villas foi sempre municipal, e sobre

tudo pertence a esta Camara, por provisões Reaes antigas, a da cerca de Lisboa.

2.º — Na propria occasião em que el-Rei tratava da fortificação da Capital, parecia inconvenientissimo permittir-se que, só para recreação de particulares, se estabelecesse communicação com o alto da cerca antiga.

3.º — Pessimo exemplo era facilitar irreverente passagem por cima dos tectos de uma egreja, «porque — observa o redactor da consulta em rhetorica figurada com ressaibos de sermão — caminhos para subir aos pinaculos dos templos são caminhos diabolicos.» (1)

Certamente não se fez este caminho diabolico, e o pretendente ficaria a chuchar no dedo.

Este Sebastião de Sá de Meneses foi filho de Francisco de Sá de Meneses, Commendador de Sines, e de D. Maria de Lacerda (ou de Lafetá). Foi Alcaide-mór de Sines, achou-se na restauração da Bahia em 1625 por aventureiro, e casou em 1635 com D. Violante da Silva, filha de Pedro Mascarenhas, Governador que foi da Mina, e de D. Marianna da Silva (2).

Já se vê que não era um qualquer.

*

Em 1668 augmentou-se ao longo das duas faces

---

(1) *Elem.* — T. VII, pag LXII.

(2) Informações que teve a bondade de me dar o Conde de Bertiandos, que sabe muito de assumptos genealogicos.

do templo o cemiterio, ou adro, precedendo licença da Camara, e tendo seu resguardo ou cortina á flor da rua. Com grave quebra do respeito devido aos mortos e ao templo, entraram, a pouco e pouco, por abuso muito culpavel, a estabelecer-se no dito adro muitas mulheres vendeiras de fruta, construindo logares de madeira, com que o pejaram, a ponto de ser indispensavel que a Irmandade representasse, passados annos, á Vereação, contra o abuso, obtendo provimento (1).

*

A obra nova da egreja ficou bellissima; abriu-se a culto publico em 7 de Setembro de 1676. Pouco mais ou menos, tinha o traçado que na reconstrucção posterior ao terremoto se conservou; com a differença de que, ás duas faces do templo, corria o dito cemiterio, gradeado de ferro, com escadas para a rua publica. O campanario era alto, com tres sinos e duas campas.

*

Os orgãos do Loreto eram em 1730 os mais bellos de toda Lisboa, como attesta um viajante estrangeiro (2).

*

Um Theatino erudito, de quem tratam detida-

---

(1) Documentos no cartorio vistos por mim.

(2) *Description de la ville de Lisbonne* — Paris — 1730 — pag. 27.

mente Barbosa e Innocencio, D. Caetano de Gouvêa Pacheco, escreveu dois opusculos que muito me interessaria conhecer, mas que não vi:

1.º — *Relação da fabrica da Egreja de N.ª S.ª do Loreto para n'ella se depositar o Santissimo Sacramento nas Endoenças d'este presente anno de 1735, mandada fazer pelo sr. Paulo Jeronymo de Medicis, Provedor da mesma Egreja.* — Coimbra — 1735 — 4.º — (sem nome de auctor);

2.º — *Breve Relação da Santa Casa do Loreto, com um catalogo de todas as joias, pedras preciosas, peças de oiro e prata do seu riquissimo thesouro,* etc. — Lisboa — 1736 — 4.º

Á falta das informações que poderia dar-nos esse cicerone, direi o que souber.

A egreja era de uma só nave (1); a capella-mór, de ordem corinthia, com columnas salomonicas de pedra verde; as doze capellas do corpo da egreja, de ordem composita; sobre a cornija estatuas de marmore, representando em nichos os doze Apóstolos e os Evangelistas S. Lucas e S. Marcos, todas vindas de Italia (2). Porta principal ao sul, e travéssa ao poente, sobre a qual se lê ainda a data 1785.

---

(1) Carvalho — *Chorogr.* — T. III, pag. 478.

(2) Documentos do cartorio, inventario, *Memorie generali,* etc.

CAPITULO V

O terremoto de 1755 arruinou muito a celebre parochia, por causa do incendio que se lhe seguiu. Diz o sr. Freire de Oliveira (1) que o fogo se communicou ao Loreto pelos telhados do palacio do Secretario de Guerra, de que logo falarei.

«O tecto d'esta egreja — conta a *Narração do formidavel terremoto,* manuscripto coevo que possuo — era de esteira, apainelado com admiraveis passos da Escriptura, segurado em travões grossissimos, e todo o mais madeiramento era mui forte, e de singular madeira. Tudo o mais do templo era de excellentes pedrarias, ornado de nichos sobre as capellas, nos quaes estavam todos os Santos Apóstolos em formosas estatuas de finissimos jaspes feitos na Italia. Nas capellas estavam grandes paineis de admiraveis pinturas de Roma. Tudo queimou o fogo, e as estatuas estalaram, e toda a mais pedraria. E foi tal a actividade do incendio n'esta egreja, que penetrou-lhe as campas das sepulturas, quei-

---

(1) N'uma nota a pag. 347 do Tomo v dos *Elementos.*

mando dentro caixões de defunctos. Livrou-se a milagrosa Imagem do Santo Christo do pulpito, e a Imagem da Senhora do Loreto, que é de excellente Libano; a sacristia, com os ricos e preciosos ornamentos, e prata. A sua grande torre dos sinos abriu, e arruinou-se.» (1)

*

Com o terremoto, certo é, tudo por aquellas immediações ficou em montões de entulho e terriça; foi preciso muito trabalho de desaterro para a edificação dos novos predios contiguos á egreja para a parte do nascente, e defronte d'ella. Em 1785 diz Murphy:

«Andam muitos operarios occupados a arrazar oiteiros junto ao templo do Loreto, para a construcção de moradas de casas. Curioso é observar que até ao ponto onde teem excavado, que em alguns sitios anda por 30 pés, nada acharam senão um barro avermelhado, ou areia misturada com estratos de mariscos petrificados, principalmente crustaceos. Uns poucos de centenares de carroças de carga d'essas conchas teem sido levadas d'este sitio, cuja altura acima do nivel do mar não será menos de 350 pés.» (2)

*

A reconstrucção posterior a 1755 seguiu as linhas geraes da antiga; ha ali muita coisa primitiva. Gósto

---

(1) Pag. 39 e 40.
(2) Murphy — *Travels in Portugal* — pag. 166.

da frontaria; não será muito notavel, mas tambem não é desenho vulgar nem presumpçoso. Pena é que o ponto de distancia não seja mais extenso, e que a balaustrada do adrosinho córte com uma semsaborissima horizontal a porta do sul, que é muito boa.

*

Da nova egreja diz quarenta e um annos depois do terremoto um viajante estrangeiro:

«A feitoria italiana possue em Lisboa uma formosa egreja, ha pouco acabada de reconstruir; é da invocação de Nossa Senhora do Loreto. Serve de parochia. Ali celebram-se pomposamente os officios divinos. Este templo é dos mais concorridos pelos elegantes e pelas elegantes da Capital.» (1)

Foi o Architecto José da Costa e Silva convidado pelos Italianos para concluir a capella-mór que Manuel Caetano tinha começado (2). Costa e Silva, de quem ha um retrato no museu dos Archeologos, traçou o nosso monumental theatro de S. Carlos.

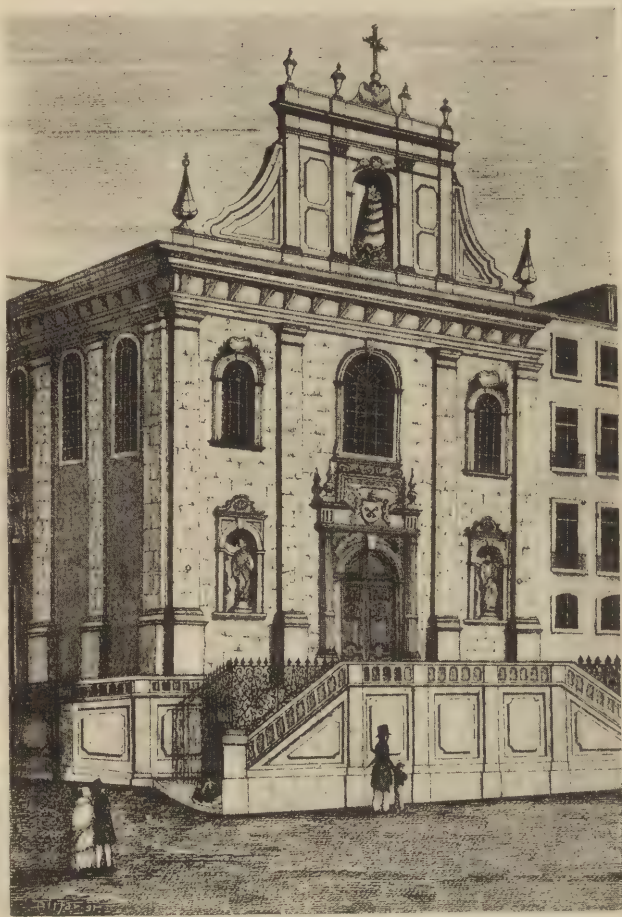
*

A frontaria da egreja do Loreto é hoje como passo a descrevel-a de relance.

Acima do nivel do largo, e sobre um pequeno adro com escadas, ergue-se esta fachada, composta

---

(1) *Voyage en Portugal, et particulièrement à Lisbonne en 1796* — pag. 65.

(2) Cyrillo — *Memorias* — pag. 236.

Fachada principal da egreja do Loreto com o adro como era até 1860

de tres corpos, sendo o do meio mais largo, dividido dos lateraes por duas pilastras doricas; outras duas eguaes flanqueiam os lateraes. Sobre ellas to-

das corre uma architrave, e um frizo adornado de pequenos cachorros, ou mísulas, que sustentam a cornija. Sobre tudo ergue-se um nicho com a Imagem da Senhora do Loreto entre pilastras compositas, e este resumido corpo é acompanhado de dois apainelados rematados a cada banda por pilastras jonicas; este edículo não toma senão o espaço do corpo central inferior, e é ligado aos dois lateraes por duas paredes descahidas, que fazem pyramidar a construcção, e rematam a cada banda por dois ornamentos em forma de basilica. Sobre o alto quatro vazos, e a Cruz.

No corpo central abre-se a rica portada curva, entre duas columnas canelladas que sustentam um entablamento ornamental, ao meio do qual se vêem as Armas pontificias seguras por dois formosos Cherubins. Por cima da porta, e ligada com ella, uma alta janella de volta redonda.

Cada corpo lateral tem em baixo um nicho, com S. Pedro e S. Paulo, e por cima uma janella, da mesma ordem da central, mas mais reduzida.

Os dois Cherubins que seguram nas Armas pontificias eram attribuidos a Canova na sua mocidade, segundo ao Conde Raczynski communicou Assis Rodrigues, que o ouvira a seu pae, o escultor Faustino José Rodrigues, que o ouvira a um filho de Ludovice, o architecto de Mafra (1). Isso diz o pro-

---

(1) Canova. — Dans l'église de Lorete, on voit deux anges qui sont attribués à ce sculpteur, quand il était fort jeune. *(Communication de M. le professeur François d'Assis Rodri-*

prio Raczynski, esquecendo-se de que, algumas paginas antes, escreveu que Assis Rodrigues ouvira a seu pae, que o sabia por Machado de Castro, a quem o dissera Alexandre Giusti, serem aquelles Anjos obra do Bernini (1).

Finalmente conta-nos n'outra parte que o Professor Antonio Manuel da Fonseca lhe disse terem sido aquelles Anjos enviados de Roma, attribuidos a Borromino (2).

Aqui anda grande confusão, e prova duas coisas: nós cá nada sabemos ao certo; e Raczynski deixa-se guiar á tôa, na sua ancia de accumular materiaes á pressa e sem critica.

«Faço notar — diz o auctor do *Dictionnaire historico-artistique* — que o Cavalleiro Bernini morreu em 1680, e que, tendo a antiga egreja do Loreto sido destruida pelo terremoto de 1755, a asserção (de serem de Bernini os Anjos) fica inadmissivel;

---

gues, qui tient ces renseignements de son père, et celui-ci, d'un des fils de Ludovice, l'architecte de Mafra).

Dictionn. — art. *Canova*, pag. 37.

(1) La tradition qui attribue ces anges à Bernini a été transmise par Alexandre Giusti à Joachim Machado, et par celui-ci au père du professeur François d'Assis Rodrigues. Alexandre Giusti ayant été élève de Maini et ce dernier d'Algardi, contemporain de Bernini, cette tradition, d'après l'avis du professeur Rodrigues, est digne de foi.

Dictionn. — art. *Bernini*, pag. 28.

(2) Les deux petits anges soutenant un écusson et placés au-dessus de la porte d'entrée (de Loreto) ont été envoyés de Rome et sont attribués à Boromino. C'est du professeur Fonseca que je tiens ce renseignement.

Les arts. — pag. 287.

só se os ditos Anjos foram esculpidos n'outra occasião, e o logar que elles occupam agora lhes foi destinado ulteriormente.»

Com o devido respeito, eu tambem faço notar que o terremoto (como acima nos disse um coevo da catastrophe) não destruiu a egreja do Loreto, isto é não arrazou as suas paredes; o interior, sim, queimou-lh'o o incendio. Portanto, podiam já lá estar, onde estão, os Anjos do Bernini desde 1676 talvez.

Quanto a Canova, nascido em 1757, podia na sua mocidade, isto é por 1780, ter sido o auctor, mas nada o prova. O que me custa a conceber é como Raczynski ouviu a Assis Rodrigues duas asserções tão diversas, ambas com genealogia, uma de bisavô, outra de trisavô. Foi confusão do Allemão informado, ou do informador Portuguez?

As duas estatuas de que acima falei, o S. Pedro e o S. Paulo da frontaria, attribue-as Cyrillo Wolkmar Machado a *um certo Fancé,* escultor francez (1).

*

Parece que o adro occupava demasiado campo n'um sitio, como aquelle, de apertada concorrencia. Ali justamente, na esquina, foi uma vez atropellado por uma sege de boleia, em 1855 ou 56, se me não falha a memoria, o nosso D. Antonio da Costa, e por causa d'isso esteve de cama muitos dias.

As providencias camararias no assumpto veem de longe. Quiz a Camara, em Dezembro de 1835, dar

---

(1) *Mem.* — pag. 2[illegible]2

começo á *regularisação* do adro (1). Essa regularisação não sei em que consistiu; mas vejo que em officio de 20 de Outubro de 1859 o Presidente do Municipio officiava ao Provedor e Mezarios do Loreto pedindo-lhes que substituissem por uma escada pequena o *pesado e incommodo adro* (2).

Em 7 de Novembro respondiam elles que nenhuma duvida tinham em satisfazer o desejo da Camara; em consequencia do que, foi remettido o projecto á repartição technica (3).

Em 30 o Engenheiro interino da mesma Camara, Charles Pezerat, apresentou o orçamento seguinte:

Desmancho	250$000	rs.
Construcção	526$350	»
Total	776$350	» (4).

O adro ficou reduzido ao que está.

(1) *Synopse dos princ. act. adm. da C. M. de L.* 1835 — pag. 23.

(2) *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 56, pag. 459.

(3) *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 57, pag. 466.

(4) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1860, n.º 9, pag. 68.

CAPITULO VI

O tecto da sacristia é de Antonio Machado Sapeiro, mediocre pintor dos seculos XVII e XVIII (1).

Falleceu este artista em 1714.

Do tecto da egreja não posso conscienciosamente affirmar quem fosse o auctor. Diz-me Cyrillo que foi Feliciano Narciso, discipulo de João Nunes e de Baccarelli (2); e diz-me n'outra parte que foi Ignaçio de Oliveira (3). Não tenho modo de decidir. O que sei é que se guarda na Academia Real das Bellas Artes um esboço a sepia, do pincel de Pedro Alexandrino, representando o tecto actual d'este templo. Vi-o em 2 de Junho de 1884.

Na antiga egreja havia estatuas de Filippe Parodi, segundo dizia Guarienti citado no livro *Les arts en Portugal* (4). O mesmo informador lá viu antes

---

(1) Cyrillo — *Mem.* — pag. 86.

(2) *Mem.* — pag. 195.

(3) *Mem.* — pag. 221.

(4) Pag. 322.

de 1755 um quadro do pintor italiano Filippo Gheraldi.

Hoje, em logar das estatuas dos Apóstolos em marmore italiano, vemos em volta do templo os mesmos Apóstolos em nichos, a claro-escuro. Verdade seja que são bellissimos, e fazem honra ao pincel de Cyrillo, como os seus noticiosos livros a fazem á sua penna.

*

Continuando com o exame do interior d'esta interessante egreja, falarei de algumas pinturas.

O quadro da Ceia é de Joaquim Manuel da Rocha (1).

Sant'Anna, não sei.

S. Carlos Borromeu é tido pelo Conde Raczynski por boa pintura no genero de Battoni.

S. Francisco de Paula, de Lambruzzi, cita-o este critico elogiosamente.

S. João não o aprecia muito.

S. Miguel matando o dragão parece-lhe copia de Guido.

A *Madonna del Carmine* considera-a um dos quadros mais interessantes da collecção; é attribuida a Rossi. Eu chamo a attenção dos curiosos para os Anjos, e o Menino Jesus, que são encantadores. A Santa Virgem parece-me menos bem; mas as creanças ouvem-se palrar e chilrear.

Ha mais uma *Santa Catherina*, de C. Ratti, e uma *Descida do Espirito Santo* por Manuel Tagliafico.

---

(1) Cyrillo — *Mem.* — pag. 117.

Não deixarei, por ultimo, de notar os honorarios minimos, ridiculos, absurdos, por que se remunerou a Cyrillo Wolkmar Machado o seu trabalho de pintura até 7 de Dezembro de 1785. Parece impossivel o que eu proprio vi em recibos seus authenticos! por exemplo: toda a pintura do tecto... custou 102$400 réis! cada um dos doze Apóstolos, a claro-escuro, para substituir as antigas esculpturas... 6$400 réis! Tudo que se accrescentasse como commentario, estragava a eloquencia da mudez!

*

Pela sincera obsequiosidade do muito Rev.do Padre Prospero Peragallo, então Prior, examinei em 1879 uma parte do cartorio. Vi na sacristia os retratos de Francisco André Carrega e Nicolau Micon, Genovezes bemfeitores da casa, fallecidos, aquelle em 1625, este em 1675. Vi na sala do despacho o retrato de José Fontana, e uns curiosos quadros em madeira, uma especie de mosaico, offerecidos em 1822; e vi os tambores da antiga companhia de Italianos, que, segundo um compromisso, auxiliava as guardas de policia portugueza, do mesmo modo que o faziam os homens das outras nações domiciliarios em Lisboa. Existem no archivo as eleições para capitão e alferes, do seculo XVII, até 1729 (que foi o mais moderno anno a que cheguei). Conserva-se tambem a bandeira da Companhia, que não vi, mas que o sr. Prior me disse ter por inscripção *Terra tuta bonis, infesta* (ou *infensa*) *malis* (se me não falha a memoria). Era um lembrete rhetorico aos la-

drões latinistas; os que o não fossem deviam contentar-se com a rude eloquencia do que Azurara chamava *provar o sabor do ferro frio.*

*

Quem tiver licença e tempo de percorrer os registos d'esta parochia illustre, ha-de por força topar com interessantissimos documentos.

Ali se baptisou, segundo Barbosa Machado, o eminente e virtuoso classico Padre Manuel Bernardes. Basta este para nobilitação (1). Castilho, que entendia da poda, tinha a Bernardes pelo mais peregrino, pelo mais completo dos nossos escriptores, e escolheu-o para inaugurar a *Livraria classica.* Para Castilho nenhum deleite litterario egualava uma leitura bem escolhida e bem feita nas obras do divino Bernardes.

*

Os registos baptismaes do Loreto principiam em 11 de Maio de 1679, anno em que, tendo-se renovado a egreja, e tendo sido destinada exclusivamente para a nação italiana, esta freguesia portugueza passou a ter a sua séde na ermida de Nossa Senhora do Alecrim. Os registos anteriores devem procurar-se na Encarnação.

O registo obituario de pessoas italianas começa em 20 de Dezembro de 1679.

---

(1) *Biblioth. Lusit.* — T. III, pag. 194.

Não se celebrando casamentos senão por licença especial, o registo matrimonial é muito moderno; começa com regularidade em 1809 (1).

(1) Informações obtidas do antigo Prior do Loreto, meu sabio e saudoso amigo, o sr. Padre Prospero Peragallo, em 12 de Março de 1881. O sr. Padre Peragallo, que muitos annos morou em Lisboa, cumprindo zelosamente os pesados deveres do seu cargo, é (como todos sabem) um douto escriptor, sempre orientado no sentido do bem, e sempre na brecha defendendo os bons principios. Christovam Colombo mereceu-lhe uma serie de estudos profundos, que immortalisam na Historia litteraria o nome do auctor. Quando ha poucos annos regressou o sr. Peragallo á sua Genova, deixou um vacuo impreenchivel entre os seus amigos de Lisboa, que eram todos os que o conheciam.

Não menos do que a este erudito guia, agradeço a quem me denunciou como boa fonte o archivo do Loreto; foi o meu respeitavel amigo, vigoroso octogenario, eminente latinista, o sr. Antonio José de Figueiredo, Chanceller da Nunciatura Apostolica, e antigo amigo de meu Pae. Por minha vez aconselho aos curiosos de archeologias lisbonenses não deixem de obter licença, como eu obtive quando tinha vigor, quando corria a um lado e outro para observações em monumentos e egrejas, a fim de folhearem tão abundante manancial. Oxalá se encontrasse em toda a parte egual hospitalidade!

CAPITULO VII

Quantas festas notaveis se não teem celebrado no Loreto! Seria curiosa a lista, se acaso podesse ser feita com exacção. De algumas sei eu, e passo a mencional-as.

*

Uma segunda feira 19 de Junho de 1724 falleceu em Lisboa D. José Zignoni, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e Residente de Austria. Foram muito solemnes as suas exequias de corpo presente n'esta egreja, a 21 (1).

*

Em 29 de Agosto de 1799 falleceu o Santo Padre Pio VI. Quando a noticia chegou a Lisboa, resolveu a colonia italiana celebrar pomposas exequias no Loreto. Foi encarregado o architecto e pintor Mazzoneschi, Romano ao serviço do Real Theatro

---

(1) *Gazeta de Lisboa* n.º 25 de 22 de Junho de 1724.

de S. Carlos, de dirigir todas as decorações da egreja.

Ficou interiormente um templo da ordem corinthia, colgado de armações de lucto agaloadas de oiro. Aos dois lados da capella mór as tribunas para a Familia Real. Os pulpitos do corpo da casa foram disfarçados em composições architectonicas com figuras de Anjos sustendo placas que representavam marmore, cheias de inscripções alluzivas ao Papa. Ao fundo do templo erguia-se o coreto dos musicos.

Do alto da abobada pendia uma cupola forrada de arminhos, d'onde desciam quatro magnificas cortinas do mesmo, que iam prender aos quatro cantos da espaçosa nave, e assim serviam de docél ao moimento, ou cenotaphio commemorativo de Pio VI.

Este moimento contava na redonda base 26 palmos de diametro, e 58 de altura. Sobre uma escalinata de tres degraus surgia um embazamento de pórfido, em quatro faces, com cornijas de metal doirado; adornava-se o pedestal com os Brazões de Armas da familia do Pontifice. Quatro altas columnas sustentavam uma larga pedra, onde assentava a urna funeraria que figurava conter as augustas cinzas.

Foram a 2 de Dezembro de 1799 as exequias solemnissimas; assistiram o Principe Regente com a Princeza D. Carlota Joaquina, e todos os membros da Casa Real, o Cardeal Patriarcha de Lisboa, varios Bispos, o Nuncio Monsenhor Pacca, o Corpo diplomatico, a Nobreza, etc.

No primeiro dia celebrou Missa o Nuncio assis-

tido do Auditor, do Secretario, e de um Conego de S. Pedro de Roma então de passagem aqui; serviu de mestre de ceremonias um Conego Regrante de S. Vicente de fora. Prégou o Padre Mestre Doutor Frei José Maria, Eremita Paulistano.

A musica foi de Jommelli cantada por grandes cantores da Capella Real, entrando tambem o celebre Crescentini e outros de S. Carlos.

Mais dois dias se protrahiram as ceremonias, cujo esplendor nunca visto fez honra aos mezarios do Loreto, e em especial a José Midossi, seu Provedor (1).

*

Em 10 de Maio de 1804, quinta feira da Ascensão, mandou o Ministro plenipotenciario da Republica franceza em Lisboa, General Lannes, celebrar no Loreto um solemne *Te Deum* em acção de graças pelo mallogro da conspiração Realista contra o Primeiro Consul, Napoleão Bonaparte. Officiou o Arcebispo de Adrianopolis, e assistiu o Nuncio, que não poude officiar por se achar adoentado. Via-se toda a Nobreza, com os negociantes francezes, italianos, suissos, batavos, etc. A orchestra foi a da Capella Real, mais os melhores cantores de S. Carlos, sob a direcção do grande Marcos Antonio Portugal, compositor da musica.

Á noite illuminou a frontaria do templo com transparentes allegoricos, etc. O General Lannes,

---

(1) *Gazeta de Lisboa,* annexo ao 2.º supplem. do n.º X, de 15 de Março de 1800.

ali visinho, deu baile e ceia no seu palacio, precedidos de concerto onde cantaram a Catalani, a Gafforini, o Monbelli, e Nalsi, Mattucci, Olivieri, Angelelli, e Violani. Regeram os maestros Fioravanti, Marcos Portugal, e o celebre rabequista Olivieri (1).

*

Na mesma nave, onde assim se celebravam as glorias republicanas, houve dez annos depois, em Setembro de 1814, solemnes festejos pela restituição do Santo Padre Pio VII ao Throno da Santa Sé. Eram as alegrias delirantes da Paz geral, a reposição da Europa nos seus eixos, a victoria da ordem e da legitimidade sobre os desmandos e prepotencias do regimem imperial do adventicio.

«O templo de Nossa Senhora do Loreto — diz uma narração que tenho á vista — é um dos mais admiraveis da Capital, por sua architectura, riqueza, e magnificencia; e determinaram, para maior pompa exterior do culto, que a preciosidade de seus marmores se realçasse com as mais ricas tapeçarias. Armou-se, com dilatado trabalho de muitos dias, de velludo e oiro, com uma elegancia tal, que o mesmo templo offerecia um espectaculo até aqui não visto n'aquelle genero........ obra do esmero e engenho do armador da mesma, Candido Bemvenuto dos Santos.

«De ambos os lados da capella mór se levantaram duas riquissimas tribunas, cuja symetria au-

---

(1) *Gazeta de Lisboa*, n.º 20, de 15 de Maio de 1804.

gmentava a formosura do templo, e cuja riqueza e apparato eram dignos das personagens que as deviam occupar como representantes do Augusto Principe Regente.

«A fachada exterior do templo offereceu um quadro poucas vezes visto, porque, devendo illuminar-se em tres noites successivas, se compunha de figuras allegoricas........

«Viu o povo da Capital em a noite de 5 de Setembro apparecer um Pantheon, allegoria da Egreja Universal, no symbolo de uma rotonda. Por cima do seu portico se via em um grupo sobre o seu pedestal a figura symbolica da Egreja, com as Taboas da lei; do lado esquerdo a Devoção, curvada em acto de adoração; e do direito o Amor da mesma Egreja, tendo embraçado o escudo com o preço augusto da Redempção, calcando aos pés o Egoismo, representado n'uma cabeça troncada.

«Nos intercolumnios da ordem composita da majestosa rotonda, estavam collocadas as figuras da Fé e da Esperança, com os symbolos que as designam.

«Apparecia, no meio de uma representação allegorica da Gloria, o retrato ao natural do Soberano Pontifice Pio VII, constituido no centro de uma luminosa estrella, que, derramando raios de luz em um dilatado circulo, symbolisava a luz evangelica que abrange o Globo. Grupos de Seraphins derramavam festões de flores, imagem da abundancia das graças que o Eterno espalha no seio da sua Egreja.

«Superiores a este pomposo quadro se observa-

vam dois Anjos, que sustentavam nas mãos a Thiára pontificia, tendo de um lado a trombeta do Evangelho, cujo som tem chegado aos limites da terra, e do outro lado uma corôa de loiro, como expressão do assignalado triumpho, que a Religião alcançava da impiedade e da tirannia (1).

«Mostravam-se em os dois lados superiores da fachada as duas figuras symbolicas da Caridade... e da Gratidão.

«Todas estas figuras, assim como o retrato do Summo Pontifice, eram de illuminação transparente; e em todas se manifestou a pintura de tal maneira, que constituiam o principal ornato d'aquella majestosa perspectiva, que tanto honra e manifesta os talentos do architecto e pintor Domingos Schioppetta.»

*

Segue a descripção das apparatosas festas d'este triduo; prégou a 6 o Padre João Farto Franco, Vice-Reitor do Seminario patriarchal; a Missa, composta pelo illustre Antonio Leal Moreira, arrebatou o auditorio. A 8 prégou o famoso José Agostinho de Macedo (2).

*

Celebraram-se n'este templo as festas pela eleição do Santo Padre Pio IX; consta ter sido muito cen-

(1) Biscas do articulista ao Imperador Napoleão I.

(2) A descripção completa de tudo vem na *Gazeta de Lisboa* n.º 257 de 31 de Outubro de 1814 — Appenso.

surada a armação interior, que era de paninho de côres. Mas quando foi pela entrada do mesmo Papa em Roma em 1850, tornou-se ainda mais notavel a armação do corpo da egreja.

«A capella mór estava armada com as armações ricas do costume. A armação de paninho principiava na entrada da capella mór — escreveu o minucioso e fidedigno José Valentim de Freitas n'uns apontamentos manuscritos que existem no archivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, e que pude copiar com licença do digno Presidente o meu fallecido amigo e mestre Possidonio da Silva.

«As cortinas principaes, brancas, com outras sobrepostas escarlates e amarellas, côr de gemma de ovo, que tapavam coisa de metade do vão do arco, ficando escura a capella; tinha por cima, como por sanefa, uma bambinella côr de rosa.

«As capellas collateraes cortinas brancas, com outras côr de rosa sobrepostas, e bambinellas amarellas tirando a côr de cana por sanefa.

«As capellas de cada lado, fazendo simetria a primeira com a ultima, cortinas brancas com outras escarlates sobrepostas, e sanefa de côr azul.

«A segunda e penultima, cortinas brancas com escarlates sobrepostas, e sanefa côr de rosa.

«A do centro cortinas brancas com uma escarlate de uma parte, e da outra amarello gemmado, sobrepostas, e em cima traçadas em bambinellas formando sanefa.

«Nos arcos do côro, o do centro cortinas brancas, e por sanefas bambinellas azues traçadas com

brancas. Os dos lados cortinas brancas, e por sanefas bambinellas azues com brancas.

«Eram as cortinas brancas em toda a parte as que chegavam mais a baixo, e pegavam em cima, tomando metade do vão, e apanhadas para os lados.

«Os nichos do Apostolado armação de bambinellas côr de rosa, com um bocado de paninho amarello gemmado, traçado no logar da sanefa.

«As pilastras da 1.ª ordem de architectura e os pilares do côro forrados de velludo carmesim no meio como refendido, com uma tira larga de papel pintado de alto a baixo. E' até onde pode chegar o ridiculo!

«As atticas forradas de escarlate, e com a tira de papel pintado.

«A cornija da 1.ª ordem com bambinellas verde claro.

«A cornija da attica com ditas escarlates.

«Tudo guarnecido de galões de oiro ou prata, ou tiras de lhama, assentes ou torcidas.

«Na entrada da capella-mór dois lustres de vidro.

«Na frente de cada capella um lustre de madeira bronzeada, com nove velas, e suspenso por meio de tres cadeias como as das balanças das lojas de mercearia!

«A tribuna para a Rainha tinha o corpo inferior armado de branco e dividido em dois; tinha em baixo almofadas de côr de rosa, e em cima decoração azul com bambinellas por sanefa, amarellas de amarello citrino.

«Os pilares que formavam a tribuna forrados de veludo carmesim forrado de oiro.

«Olhando ao todo trazia á lembrança um rancho

de mascaras femininas muito engraçadas com as fraldas brancas.»

*

Em 1887, celebrando-se com pompa na egreja do Loreto a festa da Immaculada Conceição, cantou-se uma missa do grande Palestrina,

puissant Palestrina, vieux maître, vieux génie,

Pedro Luiz, o eminente mestre do seculo XVI, o reformador da Arte, o creador da instrumentação harmonica. Essa Missa, conhecida no mundo musical pelo titulo de *Missa do Papa Marcello*, pareceu sublime aos ouvidos lisbonenses, apesar dos seus trezentos e vinte e dois annos de existencia.

Deveu-se esta novidade tão artistica á iniciativa do sr. P. Carlos Figari, Thesoireiro da Junta administrativa do Loreto; e graças á sua iniciativa intelligente, poude cá ouvir-se pela primeira vez esta obra prima.

A boa musica, a boa poesia, não se deterioram com os annos; são sempre bellas. Homero e Virgilio, Haydn e Mozart, bem antigos são, e ouvem-se com deleite, com enthusiasmo. Bem modernos são os nephelibatas; mas esses... quem os atura?

*

Como curiosidade accrescentarei, que possuo, por amavel offerta de D. José da Silva Pessanha em 2 de Julho de 1895, uma reliquia preciosa: um pedaço

de veo tocado na Sagrada Imagem da Virgem do Loreto de Italia, com a seguinte attestação:

Attestazione

Attesto io sottoscritto Custode della S. Casa di Loreto, che il velo nero sigillato, ed annesso a questa mia, sia stato indosso il giovedì, e venerdì santo alla sacra Statua Lauretana, e poi toccato nelle sante Mura, nella santa Veste, e nella santa Scodella della beatissima Vergine, che si conservano in questa sua santa Casa. *In fede ec.—Dat. in* Loreto *della Custodia questo dì 4 Feb.º 1781.—Gratis—Cav. Ant.º Genuizzi Pro-Custode.*

*

Não posso despedir-me da egreja do Loreto, sem mencionar a faladissima estanqueira, que tinha loja pegada com o templo, e a quem coube a triste honra de inspiradora de versos satyricos de Bocage.

«Era hedionda — diz um investigador, que ou a conheceu ainda, ou ouviu em quente as descripções d'ella — com uma interminavel cara, e um descompassado nariz, que ficou historico, e deu mais que fazer aos poetas de anagrammas e epigrammas, que o nariz do Padre Genest nos ultimos tempos de Luiz XIV.» (1)

Depois de ter accendido o rastilho de mil decimas facetas, depois de ter provocado as gargalhadas de

(1) Castilho (José Feliciano) — *Biographia de Bocage* — T. II, pag. 234.

toda a gente, e ter sido citada em proverbio nas conversações das salas e dos botequins, até veio a ser retratada. O meu bom amigo José Carlos Sette possuia uma antiga caixa de tabaco, já pertencente a seu pae, em cujo tampo se via a côres o retrato da estanqueira, prova de quanto foi popular a desgraçada. Copiei fielmente esse retrato, e ainda o possuo.

A estanqueira do Loreto
pintura sua contemporanea n'uma caixa de tabaco

Pobre velha! acabou miseravelmente, ralada de privações e fome, a triste Helena, victima das chufas insolentes dos desalmados peraltas litterarios.

Il neige, il neige, et là, devant l'église,
Une vieille prie à genoux.
Sous ses haillons où s'engouffre la bise,
C'est du pain qu'elle attend de nous.

Qual era o seu crime? ser feia. Ia por fim sentar-se, muito triste, n'um môcho de pau, ao Calhariz, vivendo de esmolas, e na sua resignação silenciosa inspirando (quem sabe?) aos antigos rapazes travêssos o remorso das más acções.

Parece que o disforme craneo d'esta *macrocéphala* existe no museu do Hospital de S. José.

*

Outro *typo* do sitio era até 1827 um coxo, que, sentado nas escadas do Loreto, ou nas do chafariz, ganhava a vida lendo aos gallegos e passageiros a *Gazeta* e outros papeis de noticias (1).

Distribuia petas a 10 réis; foi, segundo se vê, o predecessor de certos periodicos que vivem do mesmo.

*

D'este leitor ouvi a meu Pae uma historieta, que elle narrava divinamente, com o seu serio comico; foi isto:

O sujeito sabia ler, vagarosa e escabrosamente, sim, mas em summa, lá ia; agora com os numeros não podia entender-se; não estava mais na sua mão: em vendo um numero qualquer, era como quem visse um jeroglyphico do Egypto dos Pharaós. Gravissima falta! o bonito e interessante das relações de batalhas é saber quantos prisioneiros, quantos feridos, quantos mortos se contaram.

---

(1) Informação do fallecido Antonio Quintella em 9 de Julho de 1885 em casa do Conde de Nova Goa na rua do Prior.

Era no tempo das tremebundas campanhas napoleonicas. Com a *Gazeta* em punho, cercado de um magote de aguadeiros, lia a passo e passo o bom do homem:

— Deu-se grande batalha... nas margens do rio tal... entre as tropas do Bonaparte... e as do General Fulano. Depois de um encarniçado combate de algumas horas... ficaram mortos no campo de batalha... (E parava hesitando; depois repetia, dando outra avançada)... ficaram mortos no campo... (e tornava a parar; a attenção do auditorio recrescia)... ficaram mortos no campo da batalha..., um poder d'elles! (concluia em tom sinistro o atrapalhado leitor desembuchando, e livrando-se de tamanha carga de responsabilidades)!...

E os ouvintes, *suggestionados* pelo olhar tôrvo e pela voz tétrica do homem, encaravam aterrados uns com os outros! e, como se ficassem sabendo o conto da carnificina, murmuravam convictos, cheios de espanto e commiseração:

— Eia! eia! êna pae! loubado seja Dios!...

E benziam-se.

Estas leituras eram diarias no chafariz do Loreto.

Quantas scenas comicas se perdem por esse mundo!...

CAPITULO VIII

Basta de Loreto, amigo leitor; basta. Volta-te para o meio-dia, e contempla comigo a Encarnação.

Desde o anno 1551 existia em Lisboa uma parochia com aquelle Orago, mas sem casa propria. Estabelecida no templo do Loreto, ahi ficou até ao incendio de 1651.

Passou então a hospedar-se na ermida visinha, de Nossa Senhora do Alecrim, que era particular, tornando para o Loreto em 1676.

Estas moradas de emprestimo nunca provam bem. Os Italianos queriam arrogar-se sobre a freguezia direitos de padroado. D'ahi, litigios entre elles e os Portuguezes. Nada mais terrivel do que são guerras de sacristia.

De novo sahiu a parochia, e tornou a passar para a ermida do Alecrim, poiso mesquinho para a população que affluia aos actos do culto.

Houve então quem se condoesse d'essas miserias, e remediasse o mal. Vejamos como.

Fachada principal da egreja de Nossa Senhora da Encarnação
estado actual

Vivia em Lisboa D. Elvira Maria de Vilhena, filha de D. João de Sousa da Silveira, e de D. Archangela Maria de Vilhena. Nascida em 1627, foi

Dama da Rainha da Gran-Bretanha D. Catherina de Bragança, a quem acompanhou a Inglaterra, e Condessa de Pontével. Casou com ella Nuno da Cunha de Ataíde, que pelo seu casamento foi Conde (1).

Fallecendo elle em 27 de Fevereiro de 1698, a Condessa viuva, piedosa e rica, destinou as suas avultadas rendas á fundação de um sumptuoso templo.

A Condessa de Pontével representou ao Governo o seguinte:

1.º — que a parochia lisbonense que até 1660 e tantos tivera a sua séde na egreja italiana de Nossa Senhora do Loreto tinha passado a estabelecer-se na proxima ermida do Alecrim, com licença do Ordinario;

2.º — que essa ermida, por muito acanhada, não bastava á sepultura dos freguezes, nem aos actos quadragesimaes, aos quaes concorria muito povo com grande incommodo.

3.º — que ampliar a ermida era impossivel, por ser propriedade particular do Desembargador José de Sousa de Castello-Branco;

4.º — que, para obviar a tantos males, como os que padeciam os freguezes na frequencia e execução das ceremonias liturgicas, desejava ella, supplicante, por sua muita devoção, edificar a expensas suas um templo novo para a freguesia da Encarnação, em chão que ahi possuia na visinhança, junto ao muro da Cidade.

Preenchidas certas formalidades de consultas etc.,

(1) *Hist. Gen.*—Tom. XII, P. II, pag. 914.

fez-se vistoria ao chão, e achou-se ter duzentos palmos á face da rua, e de fundo setenta, incluindo-se n'elle algumas casas, e a Camara informou favoravelmente (1).

A Condessa de Pontével requereu á Camara licença para se demolir a torre e parte do muro da Cidade, em baixo, junto á ermida de Nossa Senhora do Alecrim, para alargamento do chão em que edificava a nova egreja da Encarnação. El-Rei concedeu em 9 de Maio de 1698, em vista da consulta camararia de 15 de Abril.

Em 4 de Junho lançou a primeira pedra o Cardeal Arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa, compondo-se a Condessa e a Camara sobre o fôro do terreno.

As obras continuavam, e em 6 de Setembro de 1708, achando-se concluido o templo, benzeu-o o Arcebispo de Evora D. Simão da Gama, abrindo-se a culto solemne no dia 8; para o que, foi transferida a Sagrada Eucharistia em vistosa procissão desde a visinha ermida do Alecrim, com oitavario festivo (2).

*

Existe na Bibliotheca de Evora um manuscrito do Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Rivara publicou as noticias d'esse papel na *Revista Uni-*

(1) *Elementos* —Tom. IX, pag. 503 e seg.

(2) *Elementos* — T. IX, pag. 554, texto, e eruditas notas do compillador o sr. Eduardo Freire de Oliveira, á quem tanto fica devendo a historia lisbonense.

versal do seu amigo Antonio Feliciano de Castilho (1); d'ahi vou extratar as minucias curiosas que seguem.

Feito o plano, começou-se em fins de Dezembro de 1705 (2) a demolição da porta colossal de Santa Catherina e da muralha contigua. A torre, que servia de defensa a esta importante serventia de Lisboa, levou muito tempo a derribar. Sobre a porta havia duas imagens de marmore, representando Santa Catherina, n'um nicho da parte de fora da porta, e Nossa Senhora do Loreto, n'outro nicho da parte de dentro, olhando para o Chiado. Em 7 de Junho de 1710 collocaram-se devidamente na frontaria do Loreto, e lá estão. Quatro columnas de pedra ornavam a celebre porta; duas quebraram-se quando as tiraram; as outras duas serviram na porta travéssa do açougue do Terreiro do Paço reformado por ordem do Conde de Aveiras, Presidente do Senado.

Foi no dia 4 de Junho do anno 1698 que se lançou a primeira pedra no templo, destinado a servir como matriz da parochia, então provisoriamente estabelecida na ermida de Nossa Senhora do Alecrim, no sitio, pouco mais ou menos, da esquina nordeste dos predios do largo actual do Quintella. Quem benzeu e lançou essa pedra inaugural foi D. Luiz de Sousa, Cardeal Arcebispo de Lisboa. Benzeu a egreja, em 6 de Setembro de 1708, D. Simão da Gama, Arcebispo de Evora, e inaugurou-se

(1) T. II, pag. 460.
(2) Outro informador diz 1702.

em 8, passando em solemnissima procissão o Sacramento para a sua nova egreja, e seguindo-se oito dias de festa com sermões.

Dez annos ainda durou a fundadora; falleceu a 31 de Dezembro de 1718, e jaz com seu marido na capella mór d'esta sua creação piedosa (1). Não pude copiar os epitaphios.

*

Padeceu a egreja com o terremoto de 1755 algum estrago, que se reparou de vagarinho, sendo auctor

---

(1) «... No mesmo dia—(vespera do Santissimo Nome de Jesus, que, corresponde a 31 de Dezembro de 1718)—deu fim aos seus annos, com muitos de edade, a snr.ª D. Elvira Maria de Vilhena, Condessa de Pontével, Dama que foi da Serenissima Rainha D. Luisa desde o anno de 1645, e depois da Serenissima snr.ª Rainha da Gran-Bretanha D. Catherina, a quem acompanhou no anno de 1662, e mulher do Conde Nuno da Cunha de Ataíde, Governador que foi das Armas da Provincia da Beira, Presidente da Camara de Lisboa, e dos Tribunaes das Juntas do Tabaco e Commercio, e Embaixador na Côrte da Gran-Bretanha, filha de D. João de Sousa, Alcaide mór de Thomar, e a ultima pessoa da linha dos Alcaides móres da dita villa; havendo guardado uma perpetua clausura em sua casa todo o tempo da sua viuvez, que começou em 26 de Fevereiro de 1697, em que o Conde falleceu. Foi sepultada na sumptuosa e magnifica egreja parochial da Encarnação de N.ª Senhora, que edificou á sua propria custa, toda revestida de excellentes marmores e pinturas. Segunda feira (2 de Janeiro de 1719) se lhe fez um officio solemne na mesma egreja onde se lhe devem fazer as exequias com grande magnificencia.»

Gazeta de Lisboa n.º 1 de 5 de Janeiro de 1719.

da reedificação o architecto Manuel Caetano de Sousa (1).

Diz o meu manuscrito antigo *Narração do formidavel terremoto* (2):

«A egreja de Nossa Senhora da Encarnação, excellente e grandiosa obra da Condessa de Pontével, não cahiu com os terremotos, e só algumas pyramides cahiram, uma das quaes matou um Sacerdote no adro da mesma egreja; o fogo porém a destruiu e abrazou, com tudo quanto n'ella havia de rico e primoroso; salvou-se a lindissima Imagem da Senhora, que tem em seu poder a Marqueza de Angeja.»

Gaspar José Raposo pintou os ornamentos do tecto da capella mór (3); Simão Caetano Nunes os do tecto da sacristia (4); João Thomaz pintou na mesma sacristia dois Evangelistas, cujas cabeças executou Francisco de Setubal (5).

Vinte e nove annos depois do terremoto, para o novo edificio (apesar de ainda incompleto nos adornos) se trasladou a Sagrada Eucharistia, entrando em funcções a nobre egreja (6).

*

Olhando de pausa para a fachada actual da egre-

---

(1) Cyrillo — *Memorias*, pag. 223.
(2) Pag. 38.
(3) Cyrillo — *Memorias*, pag. 204.
(4) Cyrillo — *Memorias*, pag. 203.
(5) Cyrillo — *Memorias*, pag. 126.
(6) *Carta que um amigo de Lisboa escreveu a outro da pro-*

ja, creio eu, apesar de quasi hospede em materias tão ingremes, que pouco teremos que admirar. Tem proporções elegantes, mas tudo é vulgarissimo.

Parecem-me (talvez seja heresia) parecem-me todas o mesmo as egrejas neo-italianas da architectura *borrominesca;* não me tocam; ha n'ellas uma emphase balôfa, e umas falsas rhetoricas, que destoam do ideal que fórmo do redil christão. Não sou dos que dizem que o *unico* templo catholico é o ogival,

à vitreaux coloriés, à longs arceaux pointus;

não vou tão longe, mas confesso que o prefiro quasi sempre.

Bem sei que ha templos modernos no estylo romanisado dos Brunelleschis, dos Bramantes, dos Migueis Angelos, que são admiraveis como idéa e como realisação. Cito apenas o templosinho circular de S. Pedro em Montorio, em Roma, e S. Pedro do Vaticano, aquelle poema giganteu de sabia estructura, que, se á primeira nos subjuga e nos não commove, depois de analysado e meditado nos assombra como um portento de genio sobrenatural. São as grandes excepções. Mas confesso que a decadencia d'esse genero é aos meus olhos profanos muito mais pobre do que a decadencia do estylo gothico: o puro ogival ao precipitar-se deu as concepções hy-

---

vincia da Beira em a qual lhe dá circumstanciada noticia do modo com que se fez a trasladação do Santissimo Sacramento da freg.ª de N.ª S.ª da Encarnação para a sua nova egreja. — Lisboa — 1784 — 4.º

bridas mas inspiradas do estylo florido, e do flammejante, e cá as do chamado manuelino; o classico christão ao declinar produziu o borrominesco; e d'este brotou o *rócócó*. Esse quanto a mim poderá ser como um soneto bem trocadilhado a tal ou tal Santo, uma decima-madrigal-Pompadour perfeitamente rimada a tal ou tal personagem; mas, nem mesmo quando se eleva, nos eleva a nós; e o bom classico, e o bom ogival, elevam-nos sempre.

Quem pois olhar para esta fachada da Encarnação, encontra uma obra proporcionada, bonita, rica, se quizerem, na nossa nitidissima pedra de Lisboa que maravilha os estrangeiros, mas nada mais encontrará. Acho-lhe, n'aquelle seu pyramidar convencional, um indefinivel garridismo, um salpicado de massas escuras, que me desagrada.

E digo-o por esta, e por outras muitas egrejas: ha mau, e ha *rócócó* sempre que a fórma se burne só pela fórma, sempre que o architecto perde de vista o seu pensamento inicial, para só se embrenhar, a sangue frio, no delirio voluptuoso do pormenor, sempre (isto custa a dizer hoje) sempre que a innovação dos filhos degenerados da Arte, cogumelos da grande arvore cahida chamada Miguel Angelo, vem tentar substituir com entablamentos arbitrarios, com proporções arbitrarias, com columnas multiformes, com avellorios ficticios, com laçarias de grinaldinhas, com platibandas grotescas, com o abuso das curvas, com almofadas polygonaes immotivadas, com todo o luxo doentio das imaginações caducas, as fórmas puras, calculadas, severas, motivadissimas, da Arte antiga.

É desenganar: aquillo lá é grande; é grandioso mesmo quando não é grande; é facil, é uno, é simples. Commove; domina. Isto... não.

*

A frontaria da Encarnação compõe-se hoje de tres corpos muito altos, verticaes, entre quatro pilastras jonicas, que, para apanharem a proporção, se guindam sobre pedestaes esguios á altura das tres portas que dão ingresso ao templo. No sentido horizontal vemos essas tres portas; por cima dois nichos nas lateraes, acompanhando a composição, que sobre quatro pequenas columnas corôa o portão central. Vemos por cima de um cordão tres janellas, e a cima o entablamento dominado por um timpano rematado de cruz, com dois pequenos acroterios pyriformes.

Este corpo principal é acompanhado ao nascente e ao poente de dois outros esguios corpos retrahidos, com oito janellas de variadas fórmas, e flanqueados de outras pilastras jonicas, tambem ornamentadas de acroterios e remates eguaes aos do corpo central. Reina em tudo a curva, já nos apainelados, já nos baldaquinos das janellas.

Peço desculpa á memoria do architecto da Cidade e da Casa Real, Manuel Caetano (de quem logo falarei muito), se me atrevo a julgar com certa severidade a sua obra, pois que, segundo li em Ratton (1), é feitura sua a reconstrucção d'este templo.

---

(1) *Record* — pag. 300

O que eu censurei (talvez sem rasão) tudo são impressões minhas pessoaes, que os entendidos tomarão como quizerem.

Desejo sempre fugir a uma pecha, que vejo distingue alguns escriptores: arvoram-se em juizes de ultima instancia, e homológam em tom peremptorio (quasi diriamos aggressivo) as suas sentenças sobre controversias de Arte.

Não ha rasão para isso.

Devemos nós outros, os profanos, apresentar como profanos as nossas opiniões em assumptos sujeitos, como tudo, ás fluctuações da opinião, e aos vaivens da moda.

Crenças artisticas não se decretam. Podemos preferir tal ou tal escola; mas ha logar para todos. As fogueiras da Inquisição apagaram-se.

*

A quem entrar n'esta egreja grandiosa e rica desejo denunciar uma joia bem preciosa: é a estatua do Orago, esculpida n'um troço de cedro por Joaquim Machado de Castro; *niente meno*. No altar mal pode apreciar-se, porque muita vez estará revestida; e, quando o não esteja, acha-se tão rodeada de accessorios, que não brilham, como deveriam brilhar, as suas linhas grandiosas e simplices. Eu tive a fortuna de a vêr n'um santeiro da rua do Oiro, quando em 1874 ou 75 lá esteve a encarnar e estofar de novo; e digo «tive a fortuna» porque a vi branca de todo, com o mordente apenas para a pintalgação, ou (mais francamente) es-

tragação convencional. O branco é uma nudez na Arte; por isso a trivialidade o esconde.

Posso affirmar que me pareceu uma linda estatua; notei o harmonioso (um pouco vulgar talvez)

Imagem de Nossa Senhora da Encarnação
escultura em cedro pelo grande Joaquim Machado de Castro

dos panejamentos; o modelado das mãos comprimidas sobre o peito; o sentido e leve dos pés nus, que, segundo as regras da Arte, não são escondidos; a majestade maternal e virginea ao mesmo tempo; o immaculado esplendor d'aquella fronte,

illuminada de um sorriso feminino e divinal; a castidade da sua posição concentrada e extatica. É uma mulher em todo o viço da fórma, e parece que não pesa sobre o pequenino pedestal onde assenta.

As nossas Madonnas antigas, a *do cacho* da torre de Belem, a do Rastello, a da Batalha, teem sempre o que quer que seja de Rainhas; por mais tosco que fosse o escopro, dir-se-hia que imperava n'elle uma ideia vaga de lisonja de Côrte; as nossas Madonnas historicas (e ás de lá de fóra succede o mesmo) parecem bellas estatuas erguidas dos seus leitos funerarios nos carneiros Reaes; insensivelmente desejamos chamar-lhes Mafaldas, Beatrizes, ou Leonores. No ademane, no alongado bysantino das figuras, no porte sereno e altivo, até no manto e na corôa, são Rainhas profanas, como as Princezas eram personagens semi-divinas. Procura-se o pagem e o palafrem.

*

As Virgens da arte nova perderam aquelle cunho, e ficaram, pela maior parte das vezes, na esteira burgueza d'onde sahiriam de certo os seus modelos. O cinzel democratisou-se. Foi então que o artista de verdadeiro merito sentiu o esforço que lhe era mistér para topetar com as nuvens onde pairava o seu ideal; e como quasi nunca attingiu até lá, pois começava a escassear nas officinas o grande elemento creador, a Fé, as Madonnas ficaram umas mães mais ou menos formosas, mais ou menos garridas, mais ou menos convencionaes, e rimaram

com o *rócócó*. A Madonna realenga descera do seu throno e sumira-se.

Ora n'esta de Machado de Castro (ou eu me engano, pela sympathia, já hereditaria, que tributo á memoria do mestre) encontrei um cunho de distinc-

Retrato do grande Joaquim Machado de Castro

ção serena, que julgo muito superior á grandissima maioria das imagens dos nossos melhores templos. Só tenho pena de que não a deixassem de todo branca, ou da sua propria côr de cedro.

Foi esculpida em 1803; tem agora noventa e nove annos; o motivo por que a fizeram foi este:

Possuira a condessa de Pontével, D. Elvira Maria de Vilhena uma Imagemsinha de dois palmos e tanto, representando a Virgem da Encarnação; doou-a á egreja que ali fundou; a estatueta lá permanecia em 1755, escapando ao terremoto, e continuando por mais quarenta e sete annos a ser venerada no seu altar; até que em 18 de Julho de 1802, por occasião de uma festa, em que ardiam muitas luzes na capella mór, aconteceu atear-se nos paramentos um fogo inesperado, que de repente destruiu a machineta e a Imagem, e damnificou a capella antes de ser apagado, o que breve se conseguiu.

A Irmandade do Santissimo resolveu então commetter ao escopro illustre do estatuario nacional, a execução de uma nova Imagem condigna d'elle, do templo, e do assumpto; e o mestre sahiu-se da empreza como quem era, não sem se terem dado entre os irmãos e elle grandes discussões sobre a composição do modelo que apresentou, discussões azedas, que lá veem muito por miudos no folheto que o erudito artista escreveu no assumpto (1).

A proposito de incendio: resta-me dizer que em 1651, segundo mencionam escriptores (2), houve além do fogo do Loreto um na Encarnação, que ti-

---

(1) Veja-se a *Analyse grafic'orthodoxa e demonstrativa de que..... a escultura e pintura podem ao representar o..... Mysterio da Encarnação figurar varios Anjos* .... por Joaquim Machado de Castro. Lisboa, 1805, 4.°, 1 folh. de 77 pag.

(2) Frei Ap. da Conc. *Dem. hist.*, pag 211, n.° 263 e J. B. de Castro, a pag. 154 e 192 da 2.ª ed. do *Mappa de Portugal* acrescentado por Manuel Bernardes Branco.

nha a sua séde, como disse, na ermida do Alecrim. A freguezia passou então para a Trindade; depois de 1676, para o Loreto; em 1679 para a ermida do Alecrim; e finalmente instaurou-se em casa propria em 8 de Setembro de 1708.

*

As obras na Encarnação posteriores ao terremoto deixaram a frontaria principal dezenas de annos por acabar. Em 6 de Outubro de 1859 officiava o Presidente da Camara Municipal ao Juiz e Mezarios da Irmandade do Santissimo, instando pela conclusão do trabalho (1).

Em 21 respondia a Meza, que ia tratar de obedecer aos desejos da Camara (2); em 3 de Novembro communicava que por falta de meios não procedera ainda a trabalho algum, mas que desejava tambem a conclusão dos citados embellezamentos (3).

Com effeito, apresentou um projecto, approvado na generalidade pela Portaria do Ministerio das Obras publicas de 15 de Janeiro de 1867 (4).

O Governo desejava certas modificações. Em sessão da Camara de 17 de Junho d'esse anno foi apresentada aos Vereadores uma Portaria acompanhando o novo prospecto mandado traçar pela Ir-

(1) *Annaes do Mun. de Lisb.* — n.º 55, pag. 451.
(2) *Annaes do Mun. de Lisb.* — n.º 55, pag. 451.
(3) *Annaes do Mun. de Lisb.* — n.º 57, pag. 465.
(4) *Archivo Mun. de Lisb.* — 1867 — n.º 369, pag. 2978.

mandade, contendo alterações. Fizeram-se cumprir (1).

*

Eis ahi o que pude juntar de noticias sobre esta bella egreja.

Mais, e muito mais, e muito melhor, poderia accrescentar aqui, se a um só homem chegasse o tempo e a força para percorrer minuciosamente os registos parochiaes.

Grande fonte é essa de noticias historicas; mas não pode qualquer ir dessedentar-se a ella, nem os seus guardadores natos acham sempre occasião de a franquearem aos estudiosos.

---

(1) *Archivo Mun. de Lisb.* — 1867 — n.º 390, pag. 3153.

CAPITULO IX

Bem defronte das duas egrejas, Loreto e Encarnação, levantavam-se, ainda em 1860, uns restos de maior quantia, a que o povo chamava, por epigramma, *os casebres do Loreto*. Achavam-se estes casebres emmoldurados pela rua *do Alecrim,* rua *da Horta sêcca,* rua *do Loreto,* e travessa *dos Gattos*.

*

A geração nova só conhece de tradição estes illustres casebres, e ouve falar na travessa *dos Gattos* como ouve falar em Memphis. Parece-lhe fabula que houvesse o que houve no perimetro da actual praça *de Luiz de Camões,* bandeja equilibrada entre duas ruas de nivel differente. A geração nova só conhece esse mesquinho terreiro gradeado, onde se ergue a formosa estatua do Poeta, pelo insigne esculptor Victor Bastos, meu fallecido amigo, estatua a que fazem tristissima moldura renques de predios dos mais prosaicos e semsaborões de toda Lisboa.

Pois o que é certo é que todo esse centro era occupado pelos restos de um antigo palacio dos Marialvas, que figurava ter sido muitissimo grande, porém talvez sem belleza, como quasi todos os nossos solares.

Aquelle campo junto e fronteiro á porta de Santa Catherina tinha sido do Almirante, que o vendeu a el-Rei D. João I, que o doou á Cidade (1). Muitos chãos por ahi se aforaram a varios, conforme consta de documentos; quando porém os Meneses começassem a possuir terreno n'essas barreiras é que não sei.

*

Calcúlo que desde o segundo quartel, pelo menos, do seculo XVII esta familia (então Cantanhede) ahi tinha residencia, em frente da antiga porta de Santa Catherina, n'esse sitio alto, lavado de ar, e entre as amenidades campestres que os Alteros de Andrada tinham começado a desbravar em proveito publico.

Averiguado está que n'estas suas casas morava em Maio de 1651 o Conde de Cantanhede (depois 1.º Marquez de Marialva) (2), e ahi trazia obras, que em Novembro de 1652 ainda continuavam. Isso consta, por incidente, de certas palavras de um Hen-

---

(1) Cartorio da Camara — Liv. 2.º d'el-Rei D. João I, fl. 24.

(2) D. Antonio Luiz de Meneses, 3.º Conde de Cantanhede, foi creado Marquez de Marialva em 11 de Junho de 1651; Governador das armas do Alemtejo em 2 de Novembro de 1658. Morreu a 16 de Agosto de 1675.

rique Tavares, pagem do Conde de Villa-Franca, D. Rodrigo da Camara, aos Inquisidores de Lisboa. Vejamos:

Tinha-se instaurado no Santo Officio o processo do Conde. Temendo os parentes que os depoimentos do dito pagem aggravassem a posição do prezo, trataram de o sequestrar. O proprio Henrique Tavares o contou quando conseguiu apresentar-se ao Tribunal; e confessou:

«Que elle confitente veio da dita ilha — (S. Miguel) — para esta cidade com o mesmo Conde — (de Villa-Franca) — e em sua casa quando o trouxeram prezo........ no dia seguinte resolveu elle confitente de se vir apresentar;........ mas antes de o poder fazer, sendo ainda pela manhan cedo, lhe foi falar D. João Lobo, cunhado do Conde de Cantanhede, e perguntar se sabia alguma coisa do Conde de Villa-Franca;........ e respondendo elle confitente que sim sabia, o dito D. João mandou levar a elle confitente por dois creados do Conde de Cantanhede a uma sua casa onde faz obras junto ao Loreto, e ahi o entregaram a Agostinho de Ciabra — (sic) — fechado em uma casa, e este tinha o cuidado de dar o necessario a elle confitente. Ali esteve coisa de quatorze ou quinze dias, no fim dos quaes, sendo já noite, vieram cinco homens de uma caravella, e levaram a elle confitente, e o embarcaram........

«Agostinho de Seabra, morador em Lisboa, disse que, na occasião em que foi prezo o Conde de Villa-Franca, levou Antonio de Aguiar, que é agora Juiz do crime d'esta cidade, dois homens a casa da tes-

temunha, não estando elle ali; e quando voltou os achou entregues a João ou Manuel de Seabra, seus filhos........ com recado que o Conde de Cantanhede, a quem elle serve, e do qual eram as casas em que então morava, e estavam no sitio em que agora — (24 de Novembro de 1652) — faz as novas, mandava dizer que tivesse ahi comsigo aquelles dois homens até elle Conde ordenar outra coisa........

João de Seabra, solteiro, filho de Agostinho de Seabra, disse que no dia seguinte ao da prisão do Conde de Villa-Franca — (a prisão foi a 26 de Maio de 1651) — pelas 10 horas da manhan foi a casa de seu pae Antonio de Aguiar........» etc.

D'esses paragraphos conclue-se pois que:

1.º — em Maio de 1651 o Conde de Cantanhede tinha obras nas suas casas do Loreto;

2.º — essas obras parece eram reedificação de predio antigo, já ali existente, não se sabe desde quando;

3.º — n'um aposento do palacio foi detido, como em carcere privado, até ser levado para o mar, o pagem Henrique Tavares, assim raptado para o impedirem de comprometter seu amo com as delações que premeditava (1).

---

(1) Estas noticias do celebre processo foram-me communicadas pelo douto escriptor, e meu particular amigo, Anselmo Braamcamp Freire, que dedicou ao tenebroso caso do desgraçado Conde a mais interessante monographia, onde a historia do tempo, as alfaias, os usos e costumes das familias aristocraticas, etc, se apresentam com muita viveza de côr, e em estylo elegante e apurado. É obra de estudo, e para estudo. O processo de Tavares é na Torre do Tombo o n.º 975 da Inquisição de Lisboa.

Certamente com o intuito de ampliar alguma parte do edificio, o Marquez de Marialva aforou á Camara de Lisboa um chão ao Loreto (1).

*

Durante a guerra com Hespanha, em seguida á Restauração, o povo, tanta vez injusto, desfeiteou as familias de alguns generaes, quando a sorte das armas não acompanhava os votos publicos. Logo depois da perda de Evora, amotinou-se a plebe, saqueou algumas casas, e entre ellas este palacio do Marquez de Marialva. A Marqueza e suas filhas tiveram que fugir pela banda da travessa *dos Gattos* (2).

*

N'este palacio quantas festas sumptuosas se não celebrariam! Sei apenas de uma, com theatro e baile, em honra do 22.º anniversario natalicio da 3.ª Marqueza de Marialva, D. Joaquina Maria Magdalena da Conceição de Meneses (3).

A essa festa dedicou Thomas Pinto Brandão um *romance,* em alguns pontos inintelligivel para mim: *Fazendo annos a Ex.ma senhora Marqueza de Ma-*

---

(1) Cartorio municipal — Liv. 6.º do Principe D. Pedro fl. 302, 466, 375. — Liv. 7.º fl. 268, 366, 313. — Liv. 8.º fl. 37, 150.

(2) D. Antonio Caetano de Sousa — *Hist. gen. da C. R.*, T. VII, pag. 381.

(3) *Hist. gen.*, T. V, pag. 286.

rialva, houve comedia em sua casa e danças com bizarro estrondo (1).

Entre outras coisas lê-se isto:

....

A sala era um Ceo aberto!
e, no muito que brilhava,
cada luz era uma estrella,
um signo era cada placa.

Eu, vendo rosas e luzes,
de confuso duvidava,
se o ceo era o florescido,
ou se era a terra a estrellada.

Fidalgos como as Estrellas,
por suas altas prosapias,
foram d'estes Astros guias,
sendo de taes Nortes guardas.

A luz que a sala expedia
era com tal efficacia,
que cegos podiam vel-a,
e só a tortos cegára.

Não foi possivel dos doces
achar, por muita abundancia,
penna com que os descrevêra,
papel com que os embrulhára.

....

*

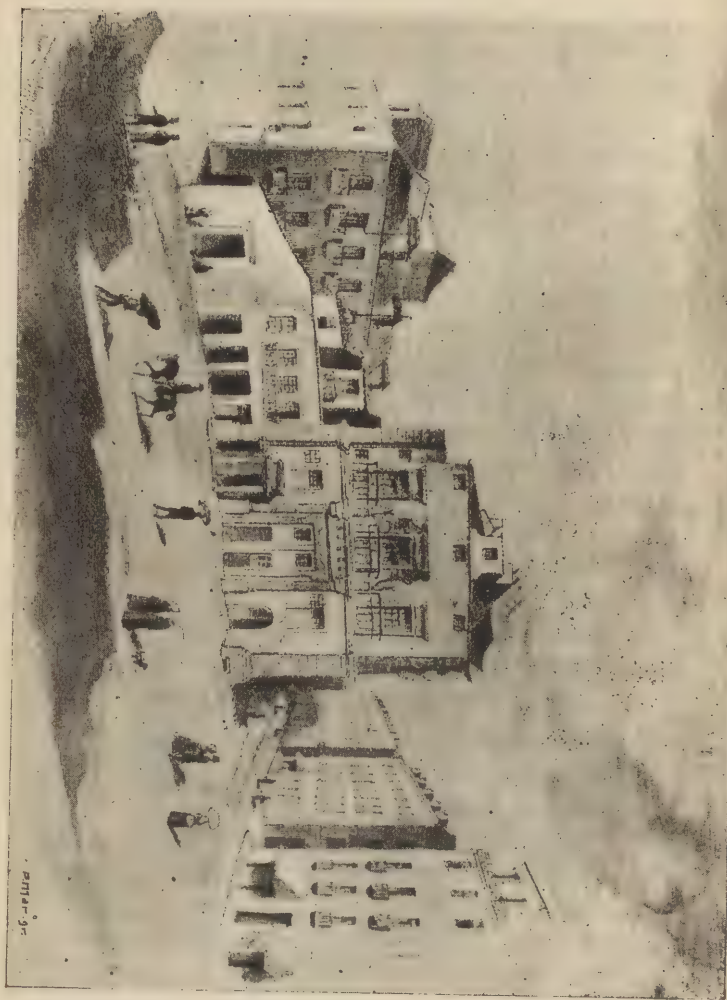
Segundo o Tombo da Cidade, levantado depois do terremoto, o palacio era regular, comprehendido

(1) *Pinto renascido,* pag. 312.

entre quatro ruas, e por estar distincto se não mediu. Foi pena, porque algumas minucias de descripção do predio teriam ficado.

Segundo as minhas lembranças, e dois desenhos que tirei eu proprio collocando-me no adrosinho que então (14 de Setembro de 1859) tornejava nas duas faces da egreja do Loreto, a fachada principal deitava para o largo *das duas Egrejas*. Compunha-se para essa banda (nascente) de um portão monumental corrido de uma cornija, que seguia, desde a larga pilastra do cunhal da esquina da rua *do Loreto,* até outra pilastra, que tomava justamente o centro d'esta face do quarteirão. Sobre o portão erguia-se uma grande sacada, entre ornamentos severos mas elegantes, tendo aos dois lados outras duas sacadas, todas tres adornadas de cornijas, e gradeadas á antiga. No alto tres mezaninos, sobre os quaes a agua-furtada, e os telhados.

A pilastra do norte, na esquina, era enfeitada com tres brasões, que infelizmente não copiei.

Isto são as linhas geraes, porque a verdade é que o traçado primitivo se achava interpolado de miserandos accrescentos. Exemplos: o portão principal, por onde penetrou, a pagina e pagina, todo o *Livro dos Grandes,* em visita aos Marialvas... dava em 1859 para uma taberna; era dividido ao alto, e cada parte tinha uma portinha de vidraça, e uma janella. Para a banda da esquina tinham rompido uma tisica porta de volta curva; para o lado opposto via-se um armario, onde escanhoava um barbeiro os rostos dos gallegos. Ás duas ilhargas do portão tinha havido duas janellas oblongas, talvez de claridade

Os casebres do Loreto — antigo palacio dos Marquezes de Marialva — como eram em 1859
Fachada sobre o largo das duas Egrejas

para a vasta loja de entrada; achavam-se mascaradas.

O que fosse primitivamente o seguimento para a parte do sul, até á esquina da rua *da Horta sécca*, não me atrevo a decidir; imagino talvez um pequeno jardim no genero do do palacio Palmella ao Calhariz; a existencia da pilastra do que tinha sido cunhal parece-me excluir a ideia de que outras sacadas continuassem. Isso ahi era uma casinhola baixa, de tres sacadas mesquinhas, onde habitava um dentista; depois um casarão terreo com taberna, a cuja porta se via no outomno uma castanheira.

Aquellas varandas aristocraticas, onde assomavam no seculo XVII as empoadas senhoras da familia dos Meneses, como grandes retratos de Rubens, para assistirem á passagem de alguma procissão, ou de algum cortejo politico, habitava-as um relojoeiro; lembro-me bem; viam-se relogios de varios feitios pendurados por dentro nos banzos da vidraça.

Por baixo dos brazões, na parte superior do cunhal da esquina, eram afixados os cartazes dos theatros. Muita vez ali fomos, quando passavamos, nós os rapazes d'aquelle tempo, ler o que se dava em S. Carlos, saber se entrava a Tedesco ou a Bernardi.

A fachada sobre a rua do Loreto ainda mostrava sacadas, talvez nove, quatro sobrepojadas de mezaninos taes quaes os da frente; mas como visivelmente tudo isso tinha padecido grande ruina, o desenho primitivo achava-se interpolado de habitações pobres. Por essas janellas, altas, baixas, de todos os feitios e côres, ou gorgeava o laborioso pintasilgo, condemnado pela maldade ociosa a tirar agua com o seu baldesinho, ou prégava o esganiçado

papagaio lisboeta, ou emfim... espreitava os passeantes algum formoso rosto moreno por traz de taboinhas verdes.

Nos baixos, industrias varias; um hervanario, um santeiro, uma confeitaria onde se vendia bellissima gelêa, etc.

Os Marialvas velhos, e os Cantanhedes, é que de todo não reconheceriam n'aquelle cahos o seu solar. Aquillo era um campo, onde parecia que tinham ido os gigantes jogar á bola; ou antes: parecia que um encontrão da sorte desmantelára um paço para fazer d'elle barracas de títeres.

Tudo muda. Tambem o palacio não reconheceria os sitios da sua fundação, depois de arrazadas as portas historicas de Santa Catherina.

*

Do interior do palacio, dos seus salões, das suas mobilias, dos seus quadros, nada sei, e creio que ninguem sabe. Occorre-me apenas que Jeronymo de Barros Ferreira, architecto e pintor de flores, ornato, assumptos architectonicos, e miniaturas, executou as pinturas do tecto da casa da meza (1). Como nasceu em 1750 e falleceu em 1803, aos ultimos annos do seculo XVIII, ou logo ao principio do XIX é que deve attribuir-se tal obra; o que mostra, ou que a ruina causada pelo terremoto não foi tão completa como geralmente se pensa, ou que houve principio de reedificação, e restauros taes quaes.

---

(1) Raczynski, *Diccionario,* citando Taborda e Cyrillo.

*

Eis tudo quanto posso restituir do vasto solar dos Marialvas. Da frente para a travessa *dos Gattos* mal me lembro; eram ruinas, officinas de ferrador, e industrias mais ou menos embuçadas. A fachada sobre a rua da *Horta sêcca* ainda em 1837 contava sete janellas sacadas. Em Abril d'esse anno mandou a Camara intimar os proprietarios a apeal-as, o que de certo se fez (1).

O interior d'este conjuncto arruinado era, segundo ouvi, um dédalo de pateos e cabanas ridiculas, de um pittoresco de pessima catadura. Não habitava ali o pudor, certamente, mas formigavam todos os infortunios e vicios.

*

Desde 1837 começou a apparecer a ideia da demolição dos casebres.

Officiou a Camara em Outubro a varios cidadãos importantes do Bairro, convidando-os a reunirem-se na casa do Municipio, a fim de se tratar da expropriação do predio, que então pertencia á casa dos Duques de Lafões. Eram esses cidadãos os seguintes: Joaquim Antonio dos Santos, Raphael José da Cunha, Anacleto José da Silva, Conde do Farrobo, José Ferreira Pinto Junior, Manuel Corrêa Gomes de Oliveira, e Ignacio Rufino de Almeida. Apresen-

---

(1) *Synopse dos princ. act. ad. da C. M. de L.* em 1837, pag. 5.

taram á Camara uma proposta cujos tres primeiros

Os casebres do Loreto — Fachada sobre a rua direita do Loreto
como era em 1859

artigos foram approvados, e a Camara offereceu 4:000$000 réis ao Duque pela compra do casebre,

a fim de se formar uma bella praça em seu logar.

Houve negociações com o procurador do mesmo Duque, mas chegou-se a 1850 sem nada estar decidido.

Em 1855 baixou uma Lei auctorisando a expropriação por utilidade publica.

Todos olhavam para o caduco edificio como para um sentenciado a pena ultima; e entretanto, elle lá ia resistindo com os seus longos achaques, e padecendo mazellas de todo o genero.

Até que emfim, no verão de 1859, as picaretas municipaes levantaram o dente contra a obra, outr'ora magnifica, dos Condes de Cantanhede e Marquezes de Marialva.

Vi demolir os casebres do Loreto, como tenho visto demolir muitas outras coisas: edificios, caractéres, ambições, armadilhas.

E' pensão de quem vive o ir vendo aluir tudo em volta de si.

Na ordem moral, esquecer é arrazar lanços inteiros da existencia. Ha entes infelizes, para quem viver é esquecer. Não os invejo, não! Recordar é reviver.

*

Depois da demolição, começaram a cruzar-se no ar, como settas, alvitres varios sobre o destino que havia de dar-se á praça nova. Uns, queriam mercados de flores; outros, repuchos e galerias; outros, monumentos e estatuas. Abstenho-me de relatar aqui essas opiniões, limitando-me a citar umas discussões

de João Carlos Fêo com o *Jornal do Commercio*, nomeadamente nos n.[os] de 22 de Setembro e 7 de Outubro de 1859.

*

Das janellas do predio grande, entre as ruas *do*

Praça de Luiz de Camões — Depois da demolição dos casebres do Loreto, e antes de edificado o monumento do poeta

Loreto e *da Horta secca*, a vista é lindissima. Rasga-se em frente do espectador o taboleiro cuidadosamente revestido do lindo empedrado *lisbonense*, mosaico interessante, e que pela sua duração e limpeza tão proprio é para esse uso de marchetar as praças e o passeio das avenidas. Em meio levanta-se sobre os seus tres degraus oitavados o pe-

destal com a estatua de Camões por Victor Bastos.

Mais a diante avistam-se, a olhar uma para a outra, as duas egrejas, de Nossa Senhora do Loreto e de Nossa Senhora da Encarnação, egrejas opulentas, garridas, mas sem a devoção singela das ermidas de aldeia entre arvoredo, conchegadas e silenciosas.

Enfia-se depois pelo Chiado (ou rua *de Garrett),* e sobre os telhados do palacio do topo, onde foi a egreja do convento do Espirito Santo, assomam as muralhas e casas do castello de S. Jorge.

Esta longa perspectiva tem bonitas linhas quebradas, a que não falta um certo grandioso, que, apesar da mesquinhez dos pormenores, e do banal das frontarias quasi todas, agrada, e traz em si mesmo o que quer que seja de scenographico. Muitos planos, muita luz, muito movimento.

Camões, e o grupo de homens não menos notaveis, que tão ingratamente lhe foram sacrificados, para supportes ornamentaes! a casa dos Cantanhedes e Marialvas, com os seus concertos, as suas scenas de familia, as suas scenas politicas! essa casa reduzida pelo terremoto aos miseraveis casebres! a antiga ermida de Santo Antonio transformada na parochial do Loreto! a Condessa de Pontével e a parochial da Encarnação! a antiga porta de Santa Catherina, com os seus torreões negros, que tanto sangue viram, e tantas festas tambem! o chafariz do Loreto, com o seu parlamento de barris! Garrett, com as suas tradições de affectada elegancia no café Marrare! o velho Ribeiro Chiado, a

Praça de Luiz de Camões; estado actual

quem uma Camara Municipal inconsideradamente desterrou! o Espirito Santo, onde agonisou o affectuoso espirito do Padre Manuel Bernardes! lá no

alto as barbacans solemnes do castello dos valís! tudo isto a falar! a bradar! a inundar a nossa alma na melhor de todas as poesias: a das recordações!...

Lisboa é (como todas as grandes capitaes) assumpto inesgotavel de observações curiosas; mas Lisboa, com as antiguidades que ainda possue, e que teem resistido ao camartello e á picareta dos proprietarios e das vereações, é ainda hoje a mais interessante, a mais rica, das chronicas portuguezas.

Entre a Cidade modernissima, de papelão e gesso, sem caracter, sem cunho, sem duração, descobre quem sabe ver a nobre Cidade velha, toda ella memorias santas, toda ella saudades de passadas grandezas. Tinhamos obrigação de respeital-a; mas obliterâmos, demolimos, esquecemos tudo isso, por indole, por attavismo, e infelizmente por educação!...

CAPITULO X

Deixemos as duas egrejas e o palacio varrido, e desçamos para o mar pela nossa bella rua *do Alecrim,* ou (como se dizia logo depois do terremoto) rua *das Duas Egrejas,* ou (como se dizia em 1730 e tantos) rua *da Encarnação,* ou (como diziam outros então e antes) rua *do Conde.* Encontrariamos, até ao tempo do terremoto, do lado direito, um pouco ao sul do sitio que é hoje a esquina nordeste do largo do *Quintella,* uma ermida, que tem historia.

A topographia do logar era assim: na linha que descia da esquina da nossa rua da *Horta sêcca* para o mar levantava-se uma propriedade nobre, cujos dois andares deitavam sobre a rua *do Conde.* Depois havia muro e seguia-se a ermida, formando esquina para a chamada travessa de *Braz da Costa,* que ia desembocar na rua *das Flores;* e esta, seguindo a mesma directriz que hoje segue, ia acabar, como agora, na rua *da Horta sêcca.* Todo este quarteirão só comprehendia, creio, a casa nobre, a sua ermida, e um logradoiro ou quintalão, onde houvera um poço publico chamado do Chapuz.

É natural o desejo de se saber a origem da ermida; ella aqui vai como a estudei.

Era no seculo XVII D. Anna de Vilhena uma senhora illustre da ilha de S. Miguel, filha de Francisco Ramalho de Queiroz e de Leonor Dias Neto (1), e mulher do Desembargador Alvaro Lopes Moniz.

Quando veio para Lisboa, trouxe D. Anna comsigo uma muito devota Imagem da Senhora, que levou para os Olivaes, onde ficou habitando. Pensava, e já de muito, em erigir uma capella á Virgem, mas não atinava com invocação nova que lhe desse. Uma vez, estando D. Anna em oração na freguezia dos Olivaes, andava por ali a trastejar um filho que ella levara comsigo; e de repente, eis que, sem mais nem mais, a creança começa por brinco a pedir esmola aos circumstantes, como via pedirem os sacristães, mas para uma Senhora, de cujo appellido não resava até então a liturgia: Nossa Senhora do Alecrim. «Esmola para Nossa Senhora do Alecrim!»

Ouve a mãe aquelle nome, proferido espontaneamente por labios innocentissimos; sobresalta-se sem saber porquê; ao mesmo tempo acha-lhe immensa graça;

a voz da infancia eccos no Empyrio dá;

e tem como certo ser aquelle um sobrenatural aviso com que a illumina o Ceo (2).

Deliciosas crenças dos corações puros! a feliz mãe

---

(1) D. Tivisco. *Theatro geneal.* — *Arvore* Castello Branco.
(2) *Santuario Mariano.* Tom. I, pag. 329.

abraçou o filho pequenino, e metteu hombros á empreza.

Compraram logo, ella e seu marido, por escriptura de 9 de Novembro de 1624, um terreno em Lisboa a D. Anna de Mendonça; custou 100$000 réis, ou 327$000 réis da moeda actual. Esta vendedora tinha havido o terreno por herança de sua avó D. Brites de Mendonça, a cujo marido, Antonio da Silveira, a Camara o tinha aforado por escriptura de 5 de Julho de 1535 por 50 réis annuaes (1). Obtido o chão, enviuvou D. Anna de Vilhena, casando segunda vez com Christovão Soares de Albergaria, Desembargador da Casa da Supplicação, e Vereador da Camara de Lisboa. Quanto a este sujeito ha divergencia de opiniões; não tive meio, nem necessidade, de esclarecer o caso, que importa pouco; mas dizem uns que elle falleceu no 1.º de Dezembro de 1640; e outros, que não foi elle mas seu filho Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do crime.

Foi já depois d'este segundo casamento de D. Anna, que se deu principio ás obras; mas tendo sido isso sem licença da Camara, esta as mandou embargar, concedendo em 18 de Maio de 1628 a licença indispensavel. Em 6 de Junho baixou uma provisão régia permittindo definitivamente a edificação, em conformidade com os despachos dos vereadores, e o parecer do respectivo syndico.

---

(1) Informações extrahidas a pedido do auctor por José Ferreira Chaves dos livros de aforamentos da Camara Municipal de Lisboa.

Não sei se houve novo motivo que paralysasse os pedreiros; mas, segundo o *Sanctuario*, mais de treze annos depois é que se dava por concluida a empreza, com grande gosto da fundadora; e tanto gosto, que, instituindo morgado de seus bens, lhe deu como cabeça a nova ermidinha da Senhora do Alecrim.

A neta herdeira da fundadora, e filha do Dr. Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do crime em Lisboa, e de D. Antonia de Vilhena, chamou-se D. Isabel Soares de Albergaria. Casou em 1.as nupcias com o Dr. Antonio Moniz de Carvalho, de quem enviuvou; passou a 2.as nupcias com um sujeito importante, José de Sousa de Castello-branco, Senhor do Guardão, nascido em Leiria a 19 de Março de 1624, Desembargador do Porto em 1653, e dos Aggravos da Casa da Supplicação em 1661, Deputado do Conselho da Fazenda em 1674 e do Conselho Real em 1692, fallecido a 10 de Dezembro de 1701.

Tiveram entre outros filhos:

Pedro de Sousa de Castello-branco, Senhor do Guardão, Coronel do mar, e militar valente e activo. Este em 1735 justificou perante o juizo do tombo da Camara pertencerem-lhe as casas e a ermida por linha vincular materna. Os instituidores achavam-se sepultados na dita ermida, como ainda em 1755 se via pelos seus epitaphios (1).

---

(1) Informações de J. Ferreira Chaves, a cuja memaori agradeço a sua amabilidade, além de noticias colhidas no *Sanctuario*, nos *Nobiliarios*, na *Historia genealogica da Casa Real*, etc.

A ermida do Alecrim, parochial temporaria do Loreto e da Encarnação nos impedimentos das matrizes (1) (como apontei no logar opportuno), teve a gloria de impôr a sua denominação á grande rua que descia ao longo do muro, prolongada sobre dois arcos até ao Tejo pelo Marquez de Pombal; depois desappareceu inteiramente na reconstrucção delineada por Eugenio dos Santos de Carvalho.

Bem fadada e mal lograda. Pouco durou a piedosa fundação de D. Anna de Vilhena. Deixei-lhe ao menos o epitaphio assignalado n'este livro, que, a bem dizer, é um vasto cemiterio.

*

Da moderna rua do Alecrim trata o *Archivo Pittoresco* (2).

N'esta rua, n.º 10 antigo, junto ao largo do *Caes do Sodré,* esteve estabelecida nos primeiros annos do seculo XIX uma casa de pasto elegante, e onde os companheiros de Bocage e Tolentino iam de certo jantar e conversar. Chamava-se *do Leão de Oiro.* Meza redonda das 2 ás 4 da tarde, a 800 réis por cabeça (3). Em Novembro de 1813 offerecia-se de traspasse este estabelecimento (4).

Um anno depois já se achava mudado para a rua *do Corpo Santo* n.º 9 antigo, e devia abrir a 16 de

---

(1) *Sanct. Mar.* — Tom. I, pag. 330.
(2) Tom. V, pag. 398.
(3) *Gazeta,* n.º 110, de 9 de Maio de 1811.
(4) *Gazeta,* n.º 265, de 11 de Novembro de 1813.

Novembro de 1814; meza redonda ás 3 horas da tarde (1).

*

Esta celebridade da rua é apenas culinaria; mas tem outra de mais finos quilates: ali morou Garrett.

Pouco a baixo do largo *do Barão de Quintella*, á direita, era a sua casa, que aliás não conheço bem. As *Viagens na minha terra* ahi foram escriptas, segundo uma indicação que o auctor deixou cahir logo no principio da sua narrativa. Creio que d'ahi se mudou Garrett para o pateo do Pimenta, ás Chagas, em 1847, e lá nasceram ás *Folhas cahidas.*

Um meu fallecido e bom amigo, José Carlos Sette, convivera muito com Garrett, e contava d'elle minucias engraçadas. Esta por exemplo, que se refere á morada do poeta na rua do Alecrim:

Uma tarde recolhia Garrett, quando ao Loreto encontrou José Carlos.

— Amigo Sette, — lhe diz o grande homem — venha comigo aqui á minha casa; quero mostrar-lhe, como a bom entendedor, a minha ultima obra.

— Com muito gosto irei com V. Ex.ª É prosa ou verso?

— Nem uma coisa nem outra — responde o poeta enfiando o braço ao joven José Carlos — é melhor do que isso.

Poucos passos andados, entraram. Garrett dirigiu-se a um guarda-fato no seu quarto de vestir,

(1) *Gazeta*, n.º 269, de 14 de Novembro de 1814.

abriu-o, e com modo respeitoso despendurou um pequenino paletó de velludo preto.

— O quê? um paletó?!!!!

— Pois que lhe disse eu? nem prosa nem verso; é isto.

E mostrava o paletó, mirando-se n'elle, encarecendo o bonito talho, o bonito galão, o bonito forro de setim.

— Mas... — disse Sette — V. Ex.ª falou-me n'uma *obra sua*.

— Pois certamente; é obra minha; eu dei o risco; e o meu creado, que foi alfaiate, e tem geito para estas phantasias, executou. Mas olhe que a final é obra minha.

— E vejo que tem o seu orgulho de auctor.

— Tenho, tenho; isto é melhor do que os versos. Veja isto! esta elegancia!... hein?

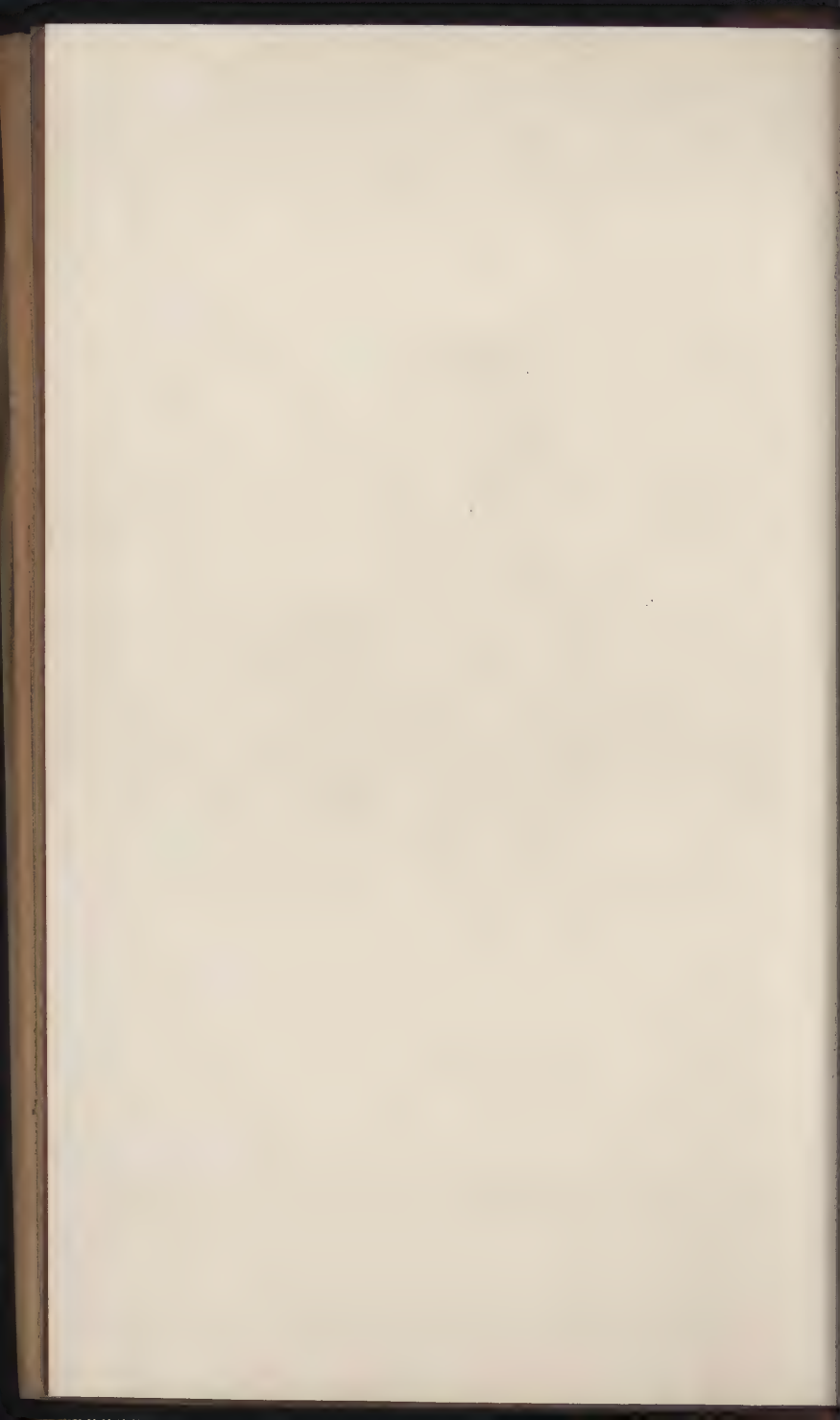
E vestia o paletó, e requebrava-se mirando-se no espelho.

Rua do Alecrim, não te lembras da scena?

Oh! fraquezas dos grandes homens! encantadoras fraquezas, tão pequeninas, e tão grandes! Quem n-as podera escrever todas, sem fel, mas com o sorriso benevolente que sai da alma, e enfia direitinho ao coração!...

Conto esta historieta como m'a contou o meu saudoso e honrado Sette; elle tinha convivido com todos os altos litteratos antigos, e apreciava-os.

*

Em Março de 1851 a Camara auctorisou o começo da construcção da cortina aos lados da ponte

sobre o arco (1); e em Dezembro approvou o risco do gradeamento do mesmo arco (2).

Ahi ficam essas achêgas para a chronica da rua *do Alecrim;* não são muitas, mas não tenho mais.

Quem escrever depois de mim preencherá as minhas faltas.

«Não tenho mais» — disse eu. Grave engano; tenho abundancia; e se não, passe o leitor ao capitulo seguinte, e pasme do filão que se lhe abre n'esta mina!

---

(1) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1851 — pag. 10.

(2) Ibid. — pag. 25.

CAPITULO XI

A maior parte do publico ignora, talvez, que a nossa rua *do Alecrim* se chamava antigamente *do Conde.*

Qual Conde? — pergunta o leitor. O do Vimioso — respondem os documentos. Deu sempre nome ao sitio o grande palacio que lá vemos, e que ultimamente pertenceu aos Barões de Quintella, Condes do Farrobo, mas tinha sido edificado no mesmo logar do dos Condes do Vimioso, Marquezes de Valença; o palacio deu primeiro nome á rua *do Conde;* depois, ao largo *do Barão de Quintella;* edificio vasto e formoso, que, arrimado pelo norte á Encarnação, domina pela frente a rua *do Alecrim,* e confina pelas costas com a *do Thesoiro velho.*

*

Deitaria um grosso volume a historia completa e minuciosa d'esta casa, que n'este momento está chamando pela minha penna; mas, não podendo escre-

ver esse interessantissimo volume, limito-me a forragear nos documentos que tenho agora diante dos olhos algumas noticias historicas que sirvam ao leitor. Estes documentos são nada menos que o tombo authentico do vinculo do Farrobo, emprestado a mim (1) pelo meu bom e excellente Carlos Pedro Quintella do Farrobo, filho do 1.º e illustre Conde, a quem tanto deveu a sociedade portugueza; portanto, o que vou dizer é o mais authentico possivel.

*

Comecemos pelo chão do palacio.

Em 1521 aforou-o a Camara a Jorge de Mello por 1200 rs. e laudemio de quarentena. Como o sitio tinha boas vistas, ahi fez elle uma quinta, e um predio em que habitou.

Por morte do dono, coube o praso em partilhas a sua viuva D. Antonia de Mendoça, que reconheceu a Camara em 1572 como directa proprietaria.

Passou por morte da mesma senhora a Ruy da Silva, a quem ella doou o dominio util. Este, que devia quantias avultadas a Antonio Delgado, Recebedor do Consulado da Alfandega, e até mesmo á Real Fazenda, foi executado pelos Contos do Reino.

Com licença do Senado, arrematou tudo um João Martins de Palhavan (ou Palauam), fazendo reconhecimento á Cidade em 1637.

Foi herdeira d'elle sua viuva Maria dos Santos, que em segundas nupcias casou com Manuel da Cunha.

---

(1) Lumiar Junho de 1902.

Este vendeu os bens a Simão Luiz, a cuja herança, depois de elle fallecer, o Juizo dos orphãos os penhorou por dividas.

Posto o praso em hasta publica, arrematou-o em 1648 o 1.º Marquez de Aguiar, 4.º Conde do Vimioso, D. Affonso de Portugal, casado com D. Maria de Mendoça, filha do Marquez de Castello-Rodrigo.

Do Marquez passou a seu filho D. Luiz de Portugal, 5.º Conde do Vimioso.

Fallecendo este sem geração, foi seu herdeiro D. Miguel de Portugal, seu irmão, 6.º Conde, o qual, no fim do seculo XVII, doou grande porção de terreno ao nascente, para se construirem cavalhariças para os cavallos da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya (1).

Foi este 6.º Conde o reformador e reedificador do predio de seu pae. «O Conde do Vimioso — conta um coevo — fez um soberbo palacio. Casou com uma filha do Marquez de Alegrete.» (2)

D'este Conde passou a posse para D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença; e por ser filho unico e successor legitimo, não se fizeram partilhas.

Aqui temos n'um relance de olhos a primeira parte succinta e rapida da historia do casarão, desde 1521, em que ahi vicejava, com os seus lindos prospectos de terra e mar, a quinta verde e alegre de Jorge

---

(1) Sousa — *Hist. gen.* — T. X, pag. 774.

(2) Fol. 216 v. do vol. de Miscellaneas, lettra do seculo XVIII; Carta de um amigo a outro dando-lhe novidades de Lisboa dos annos 1697 a 1699. Em meu poder.

de Mello, até á edificação nobre do Conde do Vimioso.

Passemos a historiar as vicissitudes e transformações do predio.

*

Em 25 de Novembro de 1726 um incendio devorou este solar, que devia ser muito rico, por ser já hereditaria a magnificencia dos Condes do Vimioso, já então Marquezes de Valença (1).

Durou o incendio até ao dia seguinte; e o notavel é que o proprietario, 8.º Conde e 2.º Marquez, D. Francisco de Portugal, viu arder Troya, viu sumir-se o seu espolio todo «com animo imperturbavel», diz Barbosa Machado. N'essa triste occasião toda Lisboa certamente correu a visital-o, e até el-Rei D. João V, e o Infante D. Francisco, muito sentidos do infortunio d'elle, lhe deram grandes provas de sympathia, offerecendo-lhe o primeiro d'estes senhores o palacio da Casa de Bragança, ahi proximo, e o segundo o da Bemposta, para sua residencia (2).

*

Lembra-me o seguinte, que aproximo aqui:

O honrado e polidissimo 1.º Duque de Loulé, Nuno José Severo de Mendoça Rolim de Moura Barreto, habitou uns annos no palacio, hoje desapparecido, do pateo *do Thorel,* ao campo *de Sant'-*

---

(1) *Gazeta de Lisboa* n.º 48, de 28 de Novembro de 1726.
(2) *Biblioth. Lusit.* — T. II, pag. 233.

Anna. Esse palacio dominava a Baixa, e via-se de muita parte.

Uma noite, ha annos, ardeu; e quando as labaredas começaram a atear-se, e a fumarada a ennovelar-se em rolos avermelhados, ao som do rebate dos sinos, foi um alarma geral. O Duque era muito respeitado; e não tardou que os seus amigos pessoaes e politicos corressem ao Thorel, anciosos por noticias, e dispostos a tudo. Chegavam, offegantes, commovidos, encontravam o Duque no pateo, sereno, fumando um charuto, vendo arder a casa, e recebendo a quem chegava com a sua polidez grave e senhoril.

N'aquella formosissima physionomia era impossivel ler outro sentimento, que não fosse o da conformidade e resignação. Perdeu mobilia, alfaias, quadros, livros, mas dominou-se, e deu um exemplo extraordinario de firmeza de animo. Ia n'isso uma grandeza, que afina perfeitamente com a d'aquella personalidade singular.

*

Volvamos do Thorel ao palacio da rua *do Alecrim.*

*

Se alguem me perguntar pela descripção da propriedade dos Valenças, certamente reedificada, dir-lhe-hei como era trinta annos depois do sinistro:

Constava a parte urbana de duas moradas contiguas, encostadas pelo norte á casa da Irmandade da egreja nova da Encarnação, e pelo nascente ao

muro da Cidade, no qual se achavam vigadas, conforme a escriptura do aforamento antigo; do sul confinavam com quintal; do poente com a *rua larga do Loreto* (ou *das duas egrejas,* ou *do Conde,* ou *do Alecrim),* que ia findar no postigo do *Duque de Bragança.* Sobre esta rua havia as lojas baixas, as cocheiras, etc., e para o interior estrebarias e palheiros. Constavam estas duas moradas de dois andares com janellas sacadas, e no alto outras habitações com tres janellas de assentos para a rua.

Taes são as descripções e confrontações no anno 1756.

Voltemos um pouco acima.

*

Em 8 de Maio de 1731 André Rodrigues da Costa Barros arrematou em praça estas nobres casas por 6:675$000 réis, pagando só meia siza, 330$000 réis, porque a outra meia «livrou-a pelo privilegio do Ex.mo Marquez de Valença» — diz um papel, que não sei entender bem. O que vejo é que talvez o enguiço do fogo, ou qualquer outro motivo, desgostou d'esta posse os Marquezes de Valença, que passaram a habitar na sua quinta do topo do Campo-grande.

Temos pois dono do predio da rua *do Conde* o dito Costa Barros, que de todo ignoro quem fosse, mas bem podia ser irmão (ou parente proximo) de Matheus da Costa Barros, auctor de não sei que bagatella litteraria sobre a *Ave Fenix.* Se havia parentesco, entrou no seu logar a allegoria: vamos

vêr como das suas cinzas renasceu o palacio, para muito melhores destinos, para muito maiores opulencias, para glorias sociaes de alto apreço.

*

Se todos os predios podessem contar a sua historia, possuiria Lisboa um annexo de memorias curiosas, para a secção biographica da sua bibliographia.

É já logar commum dizer-se que o edificio é um livro de pedra. Ora como a asserção tem muita verdade, vamol-a repetindo. Um templo monumental, como a Batalha, ou como os Jeronymos, lembra as Biblias em pergaminho, devotas, illuminadas de miniaturas. Os castellos arruinados, que ainda ahi campeiam por todo o Reino, são folios maximos de chronicas antigas em typo gothico e unciaes á mão.

O palacio que n'este momento nos occupa, e a cujo renascimento vamos assistir, vai apparecer-nos como um bello volume dos Mames ou dos Didots, todo elle versos e musica, encadernado em *chagrin*, com formosas gravuras em aço ao longo das suas grandes paginas de velino doirado por folhas.

CAPITULO XII

N'este meio tempo desenvolvia-se notavelmente a actividade commercial em toda a Monarchia. Os *homens de negocio* accumulavam grandes fortunas, e junto á Nobreza da conquista, que pela rapinagem alargou as nossas fronteiras, mas tanto sangue fez correr, levantava-se a incruenta Nobreza do trabalho, que tantas lagrimas enxugou.

Joaquim Pedro Quintella, homem probo, laborioso, emprehendedór, arrematante de rendosos contratos, entre elles o do azeite de peixe e barba de baleia, no qual se achava associado em 1791 com Antonio José Ferreira, tinha conquistado logar conspicuo entre a sociedade lisbonense; os seus escriptorios, cheios de empregados, dirigiam, como uma Secretaria de Estado, transacções consideraveis no Reino, nas colonias, no estrangeiro; a sua firma era uma alavanca poderosa, pelo credito que representava; o seu nome hombreava com tudo quanto havia mais illustre.

Filho e neto de Cavalleiros-fidalgos, sobrinho de

Desembargadores, tinha elle proprio, desde 6 de Maio de 1795, o fôro de Fidalgo-Cavalleiro, que é o mais alto da escala; e era Conselheiro honorario da Real Fazenda, do Conselho da Rainha, Cavalleiro e Commendador na Ordem de Christo, etc. etc.

*

Convergiram com as diligencias d'elle as zelosas diligencias de seus dois tios, no engrandecimento da casa; a saber: Luiz Rebello Quintella, Juiz dos feitos da Corôa, Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação, e Ignacio Pedro Quintella, Familiar do Santo Officio desde 1740, Contratador de varios contratos Reaes, Presidente da Real Junta do Commercio, etc., ambos Cavalleiros professos na Ordem de Christo, e o segundo Commendador na de Santiago. As deixas de ambos, a sua pratica, os seus conselhos, fizeram milagres. Querem vêr?

O Desembargador arrematou em 2 de Junho de 1777, na rua *das duas egrejas*, 203 palmos de frente com 100 ½ de fundo a 10$000 réis o palmo quadrado, no valor de 2:030$000 réis, e mais 203 palmos de frente e 108 de fundo na rua *do Thesoiro*, a 7$000 réis, no valor de 1:421$000 réis; total 3:451$000. Eram, como o leitor já percebeu, as casas que estudámos desde Jorge de Mello, 1.º emphytheuta. O sitio não podia ser melhor: Lisboa renascida alinhava-se ao longo de serventias muito bellas, e como uma das melhores do bairro figurava sem duvida esta, que o lapis de Eugenio dos San-

tos de Carvalho endireitára sobre dois bonitos viaductos, dando-lhe por pano de fundo o mar.

Começou o novo proprietario com obras no seu predio, obras que, não me occorre o motivo, a Camara embargou, levantando logo os embargos a 11 de Janeiro de 1781. Outro embargo adveio, e d'esse não houve appellação: a morte do Dezembargador no 1.º de Abril de 1782; mas o palacio fez-se, por um bellissimo risco, respirando elegancia moderna e opulencia.

Joaquim Pedro comprou em 24 de Novembro de 1788 mais area para se expandir (1), e completou esta formosa peça urbana.

Edificar um palacio com architectura, traçado segundo os dictames do gosto, é sempre serviço n'uma povoação; mas edificar um palacio n'aquelle tempo, quando Lisboa em grande parte jazia prostrada, quando era preciso erguel-a dos escombros, era dar um nobre exemplo, era abrir uma escola; n'uma palavra: era civilisar.

*

Uma curta digressão:

Todos sabemos que os palacios das classes altas em Lisboa nunca brilharam pelos primores architectonicos. Observa um viajante do fim do seculo XVIII, e com muito criterio, o seguinte:

---

(1) Consulte-se Tinop — *Lisboa de outros tempos,* T. 1, pag. 89, livro extraordinariamente curioso, cuja leitura me tem deleitado e instruido. O trabalho que revela uma tal obra é incalculavel. Tenho orgulho em o saber apreciar.

«Todos os Grandes possuem palacio. Parece pois que deveriam encontrar-se em Lisboa muitos d'elles imponentes pelas suas dimensões, notaveis pela regularidade da architectura, agradaveis pelo variado da ornamentação. De balde procura o observador columnas, pilastras, frisos, architraves, cornijas, peristylos, porticos, vasos, urnas, estatuas, marmores. Os casarões aqui chamados palacios não passam de ordinarissimos edificios, de apparencia muito mediocre, levantados sem regularidade, sem elegancia, sem adornos, e proprios, quando muito, de qualquer particular medianamente endinheirado. O brasão de Armas dos donos é o que os distingue e enfeita.» (1)

Tudo isto é verdade. Apontam-se a dedo as pouquissimas residencias senhorís que mereçam, ou merecessem admiradas, ainda assim com restricções. Noto em toda Lisboa e seus proximos arredores as seguintes:

---

(1) *Tous les grands ont des palais. On croirait d'après celà trouver à Lisbonne beaucoup de ces édifices, imposants par leur masse, frappants par la régularité de leur architecture, agréables par la variété de leurs ornements... On y cherche des colonnes, des pilastres, des frises, des architraves, des corniches, des péristyles, des portiques, des vases, des urnes, des statues, des marbres, mais on les cherche vainement. Les édifices qu'on décore du nom de palais sont des maisons très ordinaires, d'une apparence fort médiocre, construites sans régularité, sans élégance, sans ornements, à peine dignes d'être habités par un particulier médiocrement riche. Les armoiries des propriétaires sont la seule chose qui les distingue, le seul ornement qu'on y aperçoive.»*

Voyage en Port. en 1796 pag. 33.

o palacio dos Cruzes Sobraes ao Calhariz (transformado hoje, como logo direi);

o dos Marquezes do Louriçal a Palhavan, hoje do sr. Conde da Azambuja;

o dos Larres, Provedores dos armasens, em S. Sebastião da Pedreira, hoje do sr. Carlos Eugenio de Almeida, Par do Reino; principalmente antes do 2.º andar corrido, que aboliu e disfarçou os quatro torreões acoruchados que adornavam os cantos;

o dos Marquezes de Castello-melhor, ao antigo Passeio publico, hoje Avenida, pertencente agora ao sr. Marquez da Foz;

o dos Condes de Castro-Marim, Marquezes de Olhão no alto da calçada do Combro, onde esteve o Correio;

o dos antigos Patriarchas de Lisboa, na Junqueira, hoje do sr. Conde de Burnay;

o dos Marquezes de Marialva ao Arco do Bom Successo, hoje do Duque de Loulé;

o dos Marquezes de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica;

o dos Marquezes de Pombal, ás Janellas-verdes; hoje galeria das Bellas-Artes;

o dos Marquezes do Lavradio, ao Campo de Santa Clara; hoje Tribunal militar;

o dos Condes do Sabugal e de Obidos, á Pampulha;

o dos Condes de S. Miguel na rua direita de Arroyos, a fachada apenas, por concluir;

o dos Almadas, Provedores da Casa da India, Condes de Carvalhaes, no largo do Conde Barão (apesar das reconstrucções dos seculos XVIII e XIX);

hoje séde da Companhia Nacional Editora, onde este volume se está imprimindo (Setembro de 1902);

o dos Condes das Galveias, ao Campo-pequeno;

o dos Condes de Resende ao Campo de Santa Clara;

o dos Marquezes de Pombal em Oeiras;

o dos Marquezes de Penafiel ás Pedras-negras;

o de Ratton na rua Formosa, hoje dos herdeiros de Frederico Biester;

o dos Duques de Palmella, ao Calhariz (o do Rato merece, no seu exterior, mesquinho commentario);

o da Rainha de Inglaterra, D. Catherina de Bragança, á Bemposta, hoje Escola do Exercito;

o dos Marquezes da Ribeira, á Junqueira;

o dos Marquezes de Ponte do Lima, hoje dos de Castello-Melhor, por successão, á Rosa; e emfim (além de outros que me não occorrem) este dos Quintellas.

Mas note-se: não são, (alguns d'elles) obras acabadas de engenho e execução; recommendam-se em relação aos mais, e pela grandeza aristocratica da sua figura; apenas isso.

No meio pois dos *palacios* de Lisboa, levantou-se com grande elegancia, e um ar distincto e cuidado, o novo solar dos Quintellas.

A frente divide-se em cinco corpos separados por pilastras. O do meio, o nobre, tem em baixo o grande portão da entrada, unido, no mesmo pensamento de ornamentação, á varanda central, que tem tambem muito caracter. Aos dois lados do portão duas janellas e duas outras inferiores gradeadas, to-

das destinadas a dar luz á vasta logea para onde desembocam as escadas. Ás duas bandas da sacada, que domina o portão, duas outras. Os dois corpos lateraes tem cada um tres sacadas, por baixo tres janellas de peitos, e por baixo, da esquerda tres janellas gradeadas, e o da direita tres portões. Os corpos das extremidades, emfim, tem cada uma janella sacada; e, pela inclinação da rua, o do sul tem outra inferior, e um portão.

CAPITULO XIII

Desde que o palacio foi habitavel ahi morou o dono. Os Almanacks do tempo o demonstram. Toda a Lisboa elegante ali concorreu ás festas, e se apinhou nos salões, cujos estuques são de Felix Salla, artista italiano citado por Cyrillo (1) e Raczynski (2).

As illuminações estupendas com que foi festejado o nascimento da Princeza da Beira em 1793 constam de um folheto raro, a que hei-de referir-me detidamente lá para o diante; esse folheto menciona e descreve a sumptuosidade e o bom gosto, com que Joaquim Pedro Quintella illuminou a frontaria.

*

Entre a rua *do Alecrim* e a das *Flores* seguia, communicando-as, a travessa *Nova de S. José*. Joaquim Pedro Quintella comprou ahi um terreno com 213

---

(1) *Mem.* pag. 272.
(2) *Dict.* pag. 254.

palmos de frente, á face da sua bella rua, em frente do seu palacio; e em vez de o utilisar edificando ahi predios, arrazou as baiucas, terraplanou o chão, e doou-o á Cidade; é o nosso actual largo *do Barão de Quintella.*

Quantos procederiam com bizarria egual?

*

Entre os viajantes estrangeiros que falam de nós (por outra: se dignam de fazer-nos a honra de falar de nós, da nossa terra, dos nossos usos, dos nossos merecimentos, dos nossos defeitos), ha uns (e *umas)* simplesmente malignos; esses só engendram caricaturas, em que, pretendendo aggredir-nos, se ridiculisam a si proprios. Outros, enthusiasmados com o clima, com a paizagem, com a bondade do Povo, com a hospitalidade proverbial da nossa gente, com a mansidão archeologica e patriarchal dos nossos costumes, desentranham-se em elogios exagerados; lembram os retratos femininos de Madrazo, que, sem deixarem de ser parecidos, são mil vezes mais bellos que os originaes, graças aos segredos do claro-escuro, da posição, e da côr. Outros viajantes, emfim, misturam os encomios com as criticas, e vendem as maçans maduras de envôlta com as verdes.

O anonymo auctor do livro *Voyage en Portugal en 1796,* espirito fino e observador, deixou quadros, que, apesar de carregados na tinta, ainda hoje se parecem com a Lisboa de cento e tantos annos atraz.

Referindo-se aos Grandes de Portugal, escreve:

«Não são grandes pela riqueza, nem pelo luxo e magnificencia, nem pela representação. Entre elles, só uns dois ou tres gosarão de cerca de 300:000 libras tornezas de rendimento (1). A renda dos outros é infinitamente menor. Os seus palacios apenas são notaveis pelo tamanho; architectura, ornamentação, mobilia, tudo fica a baixo do que usam os particulares de mediana riqueza; a representação d'estes Grandes é nulla; nunca teem gente a jantar, nunca dão festas, e recebem pouco. As suas equipagens são ordinarissimas; não passam de seges; alguns possuem coches, mas vulgares e antiquados. O luxo d'estes senhores consiste em atrelarem quatro machos, em serem acompanhados de um creado a cavallo, de espada ao lado, a quem chamam *escudeiro*, e a ter grande numero de creadagem. . . . .

Estes Grandes mostram-se altivos, soberbos, pouco accessiveis aos Portuguezes; mas são polidos, amaveis, affaveis, affectuosos até, obsequiosos, para os estrangeiros.» (2)

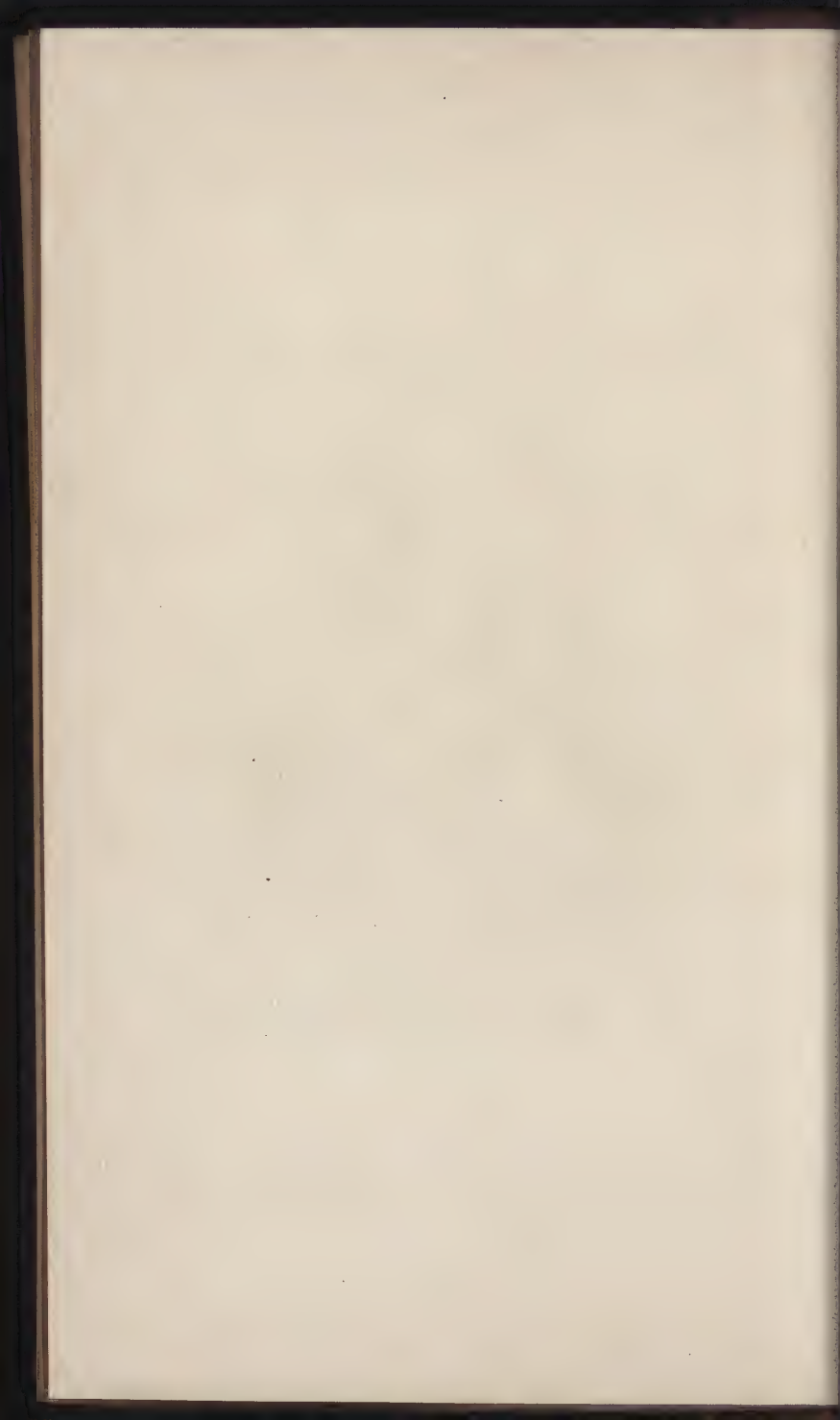
*

Á vista de taes pinturas, exactas em muitos pontos, que formoso foi o papel civilisador dos opulentos filhos do alto commercio, quando, á voz do Marquez de Pombal, e em nome da tolerancia

---

(1) Creio que 54 ou 60 contos: mas peço ao leitor não se fie no que lhe digo; em contagem de moedas sou de uma miseria reconhecida por toda a Europa culta.

(2) *Voyage en Port. en 1796*, pag. 111.

O 1.º Barão de Quintella

christan, se tornaram centros da sociabilidade, promotores do luxo, que é alavanca poderosa, protectores das artes, incitadores do Bello e do Bom, n'esta Cidade morta, onde, como acabamos de vêr, a bisonhice das altas classes as afastava das classes medias suas irmans primogenitas, e do povo seu avô!

*

Os serviços dos Quintellas, a bizarria com que protegiam todas as grandes emprezas industriaes, e o patriotismo com que punham as suas arcas ao serviço do progresso nacional, mereceram premiados; e para consolidar a estirpe, pediu Joaquim Pedro, já Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, do Conselho do Principe Regente e do da Real Fazenda, Commendador na Ordem de Santiago, licença para constituir morgado dos seus avultadissimos haveres; o que lhe foi concedido por alvará de 18 de Junho de 1796.

Com effeito, a 23 de Junho de 1801, n'uma sala do seu palacio, e perante cinco testemunhas, instituiu essa fundação opulenta com bens vinculados no valor de 424:317#687 réis.

As testemunhas foram:

Pedro de Mendonça de Moura, Fidalgo da Casa Real, do Conselho de S. M. e do do Almirantado, Commendador de Rio-Meão, Arada, e Maceda, na Ordem de S. João de Jerusalem, Vice-Almirante da Armada Real; morador na travessa *da Queimada;*

Lucas de Seabra da Silva, Moço-Fidalgo, do

Conselho de S. M., Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Desembargador do Paço, Chanceller da Côrte e Casa da Supplicação servindo de Regedor das Justiças, e irmão do celebre e infeliz Ministro de Estado;

Domingos Pires Monteiro Bandeira, Licenciado em Leis, Professo na Ordem de Christo, Commendador na de Santiago da Espada, Fidalgo da Casa Real, do Conselho Real, Deputado da Meza da Consciencia e Ordens, Escrivão da Real Camara no despacho do dito Tribunal e do commum das mesmas Ordens, Mestre de ceremonias d'ellas, Administrador dos collegios de Nossa Senhora da Conceição para clerigos pobres, e do de Jesus para meninos orphãos; morador a Valle de Pereiro;

o Padre Antonio Monteiro Velho Rocha; e

Victorino Antonio Machado, Professo na Ordem de Santiago, e 1.º Guarda-livros do papel sellado.

Certamente eram tudo intimos da casa, o que nos dá alguma luz sobre a consideração que reciprocamente se tributavam.

O morgado intitular-se-hia *do Farrobo,* por ser cabeça do vinculo a quinta d'esse nome, no termo de Villa Franca de Xira; e, segundo contrato celebrado a 7 de Novembro de 1795, o administrador teria para sempre o padroado do mosteiro de religiosas da Visitação, ou Salesias, a diante da Junqueira.

O instituidor nomeou-se a si proprio primeiro administrador; por sua morte passaria o morgado a seus filhos legitimos e á descendencia d'elles; na

sua falta aos naturaes legitimados. Se no correr dos annos se extinguisse a geração, passariam os bens vinculados á posse dos hospitaes mais pobres de Portugal, com a seguinte condição: cada doente diria, na occasião de sahir curado, estas palavras:

«Deus tenha em paz as Almas do instituidor Joaquim Pedro Quintella, e de seus tios Ignacio Pedro Quintella, e Luiz Rebello Quintella, bemfeitores d'este piedoso logar.»

Os administradores ficariam obrigados a usar do appellido de *Quintella do Farrobo.*

A sentença da instituição foi proferida pelo Desembargador João Vicente Pimentel Maldonado (o poeta dos *Apologos)* em 18 de Agosto de 1801.

*

Correr a lista dos haveres urbanos e rusticos que formavam este opulento morgado seria interessante, mas levaria muitas paginas; aqui basta-me dizer, que, além de numerosos predios no campo e em Lisboa, alguns magnificos na mesma rua *do Alecrim,* o palacio de que tratamos foi avaliado em 24 contos de réis.

Dava em cara aos proprios estrangeiros a maneira como vivia esta familia. Falando da sua casa de campo da estrada de Bemfica diz o citado livro *Voyage en Portugal en 1796:*

«... a que mandou construir nas Laranjeiras o negociante portuguez, Conselheiro d'el-Rei, o opulentissimo Quintella, um dos homens mais afazen-

dados e fastuosos de Portugal.» (1) Este mereceu ao Principe Regente a graça, então rara, do titulo de Barão.

*

Na lista dos notaveis da familia figura este Barão de Quintella, cuja personalidade tinha alto valor. O celebre Padre José Agostinho de Macedo aprecia-a bem na *Oração funebre* que proferiu nas exequias celebradas a 30 de Outubro de 1818.

Dedicando a edição do panegyrico ao moço herdeiro do Barão, o 2.º Barão de Quintella, diz-lhe entre outras coisas:

«A morte de seu Pae deve ser para V. S. um motivo de lagrimas; a vida de seu Pae deve ser para V. S. um exemplo.»

E' pena que o douto Prégador Regio não entremeasse nas rhetoricas da sua oração alguns d'aquelles pormenores da vida, que tanto agradam depois; sobre a parte biographica deslizou tão rapido, que só a muito custo lobrigamos a figura, por entre a folhagem de mil côres que rebentou d'aquelle tronco.

Ainda assim, e deduzindo o que a natural cortesania e os melindres do momento podessem impôr ao auctor do sermão, o que entrevemos puramente humano basta para nos fazer amar o homem. De mais a mais, o orador erguia a voz entre contemporaneos, cujo testemunho lhe confirmava as palavras;

---

(1) ...*Celle qu'a fait construire à Laranjeiras le négociant portugais Conseiller du Roi, le très opulent Quintella, un des hommes les plus riches et les plus fastueux du Portugal.*

por isso exclama com affoiteza: «Eu falo diante de um tribunal, em que os juizes são testemunhas, e os que podem condemnar são os que podem depôr.»

Macedo mostra-nos o caracter do Barão de Quintella quando diz: «O illustre defuncto foi modesto, e foi humilde entre a maior effusão de opulencia e de grandeza................................ Foi caritativo; e como? como o manda ser a Religião: não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita.»

Mais a diante diz: «Respeitou a Religião e os seus mysterios; não se envergonhou do Evangelho, nem em suas acções contradisse os juramentos do seu Baptismo.»

Logo depois: «O illustre defuncto se engrandeceu a si pelo commercio. E quem ha, que não conhecesse n'elle o homem magnanimo, o homem verdadeiro, o homem franco? Adorou a verdade; eis aqui a fonte da sua prosperidade e grandeza. Feliz o homem, cuja palavra é uma escriptura publica! Feliz o homem, a cuja voz se dá mais credito, que á firma da sua mão, ou que ao sello das suas Armas; a voz é o homem.»

*

Refere se aos serviços que o Barão prestou auxiliando emprezas industriaes e commerciaes, e diz: «Na sua alta jerarchia serviu a Patria; e se o guerreiro a serve derramando sangue, elle a serviu derramando riquezas e opulencia, talvez que com egual ou maior vantagem........ *As minhas riquezas*—

dizia elle — *são minhas, porque m'as deu a Providencia ; são da Patria, porque as suas urgencias as pedem*........ Em que urgencia, em que apuro do Estado se não viram francos e abertos aquelles cofres? E' verdade que nos outros membros do corpo do commercio se viram tambem, e se admiraram, lances e rasgos de um egual patriotismo. Mas este homem dava com o riso; e muitos, que podiam muito, com as queixas, e muitas vezes com as lagrimas.»

*

Depois conta Macedo este caso:

Durante a odiosa residencia de Junot em Lisboa, choviam as imposições, as extorsões tirannicas de dinheiro em nome da prepotencia. «Quando o pavor de quatrocentos mil braços armados, e estupidamente furiosos, ou descaradamente salteadores, nos obrigava a comprar com a profusão do oiro o socego ou a neutralidade, o illustre defuncto quiz afiançar a divida immensa que se contrahiu na Hollanda e na Gran-Bretanha; e bastou o seu nome, para se ultimar o emprestimo. Ainda que a sua vida não offerecesse outro quadro, este só bastaria para o immortalisar na memoria dos homens.»

Aquelles amaldiçoados nove mezes, em que o estrangeiro se deshonrou procurando aviltar-nos, deixaram rasto de sangue e lagrimas em muitos lares. Para Quintella foram nove angustiados seculos de soffrimento, pois debaixo dos seus mesmos tectos, dentro no seu mesmo palacio, elle, tão Portuguez, foi constrangido a supportar, a albergar, a tolerar

na convivencia intima, o ridiculo tirannete que se chamou Junot.

Uma vez um homem insoffrido desabafou contra os tirannos. Os tirannos condemnaram-n-o á morte. O Barão de Quintella, com a amargura na alma, acerca-se do General, e a pezo de oiro compra-lhe o condemnado. Aquelles invasores, que se dobravam ao interesse, fingem enternecer-se, acceitam as sommas que o Barão lhes atira, e restituem á vida o pobre sentenciado.

*

Como estes casos haveria muitos outros, que não sei.

A morte d'esse homem benefico foi digna coroa de tal vida. Lá o diz José Agostinho, reportando-se á narrativa do proprio confessor.

Por estes rapidos esboços se vê que o Barão de Quintella, de quem as gerações modernas pouco falam já, foi um verdadeiro Homem.

CAPITULO XIV

Tal veio a ser a brilhante origem de outro homem ainda mais notavel da mesma estirpe. Aqui nasceu, bafejado e acalentado por uma familia já então preponderante, um espirito elevado e culto, um artista de indole, um protector das causas nobres, um dedicado amigo da sua terra. Estou-me referindo a Joaquim Pedro Quintella do Farrobo, 2.º Barão de Quintella, 1.º Conde do Farrobo.

Filho do illustre 1.º Barão, e da Baroneza, D. Maria Joaquina Xavier de Saldanha, nasceu aqui a 11 de Dezembro de 1801, e com o exemplo honrado de seus avós se creou para vir a tornar-se, sem presumpções, e quasi sem o suspeitar, uma das figuras mais eminentes da sua era.

*

Não cabe n'um capitulo a biographia d'elle; por isso nem sequer lhe tentarei o esboço. Apenas pedirei ás gerações novas, tão esquecidas, em geral,

das nossas glorias, que, em passando no largo do Quintella, se lembrem de que ali nasceu, e ali falleceu a 24 de Setembro de 1869, um dos servidores a quem mais ficou devendo a Dynastia do senhor D. Pedro IV, um dos mundanos que mais trabalharam em favor da Arte, e, muito em especial, em prol da sociedade portugueza.

Com uma bizarria sem egual, mas filiada já nos exemplos da familia, abriu incondicionadamente os seus cofres á politica do Duque de Bragança, e nunca foi embolsado dos seus adiantamentos; com um gosto apuradissimo, cultivado nas leituras e viagens, e digno dos bons tempos de um Luiz XIV, animou as phalanges aristocraticas, contribuindo mais que ninguem para a convivencia d'ellas com as classes médias; com um sentimento christão, raro entre nós, chamou a si os pobres, e ministrou o honrado pão ás classes infimas que o auxiliavam.

Que lhe importaram as ingratidões dos contemporaneos? a despeito d'ellas, continuou sempre a beneficiar o paiz, que o viu toda a vida na vanguarda dos melhoramentos industriaes.

Foi o Conde do Farrobo o primeiro que na sua quinta da Verderena montou uma fabrica de productos chymicos, e para serviço d'ella e da localidade construiu uma resumida linha ferrea em terreno seu.

No extincto convento de Santo Antonio de Villa-Franca estabeleceu em larga escala uma empreza de cultura de bichos de seda.

Entrou com mão poderosa na sociedade fundadora da Villa-Estephania em Cintra.

Explorou para beneficio das fabricas umas minas de carvão de pedra.

Não havia emfim empreza util, que não visse o nome d'elle na lista dos accionistas maiores.

Construiu o primeiro gazometro que viram dominios portuguezes; e, em quanto Lisboa se allumiava ainda a azeite de peixe, já o theatro do Conde do Farrobo nas Laranjeiras rutilava com o invento novo.

N'essa quinta se deram bailes sumptuosos, serenatas, representações unicas, que perante a Europa, ali condignamente personificada, levantavam alto a cotação do nosso gosto artistico, e levavam muito longe o nome portuguez.

Não só nas Laranjeiras. O palacio da rua do Alecrim, que este Conde em 1822, sendo um rapaz muito novo, melhorou bastante, sob a direcção do architecto Hilbradt (1), era praso-dado de toda a gente notavel e conhecida.

Apaixonado pela arte scenica, geriu o Conde do Farrobo algum tempo, como uma distracção mundana, o Real Theatro de S. Carlos; e a bizarria com que ali montou operas novas e danças de grande espectaculo, correndo tudo por conta do seu bolsinho, ficou lembrada.

Os seus numerosos creados eram mandados ensinar a tocar algum instrumento; assim os afastava da taberna, assim os entretinha, assim lhes melhorava o coração em nome da Arte.

Pergunto: não são tudo isto serviços relevantes? Não ha n'este comportamento da vida inteira uma

---

(1) Asserção de Tinop.

intenção larga e civilisadora, uma grandeza desusada e principesca? Muito pode o attavismo.

*

Pois um escriptor moderno, que só de nome conhecêra o Conde do Farrobo, e só soube das suas festas pela tradição, que lhe chegou sabe Deus como, não hesitou em chamar, de passagem, com ar despresativo, á quinta e ao theatro das Laranjeiras *um eden de mercieiro rico.*

Haverá nas litteraturas de todos os seculos expressão menos verdadeira? mais ingrata? mais injusta? O que a desculpa é isto só: não foi filha da má fé; nasceu da supina ignorancia.

Mercieiro singular aquelle, que no seu *eden* deslumbrava o corpo diplomatico das nações mais ricas e exigentes!

Notavel mercieiro, com cujo sangue se ufanavam de estabelecer allianças as casas mais illustres, como a dos Condes de Lumiares, a dos Condes de Cunha, a dos Marquezes da Ribeira, a dos Condes de Pombeiro e Marquezes de Bellas, a dos Duques de Saldanha, e outras!

Apreciavel e attractivo mercieiro, a cujas festas se presavam de concorrer outros mercieiros chamados os Reis e os Principes!

Mercieiro apreciador do Bello, em cuja presença tocaram e cantaram, convocados por elle, os primeiros artistas da Europa!

Mercieiro muito fora do commum, singularissimo mercieiro, este artista de alma, para quem era um

praser cheio de finura christan, realmente commovedora, despir o manto de arminhos de Par do Reino, e ir sentar-se entre os seus servos, educados e ensinados por elle, executando em orchestra composições de difficil desempenho, e sacrificando nobremente nas aras da Arte. Esta democracia de um Conde, Alcaide-mór, Gran-Cruz, e Par do Reino, contrasta bastante com a do *liberal,* que vê na palavra *mercieiro* um apódo, uma pungente ironia.

Confessemos bem alto a verdade: nunca houve mercieiro mais fidalgo, mais benefico, mais rasgado.

Perdoemos, porém, aquella apreciação leviana, que nem de longe pode offender a memoria do Conde do Farrobo.

*

Não a offendeu, e em nenhum dos pormenores a abalou. Occupava, e deve continuar a occupar, na historia do seu tempo, largo espaço este Conde, cujo apurado gosto, cujos sentimentos beneficos, cuja alta generosidade, cujo enthusiasmo communicativo, e cuja opulencia, eram e ficaram proverbiaes. Se bem me fosse impossivel traçar o quadro completo de tudo isso, preciso (repito) resistir á tentação de o esboçar sequer.

Para as gerações novissimas o nome do Conde do Farrobo traz em si os vagos sons de uma orchestra que vai passando. Para nós outros, rapazes ha quarenta annos, para nós outros, os veteranos quasi reformados, dizer Conde do Farrobo é dizer arte, bizarria, magnanimidade, dedicação.

*

Entrevê-se nas suas salas aquella figura perspicaz e caracteristica, recebendo os convidados, tendo para cada qual uma phrase agradavel, e só ambicionando uma coisa: encarregar-se da felicidade d'elles por umas horas. Entrevê-se a alegria d'aquelles olhos quando via coroados de gloria nas Academias de Italia e de Allemanha os estudantes seus pupillos. Entrevê-se, subindo a rua do Alecrim, a caminho do Chiado, com destino á Alhandra, o prestito dos seus palafreneiros, dos seus caçadores, dos seus trombeteiros, precedendo as matilhas e as carroagens, quando elle sahia, nos seus aureos dias, para as memoraveis corridas ás lebres no Riba-Tejo. Entrevê-se a alegria d'esse homem raro, quando uma vez esvasiou o seu cofre e salvou um Reino.

E confrange-se o coração quando se pensa no final de tantas glorias! Os bailes, a caridade, a protecção aos artistas, o incitamento ás industrias, toda aquella dedicação, toda aquella estrondosa elegancia... feneceram tristemente n'esse mesmo palacio, com a morte silenciosa d'aquelle homem arruinado e esquecido, a quem o paiz pagou tão mal os seus rasgos fidalguescos!

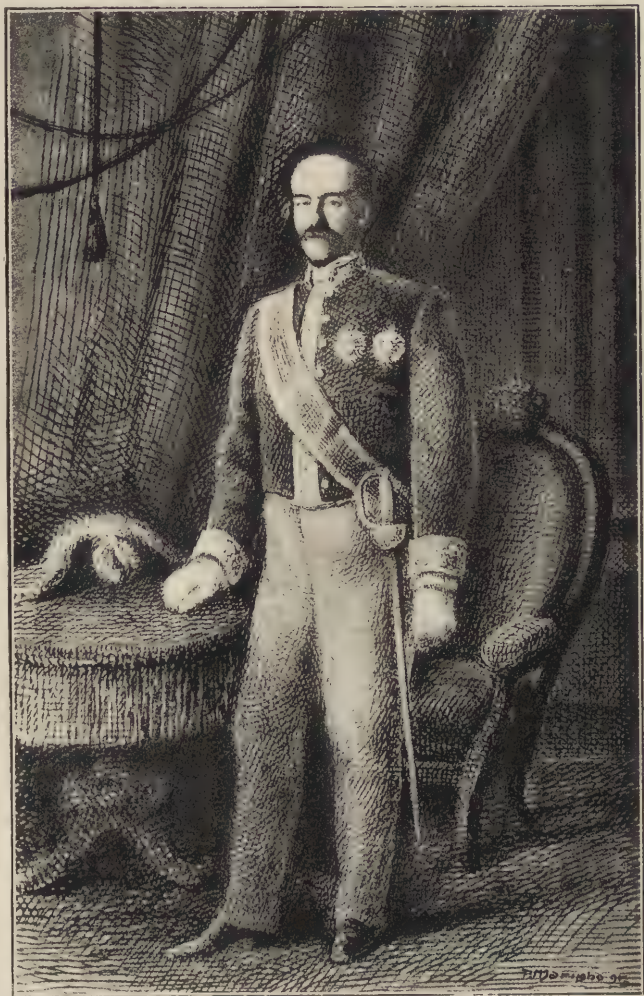
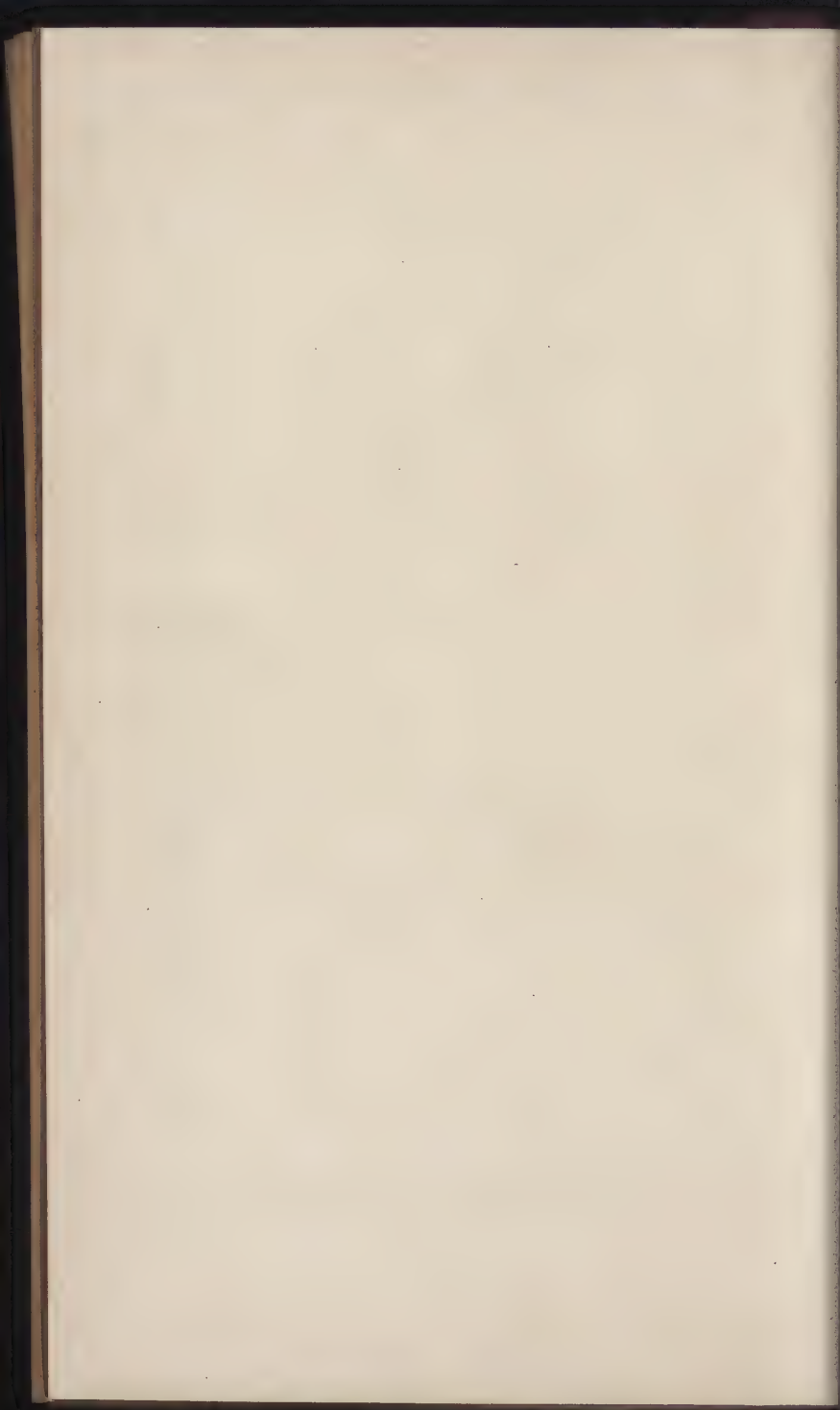
....

*

Tive ainda a honra de conhecer pessoalmente o Conde do Farrobo, e assisti ás duas ultimas festas

que deu nas Laranjeiras em 1862; pouco depois ardia o theatro. No palacio da rua *do Alecrim* nunca entrei; não sei o que ahi fizeram dois mestres, Cinatti e Fonseca; não conheço a disposição dos salões; nunca passei da escada quando ahi fui deixar bilhetes. Não sou portanto competente para as descripções que o leitor desejaria.

O sr. Mendes Monteiro comprou haverá talvez uns vinte e cinco annos o palacio, um dos ultimos restos do espolio fabuloso dos Quintellas; d'elle passou para seu filho o sr. Carvalho Monteiro.

. . . .

O 1.º Conde do Farrobo

CAPITULO XV

Agora uma rapida vista de olhos aos arredores: Confesso que a tentação é grande de ir seguindo a um lado, a outro; tinha tanto que dizer! os massos de apontamentos chamam por mim com tanta insistencia!... Mas, por Deus! o meu titulo é o BAIRRO ALTO; e Quintiliano (o meu saudoso mestre, digo eu com Plinio o moço) preceitua que nunca um auctor perca de vista, como norte, o titulo da sua obra.

Emfim, duas palavras a fugir.

*

A travessa *do Secretario de Guerra*, chrismada barbaramente em rua *Nova da Trindade*, ella que tão *velha* era, ella que precedeu seculos a sua invasora, a travessa *do Secretario de Guerra* tirava nome do palacio dos Cunhas, Secretarios hereditarios do Conselho de Guerra; o palacio d'elles era no sitio do nosso theatro do Gymnasio, e ainda tem, como amostra, tres sacadas para a banda do sul,

sobre tres janellas de peitos na sobreloja, mesmo defronte da actual travessa *das Portas de Santa Catherina*. Este palacio tinha ermida, da invocação da Madre de Deus, com pinturas de Feliciano de Al meida (seculo XVII) segundo opinava Cyrillo, e de Antonio Machado Sapeiro. Fica contiguo pelas costas com a egreja do Loreto, e foi o incendio do palacio, que em 1755 se communicou áquella parochial.

Fallecido o Secretario de Guerra, João Pereira da Cunha Ferraz, foi este importante officio doado em 12 de Maio de 1746 a Pedro de Mello de Ataíde, Fidalgo da Casa Real.

Aquelles Cunhas foram antepassados do meu fallecido amigo o sr. Antonio Pereira da Cunha, pae do talentoso e mallogrado Sebastião Pereira da Cunha, e avô de Antonio e Sebastião, a quem dedico affecto cimentado pelo tempo.

Eis aqui a genealogia:

*

No logar de Lizouros, freguesia de Coura, Arcebispado de Braga, viviam no seculo XVI dois irmãos, gente honrada e velha, d'ali mesmo naturaes como seus progenitores:

1 — *Balthazar Pereira*, com quem se continua.

1 — *Duarte Pereira*, Capellão do Duque de Bragança D. Theodosio, e Abbade de Covas do Barroso.

1 — BALTHAZAR PEREIRA casou com Maria da Cunha, filha de Francisco da Cunha e de Maria Mendes; tiveram:

2 — *Antonio Pereira da Cunha,* com quem se continua;

2 — *Thomaz Pereira,* que foi para a India, e lá casou.

2 — *Francisco Pereira da Cunha,* Capellão do doutissimo Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha, e Abbade de Santa Eulalia de Sande em Regalados.

2 — *João Pereira.*

2 — *Maria Pereira da Cunha,* mulher de Sebastião da Cunha Barbosa, Sargento mór de Ordenanças em Vianna, com quem logo se continuará.

2 — *Isabel Pereira,* mulher de Francisco de Caldas de Sousa (ou de Caldas de Andrade).

2 — ANTONIO PEREIRA DA CUNHA esteve em seus primeiros annos em casa de Mecia Pereira, mulher de Diogo Ferraz, de Ponte do Lima, irmão do Dr. Balthazar Ferraz, sogro de D. Gastão Coutinho; e sendo maior passou a Madrid, onde chegou a ser Official maior de Francisco de Lucena, Secretario de Estado. Era em Madrid agente do Duque de Bragança D. João, depois Rei, e vindo dar-lhe conta dos seus negocios achava-se em Villa Viçosa quando se deu a acclamação de 1640. Acompanhou el-Rei para Lisboa, foi seu Secretario do Conselho de Guerra, Fidalgo da Casa Real, Commendador de Santiago de Pias na Ordem de Christo. Casou em Madrid com D. Bernarda de Araujo Freire filha de Gonçalo Rodrigues de Araujo, natural de Ponte da Barca, e de D. Ignez Freire natural de Madrid; tivéram:

3 — *Francisco Pereira da Cunha,* com quem se continua.

3 — *Frei Lucas,* Graciano.

3 — *Antonio Pereira da Cunha,* com quem logo se continuará.

3 — *D. Ignez Maria da Cunha* mulher de Miguel Ferraz Bravo, natural do Porto, Capitão da Torre de Belem, o qual era irmão de Diogo Ferraz Bravo, que serviu de Secretario de Guerra na menoridade de Francisco Pereira da Cunha que segue; filhos ambos estes Ferrazes de Martim Ferraz de Almeida, que viveu no Porto, Fidalgo da Casa Real por mercê d'el-Rei D. Filippe IV; netos de Miguel Ferraz; bisnetos de Martim Ferraz; terceiros netos de Gonçalo Gomes Ferraz, que viveu em Aveiro, e é o tronco d'estes Ferrazes, a quem os linhagistas chamam *de Aveiro.*

3 — Francisco Pereira da Cunha succedeu na casa de seu pae, teve a mesma Commenda, e foi tambem Secretario de Guerra. Casou com D. Brites de Sousa, filha de Henrique de Mello da Azambuja, e de D. Maria de Sousa, e morrendo elle sem geração, deixou a sua mulher tudo quanto poude; a viuva ainda vivia em Novembro de 1694.

3 — Antonio Pereira da Cunha, irmão do antecedente, esteve estudando em Coimbra, mas deixou a Universidade e foi servir na guerra contra os Castelhanos, no Além Tejo, ficando prisioneiro n'uma batalha. Foi Capitão de cavallos em Estremoz; e depois da paz, tendo fallecido seu irmão primogenito, seguiu para Lisboa, onde el-Rei D. Pedro II lhe fez mercê do officio de Secretario de

Guerra, que pertencêra ao dito seu irmão. Morreu sem herdeiros; pelo que, a linha da successão foi procurar na geração anterior a citada D. Maria Pereira da Cunha.

2 — D. MARIA PEREIRA DA CUNHA casou em 1637 com Sebastião da Cunha Barbosa, Capitão de Infanteria, Sargento mór de Auxiliares de Vianna do Minho, e Cavalleiro da Ordem de Christo, filho de Gaspar Barbosa de Caldas, e de sua mulher D. Juliana da Cunha. Tiveram filho:

3 — ANTONIO PEREIRA DA CUNHA, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real por alvará de 20 de Agosto de 1703, Cavalleiro na Ordem de Christo, Governador de Caminha, Mestre de campo de Auxiliares, o qual reedificou a torre de Cunha em Paredes de Coura, e foi casado em 2.^{as} nupcias com D. Maria de Castro Pitta (dos Pittas de Caminha), de quem teve, entre outros filhos:

4 — SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA E CASTRO, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Capitão de cavallos, e Mestre de campo dos Auxiliares de Coura. Em 1735 tomou posse judicial da torre de Cunha, em Coura; tendo casado com D. Rosa Theresa Lobo Sotto-mayor. Tiveram filho:

5 — ANTONIO IGNACIO PEREIRA DA CUNHA E CASTRO, natural de Vianna, Fidalgo da Casa Real, por alvará de 29 de Julho de 1724, Capitão mór de Coura, e senhor dos morgados de sua casa. Casou com D. Maria Joanna de Mello Pereira de Sampayo, e falleceu em 1791, deixando, além de outros filhos:

6 — SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA E CASTRO, Fidalgo da Casa Real, Coronel de Milicias de Vianna, e na guerra peninsular Commandante de um batalhão. Foi senhor da torre de Cunha, e dos morgados dos Lobos de Vianna. Casou com D. Anna Augusta d'Agorreta Pereira de Miranda, de quem nasceu

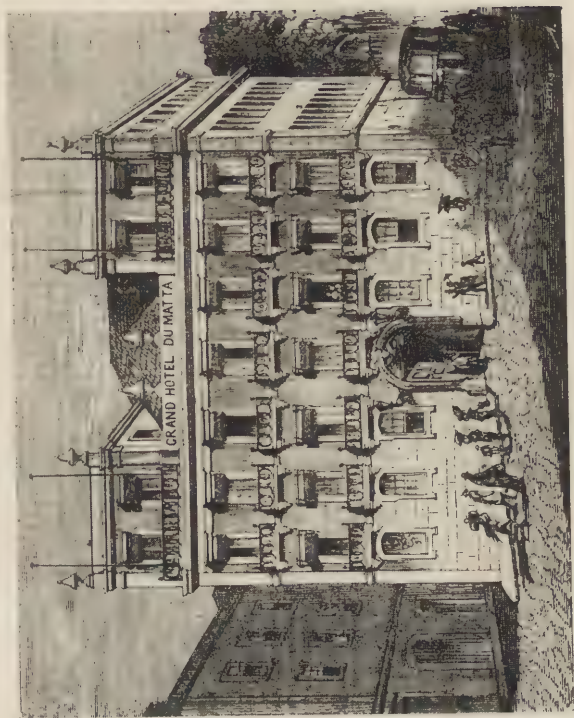
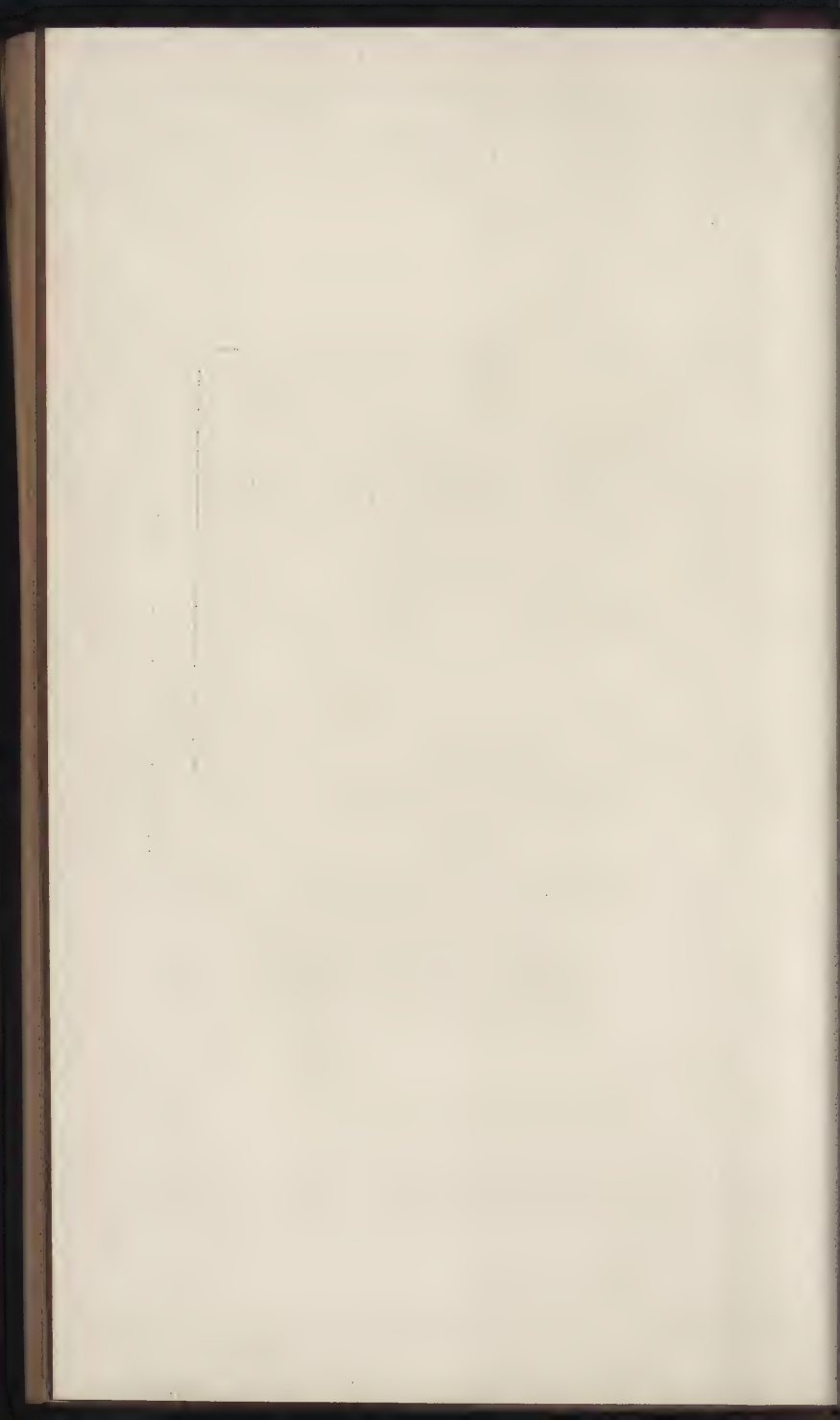
7 — *Antonio Pereira da Cunha,* com quem se continua.

7 — *D. Maria Augusta Pereira da Cunha.*

7 — ANTONIO PEREIRA DA CUNHA nascido em 9 de Abril de 1819 na freguesia de Nossa Senhora de Monserrate de Vianna, Fidalgo da Casa Real por alvará de 4 de Fevereiro de 1825, *senhor do paço e torre do solar de Cunha* (como elle proprio se assignou), Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Deputado ás Côrtes em 1856 e 1862, poeta e prosador de elevado merito, honradissimo homem, ornamento do partido miguelista. Casou a 26 de Abril de 1848 com D. Maria Anna Machado de Castello-branco Corrêa e Cunha de Vasconcellos e Sousa, filha dos 1.^{os} Condes da Figueira. Tiveram:

8 — *Sebastião Pereira da Cunha e Castro,* com quem se continua.

8 — *D. Maria Amalia Pereira da Cunha,* mulher de Manuel Paes de Sande e Castro; com geração.

8 — *D. Anna Pereira da Cunha;* casou 1.^{a} vez com José de Lima Caupers, de quem enviuvou, não ficando filhos; passou a 2.^{as} nupcias com José Barreto de Meneses; com geração.

PALACIO PINTO BASTO AO LORETO)

8 — SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA E CASTRO nasceu a 9 de Fevereiro de 1850, e casou em 1869 com D. Maria Amalia de Almada, sua prima-irman, filha dos 3.os Condes de Almada. Tiveram:

9 — *D. Maria Rita Pereira da Cunha.*

9 — *Antonio Pereira da Cunha Lobo de Castro.*

9 — *D. Maria da Conceição Pereira da Cunha.*

9 — *Sebastião Pereira da Cunha.*

*

O palacio situado entre as ruas *do Thesoiro velho* (ou rua *Velha do Thesoiro*), e a *do Oiteiro*, chrismadas ambas ha poucos annos, é celebre por ter sido edificação de José Ferreira Pinto Basto Junior, filho de um dos homens de mais incontestado merecimento como industrial arrojado e talentoso, José Ferreira Pinto Basto. A construcção não foi porém desde o alicerce; aproveitou-se um casarão antigo que ali se levantava. O edificador novo era tio materno dos nossos contemporaneos Eduardo Ferreira Pinto Basto, Theodoro, Carlos, Alberto, Augusto, e D. Isabel, actual Condessa do Calhariz de Bemfica pelo seu casamento com o 2.º Conde.

Abrir os jornaes de certo tempo, isto é de ha sessenta ou setenta annos, é encontrar muitas vezes menção da familia Pinto Basto, em quem de paes a filhos tem passado a honradez, e o intelligente amor do trabalho. A industria portugueza deve muitissimo a estes homens, cuja união de familia, e cujo empenho de beneficiar o publico, são proverbiaes.

Faltam-me elementos para estabelecer a lista, embora succinta, dos varios inquelinos que tem tido o palacio do Loreto. Sei que no principio do seculo XIX lá habitava o malcreadissimo João Lannes, depois Duque de Montebello, Ministro plenipotenciario da Republica Franceza junto ao Principe Regente de Portugal. Em Agosto e Setembro de 1802 fazia-se leilão da sua magnifica mobilia (1).

Ahi foram os celebrados bailes chamados *da Peninsula* e por 1840 ahi esteve o Hotel Peninsular.

Ahi foi o Hotel de Italia; e já parece que estava em 1844, quando ahi residiu o Enviado de S. M. o Sultão de Constantinopla Fuad Effendi em Outubro d'esse anno (2). Ahi morou tambem de passagem n'esse hotel o grande poeta castelhano D. Francisco Martinez de la Rosa em 1852. Ahi esteve installado o Ministerio do Reino em 1860 e tantos, o hotel Matta em 1889, e tambem a séde da Companhia do caminho de ferro da Beira-alta.

Este bello predio foi ha annos vendido pelo sr. Reynaldo Ferreira Pinto ao Commendador Nunes Teixeira, que em praça se bateu com outros licitantes, Mendes Monteiro e Manuel Antonio de Seixas, abastados capitalistas.

Os herdeiros do dito Commendador Teixeira venderam a casa em principios de Julho de 1902 por 80 contos de réis á sr.ª Viscondessa de Valmor, viuva.

---

(1) *Gazeta de Lisboa* — n.º 35, de 31 de Agosto de 1802.
(2) *Rev. Univ. Lisb.* — T. IV, pag. 180.

*

Com a residencia ahi da Legação da França usurpadora, com a estada de varios hoteis, onde se albergaram notabilidades, com o esplendor dos bailes que ahi celebraram varias Assemblêas, tornou-se este palacio um dos pontos mais brilhantes da sociabilidade em Lisboa. Isso me obriga a uma digressão nos capitulos seguintes, sobre a vida elegante e alegre da antiga Capital.

CAPITULO XVI

A historia da sociabilidade e dos usos e trajos mundanos em Lisboa, a chronica minuciosa dos divertimentos e das modas nas classes elevadas, e nas infimas, seria assumpto para volumes, se se tivessem conservado materiaes authenticos; mas essas coisas, de si leves e fugidias, desapparecem; depois de arderem e perfumarem, como o beijoim, não deixam resíduo. Ainda assim, os farrapos descosidos, que das antigas elegancias nos restam, são riquissimos; eu porém não tenho pulso para os manusear e classificar.

Em todo o caso, peço licença aos meus leitores para os acompanhar n'uma digressão pela minha feira da ladra, sem comtudo saber ainda se os levarei longe.

*

Dos tempos mais remotos pouco alcanço. Haviam de ser muito grosseiras as praticas e as conversa-

ções d'aquelles valentões emproados, d'aquelles traga-moiros, cuja vida passava na guerra, e cujo alimento era sangue. Deslizarei n'um relance por sobre os primeiros reinados, cujos usos sociaes tentei esboçar n'outro livro, e chegarei aos fins do seculo xv. A observação nada despréza; tudo lhe serve; tudo lhe diz alguma coisa; e para estudar o viver urbano de nossos maiores, até as ementas dos artigos de vestuario e fazendas nos dão luz.

N'um alvará d'el-Rei D. Manuel sobre sizas, de 16 de Dezembro de 1499 (1) ha nomes de antigas fazendas, de todo desapparecidas do commercio, e outras conhecidas; vejo, por exemplo, *brocados* (telas de seda entretecida de oiro, como se usam nos frontaes de altar, cortinas de egreja, e outros paramentos), *sedas* de toda a sorte, *chamalotes* (ou chamelotes, sedas ondeadas), *solías* (fazendas de lan), *sarjas* (tecidos de lan e seda), *hustedas* e *hustedilhas* (fazendas de lan), *estamenhas* (idem), *fustões* de toda a sorte (lençaria de linho tecida de cordão), *três, hollão,* (panos de algodão), e *hollandas;* e vejo citadas varias confecções, ou objectos de uso, como *toucas* de mulher, *cocédras* (cobertores acolchoados, como os nossos antigos *godrins,* ou modernos e estrangeirados *édredons), reposteiros, mantas bancaes* (como quem hoje dissesse panos de meza ou panos de banca), *toalhas, alcatifas, tape-*

(1) Tenho-o a pag. 274 do 1.º volume da obra intitulada *Systema ou collecção dos Regimentos Reaes,* por José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Soisa (sic).

tes, mantas, bedens (capas grandes á moda moirisca), e *lenços* (1).

Tão variados artigos de *marçaria*, com procedencias tambem varias, deviam mais ou menos usar-se cá e em toda a parte; e é não menos evidente que, no seu todo e nos seus pormenores, as diversões sociaes das altas camadas eram em Portugal (pelo menos em Lisboa) o que fossem lá fora; no publico é que residia a individualidade, o caracteristico, apreciado dos forasteiros.

«Deleita-se o povo lisbonense — diz certo auctor no ultimo quartel do seculo XVI — com musica e aprestos musicaes, e até com o tinído de não sei que instrumentos baratos, e com o estrallar dos dedos. Quem mais se torna notavel n'isso é a escravaria, que ao estrépito dos seus tamborís dança nas ruas.

. . . .

«Gosta muito d'isto a gente baixa, cujas mulheres não podem sempre ensinar aos filhos as danças moiriscas e castelhanas, com certos estalos de dedos e certos requebros, que a Strabão não passaram despercebidos. Os mais apurados usam guitarra. Pandeiros, harpa, alaude, espinheta, tudo isso é conhecido, mas não vulgar (2).»

---

(1) Essas varias interpretações de termos antigos são quasi todas pescadas em Moraes; nunca me enfeito com alheias galas.

(2) "Il (le peuple de Lisbonne) se délecte bien fort au reste des instrumens musicaux et de la musique, mesme au cliquetis de ne sçay quels instrumens de petit pris, et au battement des doigtz; mais signamment les serfs qui font à ceste note,

*

Pintar a vida intima, as scenas de interior domestico, dos quinhentistas, e as diversões polidas com que se distrahiam nas cidades grandes, é difficillimo. A liberdade (ás vezes bem pouco decente) das relações dos dois sexos, no seculo xv, deprehende-se de muitos passos do *Cancioneiro* de Rezende; mas é provavel que no reinado austéro de um D. João III, e nos subsequentes, tudo isso se modificasse.

Pouquissimo nos legaram d'esses pormenores interessantes os escriptores do periodo *aureo* das nossas Lettras; e o que nos mandaram, em fugazes descripções, chega-nos quasi sempre a travez dos claustros. E' principalmente nas narrativas dos chronistas monasticos que podemos achar algumas luzes do viver cidadão. Singular coisa, não é assim? e verdadeira. Soror Maria do Baptista escreve atraz das grades do mosteiro do Salvador, mas olha para

---

et au son de leur tambourinet en losenge, leurs danses publicques, esquelles ils s'eschauffent de sorte, qu'il en revient souvent quelque fruict au maistre de la serve, *partus enim sequitur ventrem*. Si est-ce que la chose plaist bien au commun de Lisbonne, où les femmelettes se trouvent souvent empeschées à apprendre leurs petits enfans à danser à la morisque ou à la castillane, avec certains cliquetis des doigts et agitation des jarretz, remarquée, par adventure, anciennement par Strabon. Les plus polis se servent de la guitere: le cistre, la harpe, le luth, l'espinette, et les orgues, leurs sont congneuz, bien que non si communément.»

Boletim de bibliographia por Annibal Fernandes Thomaz — T. 1 pag. 167 — Philippe de Caverel — *Ambassade en Espagne et en Portugal de... D. Jean Sarrazin* — 1582.

o mundo; Frei Luiz de Sousa escreve em Bemfica, mas lembra-se d'elle; Frei Belchior de Sant'Anna, Frei João do Sacramento, escrevem na sua cella, mas ante os seus olhos desliza esta ou aquella personagem, que traz em si mesma as bafagens do palacio e das ruas.

Comtudo, as observações d'esses e outros litteratos claustraes veem tão impregnadas de mysticismo, roçam tanto ao de leve por certas materias, para elles talvez pouco interessantes, em parte desconhecidas, ou, por muito comesinhas, reputadas indignas de nota, que pouco servem á curiosidade insaciavel dos nossos dias.

Quando lemos nas chronicas monasticas a biographia d'este ou aquelle Frade, outr'ora cavalleiro e pelejador, d'esta ou aquella senhora convertida ás austeridades do cilicio, topâmos, n'uma ou outra phrase, algum traço verdadeiro, que nos serve, e nos encanta; mas é tão pouco! Mais e melhor nos dizem os romances de cavallarias, as farças de Ribeiro Chiado, Gil Vicente e Antonio Prestes, o poeta Fonseca Soares (antes de ser Frei Antonio das Chagas), e, em tempos mais modernos, os engraçados palradores do *Anatomico jocoso,* e os rabiscadores de folhetos de cordel; mas quasi sempre pintam caricaturas, e não retratos a serio.

Faltam-nos *Memorias,* faltam-nos esses auxiliares palreiros e despretenciosos dos que se deleitam em narrar a sua vida. Somos n'isso a nação menos bem provida, ou mais desgraçadamente falha.

Diz M.me George Sand algures ser frequente ouvir esta phrase:

— Oh! se eu contasse a minha vida! que romance commovedor!

Nada mais certo: a biographia exacta e artistica de um maritimo da Bica de Duarte Bello, ou de um actor de circo, encerra mundos de sentimento, de tristeza, de alegria, e de ensino para todos, tanto como a vida do mais dedicado asceta, ou a do mais illustre homem de pensamento.

Faltam-nos *Memorias* intimas de uns e de outros, falta-nos, de todo, esse genero litterario. Os antigos prosadores e poetas julgaram a baixo da dignidade da penna de pato o descreverem-nos a forma das recepções, o viver domestico, os serões de familia, as scenas de abaladas para longe, as passeatas ao campo, ou um dia de compras na rua Nova.

*

No trato a sociedade portugueza foi sempre das mais polidas, e é quasi sempre das mais benevolas. O que se diz, o que se alardeia em comprimentos e protestos, corresponde a maior parte das vezes ao sentir do coração. Nem sempre (é clarissimo); ha casos, em que a hypocrisia da urbanidade excede o que chamamos *francezia;* é um verdadeiro horror, que ennoja as pessoas sinceras; mas esses casos não são regra.

O celebre Feijóo, o alto pensador do *Theatro critico,* livro velho onde acho sempre novidades, escreveu no assumpto da *Verdadeira e falsa urbanidade* boa doutrina; e deixou cahir a nosso respeito um engraçado remoque; por onde se prova o conceito

de mellifluos em que nos tinham nossos irmãos peninsulares. Segundo esse douto Abbade Benedictino, a urbanidade requintada desfecha em *zalameria,* isto é, em palavreado ouco, á maneira da *salema* dos Musulmanos. (Bluteau que diga o que é *salema).*

«Salema — nos responde o immortal Diccionarista — palavra turquesca, derivada das palavras com que costumam os Turcos saudar-se quando se topam: *Ala hyi Zalemaq,* que valem o mesmo que Deus vos salve.»

Voltemos da Turquia á Côrte de Lisboa.

*

Muito, e optimo, nos poderia ter deixado Pero de Andrade Caminha em descripções de usos do seu tempo, em narrações de festas de Côrte, em bosquejados retratos de gente illustre; mas nada fez, elle que vivia na sociedade mais culta e fidalga, e tinha uma lyra tal qual á sua disposição. Imita o seu amigo Antonio Ferreira, dirige louvores e louvaminhas aos seus Soberanos, extasia-se perante o Sá de Miranda, esculpe epitaphios, e desentranha-se em galanteios á sua Filis, *formosa, formosissima, modestissima, valorosissima;* tudo inoffensivo, mas banal a mais não poder ser.

Apenas n'um sitio ou outro, a medo talvez, deixa transparecer algum traço de verdade contemporanea, como n'um Epigramma, *Ouvindo cantar uma rara formosura;* mas não desce a pormenores, não nos diz quem era a formosura, nem como se acompanhava, nem onde era isso.

Uma vez convidaram-n-o para um festim, e elle, commedido de costumes e maneiras, admira-se do que vê:

> Não vi tanto comer nem beber tanto,
> como n'este banquete festejado;
> podéra aos costumados dar espanto,
> quanto mais a quem come tão regrado!
> ....

Outra vez, alludindo a certo jantar de ceremonia, a que assistiu, dirige-se ao amphitrião, e deixa-nos entrever algumas minucias culinarias interessantes, a variedade dos guizados, dos doces, das frutas, dos vinhos, e até os gelados á moderna; e diz elle:

> Convidaste-me a mim, e aos que quizeste;
> fomos com gran largueza agazalhados;
> mil varias aves, varias carnes déste,
> varias doçuras, frutas, e guizados;
> para uns vinho excellente ali tiveste;
> outros foram de neve refrescados.

Pouco mais se poderá respigar d'este genero de coisas por aquelle oceano de pesadas bagatellas. Grande lastima, repito.

A João de Barros, a Miranda, a Ferreira, não se podiam exigir as observações e descripções minusculas de usos que nos seria hoje tão agradavel conhecer; mas Andrade Caminha, que era um cortesão, um mundano de certo engenho, um almiscarado da era de quinhentos, devia, desde que pegou na penna para escrever, deixar-nos mais subsidios. Envolvido na onda das diversões da populosa Lisboa, não per-

cebe quanto nos interessariam mil nadas dos antigos costumes; olha, quasi com inveja, para o remanço do Minho, onde na quinta da Tapada o Mestre presidia de longe á faina litteraria:

> Ah! prudente Francisco, desprezaste
> sempre as cidades vans,
> cheias de maus enganos, vãos negocios;
> louvas teu doce Neiva, as aguas sans
> da tua fonte, as fruitas que plantaste,
> ás aves que ouves, os teus santos ocios.

E' grande pena, repetil-o-hei sempre, que o Andrade Caminha por exemplo, que estava (como se diz vulgarmente) com a faca e o queijo na mão, nos não descrevesse um sarau na Ribeira, ou um jantar em casa do Infante D. Duarte.

Sempre o desprezo da vida real, e o seu disfarce em linhas classicas! Sempre a pintura vaga, que tanto podia convír á civilisação da nossa terra, como á das outras! Nenhum traço caracteristico dos usos peculiares portuguezes!

Se elle tivesse querido, ou se esse modo de observar fosse costume da sua litteratura, havia de ter achado na memoria muitos *typos* curiosos da Côrte velha, que hoje seriam verdadeiros mimos para nós. Bastava que desenhasse a *morte-còr* algumas das Damas do Paço, suas conhecidas, com as suas gorjeiras de caça e os seus vestidos de brocado, para nos legar preciosas joias artisticas e historicas.

No tempo d'elle o *galante*, o moço-fidalgo madrigalesco, mariposa de palacio (como disse Castilho

Doutor Francisco de Sá de Miranda

algures), era certamente para vêr e ouvir. Os seus ademanes, o seu tabardinho curto, o seu *curto pellotinho,* os seus *golpinhos,* o seu pisar miudo e cau-

Mancebo nobre quinhentista em trajo de Côrte

teloso, e o manso e aflautado do seu falar, tudo eram poemas de ninharia, que não passaram despercebidos a Garcia de Resende, e pintam uma epoca.

*

Havia n'esse tempo as chamadas danças altas, que hoje dizemos *puladas,* e as baixas, que para nós

são *passeadas*. Entre as do primeiro grupo figurava o *tordião*, vindo de França, e lá denominado *tordion*, ou *tourdion*, dançado a tres tempos, com muitos passos e ademanes. Caminha certamente o pulou com as suas illustres collegas da Côrte; mas nunca allude a elle, porque essas coisas eram reputadas vulgaridades pouco para se escreverem em poesias que falavam de Pallas, Jupiter, e Saturno.

*

Outro auctor, contemporaneo do Caminha, nos poderia ter dado boas noticias; e deu-as, até certo ponto, mas tão embuçadas em convencionalismos romanticos, que mal podemos hoje acceital-as na sua valia verdadeira. Refiro-me ao imaginoso Francisco de Moraes na sua interessantissima *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*.

Um *serão de sala* nos descreve elle (1), em que a Infanta Polinarda e as damas todas se vestiam com grande riqueza, assim como os cavalleiros. Sentou-se cada um d'elles junto da dama a quem mais queria; e em alegres conversações passaram todos boa parte da noite.

No dia seguinte, depois de toda a Côrte assistir á Missa solemne, passou-se ao jantar. Os homens trouxeram as senhoras pela mão, e sentaram-se onde mais lhes agradou. Se isto representa ao certo etiquetas palacianas, differe um tanto do que usâmos; as senhoras vão pelo braço, e não pela mão, dos ho-

(1) Parte I, cap. XXVI.

mens; e os logares nos banquetes de apparato acham-se de antemão destinados segundo as cathegorias.

Tornando a narrar um festim, diz-nos n'outra parte o mesmo escriptor (1), que ahi se viu ordenança differente da que então se costumava, porque, em vez de se sentarem os homens em meza diversa da das senhoras, todos comeram misturados, em promiscuidade.

Pouco valem como *historia* estas minucias; comtudo não as quiz omittir.

*

Alludi ainda agora aos chronistas monasticos como boas testemunhas. Os inventarios de trajos e joias tambem indirectamente são adminículos, e mais as chronicas Reaes, ainda que estas só se referem (e de passagem) a alguma festa de bodas ou recepção nos paços dos Soberanos. Da nobreza e das altas classes medias, só os monges nos deixaram quadros, que, apesar de empoeirados e *crescidos* (termo de pintor), são muito para consulta.

*

Aqui me occorre agora o desenho descriptivo de um interior de familia nobre nos fins do seculo XVI. Querem vêr?

D. Angela de Noronha, mulher do Mestre-sala da Rainha D. Luisa, era irman da virtuosa Freira Car-

---

(1) Parte II, cap. CLII.

melita descalça de Santo Alberto, Soror Maria de S. José; e escreveu de sua santa irman algumas memorias, que entram como provas documentaes na Chronica dos Carmelitas (1).

Eram D. Angela e Soror Maria filhas de Luiz Lopes Lobo, cuja varonia era Alvito, e de D. Ignez de Sousa. Nasceu Maria em 1586, professou em 1605, e falleceu em 1625. Da sua vida religiosa não tratarei; é um compendio de virtudes, exaltações, sobresaltos de escrupulo, assombros de dedicação e amor do proximo. Aqui só quero mostral-a tal como era em pequenina, na casa de seus paes, em Setubal; alvorecendo para o mysticismo; illudindo as vigilancias; quebrando a obediencia filial, com o fito em mortificações precóces; comendo no mesmo prato com sua irman á meza materna, mas dando, muito disfarçada, quasi todo o seu quinhão a uma creança que ali tem de pé atraz da sua cadeira; erguendo-se de manhan cedissimo, logo que tangia a campa do proximo convento; entrajando de Carmelita o menino seu protegido pobre; trocando a casa de estrado pelo oratorio horas a fio; preferindo aos trajos ricos, e graciosos toucados da moda, um simples vestido de raxa alionada e toalha sem gomma, como as moças de serviço; sendo a carinhosa enfermeira dos de casa, sem repugnancias, sem cançasso; e por fim, vencidas as opposições maternas, penetrando a subitas, e por piedosa fraude, na clausura de Santo Alberto das Janellas-verdes, em Lisboa.

Estas austeridades excepcionaes mostram-nos,

---

(1) T. 1, pag. 664, 666, 674.

como reverso da medalha, o viver das classes elevadas. Se tudo isso se notava em casa, se tudo se combatia, era por não ser habitual. A senhora portugueza era muito devota, mas nem sempre tomava o caminho da porta-falsa do mosteiro.

A relação de D. Angela de Noronha dá-nos pouco, mas alguma coisa nos dá. Não entrevemos sequer o chefe da casa, não, mas lobrigamos alguns pormenores caseiros: o costume antiquado de comerem no mesmo prato, por familiaridade, por intimidade, que motivou um proverbio ainda hoje vivo; a maneira simples do trajar das servas; as aspirações mundanas das familias mais austéras; a casa de estrado, ou sala de visitas (como talvez se dissesse hoje); a influencia monachal, que até ao vestido das creanças se estendia; e outros nadas, que, pela suggestão, são muito para quem os sabe vêr ao microscopio.

A ideia religiosa tinha tanto poder, que até no Paço dominava, e se enroscava nos usos cortesãos. Haja vista aquella Dama da Rainha D. Catherina, que ouvindo ler a vida e acções da gloriosa homonyma de sua Real Ama, Santa Catherina de Sena, se sentiu abalada da devoção de vestir o habito da Terceira Regra de S. Domingos, e para isso pediu á Rainha a necessaria licença; e a Rainha (diz o eminente chronista dos Dominicanos) «como senhora tão catholica lh'a deu graciosa e alegremente, ajuntando condição, que mais fez estimar o favor: que não fosse parte a differença do trajo, para deixar de a acompanhar, em todos os actos e tempos, como as mais Damas.»

Frei Luiz de Sousa não lhe põe o nome, mas declara tel-a visto muitas vezes, com o seu habito de Dominíca entre as donas e donzellas do sequito da Rainha (1).

*

Comtudo, a Lisboa Filippina não primava pelo luxo, pela convivencia; a politica dera cabo do que se usava uns quarenta annos atraz. Nem havia Côrte em Lisboa, nem os Grandes pensavam em recepções; os fieis esperavam, no silencio do desanimo, o advento de uma era nova; os que tinham abraçado a recente ordem de coisas, viviam longe, e mendigavam ao Castelhano titulos e commendas.

Os lisbonenses ricos vegetavam monotonamente, nas suas casas ou quintas; e em quanto não eram deportados para a Catalunha ou para os Brazís, a pelejar por el-Rei D. Filippe, exercitavam-se, mais ou menos, nos seus jogos favoritos.

*

Em quanto Lisboa jazia adormecida e maniatada, em quanto não soava o momento da nossa redempção politica, não creio se pensasse muito por cá em luxo e sociabilidade.

Caverel, observando sempre os usos de uma terra tão estranha aos seus olhos, diz que o geral do povo não se excedia, nem no custo nem nos feitios do trajar. Vestia-se geralmente um farragoulo lar-

---

(1) *Historia dos Dom.* — P. III. pag. 143

go, de pano de lan, ou de pano hollandez ou italiano, de lan e seda, ou droga semelhante, descido até á barriga da perna, e com isso se disfarçava o acanhado custo do pellote e das calças. Sobre isto um capote de analoga fazenda, mais comprido, envolvendo tudo. Notou o mesmo viajante maior desperdicio nas senhoras; essas usavam nos pés uns chapins, ou soccos elevados; pelo que, eram constrangidas a não poderem correr, e a caminhar vagarosamente, e muita vez com o auxilio de algum pagem, ou negro, ou do proprio marido; *desperdicio* que não chego a entender, porque o dito narrador confessa logo a diante, que todas trajavam com modestia, e appareciam meio veladas (1).

Popular lisbonense em trajo de rua

(1) Il (le peuple de Lisbonne) n'est pas excessif ni en prix ni en façon de son acoustrement, portant ordinairement quelque casaque assez longue de drap de baye, de frisette, ou de saye, et chose semblable, qui estant longue jusque aux jarretiers, couvre le petit prix des chausses et du pourpoint, le manteau d'estoffe pareille et plus de longueur couvrant le tout et mesme les brosquins dont ils usent ordinairement pour bas de chausses. Il y a plus de superfluité ès haults patins des femmes, de quoy leur est force de marcher gravement, et souvent avec appuy de quelque page ou nègre, ou bien de leurs maris mesme, au reste modestement accoustrées et a demy voylées.

Philippe de Caverel — citado.

CAPITULO XVII

Com a restauração da dynastia legitima, e a entrada d'el-Rei D. João IV, houve certamente uma expansão de sociabilidade. As alegrias de 1834 lembram muito as de 1641. Muita gente que estava em carceres, sahiu; muita que andava fugida, tornou para Lisboa; e os nossos enthusiasmos peninsulares tomaram largas bem licitas depois de sessenta annos de abjecta subserviencia.

*

Pouco sei d'essas folganças da Côrte e da aristocracia, a não ser o que já descrevi n'outros livros; mas encontro no que dizem, aqui, ali, antigos escriptores, preciosas minucias, que nos attestam o luxo do seculo XVII.

Francisco Rodrigues Lobo, descrevendo certa senhora n'uma novellasinha da *Côrte na aldeia,* pinta-a d'este modo:

«Sahiu ella do coche.......................... vestida de uma tela verde semeada de borboletas

de oiro, que lhe estava muito bem, porque dava graça á neve do seu rosto.................. Os olhos tão alegres, que parece que se vinham rindo das estrellas, como os cabellos o poderam fazer do sol, se elle já não estivera escondido de pura inveja. Sobre elles trazia uma rede de prata, cujos laços se rematavam com perlas á maneira de camarinhas; e da parte esquerda tres plumas altas, uma branca e duas encarnadas, prezas a um camapheu. Sobre os pensamentos das orelhas (1) rosas de flores (2) perfiladas de oiro, e pendurado em cada uma um Cupido, que quebrava o arco sobre um diamante. No pescoço uma volta pequena (3), com pontas de aljofares muito miudos, e uma gargantilha de uns passarinhos de oiro com os peitos esmeraldas. As creadas vestiam de setim amarello gualde, com guarnição de prata.»

Poderão objectar-me; essas pinturas são phantasia romantica. Certamente o são, mas calcadas sobre o que usava a sociedade alta em dias d'el-Rei D. Filippe III, e provavelmente d'el-Rei D. João IV.

*

Já durante a Regencia do Principe D. Pedro, em

(1) «Antigamente em Portugal eram umas arrecadas de uma verguinha de oiro, cujas pontas fechavam até o meio, entrando uma pela outra. Da delgadeza da obra deviam de tomar o nome.» — Bluteau — *Vocab.*

(2) Especie de laços de ourivezaria.

(3) «A tira de pano que cinge o pescoço pregada no cabeção do jubão.» — Bluteau — *Vocab.*

1668, se pensou muito a serio nas demasias do luxo, que esmagavam e amesquinhavam um Reino tão pequeno. Para os nossos costumes nacionaes, a invasão das modas da dissoluta França eram novidade, que fazia arripiar as carnes. Por varias vezes falou bem alto a pragmatica; eram os avisos do bom senso; mas a loucura publica parecia requintar.

Dez leis sumptuarias conheço dos Romanos; não seriam menos as nossas. Cito aqui as do regimen filippino; acho-as em 1609, 1610, 1611; continuam depois da restauração; tenho apontadas as de 1643, 1644, 1668, não falando nas que entraram por tempos mais modernos.

A pragmatica salvadora tendia no terceiro quartel do seculo XVII: a atalhar o escandalo dos trajos, tão desmedido, que tocava em deshonesto.

... «Os homens — diz um coevo — andavam enfeitados como mulheres, e as mulheres nuas como maganas»; e accrescenta: «O excesso facilitava o uso, vestindo o official e o mecanico tão custoso, que já se despresavam os chamalotes, e se tinha a seda por grosseria; e o peor era que as rendas de prata e oiro se viam onde não havia oiro para prata; e o deshonesto dos trajos rendia para os trajos deshonestos, sustentando-se o brio muito á custa da honra, com tal devassidão, que já se não reparava em faltarem as mulheres em serem honradas, com tanto que se avançasse a sahirem bem vestidas. Os que o pagavam, o pagavam do que não tinham; com o que, nem havia fazenda segura, nem honra estimada, tendo-se por gala o furto, e por bizarria o

deshonesto, crescendo ao passo das demasias humanas as offensas divinas.» (1)

Isso tudo é tal qual assim. Se as senhoras furtavam aos homens o uso de elevadas bengalas com ricos castões de prata e oiro, os homens vingavam-

Mancebo no rigor da moda no 3.º quartel do seculo XVII

se em trajar como mulheres, trazendo plumas, lacinhos, rendas de preço, pedras preciosas, bordados, cabellos soltos, borlas, fazendas vistosas, renques de botões grandes e pequenos, e tudo quanto pode constituir um trajo afeminado.

---

(1) Monstruosidades do tempo e da fortuna — pag. 44.

E lá iam elles pela rua, deslizando, que não andando, n'um saracoteado gracioso, que parecia o ondular de um barquinho velleiro; lá iam com o seu laço enorme de gravata, as rendas a cachoar do peito e dos punhos, e, na ponta do talabarte muito descahido, o espadim de punho historiado, mandado de proposito comprar em França.

*

Ha em varios rabiscadores do tempo allusões claras á invasão importuna das modas forasteiras, e á sua ridicula implantação em Portugal. N'isso deram sempre o alamiré as senhoras mais em evidencia nas classes elevadas. Duas grandes elegantes, e legisladoras absolutas da bagatella doirada, foram as Marquezas de Niza e de Arronches, segundo uma antiga critica manuscripta, que possuo, e que, no estylo do tempo, livre e lardeado de segundos sentidos, deve ser pintura fiel. Transcrevo o trecho:

«... As senhoras andam succintas e imprensadas, e afrancezadas, que suppõem que é defeito trajarem como as Portuguezas; e assim, indo de redondo, todas as cortinas são poucas para se fecharem; porém graças a Deus que nos sustenta ainda.

«Vimos os guarda-infantes das senhoras Marquezas de Niza e Arronches, que estão bradando e dizendo *Campus ubi Troja fuit*, e *Hoc opus hic labor est*. Ninguem estuda como ha de ser Portuguez, mas sim como ha-de ser estrangeiro. Fomos, os Portuguezes, os mais amantes da Patria que

houve; e hoje parece que todos a negamos, porque quem não quer que o conheçam por frade despe o habito. Finalmente, quantas extravagancias e buzearias podem fazer ridiculo um bonecro, são galantarias, que se applaudem com boa acceitação na Côrte, a titulo de modas; e quanto mais desproporcionadas, tanto mais agazalho teem.

«Podem-se conhecer as mulheres, como em algum tempo as gallinhas, pelas calças, porque umas as trazem amarellas, outras azues, pela maior parte de côr de papoilas; e rara a que não traz hoje nas mangas mais pano que um barco do Alto nas vellas, ainda que seja muito fraca-roupa; e parece que este genero mudou de natureza; e se o miolo, como cuido, lhes não dá alguma volta, ellas com fitas dão tantas na cabeça, que parecem bandeiras de navio Hollandez» (1).

*

A proposito das duas elegantes Marquezas acima citadas: conta outro palrador o seguinte a respeito da de Tavora em 1672. Pelo que se vê, tinha muito mau genio. Eu digo em duas palavras o que succedeu, e que nada offende o caracter da illustre senhora.

A Infantinha D. Isabel Maria Luisa Josepha, nascida em 1669 do primeiro casamento d'el-Rei D. Pedro II, tinha uma ama, ou aia, que a vestia, a acompanhava, a servia; rapariga não nobre, mas com umas mãos abençoadas para todo o genero de habi-

(1) Volume manuscripto que possuo, intitulado *Miscelania em verço*. fl. 221 v. e 222.

lidades. Todas as senhoras do Paço a estimavam e tratavam, até por uma prenda em que era eximia, singular, *guapa* (segundo a expressão dos peralvilhos): o pentear. N'aquelle tempo isso do pentear era assumpto de costa a cima!

Havia grandes e sabios *artistas capillares;* sessenta annos depois, brilhava defronte do convento da Esperança (sitio muito concorrido então) um cabelleireiro francez de fama, Monsieur Emmanuel Auroy, de quem eram avoengos profissionaes os do tempo da prendadissima aia da Infantinha.

Ora correu um dia com insistencia nos palratorios de Lisboa uma extranhissima novidade; e dizia-se:

— Não sabem? a ama da senhora Infantinha foi agatanhada pela snr.ª Marqueza de Tavora.

Uns acreditavam, outros não; uns contavam o caso de um modo, outros de outro. E diziam os tidos por mais bem informados isto assim:

A Marqueza pediu á aia lhe penteasse a filha, que devia ser D. Ignez Caetana de Tavora, depois Dama da Rainha, e Condessa de Alvor; ou D. Leonor Thomazia de Tavora, de quem falei no volume antecedente.

A aia sahiu-se a primor; e, sobre rogos e supplicas de ambas, prometteu não repetir tão maravilhosa obra em nenhuma outra senhora. Não se falava senão no tal penteado. A Ribeira, o Côrte-Real, o Terreiro do Paço, e a rua Nova, encareciam aquellas supremas elegancias.

N'isto, a mulher de um valído, que se não sabe quem era, tanto seduziu a talentosa cabelleireira, que a tentou a quebrar a promessa, e obrigou-a

com as blandicias que melhor sabem obrigar, a penteal-a tal qual como tinha penteado a filha dos Marquezes de Tavora. E logo depois, quem nos affirma que não appareceu, muito de caso pensado, no seu lindo vestido esguio de seda da India, corpete de bico e degotado, sobre-saia de brocado de outro matiz, e meneando, como em triumpho, o seu rico leque muito grande, transparente e de varetas historiadas, n'algum jantar de apparato, ou n'algum concerto do Paço, onde levou os applausos das entendidas?

Entre as *entendidas*, houve porém uma, que se doeu até ás intimas fibras do coração; foi a Marqueza. Mette-se n'um coche, corre ao Paço, entra nos quartos da Infanta, e, toda tremula de raiva, procura a aia. Mal a vê agarra-a, sacode-a, despenteia-a com os empuchões, e diz-lhe cara a cara o que Mafoma não chegou talvez a dizer quando desabafava os seus odios ao toicinho.

Faz-se ideia do reboliço! a aia chorava, a Infantinha soluçava, a Marqueza vociferava.

Quando a Princeza D. Maria Sofia, depois Rainha, soube do desacato, obteve logo ordem de desterro contra a Marqueza de Tavora.

Esta historieta, que hoje contâmos a rir, assumiu de certo proporções medonhas quando se representou ao vivo no mez de Novembro de 1672.

Ha lá nada mais terrivel n'este mundo do que o *mulherio açanhado!!* (1)

---

(1) Consulte-se o livro *Monstruosidades do tempo e da fortuna* — pag. 204.

CAPITULO XVIII

E assim conversando, eís-nos chegados aos dias alegres d'el-Rei D. João V.

Ahi sim, encontra o escriptor de costumes muito onde respigar: os casamentos Reaes, os comprimentos de annos no paço da Ribeira, os concertos nas salas da Rainha, os saraus dos nobres nos seus palacios do Loreto, da Annunciada, de Pedroiços, e nas casas, já muito cultas, dos ricos mercadores nacionaes e forasteiros.

D'entre numerosos nomes que esqueceram, um sobrenadou, no grupo das cantoras de sala, na phalange das senhoras amaveis, que tanto contribuiram, com a sua condescendencia e o seu talento, para abrilhantar as assemblêas, as reuniões, as funcções, as serenatas, de nossos maiores. E sabem quem nos conservou esse nome? a poesia. É graças a Thomaz Pinto Brandão, que ficamos conhecendo a elegante Marianna Rubim.

Dirigiu-lhe o poeta um *romance*, que não fujo a transcrever.

Está-se mesmo a vêr a galante menina: desem-

penada, ondulante, e como que imprensada no seu justilho de seda, braços nús até ao cotovelo, cabello empoado, e rostinho travêsso mosqueado de signaes. Pediram-lhe cantasse; fez-se grave; apertaram com ella; está brilhante a funcção; ha bons apreciadores; annuiu. Levantou-se modesta, corando levemente, e acceitou o braço ao dono da casa, que todo cortez a veio buscar. Comprimindo entre as pequeninas mãos o lenço de rendas e o leque, eil-a junto do cravo. Vai acompanhal-a um professor de nome. Quando dão por ella, todos attendem; chegam ás portas; faz-se silencio.

Marianna, um pouco tremula, ergue a voz suave e cheia, e canta com lindissima pronuncia italiana algumas arias de Corelli ou Pergolese, muito saboreadas, muito applaudidas de todo o salão. (E' preciso notar que nos antigos cravos, de cinco oitavas apenas, o acompanhamento era singelo e muito leve; por forma que deixou brilhar a voz sonora e resoluta da cantora.)

E eil-a voltou para o seu logar, entre applausos.

— Guapo, minha senhora! guapo! — exclama um fidalgote comprimentando-a rapido com uma mesura de pé cruzado.

— Gósto sempre muito de a ouvir — pondera um Desembargador sentencioso; — mas d'esta vez excedeu tudo, senhora D. Marianna.

— Oh Marianna, que bem cantaste! foi linda esta aria ultima — diz uma amiga.

Ella, confusa e radiante, agradecendo a uns, agradecendo a outros, sorria; depois, affeiçoando os tufos da saia, sentava-se, entre o sussurro geral.

Thomaz Pinto não a perdia de vista; observava-a com o seu olhar de aguia.

D'ahi a pedaço foi-se dançar. Marianna, requestada pelos puladores mais galantes, executou os sabidos passos com mestria egual á dos trinados.

Thomaz Pinto, com ar galanteador, deitava-lhe a luneta cá de longe.

Escutemos o que elle escreveu ao chegar a casa, e lamentemos, que os genuinos cortezãos da era de quinhentos nos não deixassem analogos paineis, das *formosuras* que ouviam cantar e dançar nos serões do paço do Castello, nos de Alfama, nos do nosso Bairro alto, emfim, que tanto lucrariam em ser conhecidos!

E basta por agora. Tem a palavra Thomaz Pinto Brandão.

Á SENHORA MARIANNA RUBIM
A PRIMEIRA VEZ QUE A VIU E OUVIU CANTAR

Romance

Quem quizer saber qual é
uma que eu ouvi e vi,
como nenhuma cantar,
e mais que todas luzir (1),

não se cance em ir mais longe;
e, se se fiar de mim,
d'ella os signaes lhe darei,
como ella m'os deu de si (2).

(1) Brilhar, diriamos hoje.

(2) Isto é: eu pela descripção lh'a darei a conhecer, ou lh'a farei conhecer, como ella se me fez conhecer a mim.

Seus olhos (Jesus me valha!)...
muito em vel-os padeci;
que olhos foram a meu vêr,
e raios a meu sentir.

As mais, á vista da sua,
não podem a bocca abrir,
que pode a todos vender
ambar, coral e marfim.

A cara val mais que muitas,
porque eu muitas vejo aqui
carinhas de oito tostões (1);
e esta, nem de dobrões mil.

O mais, apanhado ás mãos,
ou aos pés, que encobrir quiz (2),
não é nada; tudo é alma,
pois é toda um Seraphim.

Se talvez (3) applica ao cravo
aquelles seus dez jasmins,
é dos ouvidos e olhos
um harmonioso matiz.

Ella é no italiano
mais que todas varonil,
que as outras aprendem momos,
e o Momo é d'ella aprendiz (4).

---

(1) Ainda hoje se usa familiarmente dizer uma *carinha de oito tostões* para designar um rosto insignificante.

(2) Inintelligivel. Porque se empenhou ella em encobrir os pés? havia de encobril-os tanto como as outras senhoras. As modas eram eguaes para todas.

(3) *Talvez* significou alguma vez, uma vez ou outra. *E talvez convites* — disse D. Francisco Manuel de Mello.

(4) As outras raparigas que desejam cantar em sala aprendem gestos e trejeitos theatraes; Marianna é tão habil, que o

Seu canto é quasi divino;
e tem, para ser assim,
toques do Espirito Santo,
que hoje é seu mestre feliz (1).

Quando com graça se move
ao chamado de um violim,
as almas nas voltas (2) mette,
e nenhuma sai d'ali.

Tanto ar nas cabriolas (3)
mostra o seu corpo gentil,
que do abalo de seus pés
tremeram os meus quadrís.

Para enfeitiçar as almas
engenho tem tão subtíl,
que quem a chegar a vêr
o meu mal ha-de sentir.

É uma preciosa pedra,
que seu pae soube pulir
na officina de sua mãe;
mais que Diamante, é Rubim (4).

É pedra de tal valor,
que eu em memoria a metti (5),
e o coração para engaste
lhe darei, se lhe servir.

---

proprio Momo, que entretinha o Olympo, se daria por aprendiz d'ella.

(1) José do Espirito Santo, musico e organista de grande reputação no tempo.

(2) Termo de dança.

(3) Termo antigo de dança, hoje perdido.

(4) Trocadilho com o appellido da menina e o nome de uma pedra preciosa.

(5) Ainda hoje chamam *memorias* a certos anneis offerecidos por pessoa querida. Trocadilho.

É um sol, que quem pretende
buscal-o no seu zenith,
não sómente ao Bairro alto,
mas á Gloria ha-de subir (1).

Se inda não sabem quem é,
e querem seu nome ouvir,
não é Maria, nem Anna;
e o que não é, é emfim (2).

*

Acabamos de vêr a senhora lisboeta em sala, cantando e dançando. Se os seus requebros vocaes tinham muito que ouvir, os seus menuetes tinham que vêr. Os antigos passos choreographicos eram uma especie de scenas-comicas representadas a sério para deleite dos espectadores, que aos dançantes prestavam toda a melhor attenção. Como havemos hoje de comprehender isto, no desleixado passear das nossas contradanças!?

*

Espreitemos agora de relance a nossa antiga patricia, quando sai ás festas de Egreja, á tarde, a pé (que á Missa era mais fino ir de sege). Lá vai ella com as suas creadas; caminha de vagar, com seu rico manto de lustro, saia de bambolins (ou folhos), guardapé (saia de baixo) de folhado, com prisões

(1) Moraria algures no alto da calçada da Gloria ao Bairro alto.

(2) Deliciosa esta charada final! Quanto isto foi repetido! E a graça que Marianna lhe achou!

(ou apanhados) de galão estreito, collete á ingleza com palatina (cobra de pelles), e luvas de palla (ou canhão). As joias que leva são broche no peito, collar de pequeninas perolas no pescoço, sua cruz de diamantes e esmeraldas, outras pedras no topete, e anneis.

Ao entrar no templo, recommenda o engraçado *Anatomico jocoso,* «vá andando muito de mansinho, por modo de quem não quer acordar alguem» (1).

Que exacta e firme pintura!

*

Se antes d'ella sahir a tivessemos procurado em casa, certamente não annuiriamos ao convite indiscreto do citado *Anatomico*, de a espreitarmos no seu erguer; mas não creio indiscreto passar uma revista aos petrechos do seu toucador de espelho; o mesmo guia nos diz, gracejando sempre:

«Na banquinha terá tudo que pertence á crena da cara: um vidro de agua do rosto; uma tijellinha com brandura (2); outro vidrinho com oleo de jasmins; tijellinha de côr; algumas pomadas de varias castas; uma caixinha com signaes;............... Tenha um penteador de rendas, duas toalhinhas para alimpar, mais dois paninhos com que se assenta a côr e se alimpam os dedos, que ficam untados com as enxundias do rosto; uma escovinha de

(1) Tomo I, pag. 76.

(2) Algum *bazulaque* de abrandar ou amaciar a pelle, como o *cold cream.*

alimpar os pentes; uma caixa redonda para os pós com sua borla (1); basta que seja d'estas de cobertor de serafina. Isto assim preparado, coberto tudo com seu tafetá.»

Teem graça estas minucias. Ovidio nos seus *Cosmeticos* não desceu a tantas; se descesse, apresentava-as melhor; primeiro, por ser elle; depois, por falar em verso.

*

Este mesmo *Anatomico*, série de quadros, alguns muito certos no desenho e na côr, mostra-nos a passeio e compras a senhora burgueza puchada nas regras da apurada *bandarrice* (como se dizia), ou da requintada elegancia (como hoje diriamos).

Era de obrigação isso de sahir uma vez ou outra á *rua Nova*, ou ás esplendidissimas lojas da Capella, ou á rua *dos Ourívezes*, fazer compras, ou passar o tempo a fingir que as fazia, já na loja de Francisco Cardoso, já na de Manuel de Moura, já na de Manuel da Fonseca.

*

N'outra parte avistâmos uma *madama* correndo as egrejas da obrigação na lugubre noite das Endoenças, «encostada ao braço de seu esposo, com toda a sua familia, e moço com morrão accezo» (2). Não é um pequenino quadro? tanto é, que Murphy o desenhou quasi exacto nas suas *Travels in Por-*

---

(1) O peito de cisne do pó de arroz.

(2) *Anat joc.* — T. 1, pag. 81.

tugal: vai a diante o marido, envolvido no seu grande capote, depois ella de biôco e veo, e camandulas á cintura, depois a creada (*familia* na boa lingua portugueza significa os serviçaes).

*

Para as nossas Portuguezas trabalhavam bons artifices, tanto estrangeiros como nacionaes; e as lojas surtidas do melhor sabiam certamente rivalisar com as de fora. No canto da *Cordoaria velha* (ao Loreto) tinha tenda de modas em 1723 um tal Estevam Jordão; pois a atrevida gatunagem abriu-lhe a porta com chave falsa, pela meia noite de 21 de Fevereiro, e roubou-lhe uma porção de artefactos preciosos; a saber: nada menos de cento e cincoenta cabelleiras, noventa e seis covados de *tissu* de oiro, com o fundo côr de fogo e as flores largas, duas peças de *primavera,* uma amarella, outra côr de oiro, e um xairel amarello bordado de oiro e prata, com franja da mesma sorte. Quatro dias depois do furto (porque não poude ser antes) a *Gazeta* desabafa as lagrimas do roubado Jordão. Basta a lista dos objectos perdidos para dar uma amostra do grande luxo das salas, e do viver publico.

*

De uma rapariga camponeza de Barcellos em 1678 existe uma graciosa aguarella, que vou intercalar aqui; é do pincel de Antonio de Villasboas e Sampayo, o conhecido heraldico da *Nobiliarchia,* e au-

ctor do *Auto da lavradora de Ayró,* sob o cryptonimo de João Martins, creado do Duque de Barcellos (1).

Tem graça a desempenada moça vestida no seu trajo provinciano.

Leva o cabello em rolete,
melenas dependuradas,
gargantilha de beloiros (2)
com relicario de prata;

collete de serafina (3)
figa de azebiche á banda (4),
ramaes de coraes no braço,
e camisa debuxada (5).

Manteo verde, que na côr
dá que entender a quem passa,
que inda que Leonor é esquiva,
o manteo dá esperanças (6).

Descalça pelas pedrinhas,
vai sem medo de topadas,
e assim melhor que de meias
vai Leonor indo descalça (7).

---

(1) Possuo a reproducção de 1841.

(2) Corruptella de *avelorios,* contas de vidro de côres vistosas.

(3) Lan delgadinha.

(4) Ainda hoje uzam.

(5) Provavelmente de alguma chita serapintada em vistosos desenhos.

(6) Trocadilho alluzivo ao verde, côr symbolica da esperança.

(7) Indo sósinha vai melhor que indo acompanhada, isto é, *de meias* com outra pessoa.

A todos quantos encontra
com seus olhos prende e mata;
e, com ser escassa a moça,
dão seus olhos muitas dadas (1).

ESTRIBILHO

Pastores de Ayró,
fugi, apressae-vos,
que vai Leonór
a dar-vos cuidados.

*

Sobre trajos populares haveria mais que dizer; mas seria talvez sahir fora da pista. Voltemos a ella.

*

Das nossas patricias ponderava em 1730 um viajante francez:

«São muito lindas as Portuguezas, redondinhas e brancas, com formosos olhos, e muita vivacidade. Apparecem algumas senhoras de distincção trajando e penteando-se á franceza; mas em geral andam em cabello, e com casaca masculina bordada, agaloada ou liza, segundo a sua posição e os seus haveres. Por sobre o trajo usam sempre uma ampla saia negra levantada pela cabeça, por forma que ninguem

(1) Apesar de ser avara a moça, distribue com os olhos mil prendas.

lhes vê o rosto e a estatura, senão os homens que ellas muito bem querem; para o que, abrem de relance essa especie de capa com um ar ingenuo e natural, como se só quizessem tomar um pouco de ar. As senhoras da Nobreza andam de liteira, seguidas de um escudeiro a cavallo; mulheres e filhas de burguezes andam de sege, ou a pé com as creadas a traz» (1).

Bluteau, que as viu, e as conheceu nas ruas por onde passava, e nas festas dos Caetanos, quer remontar classicamente aos bons dias de Roma este manto das Portuguezas, e deriva-o da antiga *palla* das matronas do fôro e dos porticos (2).

Não creio tivesse rasão.

A alta genealogia, porém, de nada lhes valeu, aos

---

(1) *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 108.

Les Portugaises sont fort belles; elles ont assez d'embonpoint et de blancheur, généralement parlant de très beaux yeux et beaucoup de vivacité. Il y a quelques dames de condition habillées et coiffées à la Française; mais pour l'ordinaire toutes les femmes sont coiffées en cheveux et habillées en habit d'homme (?) brodé, galonné ou uni, suivant leur condition ou leur fortune. Elles ont toujours par dessus leurs habillements une grande jupe noire retroussée sur la tête, de façon que leur visage et leur taille ne peuvent être vûs que des Cavaliers à qui elles veulent bien accorder cette faveur; ce qu'elles font en ouvrant un instant cette espèce de manteau d'une manière en apparence fort ingénue, comme si effectivement elles ne pensaient qu'à se procurer un peu d'air. Les dames du premier Ordre marchent en litière suivie d'un écuyer à cheval, et les femmes et filles des bourgeois en chaise roulante ou à pied, accompagnées de leurs servantes.

(2) *Vocab.* — verb. *Manto.*

taes rebuços das embiocadas; morreram, como tudo morre. Garção, animado do espirito *moderno* do seu tempo, exclamou com um ar de desabafo e satisfação:

> Já lá vão os biôcos portuguezes,
> moirisca usança, barbaro ciume,
> que uma pobre mulher aferrolhava,
> quaes se guardam freneticos orates.
> Ha gente mais feliz. Outros costumes
> adoptou a nação, abriu os olhos (1).

*

Os penteados, esses requintaram, e cresceram de tamanho, a ponto de esconderem um enxergão, como diz o poeta. O bom senso, pela bocca dos ministros da Egreja, verberou o abuso, e chamou-lhes thronos do demonio, como o foi o telonio de S. Matheus. O nome pegou, e os toucados altos ficaram conhecidos por *telonios*.

Chamaram *telonios* — explica Filinto — «aos toucados altos, que se inventaram em Lisboa depois do terremoto, quando as moças iam descaradamente sem manto nem touca açoitar os ares com o topete» (2).

Calcúlo, e creio não me enganar, que essa moda desastrada nos veio de França.

---

(1) *Theatro novo*, farça.
(2) *Obras completas* — T. v, pag. 393.

*

Já mais de uma vez se notou que a mania dos peralvilhos, de um e outro sexo, era parecer estrangeiro. Ter estrangeiros por alfaiates e modistas (oh! frivolidade humana!) é tambem o desejo de uns certos. Nos nossos dias, haverá uns quarenta ou cincoenta annos, sabia-lhes melhor, a esses taes, darem-se como freguezes do Krug, do Ursprung, do Strauss, do Keil, ou do Airolles, do que do Nunes Corrêa, do Xafredo, do Catarro, ou do Bernardo de Lemos, que desde a mocidade servira o senhor D. Pedro IV.

No meio do seculo XVIII tinhamos cá as modistas M.me Charles (1), e M.me Chavalhé, corruptella de M.me Chevalier (2), talvez mais faladas que a Martins e a Dias, suas contemporaneas; assim como M.me Lavalhan, ou Navalhan (corruptella de M.me Le Vaillant), M.me Neuville, e outras no tempo da senhora D. Maria II, levavam as lampas na fama a outras Portuguezas de não menos merito; só por serem francezas!

Estas estrangeirices são de todos os tempos. Alfayate de Nova-York, cioso de ser cotado alto, inculca-se parisiense; o parisiense da gemma faz-se sectario das thesoiras de Londres; o de Vienna ostenta figurinos de Berlim; o do Porto blazona ser lisbonense; e os do Chiado e da rua do Oiro juram

---

(1) *Theatro* de Manuel de Figueiredo — Tomo XIV, pag. 406, annotações de Francisco Coelho de Figueiredo.

(2) *Anat.* — T. 1, pag. 73.

pelo alcorão de París, que foi quasi sempre o Greenwich do meridiano da moda; mas nem sempre: ás vezes *Greenwich* está na Inglaterra. Querem vêr?

Possuo um soneto, talvez dos principios do reinado do senhor D. João V, onde um poetastro anonymo pinta em poucos traços rapidos o elegante *inglezado*. Vemol-o passar sempre de gangão, fingindo-se atarefadissimo; uma vez avistâmol-o a sahir do *Jogo da pela*, outra encaminhando-se para casa da cantora Fulana, que se estreia na Opera do Bairro alto; encontrâmol-o na Missa mais tardia dos Domingos, que, segundo parece, era na ermida do Amparo; e sabemos que estuda francez... por ser moda; com tantos estudos, porém, não consegue disfarçar-nos a magreza da intelligencia. Quando gira a pé na rua vai de sobrolho franzido para todos; mas se passa carroagem de pessoa notavel, todo elle é umas Paschoas; desfaz-se em comprimentos de chapeo e cabeça. Tem umas phrases, que usa e repete, do calão das salas, e não as larga. Isso, e pouco mais, constituia o peralta inglezado de Lisboa.

Oiçam:

SONETO

A UM FIDALGO CASQUILHO

Andar nas carroagens a correr;
polaina branca sempre ao cavalgar;
quanto ao trato, dever e não pagar;
quanto ao genio, ser tolo e não o crer;

de boleia ir as vezes que podér;
ter um mestre francez, só por se usar;
ir ouvir Missa ás horas de jantar,
ao Amparo, e melhor se a não houver;

andar sempre de gesto carrancudo,
mas aos coches cortez e conhecido;
dizer a tudo «guapo», «eres» a tudo;

co' as damas adamado e derretido;
loquaz na asneira, em coisas sérias mudo;
isto é fidalgo moço inglez fundido.

Pergunto: não os conhecemos ainda hoje assim? não os vemos pelo Chiado e pela Avenida?

*

As alludidas tendencias inglezadas teem sido muito nossas de quando em quando. Desde um meu patricio, que embarcava no caes do Sodré, e ia desembarcar ao Terreiro do Paço, com uma malleta na mão, falando inglez para se dar ares de um Lord recem-chegado, e admirado para o monumento perguntava «Que *horse* é aquelle», até aos politicos de 1834, que nos trouxeram as modas inglezas nas sobrecasacas e na Constituição, temos abundantissimos exemplos da sympathia que nos merece o Leopardo da Gran-Bretanha.

Elogiando no Parlamento as instituições da velha Albion, exclamava uma vez o talentosissimo Casal Ribeiro ao terminar um fogoso periodo:

— Em summa, sr. Presidente, a verdade é, que

para nos sentirmos cidadãos livres, basta-nos tocar o solo inglez.

Sorriso geral na Camara. O grande orador, sem se perturbar, emenda insistindo:

— Sim, sr. Presidente; repito: basta-nos tocar o territorio inglez.

CAPITULO XIX

N'uma cidade grande presenceiam-se tres generos de festas: as religiosas, as publicas, e as particulares.

Referindo-me ás primeiras, direi que outro dos saborosos espectaculos da velha Lisboa foram as festas musicaes nos conventos, tanto de Frades como de Freiras. N'aquelles houve compositores e executantes de primeira ordem; os femininos tinham justa reputação.

Menciona o citado Caverel uma Freira da Annunciada, cuja voz melodiosa e altiva *(hautaine)* se casava, nas festas solemnes, com a harmonia dos instrumentos de acompanhar. Não se está acaso a perceber um admiravel contralto?

*

Esta musica era porém meio profana; sahia de um côro de Freiras, mas ia commover seculares.

Outra de mais finos quilates conheceram as boas Monjas do Salvador no seculo XVI; cantavam-n-a os Anjos, e ouviam-n-a ellas; mais ninguem. Foi o caso, que n'um extase em que se deixou resvalar em quanto orava uma das senhoras da casa, Soror Ignez da Assumpção, viu n'uma intensa claridade, que parecia as alvoradas de além-mundo, apparecer sorrindo a VIRGEM MÃE, em quanto uma longa procissão de Anjos e Santos deslizava suavemente, em composta romaria, entoando um hymno singelo e grandioso em louvor da ESTRELLA DO MAR.

Desvanecido o sonho, logrou a Monja, com o auxilio da sua amiga Soror Joanna de Jesu, apontar em solfa aquella extranhissima toada, que se conservou no mosteiro. Isto tudo conta Frei Luiz de Sousa. Até que ponto sobe a santa suggestão do mysticismo em almas puras!

*

A descripção das festas ecclesiasticas em Lisboa, solemnidades notavelmente artisticas, e onde o pensamento religioso tão bem se encarnava na execução de grandes mestres, educados em todo o rigor da boa escola, daria para um volume. Eu ainda, em pequenote, assisti a lindissimas festas de Egreja em Ponta-Delgada, nos conventos de Freiras; cantavam lá dentro vozes tão suaves, tão repassadas de mysticismo, que pareciam do Ceo; e lembro-me bem da boa musica feminina, que em 1860 e tantos costumava ir ouvir na Missa das Freiras da Esperança!...

Se me dão corda, não me calo; prefiro sahir do templo.

*

Das reuniões da alta classe média temos boa testemunha em Thomaz Pinto Brandão, que andava por muita parte, e deixava da sua presença rasto escripto.

Já lá em cima invoquei o seu estro a proposito da graciosa Marianna Rubim; invoco-o outra vez. E' este um poeta de observação muito *pessoal,* e por isso agrada como pintor de genero, e quasi retratista. No que diz traz as graças do seu tempo, mas illumina-as com o sorriso, que é de todas as edades e todas as civilisações.

Uma noite bem passada teve elle certa vez na rua do Arco do Marquez de Alegrete, ao Borratem, n'um palacio velho que ainda lá está, e então pertencia a João Corrêa Manuel de Aboim; hoje pertence a seus descendentes.

Este Aboim, Cavalleiro da Ordem de Christo, Guarda-roupa d'el-Rei D. João V, 10.º Administrador da Capella de S. Lourenço em Santa Maria de Obidos, era casado com D. Ignez Maria de Sotto mayor e Mello; e, pelo que se vê, gostavam ambos de sociedade. N'alguma das vastas salas azulejadas d'esse palacio armou-se um theatrinho, onde um rancho de bonitas meninas, parentas e conhecidas, representou em castelhano, com a mestria de actrizes consumadas, a comedia *Opponerse a las Estrellas.* Muitas festas, muitas flores, muitas palmas, muitas chamadas.

De tudo isso, porém, d'essas alegrias domesticas, das recitações e cantorias de tal seroada, dos sustos e das victorias d'essa noite gloriosa... apenas restam duas decimas de Thomaz Pinto. Eil-as, á falta de melhor:

Hontem, por boas Matinas,
fui, a horas soberanas,
vêr, por direcções humanas,
representações divinas.
Eram moças e meninas,
mas comediantas velhas,
porque com eguaes parelhas
tanto de ponto subiam,
que em luzimento podiam
Opponerse a las Estrellas.

Comedia tão natural,
representação tão bella,
não sei que a haja em Castella,
e menos em Portugal.
Com manejo tão formal,
e com alma tão fiel,
fez cada qual seu papel,
que somente sér podia
auctor de tal companhia
João Corrêa Manuel.

*

Das reuniões da Nobreza já dei uma amostra quando me referi aos concertos e bailes dos palacios dos Marialvas e dos Quintellas.

Alguma coisa accrescentarei agora.

A curta estada entre nós do Embaixador de Cas-

tella, Marquez de los Balbazes, assignalou-se em Lisboa por luzidas festas que deu á Côrte. Eu digo como foi.

A 15 de Abril de 1727 pelas 11 horas da manhan chegou á nossa Capital. Logo passados tres dias teve audiencia particular de Suas Majestades, sexta feira 18. Creio que se aposentou nos Estáus; e logo na sexta feira 30 de Maio, por ser o dia do nome do Principe das Asturias, houve na embaixada festa elegantissima: representou-se uma comedia «a que assistiu grande numero de Nobreza, — diz a *Gazeta* — por quem se distribuiu muita variedade de refrescos.»

Em Setembro seguinte (1727), com o motivo de ter nascido a 25 de Julho aos Soberanos Catholicos um Infante, por nome D. Luiz Antonio, illuminaram-se os jardins do Embaixador; mas a chuva que sobreveio deu cabo de quasi todas as tramoias de fogo prezo destinadas a arder n'essa noite.

Vivia-se em festa n'aquella casa. A 19 de Novembro, dia de Santa Isabel de Hungria, fazia annos a Rainha de Castella, Isabel Farnese. Festejou-os o Marquez offerecendo á Côrte portugueza uma ceia sumptuosa, e depois a representação de uma comedia.

Parece que ainda este alegre e mundano diplomata não tinha feito a sua entrada publica solemne; fel-a em 6 de Janeiro de 1728, pela porta de Santo Antão, sendo seu conductor o Conde de Assumar, D. João de Almeida. A descripção minuciosa de todo o apparato seria interessante, mas não cabe aqui.

A' noite recepção na Embaixada, e representação do melodramma *As Amazonas de Hespanha.*

*

Passados dias, a 18 do mesmo mez, celebrando os desposorios do Principe das Asturias com a Infanta de Portugal D. Maria Magdalena Josepha Theresa Barbara, já o Marquez recebia de novo a Côrte Fidelissima, dando-lhe por espectaculo a representação da comedia *Amor aumenta el valor,* com musica de D. Jayme Facco, havendo depois muitas danças e magnifica ceia.

Foi a ultima festa que deu em Lisboa (1).

A 10 de Março d'esse anno 1728, feitas as suas numerosas despedidas, sahiu por Aldeia-gallega com destino a Madrid (2).

*

Brilhava por este mesmo tempo, e assistiu certamente a isso tudo, um Francez elegante e rasgado, Monsieur de Montagnac, Consul de França, Cavalleiro de Justiça na Ordem de S. Lazaro.

Em 19 de Outubro de 1729, uma quarta feira, festejava a colonia franceza em S. Luiz Rei de França o nascimento do Delphim Luiz, filho d'el-

---

(1) Vide *Gazeta de Lisboa* n.º 16, de 17 de Abril de 1727, n.º 17, de 24 do mesmo mez, n.º 23, de 5 de Junho, n.º 38, de 18 de Setembro, n.º 49, de 4 de Dezembro, n.º 2, de 8 de Janeiro de 1728, e n.º 5, de 29 do mesmo mez.

(2) *Gazeta* n.º 11, de 11 de Março de 1728.

Rei Luiz XV, e pae do infeliz Luiz XVI. A' noite M. de Montagnac recebeu em sua casa a principal sociedade de Lisboa, os Ministros e Consules seus collegas, e deu-lhes uma serenata, um baile, e uma ceia. Representou-se o *dramma per musica* italiano *L'amore vuol somiglianza,* impresso depois em folheto. A casa do Consul via-se toda illuminada, houve fogueiras na rua, bombas, etc (1).

*

Falei da Hespanha e da França. Entra agora a Gran-Bretanha.

Chama por nós a travessa *do Enviado de Inglaterra,* a Santa Martha, onde imagino, por ora sem prova documental, que moraram, dezenas de annos, em predio alugado, os representantes d'aquelle Reino alliado nosso.

Esse palacio, que deve talvez ser o que fica entre duas ruas, ao topo da de Santa Martha, era em 1803 habitado por Lord Robert Fitz-Gerald, Ministro de Inglaterra, e já o tinha sido em 1791 por Sir Robert Walpole, que exercia egual cargo; em 1817 já os representantes inglezes não moravam ahi. Um annuncio na *Gazeta* n.º 113, de 14 de Maio, dá para arrendar esta casa, «onde algum dia residiram os Enviados de Inglaterra.»

Demos uma vista de olhos a esta Legação diplomatica, obra de um seculo atraz d'aquella data.

Em 1722 era Enviado em Lisboa Mr. Worsley,

---

(1) *Gazeta* n.º 43 de 27 de Outubro de 1729.

quando a 18 de Abril se retirou para o seu paiz. No mesmo dia obteve audiencia d'el-Rei D. João V seu successor, Thomas Lumley, irmão do Conde de Scarborough, que tinha chegado ao nosso porto a 26 de Março anterior (1).

A 20 de Fevereiro de 1725 sahiu Sir Thomas para Londres na nau ingleza *Ludlow-Castle,* acompanhado ao bota-fora por muitos senhores da Côrte (2).

N'um paquebote de Plymouth, com dez dias de viagem, chegou a Lisboa, meado Setembro d'esse mesmo anno, o novo Enviado, Mr. Dormer (3).

Na tarde de 22 de Abril de 1728 entrou no Tejo o Lord Jayme Tirawley, Coronel do Real Regimento de Espingardeiros, 1.º Ajudante de campo d'el-Rei Jorge II de Inglaterra, e seu Enviado extraordinario em Portugal. Foi salvado pelas naus inglezas surtas no nosso porto (4).

Teve a 6 de Maio audiencia particular d'el-Rei D. João V, e da Rainha, e apresentou-lhes o Consul inglez (5). Vinha com aquelle Ministro sua mulher Lady Tirawley, que regressou a Inglaterra a 13 de Outubro de 1728, a bordo da nau ingleza *Venture,* do commando de Lord Muscarry (6).

---

(1) *Gazeta,* n.º 17, de 23 de Abril de 1722.

(2) *Gazeta,* n.º 9, de 1 de Março de 1725.

(3) *Gazeta,* n.º 38, de 20 de Setembro de 1725.

(4) *Gazeta,* n.º 18, de 29 de Abril de 1728.

(5) *Gazeta,* n.º 20, de 13 de Maio de 1728. Esse Consul devia ser o Cavalleiro Sir Charles Compton, filho 2.º de Lord George Compton, 3.º Conde de Northampton, e chegado a Lisboa, como Consul, em Novembro antecedente.

(6) *Gazeta,* n.º 43, de 21 de Outubro de 1728.

A 31 de Janeiro de 1729, celebrando o anniversario e a chegada do Principe Frederico Guilherme, Eleitor de Brandenburgo e ao diante Rei de Prussia, á cidade de Londres, deu Lord Tirawley um magnifico baile, que, diz um coevo, «durou até ás seis horas da manhan seguinte, com abundante distribuição de refrescos, e uma ceia de doces, fructas, e fiambres, a que convidou toda a primeira Nobreza que se achava em Lisboa» (1).

*

N'uma noite de Janeiro de 1726, a 20, no seu palacio da rua *das Portas de Santo Antão,* á Annunciada, festejavam o 14.º Morgado de Oliveira, João Pedro de Saldanha de Oliveira, e sua 2.ª mulher D. Ignez Antonia da Silva, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, o anniversario de uma sua filha. Davam aos parentes e amigos o espectaculo caseiro da representação de uma comedia.

A menina festejada devia ser D. Ignez Maria de Saldanha, nascida a 20 de Janeiro de 1723, e que veio a ser Dama do Paço. Contava portanto tres primaveras, e havia de ser muito valída, por ter sido a 1.ª das filhas do Morgado, ainda que já precedida por tres irmãosinhos.

Como se vê, sobem alto as tradições litterarias d'aquella celebre casa, onde tantas serenatas, tantos serões poeticos, viu todo o seculo XVIII. Tenho pena de não saber o titulo da comedia, o seu auctor,

(1) *Gazeta,* n.º 6, de 10 de Fevereiro de 1729.

o seu assumpto, e a lista dos nomes dos illustres convidados; sei que, diz um coevo, se distribuiu «quantidade de refrescos de todo o genero em quanto durou a festa.»

Não conheço mais pormenores; mas por experiencia conheço que esta boa e talentosa familia dos Saldanhas conserva como herança a hospitalidade bondosa nas suas recepções. Aquellas salas, sempre francas aos amigos sinceros, manteem um cunho portuguez antigo de benevolencia e grandeza, que em balde se procuraria em algumas outras partes (1).

*

Nós cá, dos nossos saraus e festins não deixámos desenhos, que eu saiba; mas pouco mais ou menos podemos imaginar o que se passava na alta sociedade de Lisboa pelo que era lá fóra.

Possuo uma estampa de Gerardo Scotin *senior*, que me suggere uma scena egual ás que descrevi dos salões do Enviado de Inglaterra, ou, quando menos, muito parecida. Vê-se figurado um banquete solemne offerecido em París á Côrte franceza pelo Embaixador de Castella, Duque de Alba, por occasião do nascimento do Principe das Asturias em 1713. Sala elegante, oblonga, adornada de espelhos; sobre o fogão, debaixo de docel franjado, os dois retratos dos Soberanos de Castella, el-Rei D. Filippe V e a Rainha D. Maria Luisa Gabriella de Saboia. Grandes lustres. Meza em forma de U; o

---

(1) *Gazeta de Lisboa*, n.º 4, de 24 de Janeiro de 1726

serviço faz-se pelo lado interior; da banda opposta senta-se uma *grinalda* de vinte e oito senhoras (se bem as soube contar) em trajo de gala, e apenas quatro homens nos dois extremos, sentados, de chapeo na cabeça. Muitos outros divagam em grupos pelo salão, e creados varios lidam no serviço. A longa meza rutíla de candelabros, centros ornamentaes, peças montadas, etc.

*

E' indispensavel confessar ingenuamente uma coisa: n'esses banquetes e n'essas reuniões antigas, que vendidos nos achariamos nós outros! mudaram de todo as etiquetas, e ser-nos-hia preciso aprendel-as de novo, se, por um retrocesso das edades, nos encontrassemos de repente abancados a uma meza nobre do seculo XVII ou do seculo XVIII.

Um livro de gastronomia d'esses tempos faz-nos pensar em Pantagruel; e as civilidades de nossos avós, diversissimas da naturalidade moderna, exigiriam um curso universitario.

Entre as prendas que ainda ha sessenta ou setenta annos se exigiam ao homem de sala, ao frequentador da boa sociedade, figurava a habilidade do trinchar. Saber trinchar uma peça de carne, uma peça de caça, uma ave qualquer, dava fôro grande ao sujeito. Os majores de meza redonda eram n'isso eximios; hoje podem fechar a loja; ninguem trincha.

A proposito: occorre-me esta historieta veridica. (Meu Deus! onde estas coisas me vão levando):

Duarte de Sá (pae), homem *do melhor mundo,*

frequentava as casas de mais nome em Lisboa; e o que é bem certo é que, se ninguem scintillava na sociedade com tanto chiste como elle, ninguem entre os trinchantes eméritos conhecia melhor do que elle os altos segredos da anatomia e da graça do trinchar. Era um gosto vel-o em acção. Verdadeiro artista!

Com o Marechal Beresford tinha relações optimas, e o Marechal morria por elle; em elle lhe apparecendo a jantar, era uma festa.

Um dia trinchava Duarte de Sá em casa de Beresford, conversando, entretendo immenso, e cortando um *roast beef* com a sua pericia consumada. De repente, commetteu pela primeira vez um erro de officio: deixou cahir uns pingos de môlho na immaculada alvura da soberba toalha de linho adamascado! Quiz disfarçar, mas não poude; o Marechal viu tudo, e, rindo ás gargalhadas, perguntou com uma insolencia de militarão, na sua cerrada pronuncia britannica:

— Olé, amigo Sá!! que foi isso? não esperava. Onde aprendeu a trinchar?

A sociedade era numerosa; todos os olhos se fitaram no delinquente; outro qualquer succumbia; elle não.

— Onde aprendi a trinchar, pergunta V. Ex.ª, Marechal? eu lhe digo; aprendi em casas onde a toalha se muda todos os dias.

A segunda gargalhada foi homerica; essa batalha, não a ganhou o Lord.

CAPITULO XX

O seculo XVIII deixou em Portugal profundo rasto no capitulo da sociabilidade elegante; e os Portuguezes das classes escolhidas deram para ella avultado contingente, mas sempre com a mira na peralvilhice estrangeirada.

Fala o viajante inglez Twiss nas assembleas da colonia ingleza em 1772; não sei onde eram. Duas salas grandes congregavam as familias do alto commercio britannico duas vezes por semana durante o inverno; dançava-se, e jogava-se. Parece terem sido muito apreciados os menuetes compostos por um musico de nomeada, não sei se Portuguez, Pedro Antonio Avendano (1).

*

Por este tempo apparece-nos uma boa testemunha a depôr no processo dos costumes; é o anacreontico Abbade de Jazente, que me parece (salvo

---

(1) Twiss — *Voyage en Portugal en 1772-73.*

melhor juizo) um Tolentino provinciano em formato menor. Isto não é amesquinhal-o: Tolentino é tão grande, que até mesmo a gigantes sobreleva.

O Abbade, encerrado nos seus ermos da Lomba e de Amarante, e só com algumas espaçadas visitas aos conhecidos do Porto ou de Penafiel, mal conhecia o que chamâmos o mundo; mas adivinha-o; e como é muito portuguez, muito agarrado á sua comarca, desadora com usos forasteiros, e verbera-os.

Eu por mim gósto muito d'elle; dou-me bem com a sua indole amante do socego, com o seu escrever tão nosso, com as suas altivezes austéras de sertanejo. Agrada-me o bom do Paulino, até por uma circumstancia: parece que nunca pensou na publicidade; os versos iam-lhe nascendo sem preparo, fructos de occasião, espontaneos... Poetou-os onde quer que se achava, por desfastio, para entreter os amigos, e dar vasão e forma a pensamentos alegres. Depois de ter a pasta cheia, consentiu que lh'os publicassem.

Ha sonetos d'elle deliciosos de singeleza, e disfarçadas ironias. Exemplo, este:

> Tem hoje a nossa Lingua tal decencia,
> que nada sem decóro pronuncia;
> de um misero Você, faz Senhoria;
> de uma Vossa Mercê, faz Excellencia.

Ou este, que ainda é melhor:

> Adeus, ó Porto, adeus! fica-te embora,
> que eu já não posso mais, porque me cança
> tanto chá, tanto whiste, tanta dança,
> e tanta coisa mais que calo agora.

> Não era ha pouco assim; tudo empeóra.
> O bem se acaba; o mal raizes lança;
> e tem-se feito em tudo tal mudança,
> que até por novo estylo se namora.
>
> Adeus pois, porque o resto de meus dias
> quero dar ás lições dos desenganos,
> sempre saudaveis, posto que tardias.
>
> Adeus, casas de brinco! adeus, enganos!
> chichisbeos! Excellencias! Senhorias!
> adeus, Nymphas gentís, que fazeis annos!

Ou est'outro, onde a ironia apparece terrivel e sem rebuço contra as innovações dos afrancezados:

> Portugal, que era rustico algum dia,
> incivil, trapalhão, mal amanhado,
> está, graças á França, tão mudado,
> que o mesmo já não é que ser sohia.
>
> A lingua, o trajo, o trato, a grosseria
> dos antigos costumes tem deixado;
> é todo doce, é todo concertado,
> e parece outro Sua Senhoria!
>
> Conversa, joga, dança; e o novo enleio
> que entre os dois sexos logra é tão decente,
> que á satyra mordaz tem posto um freio.
>
> Vive agora um marido mais contente,
> um pae sem susto, e todos sem receio.
> Ditosa condição! ditosa gente!

Ainda agora mencionei versos de Caminha, e outros de Pinto Brandão a cantoras de sala da sociedade antiga. Pois o proprio Abbade de Jazente dei-

xou tambem n'um soneto a essencia em triplice extracto dos seus enthusiasmos lyricos ao ouvir cantar uma Arminda.

Oiçam-n-o. Sempre galanteador, declara nunca ter podido crer em bruxas; mas confessa que os attractivos da voz da tal feiticeira o deixaram em verdadeira suspensão:

Eu, que me ri dos vãos encantamentos,
que a Magica sagaz nos promettia,
das cifras vans, das hervas que colhia,
e dos seus infieis promettimentos,

que tive por gostosos fingimentos
os bens que aos seus alumnos off'recia,
emfim, eu que fiz sempre zombaria
dos apparatos seus, dos seus portentos,

eu mudei de systema, pois me obriga
a Verdade, que creia esses espantos,
que nos guardou tenaz a edade antiga.

E se alguem duvidar de assombros tantos,
oiça cantar Arminda; e depois diga,
diga se é certo, ou não, haver encantos.

Quem vê nos pormenores importante adorno para o assumpto principal, lamenta não ficar sabendo em que sala de morgado minhoto ou beirão figurava Arminda, quem ella era, e o que preferiu cantar na presença do talentoso ermitão de Jazente (1).

---

(1) Tenho em esboço uma estudada biographia do Abbade. Ha-de sahir em havendo ensejo.

*

Ha da segunda metade do seculo XVIII, e dos principios do XIX, outro bom pintor de genero, um Hogarth dos ridiculos do tempo: é o engraçadissimo José Daniel Rodrigues da Costa. Passa-se com elle uma hora muito agradavel, escutando-o narrar-nos as incriveis pilhérias do *Almocreve das petas*, descrever-nos um serão de *madamas* n'uma sala de visitas, ou uma carreira no *barco dos tolos*. Os chistes d'este vivo demonio de observação satyrica, nada pessoal, passaram de moda; mas, de portuguezes e verdadeiros que são, hão-de ter sempre logar na galeria dos costumes.

Não sei bem que sociedade José Daniel costumava frequentar, além da dos seus illustres visinhos e protectores Maniques; o que vejo é que os seus quadros tomam sempre por assumpto a burguezia mais modesta; e por isso não entram como elementos documentaes n'esta minha revista de uma sociedade mais alta e emplumada. Em todo o caso, não quiz deixar de te mencionar, ó meu bom José Daniel da travessa *do Forno*, serventia por onde nunca passo sem pensar em ti! Olho para as tuas janellas, como se ali tivesse morado um amigo e companheiro, perdido para sempre!...

Como tu te divertias a observar as senhoritas do teu bairro dos Anjos, e os pintalegretes das reuniões onde apparecias! e como elles gostavam de te ouvir contar a logração do olival da Penha de França, ou um incendio medonho... na torcida de um candieiro!

Essas ingenuidades de uma Lisboa patriarchal, que recolhia cedo, e se allumiava a azeite de purgueira, parecem excluir as elegancias de uma grande cidade europêa. Pois não excluem. As assemblêas das classes elevadas primavam pelo luxo no trajo; e tenho para mim, que os peraltas de nome, fanfarreando á tarde nas alamedas do Passeio publico, ou á noite na platêa de S. Carlos, representavam ao vivo as elegancias londrinas e parisienses.

*

Havia casas em Lisboa, onde o *faceira* da mais alta *bandarrice* ia entrajar-se ás modas ultimas de Paris, e achava sapatos, fivelas, meias de rolo da côr da casaca, véstia de tisso, canhões do mesmo, galões, matizes, camisa, gravata, espadim, cabelleira de bolsa, chapeo com plumas brancas, e todos os petrechos. Vinham de Hamburgo as cabelleiras mais apuradas, e custavam cinco moedas.

Francisco Coelho de Figueiredo, de quem são as noticias, e quasi as palavras do antecedente paragrapho, lembrava-se de que no seu tempo a ultima casa de venda d'esses artigos era a de um tal negociante Folckman; ahi se apromptavam guarnições de espadins, floretes, espadas de roca, etc., para os freguezes de mais afiado gosto (1). D'essas portas sahia apetrechado para tudo, de olhar pisco e dengue, mettendo de hombro, falando alto, o *faceira,* com

---

(1) *Theatro de Manuel de Figueiredo* — T. XIV, pag. 407 — Annotações de F. C. de Figueiredo.

o seu chapeo á malbruca, a sua cabelleira loira, a sua casaquinha curta, peito de lombriga, e gravata de garrote (1).

*

Famosos foram tambem, como outros artifices, os sapateiros lisbonenses. Antes de 1755 floresciam o *celebre* Beja, o *famoso* Araujo, o *notavel* Antonio Gomes, dos cobertos de Belem, «que possuia o segredo de encher as pellas para o jogo em que se divertia a Grandeza», diz o muita vez citado Figueiredo (2).

*

Veem depois as modas indecentissimas da Republica franceza, mal tornadas entre nós, e começa, com pequenas variantes, o que vemos ainda hoje, que é feio, sim, mas pratico e commodo.

*

Se o palacio do Loreto, que nos trouxe esta digressão enorme, de que me arrependo, quasi, podesse falar, e se podessemos ouvir tambem outros de Lisboa, o escutal-os seria grande gosto. Dançou-se muito no predio da familia Pinto Basto; e quando as bisavós da geração actual ali passassem, e olhassem para a frontaria do casarão, as saudades não haviam de ser poucas.

---

(1) Retrato a pag. 162 do T. II do *Anatomico jocoso.*

(2) *Theatro de Manuel de Figueiredo* — T. XIV, pag. 446.

Foi ali a *Assembléa,* que reuniu nos ultimos annos do seculo XVIII Lisboa inteira, e onde as gavotas e os menuetes se requebraram noites sem conto; e não só elles, mas tambem o *lundú* e o *ril.* Vejamos.

Define Moraes o *lundú* (vocabulo, segundo elle, das linguas *congueza* e *bunda):* «dança chula do Brazil, em que as dançarinas agitam indecentemente os quadrís». Pode ser que assim fosse lá; mas na sua transplantação para a Europa certamente perdeu o veneno. Em 1826 assim aprecia esta dança um viajante inglez, ás vezes seu tanto maligno, mas quasi sempre bom observador:

«Nas mais escolhidas sociedades de Lisboa se dançava antigamente o *lundú,* por pessoas dos dois sexos; mas agora poucas vezes o executam, a não serem duas senhoras, uma das quaes faz o papel de homem. Consiste em graciosas cadencias; os passos são geralmente os mesmos; a principal belleza depende menos do movimento dos pés, do que da gentil postura e das expressivas attitudes dos braços e do corpo.

«Collocam-se os dois pares ás duas bandas da sala; o *cavalheiro* segura um lenço branco; caminham um para o outro, a passos medidos e meneios insinuantes; ella dá mostras de sympathisar com o seu adorador; mas no momento em que elle a imagina favoravel aos seus requebros, eil-a que se revira e afasta com um sorriso desprezativo e espantada da audacia d'elle; elle por sua vez afasta-se tambem, mas com sentimentos mui outros; leva o lenço aos olhos, e, com a tristeza a pintar-se-lhe nas feições, vai recuando, e olhando de vez em quando para ella, como que para lhe despertar a compaixão.

«As reiteradas sollicitações d'elle obrigam-n-a a final a descahir da severidade, e a mostrar-se captivada das suas attenções; elle, mal que isso percebe, recomeça nos desdens. Chega-lhe a ella a vez das supplicas, e recebe d'elle o lenço, signal de mágua, que ella usa e meneia com a mais fascinadora graça.

«Toda esta pantomima, representando uma scena amorosa, acaba, lançando a *dama* o lenço ao seu par, como prova da sua conquista, e emblema da mutua reconciliação e união.

«Bem dançado, nunca deixa o *lundú* de provocar os mais enthusiasticos applausos.

«O que eu tentei descrever aqui foi o *lundú* das classes elevadas; porque executado pela plebe, está bem longe de ter graça e decencia.

«O povo em Portugal gosta tanto do *lundú,* ou *landum,* que até os velhos sentem profundo goso quando ouvem os compassos d'esta dança vibrados na guitarra» (1).

---

(1) ...«The Landun was formerly danced in the best societies of Lisbon by persons of both sexes; but now it is seldom performed in the higher circles, except by two females, one of whom represents a male partner. It consists of graceful cadences, the steps being generally the same throughout, and the chief beauty of the whole depending less upon the movements of the feet, than on the graceful elegance and expressive attitudes of the harms and body.

«The parties placing themselves at opposite ends of a room, and the gentleman holding a white handkerchief, they advance towards each other, with measured steps and wooing mien, and the lady appears disposed to sympathise with her admirer. But at the moment when he imagines her favorable to his

*

Se descrevi o *lundú* das salas, por que não descreverei o *ril*, que foi outra dança antiga, que certamente viram as salas das assembléas de Lisboa no tempo da senhora D. Maria I e do Principe Regente? E' de extracção ingleza, e em Inglaterra diz-se (ou dizia-se) *reel*, que significa sarilho; e é bem posto o nome: o *ril* é um sarilho de passos. Vejamos se o posso descrever:

---

suit, she turns away from him with a smile of contempt and astonishment at his presumption; he likewise turns away, but with far other feelings; the handkerchief now finds its way to his eyes; and with disappointment in every feature, he mesures back his steps, looking occasionally behind him as if to excite compassion.

«His reiterated solicitations make her at lenght relax in her severity and appear pleased at his attentions; which he no sooner percieves than he treats her with disdain. She in her turn becomes the suppliant, and recieves from him the same handkerchief, a token of grief, which she uses with the most fascinating gracefulness.

«This pantomimic representation of a love-scene ends in lhe lady's throwing the handkerchief over the neck of his partner, as an emblem of her conquest and their mutual reconciliation and union.

«When this is well danced, it never fails to elicit the most thundering applauses. What I have just endeavoured to describe is the landun of the better orders; but when danced by the canaille it is far from being either graceful or decent.

«The common people in Portugal are so fond of the landun, that even at an advanced age they experience a strong sensation of delight on hearing the measure played on the guitar.»

Sketches of Portuguese life by A. P. D. G. — 1826 — pag. 288 e seg.

Dançava um homem com quatro senhoras. Começava o homem por dar a mão direita e a esquerda a duas senhoras, fazendo com ellas um *en-avant trois* contra as duas outras parceiras. Largava os seus pares, e as quatro collocavam-se aos cantos de um quadrado, em cujo centro ficava o dançarino. Este, ao som da musica, e pulando, quasi em passo de polka, descrevia uma linha em forma de 8, e ia collocar-se a um dos cantos. A senhora que elle desalojava passava para o meio do quadrado, e descrevia pulando, como supra, o tal 8; dirigia-se para outra, substituia-a, e assim por diante. A musica não a sei indicar (1).

*

A proposito de musica, e additando palavras que já lá ficaram a cima, notarei uma coisa: o reinado da guitarra nas salas prolongou-se; as antigas e saudosas modinhas de nossas avós ahi estão a falar-nos d'ella; e parece que tambem as senhoras tocavam guitarra. Digo isto, por ler na *Gazeta de Lisboa* de 14 de Abril de 1812 este annuncio:

«Uma senhora capaz se offerece a ensinar a tocar guitarra; se algumas senhoras quizerem fazer-lhe a honra de a procurar, dirijam-se á rua Nova da Alegria n.º 34.»

Depois, foi de todo proscripta a guitarra; por caso

---

(1) Ouvi em Junho de 1885 a descripção d'esta semsaboria a uma senhora já então muito edosa, que me disse ter dançado o ril ainda no 1.º quartel do seculo XIX; mas parece não era já dança do mundo elegante, e pertencer apenas a reuniões muito familiares e infantís.

nenhum a deixariam entrar nas salas de bem; mas tanto fez a tentadora, tanto gemeu, tanto se insinuou, tanto invocou as tradições, que a pouco e pouco, de vagarinho, começou *esporadicamente* a apparecer, aqui, ali. E viu-se que não era tão má como a pintavam; que na taberna d'onde sahia tinha deixado as lettras inaceitaveis, e só trazia em si as dolentes melodias, tão arabes, tão nossas, tão sentimentaes, que nos chegam mesmo ao fundo do coração.

Tenho-a ouvido tocada por verdadeiras senhoras. Poucos instrumentos haverá, a não ser a harpa, que tanto realcem a figura feminina. A guitarra traz o que quer que seja de lembranças dos paços da Ribeira ou de Almeirim; e fala-nos nas longas seroadas de que ficaram tantos rastos nos Cancioneiros.

Por que ha-de hoje a guitarra ser, ou parecer, ignobil? de todo não percebo. Bem cotado é o piano; e se o ouvimos no Chiado, tambem o ouvimos (quando passâmos) nos botequins da Moiraria. Bem fina é a casaca; e se o amo a veste, veste-a não menos o creado.

Se uma guitarra vai ás hortas da Perna de pau, outra haverá que saiba e mereça entrar nas salas.

Por que hão-de pois odial-a ainda alguns meticulosos? Viva a guitarra, que é das nossas terras, e sabe prantear como ninguem os segredos da redondilha!

*

Porei agora ponto final.

Relendo o que escrevi, parece-me fraco. Mas que

querem? tinha poucos materiaes. Atrevi-me á imprudencia de querer fazer um caldo substancial com uma orelha de coelho (como diria Bulhão Pato).

D'essas amostras deduz-se, ainda assim, uma coisa: quanto eram agradaveis e sumptuosas as festas nobres na Lisboa de nossos avoengos, e quanto primavam em todos os requintes do luxo e da moda os senhores de casas, empenhados em mostrar aos desdenhosos estrangeiros que o nosso Reino pertence á Europa.

Em algum dos subsequentes capitulos darei mais exemplos do luxo nas recepções dos lisbonenses das classes elevadas.

CAPITULO XXI

Veio tudo quanto disse, a proposito da casa da Assemblêa; mais poderia eu trazer de noticias e descripções, se não temesse engrossar demasiado este ponto accessorio.

Passemos á proxima rua *do Oiteiro.*

*

E' antiga; já a menciona a *Estatistica* manuscripta da Bibliotheca (1552). Como a differença de nivel d'essa rua em comparação com o largo *de S. Carlos* é grande, será ousadia conjecturar que a sua elevação desse nome ao sitio?

*

«Quarta feira o 1º de Dezembro (1813), pelas 11 horas, em casa de Ignacio Sartini, na rua *do Oiteiro* junto ao largo *de S. Carlos* n.º 9, 2.º an-

dar, Adolpho Frederico Lindenberg, procurador dos herdeiros de José Trono, ha-de vender em leilão publico uma porção de paineis e miniaturas de varios autores, divididas em lotes que hão de estar á vista.a.»

Palavras da *Gazeta de Lisboa* n.º 279, de 27 de Novembro de 1813.

José Trono foi um pintor italiano, turinez, ajustado em 1785 pelo nosso Embaixador em Turim D. Rodrigo de Sousa Coutinho, para vir a Lisboa retratar a Familia Real.

Não sei se existem em poder d'el-Rei obras d'este artista.

*

Na mesma rua *do Oiteiro* n.º 1, 1.º andar, estabeleceu-se em Julho de 1817 uma nova casa de pasto, «junto ao chafariz do Loreto, onde tem quartos e sala capazes de dar jantares de encommenda com todo o commodo e aceio possivel» (1).

Não foi feliz a empreza. Passados uns quatro mezes annunciava-se o trespasse do estabelecimento (2).

Tambem aqui esteve o afamado Andrilliat, cabelleireiro do grande mundo por 1820 e tantos ou 30, de quem foi successor Monsieur Godefroy, em 1842, no largo *das Duas Egrejas*, com entrada pela rua *do Oiteiro* n.º 9, hoje estabelecido *no Chiado*, 80 a 86.

---

(1) *Gazeta* — n.º 167, de 17 de Julho de 1817.
(2) *Gazeta* — n.º 260, de 3 de Novembro de 1817.

*

Havia ahi a rua *do Picadeiro das Portas de Santa Catherina,* que era antiga, e tirava nome do picadeiro do paço dos Duques de Bragança, pertencente (talvez por aluguer) em 1804 ao picador João Valentim Falner (1).

Ainda hoje, depois de desapparecido o picadeiro, depois de sumida a rua *do Picadeiro,* ou transformada na forma e no nome, muita gente que vai ao theatro de S. Carlos, e tem camarote do lado do poente, diz ao cocheiro:

— Olhe, nós queremos apear-nos na porta do Picadeiro; ouviu?

E o cocheiro entende, e responde:

— Sim senhor.

Ahi morou o celebre Thomaz Pinto Brandão.

> Diz Thomaz Pinto Brandão,
> ao Picadeiro assistente (2)

Em 1816 havia «á entrada do Pateo do Picadeiro», nos numeros 11 e 12, uns armasens onde se recolhiam mercadorias (3).

---

(1) Diz o sr. Pinto de Carvalho (Tinop) na sua obra *Lisboa de outros tempos* — T. I, pag 245: «Em 1804 existia no terreno que formava o largo entre o Thesoiro velho, o theatro de S. Carlos, e as cocheiras das carroagens Reaes, um picadeiro pertencente ao picador João Valentim Falner.»

(2) Versos de uma decima a pag. 68 do seu *Pinto Renascido.*

(3) Phrase da *Gazeta de Lisboa* n.º 259, de 31 de Outubro de 1816.

Aqui mesmo, na *Cordoaria velha,* que era parallela á nossa rua *do Thesoiro velho,* havia um Hospicio dos Frades do Varatojo. Diz-m'o Frei Apollinario da Conceição (1). Os Missionarios que do Varatojo vinham á Côrte, hospedavam-se n'este seu casebre.

Segundo o Padre Godinho, citado por aquelle meu informador, foi o celebre Frei Antonio das Chagas quem tomou posse d'esta habitação em 22 de Setembro de 1679; concedia-lh'a el-Rei.

*

Perdão; paremos; eu não quero agora devassar sitios, que ficam reservados para outro volume. Duas noticias só.

Beckford na sua carta XX escreveu isto, que traduzo:

«Tornando-nos pelo *Bairro alto,* fomos ver uma casa nova edificada com grande despeza por João Ferreira. Era um mesquinho negociante de coiro, tornado proprietario de um dos mais opulentos contratos de Portugal, graças á protecção do Arcebispo Confessor da Rainha. Nunca vi salas mais mal decoradas do que são as d'este pobre mercador de sola, forradas de setim azul escuro, mesclado com uma côr de açafrão muito estrillante. Cada tecto é pintalgado de quadros allegoricos pessimamente executados, carregados de ornamentação doirada, que lembra a das vistosas taboletas que fazem

(1) *Claustro Franciscano,* pag. 117.

o orgulho dos antiquados lojistas da *City* em Londres.» (1)

*

Ahi por baixo do predio contiguo foi o celeberrimo botequim Marrare, de que já falei n'outro livro.

Marrare, Italiano não sei d'onde, veio para Portugal como copeiro da Casa de Niza, se não me engano. Já na *Gazeta* de 1813 elle põe um annuncio relativo ao seu mistér. (2)

Até 1818 estava estabelecido, com loja de vinhos engarrafados, no largo *de S. Carlos* n.º 4. N'esse anno mudou para *o Chiado* (rua *das Portas de Santa Catherina*) n.º 33, e abriu em 2 de Maio (3). Dois annos depois tornou a mudar-se para o n.º 25 da mesma rua. (4)

*

Comtudo, apesar da sua fama, que poucas celebridades politicas e litterarias egualaram, não podia blazonar-se de ter a loja mais antiga da rua.

«Até 1861 — diz o sr. Pinto de Carvalho (*Tinop*) no seu curiosissimo livro *Lisboa de outros tempos* — a loja mais antiga *do Chiado* era a do baúleiro Rodrigues, estabelecido na porta n.º 26, agora pertencente á Casa Havaneza. O predio que torneja

(1) Como não tenho o original inglez, sirvo-me da traducção franceza que vem no jornal *L'Abeille*, T. II, pag. 20.

(2) N.º 27 de 2 de Fevereiro de 1813.

(3) *Gazeta* — n.º 103, de 2 de Maio de 1818.

(4) *Gazeta* — n.º 7, de 8 de Janeiro de 1820.

para a rua *Nova da Trindade* (antiga travessa *do Secretario de guerra*) foi comprado por Antonio de Oliveira Guimarães, o qual intimou ordem de despejo aos inquelinos porque desejava restaural-o.»

Depois explica este incançavel e sagaz rebuscador:

«Antes do terremoto, segundo consta de escripturas, não existiam grandes predios n'aquelle sitio, e algumas habitações eram apenas barracas. Veio do Brazil um certo Antonio Simões da Costa, que morreu ahi por 1831 com mais de um seculo de edade, e chegou talvez no proprio anno da catastrophe, levantou o predio que ahi existe, e comprou, ou elle mesmo estabeleceu, a loja de baúleiro. Suppõe-se todavia que a comprára. De Antonio Simões passou a loja para o Rodrigues, que já contava mais de 80 annos, podendo portanto affirmar-se que aquelle estabelecimento era não só o mais antigo do *Chiado*, mas de Lisboa, visto que ali permaneceu ininterruptamente durante 105 annos.» (1)

O Imperio de Napoleão não viveu isso.

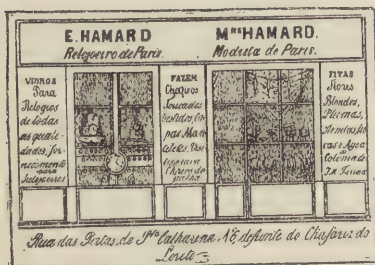
Diga-me o leitor, se não acha que o citado escriptor prestasse grande serviço com a sua obra, tão noticiosa, tão authentica! Minucias conservou elle, que d'aqui a cem ou duzentos annos hão-de valer como alta historia. Oxalá o gosto publico o tivesse animado!

Continuaremos.

---

(1) Tinop — *Lisboa de outros tempos* — T. II, pag. 292.

*

Outra antiga loja me consta, exactamente pelo mesmo sitio; é a de *Monsieur et Madame Hamard*, rua *das Portas de Santa Catherina* n.º 18, *defronte do chafariz do Loreto;* elle era relojoeiro, ella modista. As duas portas desenhadas no bilhete que possuo, e reproduzo aqui, teem já o cunho da loja parisiense, que até ha umas dezenas de annos era novidade na Lisboa dos navegadores.

Vidraças da frente de uma antiga loja franceza no Chiado

Oxalá outros colleccionadores, outros inuteis, outros maniacos, outros desorientados como eu, nos tivessem conservado o aspecto dos armasens de mercador, ante os quaes passava, e ia falando a uns, sorrindo a outros, el-Rei D. João II! o aspecto das tendas luxuosas da rua *Nova* no reinado manuelino, deslumbrantes de loiças, sedas, armas orientaes! a feição das opulentas baiucas da ourivezaria, ante as quaes divagaram tanta vez Ribeiro Chiado, Camões, Nicolau de Altero! o rosto exacto das estalagens inhospitas do Borratem ou da Ribeira Velha, em dias dos tunantes companheiros d'el-Rei D. Affonso VI! a apparencia, emfim, do botequim pombalino, onde libaram e se entretiveram os cidadãos do tempo do rabicho, e onde ri-

ram, discutiram, e poetaram, um Garção, um Bocage, um Tolentino!

Voltando ao que vinhamos dizendo: o estabelecimento dos esposos Hamard fazia já uma certa figura mais decente; a maior parte das casas de venda e dos armasens da Capital eram medonhos. Observando as lojas da Baixa em 1796, escrevia o viajante francez mil vezes citado aqui:

«Faz pena ver o sitio mais bello de Lisboa entregue a mercadores, cujas lojas, sombrias, com pouco pé direito, e desataviadas de adornos, não teem a elegancia, o brilho, a *mostra* que alardeiam nas grandes cidades» (1).

*

Foi em 1834, segundo ouvi a varias pessoas, que a loja lisbonense entrou a civilisar-se; e o architecto que deu a estes poisos do pequeno commercio uma feição mais parisiense, chamou-se Possidonio da Silva. Com o seu lapis gracioso e estrangeirado entrou a pouco e pouco transformando as armações archaicas, os balcões pre-historicos, pondo vidraças grandes, rasgando mostradores; e o exemplo poude o que pode sempre quando é bom, e opportuno. O Loreto deu o alamiré, e era (não ha negal-o), até ha poucos annos, um especimen de cidade moderna encravado n'uma povoação vetusta.

---

(1) «On voit avec peine le plus beau quartier de Lisbonne livré à des marchands, dont les boutiques, basses, sombres, sans ornements, sans décorations, n'ont ni la beauté, ni le brillant, ni l'étalage, qu'elles présentent dans la plupart des grandes villes». Pag. 23.

*

Muitos estabelecimentos commerciaes com grande fama na rua *das Portas de Santa Catherina,* em tempo de nossos paes e avós, desappareceram, quebraram, deixaram o logar a successores. Outros arderam, mas renasceram das suas cinzas. Exemplo:

O *Grande Bazar* dos srs. Barellas, n.os 66 e 68 d'esta rua celebre, foi destruido pelo incendio do palacio a 14 de Novembro de 1889. Dezasseis pessoas ameaçadas de horrorosa morte, no meio d'aquelle Vesuvio em chammas, conseguiram salvar-se. Os honrados commerciantes não desanimaram; dando graças á Providencia Divina tornaram a estabelecer-se, e no sabbado 25 de Abril de 1891 inauguraram a sua nova casa com uma bonita festa de caridade, vendendo ao publico tres mil prendas, cujo producto dividiram entre o Asylo dos ceguinhos, o Hospital infantil da Senhora da Saude, e a Escola Caridade da freguezia da Encarnação.

Quem ali passar, recorde em espirito esse acto de beneficencia, e saiba que não é só a frivolidade que floresce no Chiado.

Que nome escrevi eu! o CHIADO!! Até certo tempo foi elle a personificação da Lisboa elegante; tudo mais... era provincia.

*

O Chiado, este Chiado famoso, que viu tanto, e não sabe contar as suas aventuras, teve na Avenida chamada *da liberdade* a mais perigosa das rivaes.

Quando todo o transito se fazia pelos *Paulistas, Loreto,* e rua *Nova do Carmo,* esta serventia entre as duas egrejas e o Espirito Santo (hoje palacio Barcellinhos) foi o *boulevard des Italiens,* a *Regent Street,* a *puerta del Sol,* o *unter den Linten,* o *Corso,* de Lisboa.

Ahi começaram a ver-se lojas grandes, claras, rutilando de bronzes e crystaes.

Ahi triumpharam varios nomes, que ainda hoje se proferem: o do mencionado botequineiro Marrare, que, sem ser academico, manteve uma quasi Academia; o da modista franceza Madame Elisa; o do cabelleireiro Baron, com as suas mesuras ridentes, e a sua conversação noticiosa de parisiense amavel; o do cabelleireiro e perfumista Godefroy, grave, loiro, e cortez; o do alfaiate Airolles; o do aristocratico e bondoso Strauss; o da modista Real Madame Levaillant, que na esquina oriental do seu 1.º andar para a rua *de S. Francisco* ostentava um tropheo internacional de brasões e bandeiras de taboa; o do quinquilheiro José Alexandre, prototypo do que havia melhor em Londres e Paris; o do quinquilheiro Seixas, sympathico, hospitaleiro como poucos; o do quinquilheiro Magalhães, em cuja loja riquissima passou a affluir a elegancia depois de fechado o Marrare; o do apurado sapateiro Manuel Lourenço; o do mercieiro Martins; o nome quasi litterario dos honrados livreiros Bertrands; e quantos mais, que não sei!

Ahi, mesmo no coração da Cidade dos atrevidos navegadores da agua salgada, campeou Neptuno, com o seu rumoroso estado-maior de vendilhões de agua doce.

Ahi foi, na esquina para a rua do Oiteiro, o *Centro commercial* de Fradesso da Silveira, homem tão talentoso, tão emprehendedor, e tão infeliz!

Por ahi, mais abaixo mais a cima, todos conhecemos hotéis, muita vez poiso de cantores celebres e cantoras de S. Carlos.

O botequim do Marrare viu entrar e sahir, pelo seu agulheiro estreito e forrado de polimento, a Lisboa doirada durante quarenta annos.

O grande Armasem Suisso, com os seus galantes artefactos, tem-nos trazido amostras constantes do lavor d'aquellas terras unicas: já os bordados, já as esculpturas em madeira, que os pastores engenham nas suas horas de forçado ocio, já as pinturas de valleiras e serranias.

O citado Andrilliat, e o seu successor desde 1842, o celebre Godefroy, representavam e representam as mais deliciosas phantasias no córte, na tintura, no encaracolado dos cabellos. Quantos triumphos não prepararam elles ás grandes elegantes em noite de baile no paço de Belem, em noite de representação na Thalia, em noite de baile nas Laranjeiras, no Marquez de Vianna, no Club do Carmo, ou aqui, no Lumiar, em casa do Duque de Palmella! Graças a esses artistas, quantas paixões se não accenderam ao *rubro* d'aquelles ferros de frisar! quantos pensamentos não afagaram aquelles *bandós!* quantos amores se não enroscaram n'aquelles *saca-rolhas,* ou não borboletearam n'aquellas flores de Constantino!

O Restaurant-Club, da esquina da travessa de Estevam Galhardo, é o concorrido theatro de jantares e ceias sempre alegres.

O *Turf-Club* de um lado, e o *Club tauromachico* do outro, reunem a mocidade feliz, que expande as suas azas iriadas n'uma réstea do sol da vida.

Cá em baixo, emfim, o velho gallego da esquina, sizudo, compenetrado da valia do seu alto papel n'este mundo, ainda lá aguarda os acontecimentos; e, lamentando as mudanças do seu *meio,* e a decadencia fatal do recado, ainda diz com justa ufania:

— Pois a mim mandava-me chamar o sr. Marquez de Niza em caso de importancia, Deus lhe fale n'alma! e pagava como um Rei!...

....

*

Os mysterios d'este concorrido, d'este falador, d'este agitadissimo Chiado, dariam volumes scintillantes a um Paulo de Kock, a um Balzac, a um Charles Dickens, a um Camillo Castello-branco, a um Dumas, a um Marc Twaine, aos romancistas, aos historiadores, aos grandes poetas, com illustrações dos grandes caricaturistas Gavarni, Cham, ou Crafty.

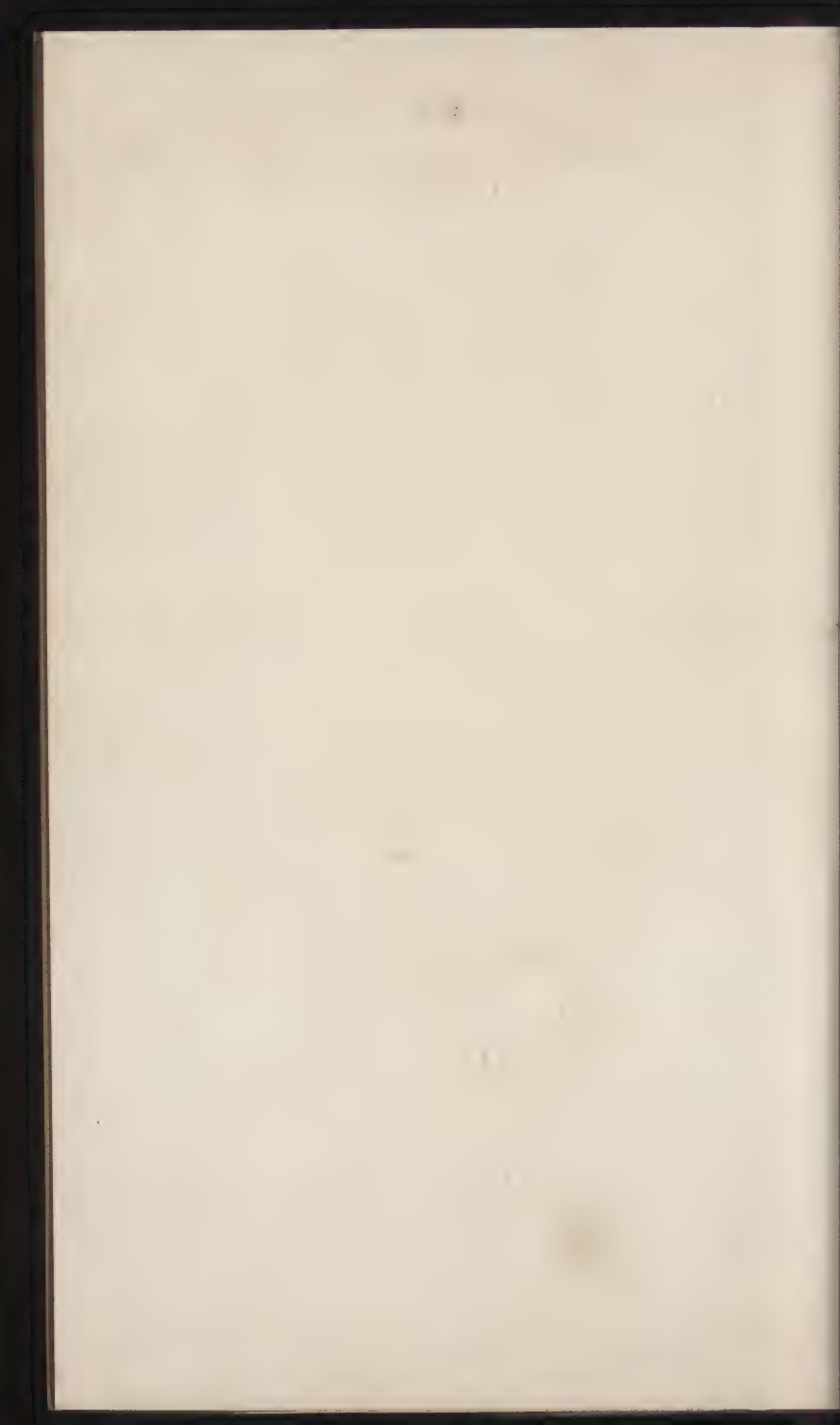
Em quanto a Lisboa da nossa mocidade, a saudosissima povoa pacata e aldean de out'ora, via as suas ruas meio desertas, no Chiado acotovelava-se a população, e quebravam ao norte e ao sul as ondas irrequietas do publico laborioso, e do publico vadío, dos que passavam, e dos que estacionavam, dos que iam para vêr, e dos que iam para ser vistos.

*

A palavra Chiado ainda alguma coisa diz aos rapazes de hoje, mas muito menos do que a nós, rapazes ha quarenta annos. A nós dizia a suprema elegancia, e animava-nos do espirito de novidade, que sempre costuma soprar das terras estrangeiras.

O forasteiro adventicio recem-desembarcado do paquete, o transmontano curioso de tomar o pulso á Capital, a compradora de bagatellas e artigos de vestuario mais cuidado, o peralvilho, ou janota (como se dizia), que desejava estadear as maravilhas do seu trajo parisiense, os Deputados á sahida das Camaras, os cantores de S. Carlos á sahida dos ensaios, o piemontez tocador de realejo, que tinha corrido as sete partidas do mundo, espalhando quasi de graça, e a retalho, as partituras de Bellini ou Donizzetti, os gastrónomos que só sabiam jantar nos restaurantes de mais nome, a hespanhola cheia de *salero,* o estrangeiro ancioso por ver os usos e costumes d'estas regiões quasi desconhecidas, os rapazes toireiros, desejosos de quebrar olhos com o garbo dos seus cavallos, o fanfarrão quebra-esquinas, por quem, no dizer d'elle, todas as mulheres morrem... esse pandemonio inteiro se encontrava no Chiado, vivia no Chiado, illuminava o Chiado.

Hoje, segundo já lá em cima indiquei, com a derivação do transito, esta arteria historica, sem ter perdido tudo, perdeu muitissimo. A nova *Avenida,* o *Rocio,* e a rua do *Oiro* arremataram por grosso a especialidade do passeante ocioso, que ali finge

O Chiado em 1844
tirado do largo do Loreto

de rico, e, encostado pela hombreira das suas lojas predilectas, passa as tardes a observar, a criticar, a publicar balelas, e a representar, como sabe e pode, o seu papel de marialva afadistado e inutil.

*

Quem me dera, ó tu, meu velho Chiado das mulheres de capote e lenço, e dos sonoros realejos de macaquinho, poder cantar, na devida afinação, a tua historia completa! ser, com os documentos em punho, o Plutarcho dos teus habitantes mais notaveis, e o Kodac dos teus transeuntes!

O escriptor que o tentar, e o conseguir, deixa um livro immortal.

CAPITULO XXII

N'um dos cabeços mais pittorescos, e de mais extensa vista, de quantos sobresaem n'esta varanda de duas leguas debruçada sobre o Tejo, como dizia o meu querido amigo e poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, eleva-se, a 50 metros de altitude sobre o nivel do Tejo, a modesta egrejinha das Chagas. E' filha do convento da Trindade, segundo attesta o já tantas vezes citado chronista da Ordem, além de outros escriptores (1); não passava até 1542 de uma capella da egreja do mencionado convento, a qual n'esse anno levantou o vôo, como a Santa Casa da Palestina, e foi poisar n'aquelle cume, vista e querida dos mareantes, e estendendo o olhar até fóra da barra.

Observo ao leitor, que esse *vôo* deve ser tomado em sentido figuradissimo. A transferencia foi feita muito de caso pensado, e serenamente.

---

(1) S. José — T. I, pag. 178 — *Sanct. Marianno*, T. I, pag. 324 — Carvalho, *Corogr*, T. III, pag. 477.

Poucos sitios em Lisboa levam a este a prima-

Planta do fragmento da cidade contido entre as Chagas e a rua direita do Loreto antes de 1755

zia no arejado, no bem posto, no retirado, e ao mesmo tempo no central.

> Depois de tanta ausencia eis-me sentado
> na conhecida pedra em face ao templo,
> que ri de longe ao marinheiro luso.
> Aquellas são as arvores; oh! troncos
> troncos da minha infancia! aquella a torre
> dos tão sonoros tão contentes sinos!

exclamava ha uns setenta e dois annos uma alma de poeta, ao chegar de um desterro entre brenhas ao largo *das Chagas*, onde o esperavam tantas memorias da mocidade!

D'ali domina-se o Tejo, a Outra banda, a barra, ali correm uns ares de recordações patrioticas, e não sei que se tenha infamado aquelle taboleiro (como tantos outros sitios de Lisboa) com memorias lugubres da nossa chronica. Está impolluto; de mais a mais, guardava-o como genio tutelar, a imagem graciosa e fugitiva de uma mulher amada; nada menos que a Natercia de Luiz de Camões.

*

E' que a lenda é como a hera: em tudo se enrosca; e se lhe não acudirmos, afoga a Historia.

Foi ali que o nosso epico viu pela primeira vez (dizia-o a lenda), n'um officio da semana maior, a neta dos Viscondes de Villa-nova da Cerveira, a formosa filha de D. Antonio de Lima, Catherina de Ataíde.

Infelizmente a historieta cahiu por terra, como quasi todas as circumstancias biographicas de Camões. E' incrivel o mau fado do eminente poeta! d'elle só se sabe com certeza que se chamou Luiz

de Camões, e escreveu. O mais, que uns aos outros contâmos, como verdades, pintâmos e dramatisâmos... quasi tudo é fumo. O livro de Latino Coelho é uma negação desconsoladora.

Vamos ao caso.

*

Para darem base á bonita scena do encontro do Poeta com D. Catherina, fiam-se n'um antigo depoimento, cuja authenticidade se desconhece. Esse depoimento é uma fugitiva nota, um apontamento, uma lembrança, que escreveu Diogo de Paiva de Andrada, e que aproveitou Faria e Sousa. Mas qual dos Diogos? o tio, ou o sobrinho? questão prévia, que é necessario averiguar.

Diogo de Paiva, tio, é um mystico, um theologo, e não parece entretido em manusear assumptos de amores profanos. De mais a mais, nasceu em 1528 e falleceu em 1575, isto é: apparecendo depois de Camões, e morrendo antes d'elle, foi seu contemporaneo, mas nada nos leva a crer que se interessasse por assumpto, que aos seus olhos deveria parecer tão pouco para estudo. Logo, tudo parece excluir o Doutor em Theologia.

Diogo de Paiva, seu sobrinho, esse tem mais visos de ser o auctor do apontamento, pelos seguintes motivos:

1.º — A sua vida, que decorreu de 1576 a 1660, afasta-o já tanto de Camões, que é licito pensar que as circumstancias minimas da biographia do Poeta, já então publicamente illustre, interessariam a um espirito culto.

2.º — Como filho de um chronista applicado e indagador, não podia extranhar-se-lhe o tomar nota de um facto capital na existencia do Cantor dos *Lusiadas*.

3.º — Coincidindo a sua florescencia intellectual com a do seu contemporaneo Faria e Sousa, não admira que este obtivesse de Diogo esse apontamento, que parecia dever elucidar os seus estudos criticos (1).

Logo, tudo nos leva a crer que o auctor do apontamento fosse Diogo de Paiva de Andrada, sobrinho, filho do Chronista mór Francisco de Andrada.

*

Ora mas a valia d'essa lembrança é que se não prova. Diogo era latinista, escriptor apurado, tudo quanto quizerem, mas os seus dotes criticos eram fracos, a julgar pelo que dizem e ponderam Innocencio, Frei Fortunato de S. Boaventura, e outros.

De mais, só repetia ahi o que ouvira não se sabe a quem, elle que só nasceu trinta e quatro annos

---

(1) Julgo menos exacto o dizer-se que a noticia do encontro do Poeta com a sua inspiradora foi «achada entre umas lembranças ineditas de Diogo de Paiva de Andrada». Esta *achada* suppõe que elle já tivesse fallecido. Não; esse apontamento não foi achado posthumamente entre os seus papeis; foi por elle dado a Manuel de Faria e Sousa. Prova: a 2.ª edição dos Commentarios aos Lusiadas, apparecida em 1685, estava prompta desde 1646; e Diogo falleceu em 1660; portanto, deu o apontamento a Faria e Sousa antes de 1646.

depois da supposta data do supposto encontro de Camões com a Natercia.

Esse tal apontamento, sobre o qual se baseia a lenda, dizia que aos dezoito annos de edade começou Camões a amar D. Catherina de Ataíde, pela ter visto a 19 ou 20 de Abril, sexta feira santa de 1542, na egreja das Chagas.

Faria e Sousa toma tudo isso por moeda corrente, acceita a noticia por fidedigna, e gasta muito papel, muita tinta, e algum engenho, em a discutir, ficando tudo na mesma, apesar de basta puerilidade accumulada a fingir de erudição.

*

O livro intitulado *Collecção Camoneana* de José do Canto revolve de novo o assumpto, como já fizeram Camillo e outros, e assenta, seguindo a argumentação que ao mesmo Canto apresentou uma vez o nosso commum amigo D.or Venancio Deslandes, que a affirmativa é falsa, visto que na Semana santa de 1542 ainda a egreja das Chagas se não achava a culto, e só se inaugurou a 22 de Dezembro.

Observo apenas isto, sem querer dar a esta questiuncula, não documentada, mais corpo do que tem: para o anno de que falam, 1542, partem do principio de que o poeta nasceu em 1524; mas seria essa a opinião do redactor da papeleta? talvez não, desde que nos lembrarmos de que só o apparecimento de um *Registro* da Casa da India, de 1550, por onde Faria e Sousa apurou os 25 annos do

Poeta, nos marca a data de 1525 (ou 1524) para o nascimento d'elle, que alguns remontavam a 1517. Os *dezoito* annos contados desde 1524 levar-nos-hiam, certo é, a 1542; mas o ponto de partida é que é discutivel. Podia o Poeta ser novo, sim, muito rapaz, segundo o desconhecido informador de Diogo de Paiva, mas para o caso tanto importava que tivesse dezoito, como dezanove, como vinte ou mais annos. Logo, já um simples anno de differença nos levaria a um tempo, em que a egreja nova estivesse em toda a sua actividade liturgica.

Note-se bem: eu pareço estar defendendo a lenda; não estou, como em breve se vai ver; estou por ora mostrando que o encontro se podia ter dado nos annos proximos subsequentes a 1542, e que tudo, quanto n'isto se diz é fumaceira de conjecturas.

*

Canto nota engano em Diogo de Paiva, e nos que o repetiram, quanto á data da Paschoa de 1542, que elles dizem haver cahido a 19 ou 20; corrige-os, observando: «Cahiu a 9 de Abril, e sexta feira maior a 7». Certamente, depois da correcção Gregoriana, que só começou a vigorar em 1582; mas até esse anno, contavam-se dez dias a mais no calendario, dias que o Santo Padre Gregorio XIII, depois de longos annos de estudo feito por homens conspicuos, determinou se cortassem para compensar o erro causado pela precessão equinoxial. Logo os que em 1542 diziam 19, acertavam; e os que dizem hoje 9 tambem acertam.

*

Os versos, tomados como texto e pretexto da lenda, diziam isso assim:

SONETO

O culto divinal se celebrava
no templo d'onde toda a creatura
louva o Feitor divino, que a feitura
com seu sagrado sangue restaurava.

Amor ali que ao tempo me aguardava
onde a vontade tinha mais segura,
com uma rara e angelica figura
a vista da razão me salteava.

Eu, crendo que o logar me defendia
do seu livre costume, não sabendo
que nenhum confiado lhe fugia,

deixei-me captivar; mas hoje, vendo,
senhora, que por vosso me queria,
do tempo que fui livre me arrependo.

*

Fala-se na egreja das Chagas.

Porquê? como? onde cita Camões a egreja das Chagas?

Fala-se na sexta feira santa.

Por quê? com que base? com que motivo? onde se refere Camões á sexta feira santa?

Traduzindo aquellas poeticas circumlocuções em simples prosa, vejo apenas isto:

Celebrava-se o culto no templo onde nós, as creaturas humanas, louvâmos o Creador, que nos resgatou com o seu Sangue. O Amor, que então me fazia ali uma espera, no sitio onde o meu querer parecia dever ter mais efficacia, salteou-me com o aspecto de uma linda rapariga. Eu, julgando que, por me achar n'uma egreja, me via mais ao abrigo dos assaltos do Amor, e não sabendo que ninguem lograva escapar-se-lhe, deixei-me captivar; mas hoje, senhora, vendo-me escravo dos vossos encantos, só me pésa não o ter sido ha mais tempo.

Nada mais vejo em tal soneto; nenhuma allusão á egreja das Chagas, nenhuma allusão á sexta-feira maior, nenhuma indicação da pessoa da donzella. Vejo um homem, que n'uma egreja qualquer se namora de uma rapariga qualquer.

Em todos os templos christãos louva a creatura o Feitor divino que a resgatou com o seu Sangue.

Essas expressões latissimas tanto podem referir-se a uma Missa solemne, como a uma Missa resada; tanto á festa do anno bom, como aos officios da Semana santa, como ás Matinas do Natal, como á ausencia de qualquer festividade; bem podia elle n'uma egreja deserta e silenciosa ter encontrado a rapariga. As indicações que nos dá o Poeta referem-se tanto ás Chagas, como á Sé, como a Santa-Cruz de Coimbra, como ao Loreto, como a S. Domingos de Santarem. Em todas as egrejas da Christandade a creatura louva o Creador, que a restaurou com o preço do seu divino Sangue.

As lendas são as brilhantes estalactites da Historia; não as queiramos nós outros fabricar.

*

O que parece (francamente o digo, em que pése aos camonianos obcecados) é que tudo isto não passa de uma bolha de sabão. Ha commentadores e admiradores, que tomam por asserções authenticas todas as circumstancias minimas dos versos de um poeta, e até lhes descobrem e accrescentam coisas novas, em que o poeta nunca pensou; e dizer elle qualquer ninharia, que o metro ou a rima motivara, é alicerce para commentarios de um burlesco acabado.

Exemplo:

Latino Coelho, de quem falei pouco acima, Latino Coelho, talento que para tudo era, tambem fez versos na sua mocidade; escreveu isto:

> Foi n'uma noite de Maio,
> entre os suspiros da aragem,
> que eu a vi,
> quando a lua em frouxo raio
> espelhava a imagem sua
> no rio que bate ali.

Supponhâmos que Latino tivesse adquirido como poeta o renome de um Camões. Vem um commentador (dos taes) e architecta isto assim:

«Trata-se do primeiro encontro do auctor com a sua bella. O facto deu-se n'uma noite do mez de Maio do anno 1849, porque n'um periodico do anno seguinte se encontra impressa a poesia. Os *suspiros da aragem* são formula poetica significando figuradamente, não a simples aragem, mas o vento·

Ha um antigo apontamento anonymo, onde se lê que na noite de 14 para 15 se desencadeou sobre Lisboa uma ventania; logo, o encontro do vate com a sua *ella* foi de 14 para 15. Onde? é clarissimo: n'uma casa do Caes do Sodré; porquê? porque a expressão *o rio que bate ali* significa estar o Tejo muito proximo da casa da menina. E porque se diz que foi no Caes do Sodré? porque era o unico sitio n'esse tempo praticavel para passeantes. A Pampulha está excluida; era longe. Para a banda da Alfama ha muitos gatos, Latino não gostava de gatos, não iria para ahi. Tudo indica o logar do Caes do Sodré. E ha n'isto uma minucia reveladora da altissima observação do genio do poeta: a imagem da dama espelhava-se no rio; logo, a agua estava branda; ora como o vento norte sopra de alto, as aguas proximas do caes achavam-se paradas. Vejam a intuição admiravel d'aquelle engenho!»

Quantos commentarios de Faria e Sousa, de Probo Sabino, de Servio, ou de Hartung, não engulimos nós hoje por critica litteraria conscienciosa, sagaz, e irrespondivel!...

CAPITULO XXIII

A egreja das Chagas, *egreja nova* em 1551 quando Christovam Rodrigues de Oliveira escreveu o seu *Summario,* estava então «na freguezia dos Martyres, de fora dos muros do arrabalde.»

Perfeitamente de accordo: a freguezia dos Martyres foi enorme antes de subdividida; os muros acabavam ás portas de Santa Catherina. Já estudámos esse ponto, o leitor e eu.

Os fundadores, homens do mar, pilotos e mestres da carreira da India, escolheram bem o sitio, n'um cabeço que dominava o Tejo e muito campo aos quatro ventos.

Tinha a ermida Missa quotidiana, e nas segundas feiras, sextas, sabbados, domingos, dias santos, e festas de Nosso Senhor e Nossa Senhora, e nas sextas feiras de Quaresma, Missa cantada e sermão. O Capellão recebia de ordenado 50 cruzados. Tinha este templo a honra de Pia baptismal, disfrutando os confrades um privilegio da Santa Sé para ahi poderem fazer baptisar seus filhos (1).

---

(1) *Summario,* pag. 51.

*

. . . .

Um dos encantos da nossa Lisboa são os sinos; parecem ás vezes marimbas ethéreas tangidas pela mão dos Seraphins. Pois entre os mais agradaveis e crystallinos campanarios figura o das Chagas, o

dos tão sonoros tão contentes sinos!

Os seus repiques e menuetes choram tristezas funebres a quem vai rio a baixo, dizendo adeus, sem saber por quanto tempo, ao esplendido panorama de Lisboa; sim, mas quantas alegrias não expandiam, ao repicarem, como era seu officio, quando entravam o Tejo as naus da India! quando a alvoroçada Lisboa communicava a noticia de casa em casa! quando toda a população corria para a Ribeira!

*

O relogio é que não gosava de grande reputação, coitado, a julgal-o por um ditado plebeu: *Em mulher de Alfama, homem do mar, relogio das Chagas... não ha que fiar.*

Tinha desculpa; é que provavelmente, habitando n'aquelle miradoiro tão lindo, o relogio das Chagas tornára-se poeta; devaneava quando devia contar quartos; observava as caravellas ou pensava em Catherina de Ataíde, quando devia calcular minutos. Convençamo-nos d'isto: em poetas é que não ha muito que fiar.

*

A el-Rei D. Filippe I dava certo fidalgo, que odiava os Portuguezes, o seguinte conselho:

— Mande Vossa Majestade fundir para artilheria os sinos de todos os campanarios de Lisboa.

Respondeu com graça D. Christovam de Moura, perguntando com malicia:

— *Y de los de Madrid y Badajoz que se ha de hacer?* (1)

Se a voz dos sinos é tão agradavel nas Chagas, outra voz mais bella ressoou n'aquella abóbada: foi a do Padre Antonio Vieira em 14 de Setembro de 1642, prégando ali n'uma festa de Santo Antonio.

E' engraçado o sermão, e muito vivo; merece lido e estudado. No dia seguinte haviam de abrir-se as Côrtes; compensação previa ás semsaborias da eloquencia dos Procuradores da Nação.

*

Veio o terremoto grande, e a egreja cahiu e ardeu. Reedificou-a não sei que architecto; e quando se procedia a obras, e se excavava no entulho, appareceu illeza, sem uma beliscadura, a Imagem de Nossa Senhora da Piedade, orago da casa. O proprio manto, que na triste manhan de 1 de Novembro a envolvia, achou-se conservado.

Até se concluirem as obras foi a Senhora habitar «n'uma bella e espaçosa ermida de frontal» con-

---

(1) Supico. *Coll. de apophtegmas.* T. I, pag. 133.

struida provisoriamente e á pressa no *sitio dos Cardaes* (1).

Da nova egreja pintou o tecto Francisco de Figueiredo (2).

*

A configuração, ou o feitio architectonico d'esta egreja, vista do Tejo, não mudou sensivelmente desde o principio.

A vista-planta de Braunio (fim do seculo XVI)

Egreja das Chagas segundo Braunio seculo XVI

apresenta-nos um edificio de tres janellas allongadas e uma porta travessa; telhado de duas aguas. Ao nascente, na cabeceira do templo, vê-se um edículo, que tanto pode ser uma pequenina ábside,

---

(1) *Narração do formidavel terremoto*, manuscrito anonymo que possuo, coevo do acontecimento, pag. 71.

(2) Cyrillo. Coll. pag. 212.

como uma sacristia ou outra dependencia. Ao poente, sobre o sul, ergue-se uma torre sineira com duas ventanas e uma platibanda, a cima da qual outro corpo de duas ventanas rematado em corucheo sobrepojado de Cruz. Ao sul percebe-se o muro do adro ou terraço sobre a ribanceira.

A vista chamada de 1650 dá-nos a mesma coisa quasi; mas como a egreja se acha perspectivada,

As Chagas no seculo XVII

vêem-se na sua cabeceira duas janellas, que provavelmente ladeavam o altar mór. O edículo da sacristia parece ter-se reformado e ampliado, e mostra tres janellas ao sul, e duas ao nascente. Na torre apenas se vê uma sineira, e em baixo um circulo que bem pode figurar o relogio. Lá está o muro do adro desafrontado, e encostado a elle, para o noroeste, uma casa, que ainda hoje se vê, para a banda da barra.

A bella vista ingleza de Lemprière dá o mesmo aspecto, sem a sacristia (talvez encoberta), e com tres gigantes ao sul; duas janellas no corpo do templo, e uma só sineira na torre.

As Chagas no seculo XVIII segundo Lemprière

Hoje ha tres janellas, e uma sineira.

*

As Chagas modernamente, antes do biombo que ahi collocou o sr. Dias Ferreira.

Tinha o largo das Chagas arvores antigas, que talvez morreram de velhas. Castilho no seu poemeto *Sacrificio a Camões* menciona-as pelas ter conhecido desde menino (1). O que vejo porém é que em 1850 foi a pequenina praça arborisada de novo e calçada, segundo diz (ou disse) essa data em pedrinhas pretas e brancas traçadas no chão. Essas arvores pois que ahi vemos não são já as da infancia de Castilho.

---

(1) *Excav. poet.*

CAPITULO XXIV

Em 1898, se não me engano, consentiu a Camara, por motivos de certo muito transcendentes, mas que ficaram desconhecidos, um roubo artistico feito a um dos mais bellos miradoiros de Lisboa: permittiu o alteamento de um grande predio do pateo do Pimenta, por forma que interceptou a vista para sueste.

Não creio que andasse bem, nem o proprietario pedindo e acceitando a licença, nem a Camara concedendo a. Ao interesse financeiro de um influente politico, o sr. Conselheiro José Dias Ferreira, submetteram-se considerações de ordem mais nobre: os direitos do Bello. Emfim, se o publico perdeu uma parte do espectaculo, o inquelino do dito proprietario ganhou-a. É uma compensação.

Como chronista e procurador officioso da Cidade, cabe-me o direito de dizer n'isto o que penso. A lettra redonda tem os seus fóros. Uma coisa é usar da imprensa; outra muito diversa é abusar.

*

Hoje, que tanto se fala da Arte, hoje que ha um Conselho superior de monumentos, hoje que bellissimas escolas industriaes e artisticas florescem em toda a parte, espalhando nas classes populares conhecimentos que ellas d'antes não possuiam, hoje que tanto se pensa no aformoseamento e saneamento da Capital, pergunta o imparcial bom senso: deveria o Municipio ter consentido aquelle biombo, aquelle empacho, n'um dos sitios mais desafogados e pittorescos da Cidade? e deveria um cidadão do merito do sr. José Dias Ferreira, antigo Lente de Direito publico, antigo Ministro, Presidente do Conselho, legislador, pedir (ou acceitar sequer) aquella concessão?

Francamente respondo: não devia acceital-a o particular, e não devia a Camara concedel-a. Para dar vista a meia duzia de janellas do predio *de um só individuo*, permittiu-se que fosse vilipendiado o direito *de nós todos*. Foi-nos expropriada, sem vantagem nossa, e contra todos os dictames do bom senso, da justiça, e da equidade, uma vasta propriedade que disfructavamos desde seculos.

*

E entendo mais: entendo logicamente que, de ora em diante, não ha considerações que impeçam os outros donos dos terrenos da vertente de construirem para leste e sul, afogando o largo das Chagas em edificações de mestre de obras, e acabando de vez

com os restos do prospecto que ainda d'ali se gosa.

O sr. Conselheiro José Dias Ferreira, proprietario opulento, não precisava da migalha que lhe rende o andar que levantou, para augmentar os seus haveres; e, como homem de talento laureado e indiscutivel, não precisava d'esse monumento para sua gloria.

Basta o Pantheon de Roma para recordar o nome de Agrippa. O sr. Dias Ferreira não carecia d'aquelle 4.º andar (que não é positivamente o Pantheon de Agrippa) para ser lembrado no futuro; e com a sua usurpação, consentida pelo Municipio, cerceou ao encanto das Chagas... *trinta por cento;* e não por limitado praso. Repito: agora é continuar a Camara com as suas concessões. Avante! sem rebuço! sem perda de tempo! acabe-se com aquella regalia que tinhamos. Temos tantas!!...

O sr. Dias Ferreira, liberal, inimigo de privilegios odiosos, deve ser o primeiro que se empenhe com a Camara em obter para os seus collegas, proprietarios dos sitios ao sul e poente do adro das Chagas, a alta regalia que para si obteve.

Vamos! e sem demora!

*

Agora muito a serio, e sem ironias: clamo no deserto, bem sei; a obra usurpadora lá está, e fica; mas este protesto fica tambem.

Ella é de pedra e cal; o protesto, porém, é de tinta de imprensa, que sempre dura mais.

CAPITULO XXV

Na parte occidental do quarteirão formado hoje pelas ruas *do Loreto (Calhariz), das Chagas, da Horta sêcca* e *da Emenda,* existiu um Recolhimento para mulheres convertidas. Já o viu de certo quem seguisse attentamente as illustrações d'este livro, a pag. 221, com as marcações que tinha antes de 1755, a dois passos da concorrida artéria do Loreto, e a outros dois da serena egrejinha das Chagas.

Muita gente sabe que foi fundada esta casa caridosa pelo Cardeal Archiduque Alberto em 1586; e que o foi á imitação do convento das *filles repenties de Saint Magloire* instaurado em Paris no seculo XV por certo Franciscano de boas intenções; mas o que nem todos teem presente é isto: o verdadeiro creador do Recolhimento lisbonense não foi o Archiduque; esse apenas annuiu (e não fez pouco) aos optimos desejos e ás porfiadas suggestões do bom Padre Frei Jeronymo Graciano. Frei Belchior de Sant'Anna lá o conta minuciosamente na *Chronica dos Carmelitas* (1).

---

(1) T. I, pag. 237, n.º 271 e seg.

Tambem nem todos se lembram de outra circumstancia: o primeiro poiso das nossas convertidas não foi ali, mas sim lá em baixo ao pé do que é hoje a *Avenida,* n'um predio contiguo á ermida da Gloria. Vamos por partes.

*

Era aquelle Frei Jeronymo Graciano um justo, para quem não havia veredas ingremes em se tratando de obras de beneficencia. Encaminhar peccadoras empedrenidas no mal é sempre custoso; pois dos agudos espinhos de tal empreza se ennamorou o Sacerdote, figurando-se-lhe digna do Deus a quem a offerecia, a conversão de tantas desamparadas. Não dissimulou as asperidades do commettimento; não escureceu, que para arrancar ao vicio aquellas infelizes, para as fazer amar os deveres, para as captivar nos melindres da honra propria, era necessaria desusada uncção persuasiva, constante diligencia, suavidade imperturbavel no fundo e na forma; e uma dominação feita de indulgencia; e um resvalar intencional sobre escabrosidades e ingratidões.

Pelo que se viu, e melhor ainda pelo que se adivinha, todos esses quasi divinos predicados sobravam ao diligente evangelisador.

«Na sua conversação — narra o chronista — era homem muito affavel, benigno em suas respostas, geralmente brandissimo, e piedoso para com todos.»

E accrescenta:

«Não o ouvia ninguem, que não ficasse tão per-

suadido á virtude, como a seus intentos o está um muito apaixonado.»

Eis ahi o homem.

Conhecido e estimado, obteve largas esmolas, e empregou-as em dispôr ao seu intento umas casas, d'onde acabavam de sahir para o seu novo convento de Alcantara as Madres Flamengas. Ficavam, como indiquei, na falda do monte de S. Roque, á parte do nascente, sobre as encharcadas hortas do Valleverde; sitio doentio pelas humidades, mas unico então descoberto para esta destinação.

*

Duas palavras descriptivas e narrativas.

CAPITULO XXVI

Vivia em Lisboa no primeiro quartel do seculo XVI um tal André Dias, Cavalleiro da Casa, que em 1527 pediu aos Padres da Parochia de Santa Justa lhe dessem de aforamento certas terras, pagando por ellas perpetuamente fôro de 2:000 réis. Eram situadas junto ao Valle verde, ao norte e ás abas de Lisboa; sitio muito campestre, onde provavelmente André Dias edificou logo residencia, e começou a delinear e plantar uma quinta. O que se sabe é que o Santo Padre Clemente VII (fallecido em Setembro de 1534) lhe concedeu um Breve, que não vi, nem sei sobre que versava; era talvez o beneplacito pontificio ao aforamento pelos Padres de Santa Justa.

*

Examinemos o pouquissimo que documentalmente consta de André Dias.

Pelos registos da Chancellaria d'el-Rei D. João III se vê ter sido sujeito importante entre os funccio-

narios do seu tempo: nada menos que Alcaide de Lisboa, isto é, uma especie de Governador militar com attribuições judiciaes. Deriva-se o vocabulo *Alcaide,* segundo Frei João de Sousa, do verbo arabe *cáda,* capitanear, governar um exercito.

O caso foi este:

João da Nova, o celebre navegador, foi Alcaide de Lisboa em dias d'el-Rei D. João II e D. Manuel; morreu na India, deixando tres filhos: Francisco da Nova, Diogo da Nova, e Leonor de Alvim. O mais velho herdou a Alcaidaria, e foi morto pelejando em Safim. Succedeu-lhe no officio o immediato, que, passado pouco tempo, falleceu. Foi dada a Alcaidaria em 5 de Setembro de 1525 a André Dias, Cavalleiro da Casa Real, genro de João da Nova, e cunhado de Francisco e Diogo, por ter casado com Leonor de Alvim.

É isso tudo que se deduz do contexto do Alvará, que passo a transcrever; observo apenas que não conservei a graphia, e puz pontuação para mais facil intelligencia do honroso documento:

«Dom João etc. — A quantos esta minha carta virem faço saber que havendo eu respeito aos muitos serviços que João da Nova, Alcaide que foi da minha cidade de Lisboa, tem feitos a el-Rei meu tio, e assim a el-Rei meu senhor e padre, que santa gloria haja, e a como morreu nas partes da India em seu serviço, e bem assim como seu filho Francisco da Nova, a que foi feita mercê do dito officio, morreu em Safim, onde o mataram os Moiros, e assim ao dito João da Nova comprar o dito officio por seu dinheiro, e o dito Francisco da Nova, e

Diogo da Nova seu irmão, a que depois fez mercê do dito officio, e o lograrem muito pouco tempo; e havendo isso mesmo respeito aos serviços que André Dias, Cavalleiro de minha Casa, tem feitos a el-Rei meu senhor e a mim, e espero que ao diante faça; e como do dito João da Nova não ha outro herdeiro, salvo Joanna de Alvim, sua filha, mulher do dito André Dias; olhando todo o sobredito, e por lhe agalardoar alguma parte de seus serviços, como é rasão, e por ello fazer graça e mercê ao dito André Dias, esperando d'elle que assim me servirá bem e fielmente como n'elle confio: tenho por bem e o dou d'aqui em diante por Alcaide da dita Cidade de Lisboa, assim e como o foram o dito João da Nova, seu sogro, e seus filhos; com a qual Alcaidaria terá todolos homens a ella ordenados que o dito seu sogro tinha, e assim como agora a dita Alcaidaria os tem, e o mantimento a elle e aos ditos seus homens ordenado.....................................

....

— Dado na minha villa de Thomar aos 5 de Setembro — Diogo Jacome a fez — de 1525 (1).»

Foi pois esta personagem, cuja vida social me não importa seguir n'este momento, quem tomou de aforamento, como acabei de dizer, o praso de Santa Justa, e ahi principiou o arroteamento de uma quinta.

*

D'este André Dias passou o praso a Fernão Paes,

---

(1) Chanc. d'el-Rei D. João III, Liv. 8.º — fl. 108.

natural do Porto, mas visivelmente morador em Lisboa. Nada me consta da sua vida; apenas se sabe que n'esse seu dominio instituiu em 1574 uma capella dedicada a Nossa Senhora da Gloria (1).

Em 28 de Maio de 1577 (2) fez Fernão Paes o seu testamento, e entre outras coisas dizia:

«Item mando que cada um anno me digam na ermida de Nossa Senhora da Gloria, para sempre, por dia de Nossa Senhora da Gloria, que é em Agosto, uma Missa cantada pela alma de meu Pae e Mãe e minha, e todas as sextas feiras dos annos, e sabbados, Missa resada de *requiem;* e para essa perpetua obrigação se cumprir, tomo os rendimentos todos da minha quinta de Nossa Senhora da Gloria, que me custou muito dinheiro as bemfeitorias d'ella; e quero que ande tudo encorporado com seu encargo de fôro commum; a saber: a Santa Justa dois mil reis cada anno enfatiota em vidas.»

Este testamento, approvado a 8 de Junho seguinte por Diogo Corelha, tabellião publico de notas em Lisboa, foi, por morte do instituidor, aberto em 1578, sendo herdeira sua filha Francisca Paes.

*

Dá-nos o *Sanctuario Marianno*, ignoro com que fundamentos, a seguinte versão:

---

(1) João Baptista de Castro diz 1570. *Mappa*, freg. de S. José.

(2) Nos traslados de documentos no hospital de S. José lê-se 1577, que julgo a data verdadeira, comquanto outros depoimentos digam 1567, que julgo lapso de copista.

Vieram de Florença para Portugal dois nobres italianos, Lucas e Nicolau Giraldes; d'este ultimo era Fernão Paes intimo amigo; o mesmo livro chama-lhe «senhor do sitio onde se vê (1707) a egreja de Nossa Senhora da Gloria, que elle edificou por especial devoção.» Parece ter recommendado a filha com muito empenho ao seu amigo Nicolau Giraldes, deixando-lhe a elle alguns bens livres, e a ella os que tinha vinculado em capella, mas com a clausula de passarem estes a Nicolau, se Francisca Paes morresse sem filhos; e que succedendo isso, passasse tudo para Nicolau.

Creio não se ter realisado esta versão de Frei Agostinho de Santa Maria, porque os documentos do Seminario, examinados a meu pedido, e sobre recommendação de Sua Eminencia o senhor Cardeal Patriarcha, pelo Rev. Sr. Padre José Augusto dos Santos, dão outra coisa, que acceito como muito authentica; é isto:

Francisca Paes desposou Nuno Fernandes de Mascarenhas, e falleceu em 1586, nomeando o praso no marido sobrevivente. Logo veremos a successão.

*

O que fossem os edificios de que se compunha a parte urbana habitavel do praso, ninguem já pode saber; que ahi existia, talvez desde o tempo de Fernão Paes, ou desde o de André Dias, um predio grande, é mais que certo, visto ser elle escolhido para habitação temporaria de uma communidade de Freiras. Querem ouvir?

Por 1580, pouco mais ou menos, chegaram ao porto de Lisboa umas Freiras Flamengas expulsas da sua terra pela intolerancia; hospedaram-se primeiro na Madre de Deus, até que el-Rei D. Filippe I as mandou recolher, diz o *Sanctuario Marianno*, «em as casas de Nossa Senhora da Gloria.» (1) Foram aos cuidados de Gonçalo Pires de Carvalho recommendadas por el-Rei, e esse Provedor das Obras Reaes «as accommodou no sitio de Nossa Senhora da Gloria—confirma n'outra parte o mesmo auctor — dispondo-lhes as casas que ali havia, e que hoje -- (accrescenta elle em 1707) — estão convertidas em um grande palacio, que fez o Conde da Castanheira.» (2)

D'aqui se deprehende sem duvida que havia ali edificações annexas á ermida; que o Governo mandou adaptal-as provisoriamente para residencia claustral, e que a ermida ficou servindo de templo ás novas habitantes. Edificado o seu definitivo mosteiro de Alcantara (3), para lá se passaram as boas Monjas em 1586, deixando vazio este poiso, que o nosso Frei Jeronymo Graciano veio occupar com as suas convertidas. O chronista Frei Belchior de Sant'Anna diz apenas que o Padre mandou «accommodar o Recolhimento nas casas de Nossa Senhora da Gloria, d'onde tinham sahido as Madres Flamengas.» (4)

---

(1) T. I, pag. 268 e seg.

(2) T. I, pag. 431, quando se trata da Senhora de Monteagudo.

(3) Frei Apollinario da Conceição *Claustro Franciscano* — pag. 144.

(4) *Chron. dos Carm.* pag. 238.

CAPITULO XXVII

Apromptada, do melhor modo que poude ser, a casa da Gloria (até o nome era de bom agoiro!), quiz Frei Jeronymo preparar a opinião publica, segundo hoje se diria, e prégou sermões em varias egrejas explicando a sua obra, e exhortando as transviadas.

*

Rebanho singularissimo capitaneado por tão virtuoso pastor!

Tudo quanto Lisboa possuia menos observante, mais tristemente desmandado nos costumes, mais desmanchado de vicios, toda a escoria moral varrida nas viellas de peor nome... tal era o sequito do Padre.

Pois bem: a voz d'elle, a sua persuasão, o seu exemplo, operaram a mais extranha das metamorphoses; e aquelle bando de raparigas licenciosas viu-se em breve, com espanto d'ellas proprias, regenerado! Trajo, aspecto, conversação, tudo respi-

rava compostura e dignidade. Já pensavam no Ceo, já pediam e recebiam compungidas os Sacramentos, e corando da formosura corporal, descobriam no seu intimo a formosura do coração. Penetrava-as de vagarinho a mais sublime das conquistas religiosas: o arrependimento. Modestas, sérias, e já alegrissimas, subiam cada dia um passo no aperfeiçoamento moral.

*

Uma houve.... (que historia escabrosa! contal-a-hei como souber.) Houve uma, que, vivendo em illicita união com certo dinheiroso, sentiu, ao escutar a voz e as exhortações do Frade, soarem-lhe dentro na alma uns rebates de contricção, a que não havia fugir. Corrida de vergonha, appareceu na portaria do convento de S. Filippe (depois S. João de Deus, ás Janellas-verdes, onde hoje vemos um quartel), ás horas em que o prégador, exhausto de cançasso, voltava das prédicas. Lavada em pranto, supplicou-lhe a moça a ouvisse de confissão; elle, debilitado de um dia todo de trabalhos, precisava urgentemente alimentar-se; mas, á vista d'aquellas lagrimas, rendeu-se, e antepôz á sua magra meza a da Eucharistia. Escutou a penitente, exhortou-a a que largasse a má vida em que se enlameava, commungou-a, e assentou-lhe logo praça na sua juvenil milicia de desenganadas.

Furioso o amante com a deserção d'ella, indaga, barafusta, e ao outro dia escreve-lhe. Que lettras ardentes leu a moça na carta do desinquietador! taes foram, que lhe acordaram no peito as cham-

mas do peccado; allucinada, indecisa, n'um desequilibrio moral muito amargo, resolve fugir.

N'isto, chega o Padre ao Recolhimento. A sua vista, o seu ar paternal, a benignidade do seu falar austero, enleiam com dulcissimo calor a alma da rapariga. Cai-lhe outra vez de joelhos aos pés; novos choros; nova confissão. Resignada, e para sempre rasserenada, tornou-se exemplo e assombro das companheiras.

Vencêra Jesus.

O que pode a voz de um Padre bom, é incalculavel.

*

A ermida continuou a servir ás convertidas, como servira ás Monjas; mas a casa não conveio por muito tempo, attendendo á sua exposição, que recebia em primeira mão as humidades do Valleverde, terreno de alluvião, e alagadiço nos invernos.

Por isso, talvez logo em 1587, foi d'ali mudado o Recolhimento para melhor sitio, muito lavado de ares, na beira do nosso Bairro alto, e ahi ficou.

*

A organisação caseira era severa e grave, como cumpria; o Provedor, sempre um fidalgo de titulo, superintendendo á direcção, composta de doze nobres, eleitos annualmente. Exercicios piedosos, boas praticas, bons exemplos, e as horas todas occupadas, conseguiam regenerar aquellas infelizes, pela

indulgencia maternal da Religião. Tornavam-se não raro verdadeiros modelos de virtude, chegando algumas a casar nas nossas conquistas ultramarinas (1).

A tão util instituição concedeu o Senado da Camara uma esmola de 120$000 réis em 26 de Outubro de 1610 (2); e muito mais lhe daria certamente, que me não consta.

*

O terremoto arruinou a casa; e o novo plano pombalino transformou inteiramente, melhorando-a, aquella paragem. Vejamos as marcações exactas:

Sobre a rua *do Loreto* media o Recolhimento 99 palmos de frente; de fundo, pelo lado occidental, que é a rua direita *das Chagas*, 216 palmos; pelo nascente, partindo com pardieiros que em 1755 eram de Antonio Luiz Sinel de Cordes, 225 palmos e meio, chegando os fundos até á rua *da Horta-secca*, sobre a qual era a serventia da egreja (3), da apropriada invocação de Santa Maria Magdalena (4).

Com a catastrophe de 1755 tiveram de sahir da

---

(1) Carvalho — *Chorogr.*—T. III, pag. 477.

(2) Sr. Freire de Oliv. — *Elem.* T. II, pag. 262.

(3) *Tombo da Cidade.*

(4) Deve consultar-se o excellente artigo *A rua do Loreto em 1755*, publicado em 5 de Outubro de 1894 pelo meu illustrado amigo o sr. Gomes de Brito no jornal *O Commercio de Portugal*. O sr. Gomes de Brito é escriptor meticuloso, e ama as velharias lisbonenses, como tem provado em muitas publicações sôltas, que oxalá um editor enfeixasse em volumes. Nos seus estudos ha sempre que aprender. Que lindos tomos não dariam esses artigos, acompanhados de plantas e vistas!

sua destruida residencia as convertidas. Arrendou o Governo um terreno não sei onde, e em 30 de Julho de 1756 recebia aviso Eugenio dos Santos de Carvalho para executar as ordens do Conde de Povolide, Provedor do Recolhimento, quanto ao desenho da planta de uma barraca para as foragidas, obra que em 3 de Setembro era mandada executar (1).

Diz João Baptista de Castro que fugiram para a Fonte Santa, onde «estiveram abarracadas, até passarem para o sitio do Rego» (2).

(1) *Memorias das principaes providencias, etc.* pag. 278 e 279.

(2) *Mappa de Port.* — freg. da *Encarnação.*

CAPITULO XXVIII

Vejamos agora a largos traços o que succedeu á casa e ermida de Valle-verde.

Consta-me que pelos annos de 1626 ahi se estabeleceram os jovens Padres Irlandezes, do Seminario fundado em 1593, e que, depois de ter habitado varios sitios, esteve em S. Patricio (1). D'esta sua morada na Gloria diz um poeta do tempo:

> Nossa Senhora da Gloria,
> onde mancebos da Hibernia
> estudam com gran cuidado
> divinas e humanas lettras (2).

Desassete annos andados, encontra-se o dominio directo d'esta propriedade pertencendo, em 1643, á Condessa de Castro d'Ayre, D. Helena de Castro, e a seu marido o Conde D. Jeronymo de Ataíde, casados a 6 de Julho de 1627 (3); elle achava-se

---

(1) *Lisb. ant.* — P. II, T. VI.

(2) *Relação em que se trata e faz uma breve descripção dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa* — 1626.

(3) Documentos de Santarem.

em Castella n'aquelle anno de 1643. O dote d'essa senhora era o referido *praso de Santa Justa*, composto de terras, que juntas constituiam «uma quinta, que está junto a esta Cidade, a Nossa Senhora da Gloria, que tem casas, hortas, cardaes, e foros de casas, e é foreira emphatiota a mór parte a Santa Justa.»

Antes de irmos adiante: este praso de Santa Justa pegava com outro, foreiro á Sé, e chamado da *Cotovia*. Media lá no alto, ao longo da rua que levava de S. Roque para o Rato (hoje *de S. Pedro de Alcantara)* 31 varas; confinava ao Sul com terras sequeiras do praso de Santa Justa (140 varas); ao Nascente estendia 95 varas sobre parte da nossa actual rua da Gloria; e pelo Norte media 175 varas. Em 1752 um documento do masso 1.º, fl. 5 v, do cartorio da Basilica de Santa Maria Maior diz-nos que o praso da Cotovia «tinha principio na rua *Direita de S. Pedro de Alcantara*, e ia por aquelle monte a baixo buscar a primeira janella da ermida de Nossa Senhora da Gloria, indo passando, e deixando á mão direita o paredão ou muralha da praça da fonte, que se fazia n'este sitio, das aguas que veem das Aguas livres, indo entestar com a estrada e rua publica, que vai pelo sopé da dita ermida a buscar a calçada *da Gloria*, d'onde ficava um marco posto no combro, defronte da ilharga da dita ermida, partindo com terras sequeiras que constituiam o praso de Santa Justa» (1).

---

(1) Esclarecimentos enviados pelo sr. Padre José Augusto dos Santos.

*

Depois dos Condes de Castro d'Ayre, parece succedera na administração do praso D. Jorge de Ataíde Conde da Castanheira; por morte d'elle sua irman D. Anna de Ataíde e Castro, Condessa da Castanheira, mulher de Francisco Corrêa da Silva.

«Por morte da Condessa da Castanheira — diz o *Sanctuario Marianno* — são hoje (1707) muitos os pretendentes ao morgado, de que tomou posse a snr.ª D. Francisca de Vilhena, mulher do Almirante mór, e principalmente os Portugaes, por entenderem ficam mais proximos á successão, por descenderem do referido Lucas Giraldes; os quaes fazem tanta estimação d'este ascendente, que d'elle tomaram muitos o nome de Lucas.»

Como representante d'esses Portugaes, ou Portugaes da Gama, possuiu tão litigado vinculo D. Maria Magdalena de Portugal, senhora da Casa dos Commendadores de Fronteira.

*

A Casa dos Commendadores de Fronteira principiou na pessoa de

§ 1.º

1 — D. Francisco de Portugal, Estribeiro mór do Principe D. João, e d'el-Rei D. Sebastião, Védor da Fazenda, Conselheiro de Estado, prisioneiro em Alcacer-Kibir, e fallecido em 1579 no captiveiro de Fez.

D. Francisco era filho segundo do 2.º Conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, e da Condessa D. Guiomar de Vilhena, a qual era filha do 1.º Conde do Vimioso D. Francisco de Portugal; e em memoria d'este illustrissimo avô se deu a um neto de Vasco da Gama, por varonia, o appellido de Portugal. Com effeito este ramo da Casa da Vidigueira continuou, denominando-se Portugal, ou Portugal da Gama.

Casou D. Francisco com D. Luisa Giraldes, filha do florentim Lucas Giraldes. Tiveram entre outros filhos:

2 — *D. Lucas de Portugal*, com quem se continua;

2 — *D. Vasco da Gama*, com quem logo se continuará; e

2 — *D. Paulo da Gama.*

2 — D. LUCAS DE PORTUGAL Commendador de Fronteira, etc., casou com D. Antonia da Silva filha de D. Antão de Almada; tiveram além de outros:

3 — D. FRANCISCO DE PORTUGAL casado com D. Cecilia de Portugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, Governador de Tanger; tiveram entre outros:

4 — D. LUCAS DE PORTUGAL, Commendador de Fronteira, Vedor da Casa Real; casou com D. Filippa de Mello, filha de Ruy de Mello Pereira de Sampayo, e não tiveram geração.

§ 2.º

2 — D. VASCO DA GAMA casou em 1.as nupcias com D. Antonia Godinho, da qual teve

3 — *D. Francisco de Portugal,* que segue.

Casou D. Vasco em 2.as nupcias com D. Maria do Amaral, filha de Gaspar do Amaral, da qual nasceu

3 — *D. Paulo da Gama,* que logo seguirá

3 — D. Francisco de Portugal nasceu na India e lá casou com D. Filippa (ou Luisa) da Cunha, filha de Ruy Dias da Cunha; sem geração.

3 — D. Paulo da Gama casou com sua sobrinha D. Maria de Portugal, filha de D. Francisco de Portugal (n.º 3); e tiveram:

4 — *D. Vasco da Gama,* com quem se continua, e além de outros

4 — *D. Luiz da Gama de Portugal,* com quem logo se continuará.

4 — D. Vasco da Gama, casou na India com D. Isabel Côrte-Real, filha de Manuel Côrte-Real.

4 — D. Luiz da Gama de Portugal, Commendador de Fronteira; casou em 1675 com D. Ignez da Silva, filha de D. Diogo de Almeida; e foi filha unica d'este matrimonio:

5 — D. Maria Magdalena de Portugal. Casou com Bernardo de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello Melhor, Coronel de Infanteria, Governador da Torre do Outão; de quem nasceu:

6 — *D. Luiz de Portugal da Gama,* a quem breve me referirei.

Esta senhora, D. Maria Magdalena, possuia as casas, terras, e hortas, que chamavam de Nossa Senhora da Gloria.

6 — D. Luiz de Portugal da Gama, nascido a 18 de Setembro de 1701, 5.º neto do mencionado

2.º Conde da Vidigueira, 7.º Commendador de Fronteira na Ordem de Aviz, Commendador de Cacéla na de Santiago, General, e Gentil-homem, casou a 19 de Fevereiro de 1719 com D. Ignacia de Rohan, Dama da Rainha D. Maria Anna, nascida a 28 de Agosto de 1700, filha dos Condes da Ribeira grande.

Esse D. Luiz era em 1755, segundo diz João Baptista de Castro, senhor e possuidor da ermida da Gloria. Falleceu em Novembro de 1770.

Darei agora ao leitor um fio, que talvez, em mãos de guia mais pratico do que eu sou, possa estabelecer a maneira como a capella transitou da Casa da Castanheira para a dos Portugaes da Gama:

D. Margarida de Vilhena, filha dos mencionados 2.os Condes da Vidigueira, casou com o 1.º Conde da Castanheira, D. Antonio de Ataíde; viria d'ahi a ligação?

Continuarei com a genealogia:

Filho do mencionado D. Luiz de Portugal foi

7 — D. José Francisco de Portugal da Gama e Vasconcellos, nascido a 29 de Janeiro de 1723, 8.º Commendador de Fronteira, e Conde de Lumiares pelo seu casamento com D. Magdalena Gertrudes Carneiro de Sousa e Faro, 13.ª senhora do morgado de Carneiro, 2.ª Condessa de Lumiares herdeira, nascida a 9 de Maio de 1737, fallecida a 13 de Fevereiro de 1793. Tiveram filha herdeira:

8 — D. Maria do Resgate de Portugal Carneiro da Gama de Sousa e Faro, nascida a 25 de Março de 1771, 3.ª Condessa de Lumiares, etc., casada em 1.as nupcias a 25 de Março de 1784 com Ma-

nuel da Cunha e Menezes, nascido a 13 de Janeiro de 1742, Conde de Lumiares por cabeça de sua mulher, senhor dos morgados de Payo Pires e das Cachoeiras, etc., fallecido a 18 de Setembro de 1791; e em 2.as nupcias com seu cunhado Luiz da Cunha Pacheco de Meneses.

Por esta succinta resenha se vê a maneira como a posse da ermida derivou dos Commendadores de Fronteira para seus netos os Condes de Lumiares.

CAPITULO XXIX

O que o exame e a comparação dos documentos demonstram, é isto:

O praso de Fernão Paes e André Dias foi retalhado em propriedades varias, foreiras por subemphyteuse aos successivos senhores do dominio directo. Assim, pois, topâmos no 2.º quartel do seculo XVI duas irmans, Brites e Marianna de Sampayo, proprietarias de um predio contiguo á ermida da Gloria, e que de certo não era o dos Condes da Castanheira. O dominio directo pertencia á Condessa de Castro d'Ayre, nora do Conde velho da Castanheira. No predio das Sampayos achava-se em 1643 (não sei desde quando) estabelecido um Recolhimento de meninos desamparados, sob a direcção de um respeitavel Clerigo, e protecção da Casa Real.

Aconteceu que o Conde, morador ahi ao pé (certamente no seu dito palacio) entrou a incommodarse com tal visinhança. Porquê? ninguem o pode averiguar; deve conjecturar-se que as orações cantadas, a vozeria da rapasiada ás horas do descanço,

ou qualquer outro motivo de egual jaez, arranhassem os sensiveis nervos do ancião. Corria o anno de 1643, quando elle representou a el-Rei, encarecendo o damno que recebia de viver em umas suas casas proximas ás d'elle supplicante, certo Clerigo que tinha a seu cargo o Recolhimento; dizia mais, que por ser de protecção Real esse instituto, não se atrevia o Conde a mandar despejar o predio; pelo que, recorria ao Soberano.

Este a 11 de Outubro mandou informar a Camara; e a Camara respondeu o seguinte em 17 de Dezembro:

1.º — que as casas do Conde se achavam em rasoavel distancia das do Recolhimento, e não juntas, como elle allegava;

2.º — que o dominio directo das do Asylo pertencia á nora do Conde, e não a elle;

3.º — que a mesma senhora, a Condessa de Castro d'Ayre, se oppunha a que fosse d'ali retirado o Recolhimento;

4.º — que este se achava ali bem, com officinas e dependencias apropriadas, que difficilmente poderiam encontrar-se n'outra parte;

5.º — que a maior vantagem da situação era a contiguidade da ermida da Gloria, onde os meninos assistiam aos officios, com grande serviço de Deus e satisfação do Senado.

Esta peremptoria informação contraria, que o sr. Freire de Oliveira, incluiu na sua obra monumental (1), foi de certo grande desgosto para o

(1) *Elem.* — T. IV, pag. 528.

Conde, porque mereceu o ponto final do *Está bem* d'el-Rei D. João, em 9 de Março de 1644.

*

Portanto, o que vemos provado é que os meninos tiveram a honra de ouvir no dia da Assumpção, 15 de Agosto, d'esse mesmo anno, o sermão *da Gloria de Maria Mãe de Deus* prégado pelo grande Antonio Vieira.

— «Bem se concordam n'este dia — assim começou a sua prédica o extraordinario orador — «Bem se concordam n'este dia, e n'este logar, o titulo da Casa com o da Festa, e o da Festa com o da Casa: a Casa, *da Senhora da Gloria,* e a Festa, *da Gloria da Senhora.*» ....

Faz inveja pensar no quão mal empregada foi tal oração, tão subtil, tão embrincada de conceitos, tão leve no andar, e tão rica de erudições, n'uma parte do auditorio, que n'aquelle dia festivo apinhava a nave da ermida! Que entenderiam de tantas graças os meninos do Recolhimento?

O que vale, é que entre os ouvintes figuraram de certo apreciadores, ecclesiasticos e seculares, que ao descer do pulpito o grande Homem o abraçaram, e o elogiaram, provando-lhe que não clamava a surdos aquella voz sonora, ainda hoje vibrante como então na alma portugueza!

CAPITULO XXX

Disse, e repito: descripção do palacio antigo não existe, que eu saiba, nem desenhos que a possam supprir. Da mobilia que o adornou, tambem nada (ou pouquissimo) consta. Eu me explico:

No leilão do museu do sr. Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, a 18 de Dezembro de 1901, apparece, sob o n.º 67 do catalogo, um movel assim descripto, e que, se tivesse voz, nos poderia referir interessantissimos pormenores:

«Esplendida meza e espelho, em madeira, com alta talha toda doirada, representando Cherubins e ornatos, e no tampo marmore vermelho antigo. Epoca, Luiz XIV.

«Tanto o espelho como a meza, tem no meio da talha as Armas do Senhor da Ilha do Principe, depois Conde da mesma Ilha, e hoje Conde de Lumiares.»

Accrescenta o catalogo:

«É um movel de primeira ordem.»

*

Os avós dos actuaes senhores da Casa de Lumiares, depois de traçada a Lisboa nova, depois de delineado o Passeio publico pelo compasso e tira-linhas de Reynaldo Manuel, levantaram o seu palacio (ou antes, regularisaram o que tinha sido dos Condes da Castanheira, alinhando-o ao longo das novas serventias, com um famoso logradoiro arborisado até á calçada da Gloria, e uma ermida historica por dependencia. Tudo se conservou: a situação da casa, o Orago, e até a propria sepultura de Fernão Paes.

Desde então, isto é desde 1760 a 65, até ha poucos annos, o palacio Lumiares conservou a apparencia pombalina do risco municipal, e, sem as minimas veleidades ou presumpções architectonicas, era uma esplendida habitação, que, sem poder hombrear com o risco dado por Francisco Xavier Fabri ao proximo solar dos Vasconcellos e Sousa, era comtudo um dos melhores e mais nobres predios da rua *Occidental do Passeio*.

Em 12 ou 13 de Agosto de 1865 um incendio devorou parte do palacio, mas breve foi tudo reedificado com o mesmo aspecto.

Antes do incendio constava o edificio de lojas, o andar nobre, e uma serie de aguas furtadas.

Sobre a rua *Occidental do Passeio* cahiam sete anellas sacadas, correspondendo a cinco divisões. Contando do sul, isto é, desde a esquina do edificio sobre o jardim, a 1.ª sacada era de uma sallinha; a 2.ª, de um quarto; a 3.ª e a 4.ª, de outro; a 5.ª

e a 6.ª de outro, e a 7.ª, de um aposento da esquina sobre a travessa *da Gloria*.

Sobre o jardim, ou alameda a 1.ª e a 2.ª portas envidraçadas eram da já mencionada sallinha da esquina, com uns degraus largos que as uniam. Esta sallinha era muito agradavel, e ahi se recebiam habitualmente visitas intimas. A vista enfiava em diagonal pela rua *Occidental,* que era muito sombria com os altos e chilreados arvoredos do Passeio, e dominava o jardim do palacio, não menos cheio de grandes arvores, a cujos pés se alastravam redoiças sempre florídas. Este campestre logradoiro arborisado continuava até á calçada *da Gloria,* e tinha na esquina um mirante, ou casa de regalo.

Aos degraus acima referidos seguia-se uma pequenina porta; depois tres janellas, da sala azul, abrindo sobre o chamado jardim-de-baixo; depois tres outras da sala encarnada; por ultimo duas da camara da sr.ª Condessa de Lumiares.

A sala azul era vasta, com seis portas: duas communicavam com a sala encarnada, duas com o salão da entrada, ou *dos escudeiros;* uma com a sala verde; e uma com o corredor da sallinha da esquina. O tecto era notavel pela pintura do Brasão de familia entre figuras diversas. Aqui se realisaram as duas primeiras recitas theatraes celebradas pelos Condes, bellissimas festas muito faladas n'esta Lisboa, que tantas tem visto. Esse theatrinho de sala viu brilhar *actrizes* de primeira ordem. A amabilidade dos amphitriões era proverbial.

A sala encarnada tinha pinturas bellas no tecto:

em volta uma orla vermelha sobre a qual destacava uma lindissima grega a claro-escuro; o centro era alegre, de côr clara e luminosa, e semeado de meias-luas a oiro.

Depois do incendio, a reedificação alterou o prospecto do edificio; as aguas-furtadas transformaram-se n'um segundo andar corrido.

A entrada era por um pateo na travessa *da Gloria;* dois portões gradeados; entre elles uma grande janella tambem gradeada sobrepojada das Armas em pedra lioz. Depois ainda seguiam dependencias, e a final a capella, que formava a esquina occidental da travessa para a rua *da Gloria.*

O proprietario actual, comprador de todo o terreno á Casa de Lumiares, teve o bom juizo de conservar lá no interior sobre um pequeno tanque o antigo Brasão da porta do pateo, e que é como passo a descrevel-o de vista:

Escudo esquartelado: ao 1.º as faxas dos VASCONCELLOS; ao 2.º banda carregada de tres flores de lis, entre dois carneiros; CARNEIRO; ao 3.º os quarteis de quinas e leões dos SOUSAS do Prado; ao 4.º a aspa carregada de cinco escudetes das Quinas e duas cruzes dos PORTUGAES. Sobre o todo o escudo dos GAMAS da Casa da Vidigueira. Corôa de Conde.

Acham-se tambem conservadas umas pessimas estatuetas de marmore de Carrara, que parece terem vindo do palacio dos Louriçaes em Palhavan, e que, alternadas com vasos, ornavam a alta gradaria do jardim sobre a rua. Parte d'essa gradaria tambem se conserva applicada aos varios terraços e edificações que lá por traz se accumularam.

*

A capella é o derradeiro resto do antigo edificio; e na escriptura da venda foi imposto ao comprador que nunca em tempo algum podesse deixar de a ter a culto. Examinemos.

Tem esta ermida uma só nave, com tres altares.

No altar mór vê-se a Imagem da Senhora da Gloria, linda peça de escultura, a que se acha intimamente ligado o coração de successivas gerações da familia dos Condes de Lumiares e dos seus antecessores, a começar, talvez, no proprio Fernão Paes. E' Frei Agostinho de Santa Maria quem me inclina a essa devota supposição. Direi o porquê.

Conta elle que em 1560, pouco mais ou menos, chegou a Lisboa certo escultor forasteiro; poisou n'uma estalagem ao Rocio, onde ficou devendo muitos dias de hospedagem. Como instassem com elle para pagamento, mandou vir um pouco de barro, e modelou um Christo prezo á columna, que offerecido na feira subiu a vinte mil réis. Foi-lhe então encommendada a escultura da Senhora da Gloria. Por quem? isso não o diz o auctor.

A Imagem que lá vemos é de tamanho natural, e foi mandada restaurar pelo actual Conde. Aos dois lados d'ella veneram-se Santo Antonio e S. Domingos.

O altar da banda da Epistola é o da Sagrada Eucharistia; tem um bonito quadro da Ceia.

O altar fronteiro tem uma Sacra Familia, que (sem me querer dar ares de mestre) attribuo, como a pintura antecedente, ao pincel de Pedro Alexandrino.

A sacristia é contigua á capella mór para a banda do poente, sobre a rua *da Gloria*. Defronte da porta da sacristia abrem-se duas tribunas, uma em cima, a outra em baixo, que ambas, com communicação interior, foram do uso privativo da familia Lumiares. Por cima da porta principal da entrada corre o côro dos musicos.

N'este bonito e veneravel templo manteve-se sempre a mais entranhada devoção á Senhora da Gloria, cujo titulo accrescentavam ao seu nome todas as meninas da Casa, como madrinha que era d'estes nobres Cunhas e Meneses; e de 6 a 15 de Agosto era uso antigo resar-se e cantar-se novena em louvor da mesma Virgem. Assim se cumpriam os desejos piedosos de Fernão Paes. Por isso poderia alguem repetir com o poeta, ao encarar a campa:

> e os ossos nús do teu servo
> na terra se hão-de alegrar.

A sr.ª Condessa de Lumiares, D. Magdalena Gertrudes Carneiro de Sousa e Faro, do seculo XVIII, compôz ella propria, segundo sabem os descendentes, a prosa e o verso (e creio que até a musica) da novena, que se imprimiu, e conheço, com o titulo seguinte:

NOVENA | DA AUGUSTA RAINHA | DOS CEOS E TERRA | COM O SINGULAR TITULO | DA | SENHORA DA GLORIA, | TITULAR DA CASA DOS EXCELLENTISSIMOS | CONDES DE LUMIARES, | EM CUJA ERMIDA PUBLICA SE VENERA | N'ESTA CÔRTE. | PRINCIPIA A SEIS DE AGOSTO. | ORDENADA A EMPENHO | DA CORDEAL DEVOÇÃO DA EXCELLENTISSIMA CONDEÇA | DE LUMIARES DONA MAGDALENA GERTRU-

DES CARNEIRO DE SOUSA E FARO, E PELA MES- | MA OFFERECIDA Á DITA SENHORA. | —(Logar de um pequeno ornato typographico) — LISBOA | NA OFFIC. DE FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO. | ANNO M. DCC. LXXXIX. — 8.º — 1 folheto de 43 paginas.

Visitei esta capella no dia 11 de Novembro de 1902 com o meu amigo o sr. Vicente de Castro, neto da Casa de Lumiares por linha materna, acompanhados do actual proprietario, a quem se tinha pedido previa licença; e copiei a lapide sepulcral que jaz defronte da capella-mór; ahi se guardam os ossos de Fernão Paes, fundador da primitiva capella em 1570, e fallecido em 1578.

O epitaphio diz assim:

ESTA Sª HE DE FERNAÕ
PAĨZ CIDADAÕ DA SIDADE
DO PORTO Q̃ HADEFI
COV POR SVA DEVASAM
ESTA CASA DE NOSA SR̃A
Pª SIM E SEVS ERDEIROS
A SVA QVSTA. PATER-NOSTER
FALECEO NA ERA DE
1578

Quer dizer:

Esta sepultura é de Fernão Paes, cidadão da cidade do Porto, que edificou por sua devoção esta casa de Nossa Senhora para si e seus herdeiros, á sua custa. P. N. Falleceu na era de 1578.

*

Pela extincção das Collegiadas foram os bens d'ellas encorporados no patrimonio do Seminario de Santarem; como o chão pertencia á antiquissima Collegiada de Santa Justa, que o aforou em 1527 a André Dias, ficou o sr. Conde de Lumiares pagando o seu fôro ao Seminario; em 1876 remiu-o.

*

P. S.

Para escrever esses difficillimos capitulos ultimos, vali-me do Padre Antonio Carvalho da Costa *(Chorographia)*, do Padre João Baptista de Castro *(Mappa de Portugal)*, da *Relação* anonyma de 1626, citada mil vezes, do Padre Frei Belchior de Sant'-Anna *(Chronica dos Carmelitas)*, do Padre Frei Agostinho de Santa Maria *(Sanctuario Marianno)*, do sr. Eduardo Freire de Oliveira *(Elementos)*, do sr. Gomes de Brito (Artigo no *Commercio de Portugal)*, de Amador Patricio *(Memorias* das providencias acerca do terremoto), do sr. Padre José Augusto dos Santos, que teve a bondade de compulsar por mim documentos do Seminario de Santarem, do sr. Visconde de Sanches de Baêna *(Archivo heraldico-genealogico)*, do diccionarista Moreri *(Genealogia de Gamas)*, do sr. Anselmo Braamcamp Freire, que me copiou uns documentos na Torre do Tombo, do sr. Teixeira, archivista do Hospital, de apontamentos do sr. Conde de Bertiandos, da amavel companhia do sr. Vicente de Castro, que examinou comigo a capella da Gloria,

de umas indicações do sr. Conde de Lumiares, e de outras obsequiosamente communicadas por duas illustres senhoras d'essa Casa.

Cada vez me convenço mais das difficuldades, quasi invenciveis, de escrever obras d'este genero com muita consciencia. O que vale, para consolação do cabouqueiro, é que as seccas que dá, e recebe, se hão-de transformar em goso ás gerações futuras.

CAPITULO XXXI

Depois d'estes estudos sobre a ermida da Gloria, não me soffre o animo deixar de accrescentar duas palavras ácerca da proxima calçada *da Gloria.*

*

Ainda muita gente se lembrará (como eu me lembro) de ter visto, na esquina d'essa empinada serventia para a rua denominada *da Gloria,* uma antiga capella, profanada, annexa ás ruinas de uns casarões quaesquer, sem architectura. Isso vi eu por 1855 e 56; e lembro-me de que a frente do resumido templo, cuja antiga invocação desconhecia, cahia para a calçada, e tinha sobre a verga da porta uma inscripção, a que logo alludirei, que me dava na vista, mas que não copiei (do que profundamente me arrependo). Tecto, não havia; e se lá por dentro algum resto curioso, alguma campa, algum lettreiro, se podia topar, não sei dizel-o.

Os meus quinze ou dezasseis annos nada perce-

biam do que significava aquelle edículo; hoje, quando o recordo no fundo da memoria, com o seu rosto ennegrecido, e as franjas amarellentas das hervas a despontarem por cima do espigão da parede, creio ouvir uma voz bradando entre lagrimas, com o propheta Aggeu:

«Domus mea deserta est.»

Ultimamente, haverá uns vinte ou trinta annos, tudo foi transformado nas habitações burguezas modernas que lá vemos, onde se acha desde annos (1902) a grande hospedaria chamada *Pension Hotel.*

*

Primeiro, quando principiei a estudar este ponto figurou-se-me que essa ruina era da primitiva ermida da Gloria, a de Fernão Paes; que o terremoto a houvesse inutilisado, e que, edificando os Lumiares o seu palacio da rua *Occidental do Passeio,* edificassem tambem nova capella, transferindo para essa o culto da antiga.

Eu bem ouvia os auctores falarem-me na ermida de Nossa Senhora de Pureza; mas teimava de mim para comigo:

«Se a ruina fosse d'esta, haviam de intitular *da Pureza* a calçada, e não *da Gloria.*»

Ha miragens medonhas n'este genero de pesquizas; e eu, mais que ninguem, tenho sido victima d'essas illusões; confesso-o como o confessaria um musulmano do Saharah.

A verdade era outra da que eu suppunha. A calçada chamava-se *da Gloria,* porque era anterior á ermida da Pureza, e tirou nome da ermida de Fernão Paes, edificada no logar onde hoje ainda a vemos. Lá m'o diz claramente em 1707 Frei Agostinho de Santa Maria:

«Nas costas da casa professa de S. Roque, da Companhia de Jesus, está uma ingreme calçada, que se chama *a calçada da Gloria,* por ficar no fim d'ella, para a parte do occidente, e não muito distante do convento das religiosas da Annunciada, a egreja de Nossa Senhora da Gloria» (1).

Para se ver quanto a Gloria era anterior á Pureza, basta lembrar uma asserção de João Baptista de Castro, o prestantissimo escriptor, que é sempre gosto e obrigação citar:

«Nossa Senhora da Pureza — diz elle — na calçada *de S. Roque* — (nome que muita gente dava á *da Gloria).* — Foi fundada no anno 1581 por Manuel de Castro, sollicitador dos orphãos, e sua mulher Filippa Lourenço, e a dotaram com 100 mil réis para a fabrica. Agora — (depois de 1755) — a administra o Conde de Castello-Melhor, que comprou o direito aos herdeiros em 18 de Maio de 1711.»

A esse tempo era do outro lado do valle, como todos sabem, a residencia dos Condes de Castello-Melhor, e só depois de 1755 foi mudada para a esquina da calçada *da Gloria,* sendo então annexada a ermida ao palacio, e cahindo em ruinas a primitiva.

Logo, o edificio que eu vi na esquina da rua *da*

---

(1) *Sanctuario Marianno* — T. I, pag. 267.

Gloria era, sem tirar nem pôr, a fundação de Ma nuel de Castro.

Tenho uma prova concludentissima:

A inscripção de que acima falei referia-se (não me occorre já de que maneira) a um Padre Castilho; isso podia eu affirmar, e era bem natural que o nome me tivesse ficado impresso na memoria. Vem a *Chorographia* de Carvalho da Costa, e diz-me em 1712:

«Nossa Senhora da Pureza, de que é administrador o Padre Antonio de Castilho» (1).

Quem era esse Castilho não sei eu dizer; as minhas costaneiras genealogicas não resam d'elle.

A citada *Relação* do poetastro de 1626 diz, depois de mencionar a Gloria:

> Mais a diante uma ermida,
> que, tendo humilde apparencia,
> tem tão grande invocação,
> que é da Virgem da Pureza.

*

Na calçada *da Gloria,* hoje nobilitada pelo elevador, havia um passadiço, mas não me lembro d'elle. Sei que em sessão de 14 de Fevereiro de 1856 a Camara o mandou vistorisar, pois não estava bom de saude. Em 28 resolveu officiar ao Marquez de Castello-Melhor, pedindo-lhe que o mandasse quanto antes demolir. Demoliu-se (2).

---

(1) Freguezia de S. José.

(2) *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1856 — n.º 2, pag. 12.

*

O nome *da Gloria,* que lembra o primeiro poiso das convertidas de Frei Jeronymo, esse ainda a Camara o tolera no lettreiro da rua e da calçada, até que o substitua pelo de algum vereador ou empregado subalterno. É o principal fadario dos nossos Municipios.

CAPITULO XXXII

O monte fronteiro ás Chagas, para a parte do poente, a 150 metros de elevação sobre o Tejo, estava a chamar por um templo. Ahi eram os altos de Belver (1), ou da Boa Vista, assim denominados pela sua alegre e desembargada perspectiva de terra e mar.

Estudemos o assumpto.

*

Uma vez, em Novembro de 1894, recebi um honroso convite, em nome da Irmandade de Santa Catherina da corporação dos Livreiros, para escrever a historia da Irmandade e da egreja extincta. Apressei-me em agradecer, declinando-a, essa invejavel prova de confiança litteraria, assim como a licença, que espontaneamente me era concedida, para examinar o cartorio respectivo, riquissimo em documen-

---

(1) Carv. — *Chorogr.* —T. III, pag. 489.

tos, entre os quaes ha preciosos livros illuminados. Destaca o dos *Accordãos e Advertencias,* em pergaminho, do formato chamado 4.° antigo portuguez, tratado lindamente a finas cores e correcto desenho, obra executada em 1673, e que figurou na Exposição retrospectiva das Janellas-verdes em 1882 (1).

Tudo isso eram tentações para um trabalhador affeito a estudos bibliographicos; sim; mas eu achava-me cançado, desanimado, voltado talvez para outro genero de trabalhos. Recusei o encargo.

Um irmão, o sr. José Braz de Medeiros, interprete e emissario da zelosa Confraria, teve então a extrema bondade de me offerecer um volumoso masso de documentos, por sua mão copiados no cartorio, a fim de que d'elles me utilisasse quando alguma vez, no futuro, me resolvesse a tratar tão vasto assumpto na minha *Lisboa antiga.* Chegou a occasião.

De muitos d'esses papeis vou, pois, extrahir alguns dados authenticos sobre a egreja parochial de Santa Catherina. Além d'isso, repetirei o que disse o sr. dr. Sousa Viterbo no *Diario de Noticias* (2). O sr. Viterbo, que é um mestre, viu e compulsou os documentos da Irmandade, hoje na freguezia da Lapa. Pelo seu saber methodicamente armazenado, e pelo seu estudo em variados ramos dos conhecimentos historicos, impõe alta valia ao que affirma, e poupa longas tarefas aos estudiosos. Com a devida venia, pois, eu que não pude examinar o cartorio,

---

(1) Sala E, pag. 318 n.° 43 do catalogo.

(2) De 5 de Dezembro de 1892.

forragearei no que averiguou este investigador incançavel, que, além de luctar com pertinacissima doença, lucta e vence as difficuldades de todo o genero inherentes á faina das Lettras. Exemplo admiravel!

*

Desde 1460 costumavam os Livreiros de Lisboa celebrar festas religiosas na ermida de Santa Catherina de Ribamar, e, para sua regularisação, arregimentaram-se em Irmandade no anno de 1467.

Livreiros se chamavam em tempo antigo os artifices que *faziam* o livro, isto é os que em lettra bem visivel e clara copiavam sobre pergaminho, ou papel, a obra do poeta ou do prosador. É a palavra *livreiro* um adjectivo assubstantivado. *Scriptor librarius, librarius scriba,* chamavam os Romanos aos copistas; o que vendia os livros era o *bibliopóla.* Depois, entrou a denominar-se o copista e o vendedor *librarius,* quer dizer: *livreiro.*

Desde a invenção da arte typographica, foi o industrial do cálamo substituido pelo compositor e impressor; mas como a obra sahida em folhas da officina não é ainda o livro, a tarefa do broxador e encadernador é que forma o volume, ou o tomo. Esse artifice foi appellidado entre nós *livreiro.*

Hoje a palavra mudou de sentido; *livreiro* é só o vendedor, se bem que muita vez nas taboletas se reunam as duas denominações, de encadernador e livreiro. Não ha casa grande de livros, que não tenha officina de broxador e encadernador.

Difficil e formosa arte a de encadernação, que junta, comprime, apára, encapa e doira as folhas de um livro, as conserva, as resguarda, as transmitte ás gerações! e tanto valiam os officiaes d'esse honrado mistér, que, sujeitos a inquirições severas, e a longos exames, entravam aggremiados na *Casa dos vinte e quatro,* e constituiam, á luz do pensamento religioso, a Irmandade dos Livreiros. Só elles podiam encadernar livros, e vendel-os.

*

Do que era o antigo officio do encadernador, dá-nos informação minuciosa o capitulo VI do Regimento de 23 de Janeiro de 1733, que reformou o anterior, de 24 de Janeiro de 1572, valioso e elucidativo da technica do mistér. Oiçamol-o:

... «E todo o official que se quizer examinar, primeiramente saberá fazer um Breviario em volume outavo, dourado pelas folhas, e antes de dobrado será bem batido, e dobrará a primeira dobradura, e depois a imprensará pelo tempo de meio dia, e o tornará a bater devidido em partes eguaes. Redobrado o tornará a imprensar por outro tanto tempo, e o tornará a bater na forma dita, de sorte que fique com muita egualdade e sem cova nem rugas, e tornando ultimamente a imprensar, será cosido com linhas alvas, e em cordas dobradas, e lhe dará colla branda para depois de secco ser engomado entre duas regras na prensa, e será collado com pergaminhos ajustados ás casas das cordas, sendo despois de sêco virados os ditos pergaminhos com grude

branco entre dois taboleiros, e o meterá na prensa por espaço de meio dia, e o cortará pela dianteira, deixando-lhe margem proporcionada, que fique sem ponta, e o mesmo observará quando fôr cortado pelos lados, advirtindo que a margem da cabeça será mais pequena que a da dianteira, e a do pé maior que a mesma dianteira, e assim depois de cortado pelos lados será cabeceado em corda delgada, com linhas alvas encevadas e com ellas será dourado pelos lados pondo-lhe taboas de faya, e nesta forma será entaboado com todas as cordas, entrando tambem as das cabessadas, e será afinado com muito primor e egualdade, ficando as seichas da dianteira maiores que as dos lados alguma couza, e será sobrecabeceado com retrós de duas côres, e o cobrirá em bezerro ou cordevão, e sendo dourado pelo couro das seichas por dentro e por fora, ficando á eleição do examinante o fazer o dito Breviario, esmaltado ou Rachado.»

São muitas mais, e deveras curiosas para os segredos da arte do encadernador, e para os usos e costumes antigos, as disposições dos outros capitulos, mas abstenho-me (com pena) de os transcrever por não caberem aqui (1).

Tantos eram por cá os Livreiros, isto é, lia-se tanto na antiga Lisboa em dias do chamado *obscurantismo,* que os encadernadores e vendedores de livros

---

(1) A parte transcripta foi fielmente copiada por mim da copia que me deu o citado sr. J. Braz de Medeiros. Conservei quasi sempre a orthographia e a ponctuação, por imaginar que elle conservou as do original.

mereceram arruados, conformemente ás ideias policiaes de outr'ora. João Baptista de Castro menciona na freguezia do Soccorro a rua *dos Livreiros;* e um papel de 1716 diz:

«Todo o curioso de recitados, que quizer comprar papeis para cantar, os achará na impressão de solfa da rua *dos Livreiros*» (1).

Infelizmente para os desejos do leitor, e para os meus, não posso indicar ao certo o sitio onde ficava essa serventia, em que os curiosos encontravam solfas, e pasto para leitura; por ahi não seria raro toparem-se os applicados do tempo á caça de novidades uteis, livros estrangeiros e nacionaes. Algum outro dos meus collegas, rebuscadores de antigualhas, preencherá a lacuna.

*

Voltemos á ermida de Ribamar:

Como era longe, parece que o zelo dos irmãos foi esfriando, visto ser-lhes difficillimo concorrer ás reuniões e festas a tamanha distancia. Então a senhora D. Catherina de Austria, mulher d'el-Rei D. João III, depois de ter do seu bolsinho edificado em Lisboa, no cabeço pittoresco de que nos estamos occupando, uma ermida á Santa do seu nome, entendeu favorecer os Livreiros transferindo para ella a Irmandade. Em 25 de Maio de 1557 ahi se estabeleceram elles com o seu cartorio.

---

(1) *Gazeta* n.º 51, de 19 de Dezembro de 1716.

Imagem de Santa Catherina do Monte Sinai que se venerou na sua egreja hoje demolida

Para a nova obra a Rainha, em 4 de Maio do dito anno, por escriptura lavrada nas notas do tabellião

Antonio Vaz, a qual se acha no cartorio da Irmandade, comprou a Nicolau Bótar, mercador, e Joanna Fernandes, sua mulher, os terrenos necessarios, com licença previa de Paulo de Paiva, então senhorio directo das herdades de Villa Nova de Andrada e da Boa-Vista, como herdeiro que fôra de sua mãe, Isabel de Andrada. Esses terrenos foram na herdade da Boa-Vista quatro chãos e meio (medição municipal agrimensoria de Lisboa); partiam do norte com terras de Miguel de Valladares; do nascente com a rua publica da Boa-Vista (1), do poente com a rua de Boa Ventura (2). Esse Bótar e sua mulher eram emphyteutas com o foro annual de 50 réis em dinheiro e duas gallinhas. Paulo de Paiva recusou receber a vintena que lhe competia do laudemio; e conveio em tudo Francisco Alvares de Atouguia, a quem Paulo pagava annualmente o dizimo dos foros da dita herdade. A Rainha pagou por esses terrenos 25$000 reaes, e doou-os á Irmandade, ficando livres de fôro para o futuro, segundo declarações dos directos senhores (3).

---

(1) Hoje a nossa rua da Cruz de pau, ou (se assim o prefere a Camara) rua do Marechal Saldanha (!).

(2) Depois travessa do Cemiterio de Santa Catherina, e hoje travessa de Santa Catherina.

(3) Toda essa escriptura me mette n'uma confusão horrorosa. Não sei quem era esse Paiva, e como se me apresenta directo senhor dos terrenos que Miguel Leitão de Andrada nos dá como pertencentes aos Pinas. Julguei seria copia errada, *Paiva* por *Pina;* mas o nome de Paulo não o encontro entre os filhos de Isabel de Andrada e Vasco de Pina. E além d'isso, como, e porquê, pagava Paiva o dizimo dos foros da

*

Em 27 de Maio de 1557 deu-se principio á obra da construcção de casa religiosa apropriada.

Quem instigou a tudo isto a Rainha foi o hieronymita Frei Miguel de Valença, e um nobre influente d'então, Simão Guedes, Fidalgo da Casa d'el-Rei e do seu Conselho, Védor da Casa da Rainha, e Juiz da Irmandade dos Livreiros. Foi elle quem deu, em nome de sua Ama, a primeira enxadada no alicerce; foi elle quem n'aquella egreja, apenas alinhavada em seis mezes, mandou dizer a primeira Missa em 25 de Novembro, dia do Orago.

Foi elle; mas, além de Simão Guedes, houve outros enthusiastas; seria ingratidão ommittir o Desembargador Manuel de Almeida, Fidalgo da Casa Real, Corregedor do crime, e Juiz da India e Mina, e de Guiné; Alvaro Lopes, Thesoureiro da Rainha; e emfim o Livreiro Salvador Martel. Angariaram e juntaram esmolas, e empenharam-se na obra com o enthusiasmo indispensavel n'estas coisas.

Salvador Martel, estrangeiro de origem, mas amigo

---

herdade a Francisco Alvares de Atouguia? Tudo confusões, que não sei pôr em ordem, e que parecem invalidar a asserção de terem Manuel e Gonçalo de Pina doado gratuitamente o chão em que se edificou esta egreja. Nem sequer posso provar que esses dois ultimos, um dos quaes encontro vivo em 1541, viveriam até 1557.

Contra o dizer de Miguel Leitão de Andrada, acceito pois a escriptura de 4 de Maio de 1557, não sem restricções; e isto parece-me talvez indicar outro casamento de Isabel de Andrada com um Paiva, que não conheço.

da sua terra adoptiva, era honesto caracter; tendo por longos annos exercido o cargo de Thesoireiro da Confraria, deu sempre optimas contas, como testificam as actas. Prevalecendo-se da sua posição de Livreiro d'el-Rei, obteve que a Rainha, aliás sempre propensa a obras boas, doasse á Irmandade casa, pratas, paramentos, alfaias, e, além de tudo isso, o padroado da egreja. Era muito, e os agraciados reconheceram-n-o.

Em 1582 era já fallecido Salvador Martel; e em 31 de Outubro, como homenagem aos seus serviços, resolveram os irmãos dar ao filho Luiz Martel uma capella. Elle lhe poria o retabulo que preferisse, e ahi faria jazigo dos do seu sangue.

CAPITULO XXXIII

Voltemos um pouco atraz.

Logo em 9 de Outubro de 1559, com beneplacito do Cabido da Sé, teve a egreja de Santa Catherina, menos de dois annos depois de fundada, a honra de ser erecta em cabeça de parochia, desmembrando-se das dos Martyres e do Loreto uma porção de terreno, que ficou pertencendo a Santa Catherina. Em 1 de Janeiro de 1560 principiou ahi o exercicio parochial.

A area da freguesia nova teve as seguintes marcações, que o sr. Dr. Viterbo extrahiu da escriptura respectiva, e publicou (1):

Diz esse documento:

«A saber: começará pela rua acima onde está a bica das casas de Duarte Bello (2) até ir no cimo da rua á entrada da outra rua larga que vai ter ao

---

(1) Vide *Diario de Noticias* de 14 de Fevereiro de 1893, terça feira gorda.

(2) Hoje calçada *da Bica grande.*

Terreiro das Chagas (1), e tomará ambas as ruas de uma banda e da outra, e d'ahi virará cá sobre a mão esquerda pela rua que vai ter direito ás casas de Fernão d'Alvares da Cunha e de Jorge de Lima (2), e irá subir á rua Direita, que vem do Loreto á calçada do Congro (3); e por esta parte não terá a freguesia senão da banda esquerda onde jazem as casas de Fernão d'Alvares da Cunha, que entrarão n'ella, e todas as mais d'aquella banda até á dita rua direita, e d'ahi irá correndo pela calçada do Congro abaixo sobre a mão esquerda, até chegar á Cruz que está defronte do mosteiro de Nossa Senhora da Esperança (4), e entrará na dita freguesia toda a casa do senhor Duque de Aveiro até ao mar (5), e d'ahi tomará pela praia acima, até che-

---

(1) Hoje travessa *do Sequeiro.*

(2) Hoje a rua direita *das Chagas.*

Estas casas deviam ser as dos Senhores e Condes de Cunha, que eram baixas e recolhidas dentro n'um pateo esconço, e no sitio onde vemos o palacio grande que foi de Gaspar José Vianna, onde esteve, que me lembre, a Legação de Hespanha no tempo do Conde de Casa Valencia, onde esteve depois o sr. Marquez da Foz, e depois a Sociedade de Geographia, e onde hoje (1903) está a Legação da Belgica. As casas de Jorge de Lima não as conheço. Serão as da esquina?

(3) Hoje rua *do Loreto.*

(4) Havia um cruzeiro no largo da Esperança, no sitio exacto onde ha hoje um refugio com umas palmeiras. Tratei d'isso no meu livro *A Ribeira de Lisboa.*

(5) Esta casa do Duque, além de outras que possuia em Lisboa e nos seus arredores, era no sitio exacto onde fica a esquina do largo para a rua direita da Esperança, com jardins que abrangiam a area onde se edificou o mosteiro dos Barbadinhos, ou Capuchinhos, francezes, por ali acima até ao

gar á dita bica das casas do dito Duarte Bello (1); e todo o meio d'este circuito ficará na freguesia de Santa Catherina.»

*

O novo compromisso que se deu á Irmandade foi de 26 de Agosto de 1567; assignou-o o Cardeal D. Henrique, Regente por seu sobrinho el-Rei D. Sebastião.

Mas, diz o sr. Dr. Sousa Viterbo, «a primeira construcção era muito acanhada, porque em 1572 vemos que se deu principio a uma restauração, ou reconstrucção completa............ D'esta reconstrucção não nos recordamos que houvesse noticia até agora.»

O sr. Sousa Viterbo possuiu o desenho architectonico da fachada, documento de veras valioso, e teve a intelligente generosidade de o offerecer ao cartorio da Confraria. Por ahi se vê que a architectura não era sumptuosa, mas singela, em estylo dorico (á maneira classica do tempo). Entrava-se para a egreja, de tres naves, por uma portada de volta redonda, flanqueada de duas columnas, e com uma porta rectangular a cada banda. Duas torres symetricas acompanhavam a frontaria.

«Quem fosse o architecto que desse a traça e

---

alto do que é hoje a calçada do Marquez de Abrantes. Tambem tratei minuciosamente d'esses logares historicos no meu livro *A Ribeira de Lisboa*.

(1) Isto é, pelo que é hoje o largo do Conde Barão e Boa vista até á Moeda actual.

o debuxo da egreja — diz o sr. Viterbo — não o sabemos ao certo; mas temos quasi a convicção de que fôra Affonso Alvares, *mestre das obras d'el-Rei* (1). Era elle então Procurador da Irmandade, e foi elle quem redigiu os apontamentos, ou, como melhor disseramos hoje, as bases do programma do concurso para a construcção da obra.

«Acerca do constructor, não temos a menor duvida; mas, antes de lhe estamparmos o nome, digamos algumas das circumstancias em que se realisou o concurso.

«Foi no 1.º de Junho de 1572 que se reuniu a Confraria para dar de empreitada a obra. Compunha-se então a meza dos seguintes: Francisco de Torres, Juiz, Affonso Alvares, Procurador, Manuel de Carvalho, Livreiro, Thesoireiro, Thomaz de Gouveia e Bartholomeu Lopes, Livreiro, Mordomos, e Simão Vaz Secco, Escrivão.

«Aberta a praça, concorreram Fernand'Alvares, Heitor Barreiros, e Pedro Nunes, além de outros mestres pedreiros. Foi a este ultimo que se adjudicou a obra, não porque se offerecesse a fazel-a por preço mais baixo, mas por ser o official mais antigo e abastado, freguez da egreja, e se *presomir d'elle que o faria melhor que todos*. Sem querer duvidar da honradez do jury, pergunto: quem sabe se elle

---

(1) Foi o architecto do mosteiro de S. Bento, homem abalisado, de quem tratam os escriptores de Arte, nomeadamente o sr. Dr. Viterbo no seu *Diccionario historico e documental dos Architectos, Engenheiros,* etc. obra de paleographo, litterato, historiador; obra de perpetua consulta; monumento que honra o auctor, e as nossas lettras.

se não deixaria levar, como hoje em dia, pela força do empenho? A suspeita é todavia admissivel desde que Pero Nunes não era dos que offereciam menor lanço. Mas não revolvâmos as cinzas do abastado empreiteiro, attendendo a que era visinho do *Diario de Noticias,* pois morava na rua da Rosa..»

Continuando a pesquizar com intelligencia os documentos do cartorio, diz mais o nosso guia tão fidedigno:

«Temos tambem presente o contrato, e parece-nos curioso dar a nota dos preços de algumas partes da construcção.

«A braça de parede de alvenaria foi ajustada a 950; a braça da guarnição, com seu reboco, a 160; a braça da cimalha de tijolo, com seu *alchitrave,* friso, e cornija, a 150; a braça do telhado, pondo a telha que faltasse, além da que então havia, a 400 réis; o portico, com as suas duas columnas de 22 palmos, 75$000 réis, etc.

«Pero Nunes não chegou a ver concluida a obra que emprehendera. Em principios de 1584 fazia-se a avaliação dos trabalhos que deixára, para se pagar aos herdeiros.

«Aos 23 de Fevereiro de 1584 reunia-se a Confraria para ouvir o parecer dos technicos sobre a construcção da abobada da nave central. Os architectos Filippe Tercio, Balthazar Alvares, e Matheus Pires, foram de parecer, attendendo sobre tudo á qualidade do terreno, que se construisse de madeira. Aos 14 de Abril do mesmo anno foi resolvido dar a construcção da carpinteria d'aquella nave

a Francisco Lopes, mestre das obras do Hospital. A traça fôra do architecto Nicolau de Frias.

«A 27 de Maio de 1590 se ajustou com o pintor Antonio Fernandes o doiramento do retabulo do altar mór, pagando-se-lhe de feitio 3$000 réis por cada milheiro de pães de oiro que assentasse. Aos 14 de Setembro de 1595 se fez contrato com Alvaro Gomes, pedreiro, filho de Pero Nunes, para a construcção das torres.»

*

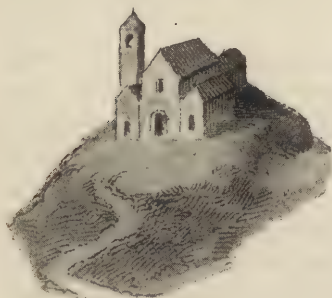
Parecem-me desconhecidos (pelo menos não os conheço eu) alguns d'esses artistas e artifices, chamados a contribuir para o embellezamento d'esta notavel casa religiosa. Optimo serviço presta quem assim lhes conserva os nomes; são subsidios authenticos para a historia artistica da nossa terra.

Se todas as Irmandades avaliassem as riquezas historicas que administram, se em cada uma d'ellas houvesse pelo menos um entendedor zeloso, se todas as Camaras Municipaes seguissem o exemplo da de Lisboa, e publicassem os seus cartorios, se os Governos dessem auxilio ao salvamento de ineditos, que atulham os archivos e bibliothecas, a chronica da Arte em Portugal deixaria de ser, como é ainda, um verdadeiro enigma. Honra e gloria aos que teem contribuido para dissipar as sombras da catacumba.

*

Ficou de tres naves o templo, com porta ao sul, e outras duas, uma ao nascente, e outra ao poente,

duas torres, e oito capellas, além da mór. N'esta via-se o Menino Jesus por cima do Sacrario, e ás duas bandas Santa Catherina do Monte Sinai, da parte do Evangelho, e S. João Baptista da parte da Epistola, representando os padroeiros dos dois Soberanos fundadores.

A vista-planta de Braunio (fim do seculo XVI) deve talvez figurar aproximadamente o que era o templo primitivo. Vê-se a frontaria em bico, um portal largo, e uma janella do côro por cima. Aos dois lados dois corpos, que bem podem corresponder ás naves lateraes, cada um com sua porta. Ao poente, um pouco retrahido, avulta o campanario, com sineira e coruchéo. Aos pés a ribanceira.

Egreja parochial de Santa Catherina segundo Braunio, seculo XVI

*

Quanto ás pinturas e doiraduras, tambem o sr. Sousa Viterbo nos dá novidades velhas, que são as mais saborosas.

«A 27 de Maio de 1590 — escreve elle no *Diario de Noticias* (1) — receberam Gaspar Dias e Antonio da Costa a quantia de 40$000 réis á conta do

---

(1) De 6 de março de 1893.

preço por que se obrigaram, segundo escriptura, a pintar o retabulo da capella mór.

«Por uma verba de 15$000 réis dada a Gaspar Dias em 15 de Novembro, vê-se que elle tinha começado a pintar o retabulo, mas não chegou a concluir a obra; pelo que, a Confraria lhe moveu demanda.

«Os papeis relativos a este pleito — continua este optimo informador — não os encontrámos, e é pena, porque elles de certo nos forneceriam pormenores curiosos ácerca d'aquelle artista. O que sabemos é que Antonio da Costa é quem se encarregára de concluir a obra, o que effectuou em 1591. Em 6 de Janeiro recebia elle 23$400 réis, resto dos 120$000 por que fôra ajustado o retabulo, quantia que bem denota a importancia da pintura. D'esta somma só lhe couberam 85$000 réis, porque os 35$000 restantes os tinha arrecadado Gaspar Dias. No recibo se declarava que, se se viesse a cobrar algum dinheiro de Gaspar Dias, seria para Antonio da Costa; mas se não se cobrasse, elle se dava por pago e satisfeito com os 85$000. Além de pintar o retabulo, Antonio da Costa tinha mudado as figuras dos quatro paineis pequenos.

....

«Antonio da Costa — observa o sr. Viterbo — é um nome novo a inscrever na lista dos nossos pintores; já não assim Gaspar Dias, considerado como um dos principaes artistas do seculo XVI (1).»

Dos doirados de molduras e caireis, foi auctor

---

(1) D'este tratei no meu livro *Amores de Vieira Lusitano.*

Antonio Fernandes. Sendo já fallecido em 1592, sua viuva Leonor de Oliveira recebia de um saldo em divida 4$500 réis.

*

Não desejo criminar o talentoso e eminente Gaspar Dias; figura-se-me que, se elle tinha *arrecadado* os 35$000 réis em litigio, e teimava em os conservar, invocaria talvez de algum argumento justificativo em seu favor, argumento que hoje é impossivel apreciar com segurança. Tem, certo é, sobre a sua memoria a espada de Damócles; não me atrevo a fazel-a cahir. Isto de julgar mortos é melindrosissimo. Quem sabe se com uma palavra elle nos não convenceria da justiça do seu proceder!

As honradas pesquizas do sr. dr. Viterbo demonstram-nos luctas intestinas violentas na Irmandade, as quaes seria interessante conhecer, mas que para todo sempre ficarão sepultas no mysterio.

CAPITULO XXXIV

Com a apinhada população d'estes sitios, tão proximos dos mais concorridos bairros de Lisboa, é evidente que o movimento d'esta egreja havia de ser grande. N'um tempo em que era numeroso o clero portuguez, em que todas as classes se esmeravam em frequentar os Sacramentos, em que as Missas votivas se succediam todas as manhans desde a alvorada, em que os legados pios se cumpriam sem sophisma, em que o sincero sentimento religioso dominava e fortalecia as familias, a freguesia de Santa Catherina do Monte Sinai foi centro importante nas fainas liturgicas.

*

Cinco Irmandades funccionavam na parochia: a do Santissimo Sacramento, a das Almas, a de Santa Catherina (dos Livreiros), a de S. José, e a de S. Sebastião. Não me consta de Imagens notaveis como obras de Arte. Tenho apenas a gravura de uma nas minhas collecções, além da do Orago: é a de Nossa

Imagem de Nossa Senhora das Dores e do Resgate
venerada outr'ora na sua egreja parochial

Senhora das Dores e Resgate. Aqui a deixo por memoria. Continuarei a narração.

*

Chegou uma occasião em que as desintelligencias quasi habituaes entre a Irmandade e o Cabido da Sé ainda se azedaram. Foi este o caso:

Quiz em 1625 o Cabido crear uma freguezia nova, a das Mercês, e delineou-a á custa da de Santa Catherina; e diz o sr. Dr. Viterbo:

«Estava no seu direito, segundo o convenio ajustado em 1550; mas a Confraria sentia os seus interesses lesados, e empenhou-se rijamente na lucta pela existencia, *struggle for life*. A lucta travou-se renhida nos tribunaes, e prolongar-se-hia encarniçadamente, se a auctoridade Real não se mettesse de permeio, aconselhando moderação e accordo. As duas partes accederam, fizeram-se mutuas concessões, e o tratado de paz celebrou-se no 1.º de Dezembro de 1632. Da freguesia de Santa Catherina arrancou-se apenas um terço para a constituição da nova freguesia das Mercês.»

Segundo o mesmo escriptor, foram estas as marcações da nova parochia:

«A calçada toda do Congro, da banda do mar, continuando com a rua da Esperança e com suas travessas para o mar até o canto inclusivamente das casas do flamengo Carlos Estarte (1), e logo de-

---

(1) Eram as casas, que ainda lá estão, de lojas e 1.º andar, onde esteve o *Gremio popular*, onde em 1860 morava o Almirante Alves, e que hoje teem o n.º 28 para a rua das Gaivotas. Esse Carlos chamava-se *Hustaerdt*, appellido flamengo adulterado cá em Hustarte e Estarte. Tinha nascido em Anturpia, baptisado em 6 de Dezembro de 1575. Passou a Por-

fronte d'este canto, onde está uma cruz de pau, que é a rua de Jesus (1), indo para o norte a rua que vai para S. Bento (2) com todos os moradores da mão direita, por quanto os da mão esquerda são da

---

tugal, casou em 7 de Maio de 1603 com uma senhora hollandeza de origem, Catherina Van den Linden, baptisada em S. Julião. Carlos Hustaerdt falleceu na freguesia de Santa Catherina, em Lisboa, a 18 de Outubro de 1627, e foi sepultado em S. Domingos no jazigo dos seus. D. Catherina falleceu na freguesia de S. Julião em 14 de Agosto de 1662, e foi sepultada no mesmo jazigo. Carlos tinha em Lisboa um irmão, de quem era amicissimo, Lamberto Hustarte (á portugueza), negociante como elle em ponto grande, e muito abastado. Falleceu na freguesia de Santa Catherina, deixando o irmão Carlos por universal herdeiro. Legou 3:000 cruzados (1:200$000 réis) á Capella da Santa Vera Cruz e Santo André, da nação flamenga, no mosteiro de S. Domingos, com o encargo de dar annualmente um dote de 40$000 réis a uma orphan pobre, com a nomeação alternativa, um anno dos irmãos da dita Capella, e no outro dos herdeiros de Carlos. Havia mais a clausula obrigatoria de uma Missa semanal por alma do doador. Falleceu Lamberto a 25 de Novembro de 1625. Estes dois opulentos irmãos fundaram na freguesia de Nossa Senhora da Assumpção de Povos, seis leguas ao norte de Lisboa, uma grande quinta denominada *do Cabo*, por ser situada no extremo, ou cabo, da villa, quinta que ainda ha poucos annos era pertença de parentes, e depois foi vendida a um membro da familia Palha de Faria e Lacerda o sr. José Palha. Tudo isto, e muito mais, consta de uma minuciosa genealogia que escrevi da familia Pery de Linde, á vista de papeis authenticos, inquirições, cartas de Brasão, etc. Conservo-a inedita.

(1) Hoje rua *da Cruz dos Poyaes*, denominação tirada, segundo se vê, do dito cruzeiro. Até então chamava-se *de Jesus* por ter no topo, á direita, o largo com o convento de Jesus.

(2) Hoje rua *de S. Bento,* que se chamou ahi *da Flor da Murta*.

parochia de Santos; e ultimamente se limita para a dita parochia de Santa Catherina a rua Fresca, que está de perlongo para o norte defronte do mosteiro de S. Bento até á quinta de Francisco Soares (1); e d'ahi, voltando para o oriente, todas as mais ruas, com o mosteiro de Jesus até á ermida da Ascensão exclusivamente. E ao limite da freguezia de Nossa Senhora das Mercês applicam o seguinte, a saber: a mesma calçada do Congro da banda da terra á face da rua, começando do canto da rua da Rosa das Partilhas, defronte da Bica de Duarte Bello, e continuando até á dita ermida da Ascensão inclusivamente, e d'ali para o norte com a travessa de André Valente, e com a outra de traz da dita ermida da Ascensão (2), continuando com os Cardaes de baixo até o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição inclusivamente, e d'ali até á quinta inclusivamente da Cotovia, foreira á cadeira decima sexta do côro do chantre, que ora é dos meios Conegos Matheus de Gamboa de Ayala e de Antonio Gomes Pinheiro, voltando para o Moinho de vento até ao dito canto da rua da Rosa das Partilhas, com todas as mais ruas interiores dentro d'este circuito.»

A matriz d'esta freguezia nova foi a referida ermida da Ascensão de Christo sita na actual calçada *do Combro,* ou *dos Paulistas,* junto ao palacio do Desembargador André Valente de Carvalho; d'esse

---

(1) Da qual quinta tratarei minuciosamente n'um dos subsequentes capitulos; é um palacio altamente historico, muito ligado com a chronica da Casa de Bragança. Prometto ao leitor interessantissimas novidades.

(2) Travessa desapparecida, como a seu tempo mostrarei.

palacio e d'essa ermida tratarei logo. Esta desmembração de tantas almas offendeu os dirigentes da freguezia de Santa Catherina. Houve requerimentos, protestos, desgostos; era bem presumivel.

Desavenças de sacristia assumem proporções de campanhas napoleónicas. O *Lutrin* de Boileau, e o *Hyssope* de Diniz, dão a formula poetica de desordens, cujo theatro são as paredes de um cartorio. Na Encarnação houve as luctas que motivaram a *Dissertação graphi-orthodoxa,* e depois outras, porque um Prior quiz pendurar brincos n'uma Imagem. São frequentes, e bradam por Diniz e Boileau. Quando se analysam, porém, vê-se não provirem nunca de malfeitorias, mas sempre de mal entendido zelo, e pouco resguardo na forma. O *carola* é typo de estudo. E' ver a ufania com que enverga uma capa! o aprumo que toma nas solemnidades! os obsequios com que offerece cadeiras ás suas conhecidas, mandando para o limbo a outra gente! o seu imperio no pessoal menor! a familiaridade que ostenta com os Santos! o gosto com que perora na Confraria!

Faz-se pois ideia do que vociferaram em 1625 os Irmãos, ao verem restricta a alçada parochial pelo Cabido! Oh! natureza humana! oh! expansões dos peninsulares!

*

Nenhum facto historicamente notavel me apparece para contar depois d'isso; entretanto ha um caso triste, que tem aqui o seu logar:

Sexta feira 25 de Novembro de 1718 disse Missa

de festa ao Orago o Padre Inquisidor Antonio de Portocarreiro. Acabada ella, e ainda revestido, cahiu varado de uma apoplexia fulminante, e no mesmo templo o sepultaram (1).

Quanto á configuração do templo, parece (a querermos dar inteiro credito ao desenhador da vista hollandeza de 1650) variava já então do que tinha sido. Ahi se nos mostra uma frontaria em bico, uma portada, e duas janellas por cima. No alto da em

Santa Catherina no seculo XVII

pena um olho de boi, ou mezanino. Ao nascente uma construcção que talvez indique torre por concluir. Ao poente outra torre sineira coroada de ameias ornamentaes, e tendo uma só ventana a cada banda.

*

Alvoreceu o pavoroso dia 1.º de Novembro de 1755; a egreja cahiu, e morreu gente nos escombros. A séde da parochia passou para a ermida do Espi-

---

(1) *Gazeta de Lisboa* n.º 47 de 1 de Dezembro de 1718.

rito Santo do Recolhimento dos Cardaes. Pensaram logo na reedificação as pessoas a quem isso competia. Com effeito a 23 de Novembro de 1757 voltou processionalmente a Sagrada Eucharistia a tomar posse do templo reedificado.

A gravura de Lemprière (seculo XVIII) mostra a frontaria com seu portal, uma janella por cima, e no alto uma especie de attica sobrepojada de Cruz. Aos dois lados duas torres com ventanas rematadas em pequeninos corucheos.

Santa Catherina (seculo XVIII)

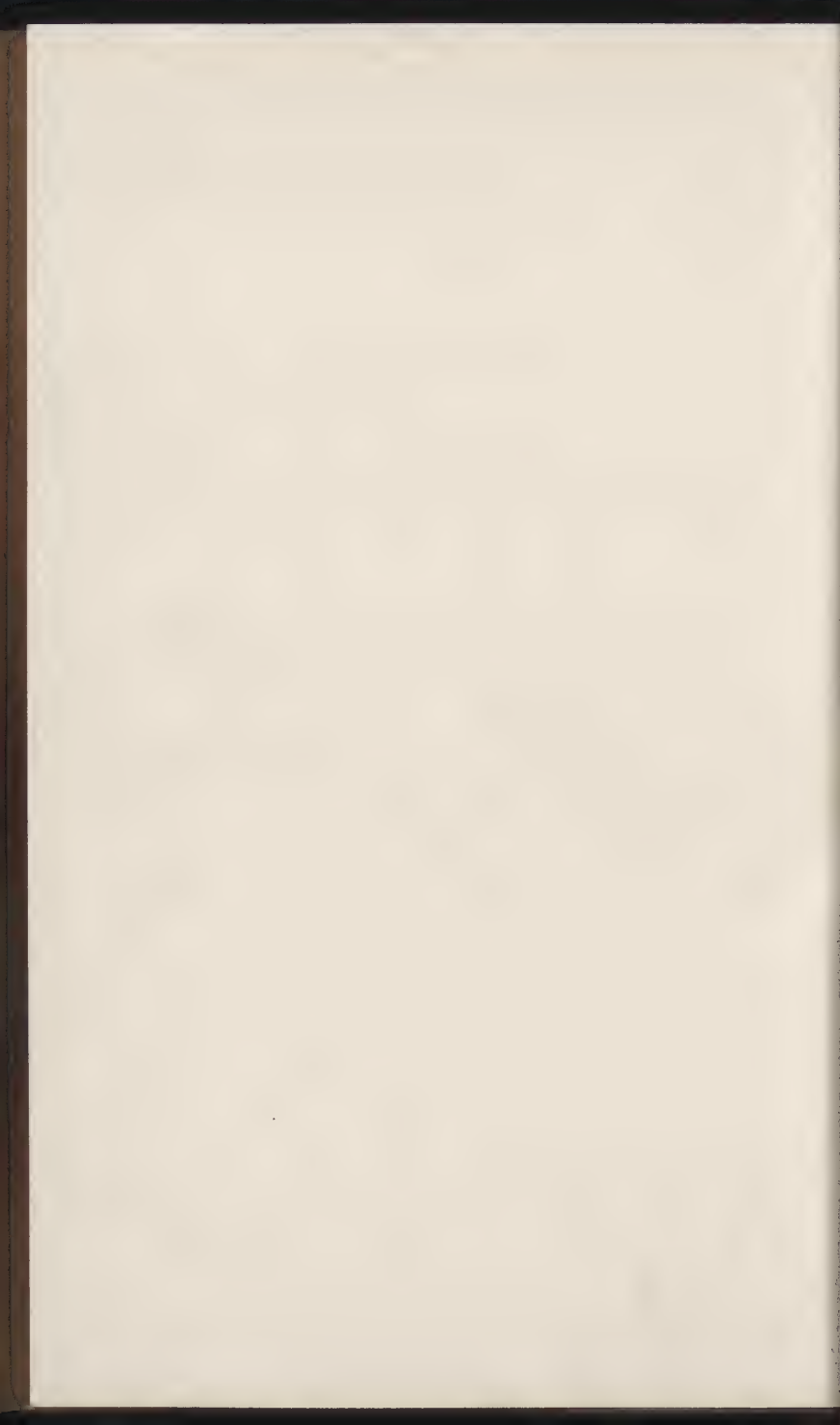
*

Sobre a porta principal bradou uma lapide, até ao ultimo fim, estas palavras singelas:

> ESTA EGREJA FUNDOU A RAINHA D. CATHARINA NO ANNO DE 1560, E A DOOU AOS LIVREIROS D'ESTA CIDADE, E NO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755 O TERREMOTO A ARRUINOU, E OS DITOS LIVREIROS, COMO PADROEIROS PERPETUOS A FIZERAM Á SUA CUSTA NO ANNO DE 1757.

*

Do anno de 1833 existe um desenho, que apresento extrahido do livro de Luiz Gonzaga Pereira,

Egreja de Santa Catherina em 1833
segundo Luiz Gonzaga Pereira

hoje conservado na Bibliotheca: frontaria em bico sobrepojada de Cruz; porta sobre quatro degraus; sobre ella corre um entablamento, em cujo frizo se percebem triglyphos; logo acima a alta janella gradeada do côro. Ao lado do nascente ergue-se a torre; ao poente a base de outra não concluida. A' direita vê-se o predio da esquina da travessa *da Portugueza* para a rua *da Cruz de pau*. A' esquerda avista-se o cemiterio.

*

N'este templo se conservou a freguezia, até que em 1835, parece que em consequencia de um incendio, se tornou a arruinar a casa. Fugiu então a matriz, a 22 de Fevereiro, para o convento dos Paulistas, já despojado dos Frades, e roubado, pelo Decreto de Joaquim Antonio de Aguiar.

«N'esta transferencia — diz uma informação manuscripta que possuo e julgo fidedigna — não foi ouvida para coisa alguma a Irmandade donataria da egreja; apenas recebeu convite para acompanhar o prestito; e parece que os irmãos indignados não compareceram.»

A egreja velha foi profanada, e as chaves mandadas entregar por ordem de um tirannete qualquer, um d'aquelles liberalões intransigentes que tripudiam sobre as ruinas de egrejas, mosteiros, e palacios, ao Commandante do batalhão 16.º da Guarda Nacional!

Dissolvida a Guarda, a Irmandade dos Livreiros, reunida em junta grande a 15 de Julho de 1838, requereu á Rainha a senhora D. Maria II a restituição das chaves do arruinado templo e casas an-

nexas, allegando antigos direitos. Esses direitos porém achavam-se desde a transferencia para os Paulistas muito cerceados, visto como a Junta de parochia assumira a si a administração da fabrica em virtude do Decreto de 18 de Julho de 1835. Comtudo o Decreto de 6 de Julho de 1836 mandou de novo entregar á respectiva Irmandade a administração, tomando ella posse de paramentos, alfaias, pratas, e tudo mais que tão seu era.

*

Da egreja de Santa Catherina tem variado os aspectos, segundo as diversas vistas existentes. Vejamos:

Santa Catherina (já arruinada) por 1850

A lithographia de Monteiro (1850) é vaga; percebe-se porém a mesma frontaria aguda, o portal, uma só janella, o sitio de uma torre ao poente, e ao nascente outra torre completa com uma só ventana. É o aspecto em 1833.

*

Um bello dia, em 1840, appareceu na lista de bens nacionaes annunciados para venda a egreja de Santa Catherina. A Irmandade, presidida pelo Conde de Sampayo, levantou-se como um só homem, e representou ao Governo. A consulta do Tribunal do Thesoiro publico de 3 de Outubro de 1843 infor-

mou bem, e a Portaria do Ministerio da Fazenda de 31 de Janeiro de 1844 ordenou a entrega das ruinas á Irmandade dos Livreiros.

Tomada posse, ali permaneceram longos annos aquelles paredões negros, que tanta gente folgaria de ver tornados ao seu primitivo esplendor, mas contra os quaes pareciam conjurar-se os terremotos, os incendios, e os governantes do liberalismo.

Em 1856 a propria Irmandade requereu licença para a venda, e foi-lhe concedida por Decreto de 17 de Junho, e Carta Regia de 30 de Julho, mandando-se-lhe que empregasse o producto obtido em inscripções. São estas as ratoeiras que inventam os Governos honrados: obrigam a empregar numerario em papeis seus, promettem respeital-os, e quando menos se pensa vem um *estadista,* e cerceia os rendimentos.

O templo tão querido da Familia Real, o templo para cuja edificação pediu esmola Salvador Martel, o edificio que tanto interessou uma Rainha bondosa, e que d'aquelle alto servia de guia aos marinheiros, cahiu e desappareceu.

*

O seu estado, já em 1856, era o seguinte, conforme a escriptura da arrematação de que logo falarei: paredes mestras; frente ao sul, com porta principal, e por cima a janella do côro; no cunhal do nascente uma torre (de que me lembro, e que os meus curiosos vinte annos desenharam de longe) quadrada, com quatro ventanas sem sinos (tinham-n-os levado os Livreiros quando passaram para os

Paulistas); duas portas da egreja mais estreitas que a principal, uma ao nascente, a outra ao poente. Da banda occidental um pedaço de terreno de logradoiro com um assento de casas de officinas, de loja e primeiro andar, tudo em ruinas, communicando com o templo e a sacristia, e além d'isso um terreno murado, que servira até 1834 para cemiterio parochial, o qual deu nome á travessa; da banda oriental outro logradoiro cerrado com cortina de alvenaria á face da rua da Cruz de pau, e n'esse logradoiro outro assento de casas de officinas, em parte com lojas e dois andares, onde se percebiam vestigios de sacristias velhas, casas de despacho, e habitações de empregados, tudo em grande ruina. Contigua a estes pardieiros uma pequena barraca com seu lanço de pateo, que orlava a egreja pelo norte; ahi se via uma escada de pedra para o segundo pavimento.

A frente pela banda do sul, ao longo da rua do Monte de Santa Catherina, desde o cunhal do nascente ao do poente, media 108 palmos (23 metros e 76 centimetros); do nascente em linha recta desde a prumada da torre, 19 palmos (4 metros e 18); do mesmo lado, em direitura com o alinhamento da rua da Cruz de pau, á vontade da cortina de alvenaria, 165 palmos (36 metros e 30), que juntos aos anteriores 19 palmos perfaziam 40 metros e 48 centimetros; da banda do norte, 47 palmos, a formar um angulo saliente; e continuando até ao muro do cemiterio, á face da travessa d'esse nome, 162 palmos (45 metros e 98). Pelo norte confrontava este terreno com o palacio do Conde de S. Lourenço (onde

hoje são as officinas typographicas dos srs. Castros). Pelo poente, continuando a medição, á face da travessa do cemiterio, indo do norte para o sul até ao cunhal da rua do Monte, onde começou a medição, formava o plano um angulo saliente comprehendendo o muro do cemiterio, e o logradoiro, 208 palmos (45 metros e 76). Esta area toda media 30:049 palmos, ou 670 metros e 88 centimetros.

Antigo palacio dos Condes de S. Lourenço junto a Santa Catherina
(hoje typographia Castro e irmãos)

Ora a barraca de que falei, contigua ás officinas, pertencia á Casa de S. Lourenço; por ella lhe deu a Irmandade 200$000 réis.

Em 20 de Outubro de 1860 procedeu-se á arrematação de tudo, na Administração do Bairro de Alcantara, e foi arrematante o corretor Antonio Gonçalves Lamarão, por 2:610$000 réis.

Custa-me não poder dizer em que data elle vendeu a sua compra de ruinas ao negociante José Pe-

dro Collares; o que sei é que em 1861, em quanto o sr. Antonio Osorio de Campos e Silva preparava e imprimia o seu bem elaborado *Almanack do Clero do Patriarchado para 1862,* se estava demolindo aquelle resto de maior quantia (1). Substituiu-se á egreja quinhentista um predio vistoso, precedido de jardim, com estatuas de pedra e candieiros de ferro fundido.

(1) *Almanack* pag. 116.

CAPITULO XXXVI

Houve n'estas immediações muitas capellas particulares, já em palacios e palacetes, já em recolhimentos. Ser-me-hia impossivel enumeral-as todas. Algumas ao menos.

O Recolhimento do Espirito Santo, quasi defronte da actual Academia Real das Sciencias, ficava na esquina da rua do Arco para a de S. Marçal. Ainda por 1866, se não me engano, existia a ermida contigua. Fundou-a D. Maria Borges em 1671 (1).

O Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo era dos Condes de S. Lourenço, na freguesia de Santa Catherina (2).

O Hospicio dos Eremitas da Serra d'Ossa era tambem n'essa freguesia, á Cruz de pau (3).

O dos Missionarios do convento de Brancanes; o dos Franciscanos da Custodia, da ilha da Madeira;

---

(1) Carv. da Costa — *Chorogr.* T. III, pag. 501.
(2) Carv. da Costa — *Chorogr.* T. III, pag. 490.
(3) Carv. da Costa — *Chorogr.* T. III, pag. 493.

o dos Carmelitas de Pernambuco; o dos Religiosos de Santo Antonio do Rio de Janeiro; não sei ao certo onde ficavam. Só sei que esta chamada Liberdade deixou Portugal uma ruina, em nome das suas intolerancias liberaes.

*

Ao sitio, a este monte celebre, coube a honra de ser, por assim dizer, o solar de um bairro lisbonense, e de lhe communicar o seu nome. O *bairro de Santa Catherina* era uma das divisões judiciaes e administrativas da Capital. No ultimo quartel do seculo XVI parece que por isso eram os habitantes d'esta paragem denominados os *catherinos,* na gira vulgar, em opposição aos dos bairros orientaes, conhecidos por *alfamistas.* Diz Alcino na comedia *Ulysippo* (1):

«Quero chamal-o, que suba; ouviremos sua linguagem, porque é um marcado azevieiro.»

E pergunta-lhe Regio:

«Dos Catherinos, ou Alfamistas?

*

Tudo acabou. O que estou escrevendo é o epitaphio d'estes contornos, e nomeadamente d'esta egreja lisbonense tão cheia de memorias.

Para a tornar attractiva aos homens de lettras, basta a circumstancia de ter sido a morada da Ir-

(1) Act. III, sc. III.

mandade dos Livreiros, classe a que muito devem as Litteraturas de todos os paizes.

Hoje o Livreiro (note-se) não é apenas encadernador; o sentido do vocabulo ampliou-se, nobilitou-se; hoje o Livreiro é o editor, o companheiro do auctor, a forma e o corpo do livro; e o livro é a civilisação.

*

Se o auctor cria a alma do livro, quem a reveste é o editor.

Se um gasta a existencia, a vista, a saude, nas luctas intellectuaes, o outro, não menos luctador, materialisa a ideia, torna-a visivel ao maior numero, combate com as nescias indifferenças e os desdens do publico,

magnæ fastidia Romæ,

prepara o mercado, dá alento aos novos, consagração aos velhos, e arriscando n'estas pugnas os seus cabedaes de numerario e tarefa, é um servidor, e muita vez um benemerito.

O publico, chapadissimo ignorante, corre atraz de fogos fatuos, e prefere ao oiro os oiropéis; uma das missões do Livreiro é encaminhar essas hordas de leitores, para quem o jornal maledicente, que os perverte, é Evangelho, para quem a caricatura offensiva é Arte, e para quem o romance deletéreo e obsceno é Instrucção.

Nos seus exforços, portanto, em favor das publicações uteis, bem merecem os editores consciencio-

sos, e deveriam os Governos animal-os e premial-os como promotores do bem.

*

Jazia em ruinas o templo de Santa Catherina; via-se a Irmandade a pique de o perder de vez, e na impossibilidade financeira de o reedificar; reconhecia que nos Paulistas era apenas hospeda, e perdêra a sua independencia. E foi então, que na sessão da Junta grande da Irmandade, de 21 de Agosto de 1855, o Livreiro Antonio Maximo Verol Senior muito se honrou com uma nobre proposta que fez.

Queria se tentasse um exforço supremo, se tomasse uma resolução heroica, se adquirisse por emprestimo uma certa quantia, se recorresse a uma finta, a uma subscripção, caso fosse necessario, e se restaurasse modestamente a egreja. Depois, queria se annexasse á sombra d'ella, á sombra da antiga Padroeira dos irmãos mortos, Santa Catherina do Monte Sinai, um pequenino hospital e um asylo, que servisse de honrada aposentadoria aos Livreiros velhos e necessitados, aos invalidos do trabalho do livro, aos companheiros dos homens de lettras, ainda lembrados da enxerga de Camões, e do seu lençol funerario obtido de esmola.

Seria uma especie de monte-pio, uma caixa de previdencia, uma cooperativa *sui-generis,* abrigada pela Cruz. O generoso alvitre não se chegou a realisar.

O enguiço é uma potencia diabolica.

Pois era bem util e respeitavel a ideia!

Castilho, mais poeta, sim, porém menos administrador, menos positivo, devaneou analoga aposentadoria (ou talvez antes hospedagem) para poetas, artistas, e sabios. Lançou a publico, em 1861, aquella formosa lembrança do aproveitamento de algumas das profanadas residencias monachaes, convertendo-as em asylo de invalidos do trabalho da intelligencia.

... «Estes conventos-palacios, — diz elle — estas cercas-principados e paraizos, estas grossas rendas, por que se não applicariam a abrigar e manter, isto é a salvar, recompensar, e aproveitar, poetas, artistas, e sabios, que são (cada um a seu modo) outros tantos solitarios por vocação, e que do fundo dos seus ermos encantam o mundo com prodigios?

«Não ha religiosos, que mais deveras honrem e manifestem a Potencia Creadora.

«Como a convivencia quotidiana, de todas as horas, diurna e nocturna, com tantos engenhos e talentos variadissimos, fecundaria a cada um com o polen de todos!

«Como o pintor influiria no poeta! o poeta no musico! o musico no estatuario! o estatuario no historiador! o historiador no philosopho! o philosopho no moralista!

«Como os bisonhos reaqueceriam com o seu fogo aos veteranos, e os invalidos (se os lá houvesse) encaminhariam com a sua experiencia as aguias, no seu primeiro adejar á borda do ninho!» (1)

---

(1) *A Chave do enigma.*

. . . .

Irrealisavel mas formosa utopia, filha de um devaneio, e fugitiva como um raio de luz!

*

Continuemos com Santa Catherina.

Certo é que, em 1850 e tantos, os transeuntes, ao verem ali ruinas pasmadas e tristes, sentiam no fundo do coração tamanho desamparo.

O Panorama (1) accusou a Irmandade pelo desleixo em deixar perder as suas regalias desde a transferencia de 1835; mas, apesar da sua intenção boa, foi injusto, me parece. Que se havia de fazer? a Irmandade luctou quanto poude, mas nada alcançou, porque os tempos vão pouco propicios para fundações religiosas. Contra a indifferença do publico ainda se combate; contra a má-vontade dos dirigentes, e contra o *absolutismo* de certos Governos *constitucionaes,* nada ha que fazer.

O alludido artigo do *Panorama,* assignado por F. D. de Almeida Araujo, mostra ser de um respeitador do passado, e de um coração a quem doem os vandalismos modernos; ahi exclama o auctor em fins de 1857:

«Quem vos dirá ao passar pelo pardieiro que existe na extrema direita sul da rua da Cruz de pau, que ali houve n'outros tempos uma sumptuosa parochia, que em eras mais remotas foi um formoso desvelo da alma da Rainha D. Catherina?»

---

(1) 1857 — Dezembro — 4.ª serie, vol. 1.º, pag. 409.

Em 26 de Junho de 1868 os proprios sinos, que tão alegres tinham cantado n'aquelles campanarios, annunciando as festas e glorias do templo e da Irmandade, os sinos que tanta vez deram as boas-vindas aos mareantes chegados de longes terras, foram a final vendidos em hasta publica por 512$364 réis. Tudo se vende! tudo se reduz a vilissimos patacos! tudo, até a alegria das festas religiosas, o cumprimento da vontade dos defunctos mais illustres, a poesia sacrosanta das tradições nacionaes!

*

Eis ahi o que roubei á *Monarchia Lusitana,* ao sr. Sousa Viterbo, a João Baptista de Castro, etc., e sobretudo aos preciosos documentos do cartorio da Irmandade, copiados e offerecidos a mim pelo sr. Braz de Medeiros, a quem muito agradeço. Não peço perdão de tantos roubos, nem temo ser condemnado, porque uma obra do genero da minha, mera vulgarisação de estudos alheios, vive de furtos.

Já alguem, pessoa aliás muito intelligente, me disse uma vez, apreciando em synthese a *Lisboa antiga:*

— O que V. diz nos seus livros é geralmente sabido; a graça d'elles é enfeixarem noticias conhecidas de todos.

A graça d'este apreciador é animar, segundo se vê; mas disse bem; eu tambem não tenho outra ambição: sou um varredor nocturno, e nada mais. O que me consola, é que, entre os lixos que varre a minha pobre vassoira, alguma coisa util e preciosa pescarão os gandaieiros!

CAPITULO XXXVII

O monte de Santa Catherina prolongava-se para a banda do mar na mesma altura do cume que ainda resta.

Cento e dez propriedades de casas, em tres grandes ruas, se erguiam n'aquella especie de promontorio, que terminava no fucinho por um caes de pedra á orla do rio.

Diz a tradição que, pelas 11 horas da noite de 21 de Julho de 1597, entrou uma voz desconhecida a gritar em altos alaridos por aquellas ruas, que fugissem todos, porque não tardaria em subverter-se o monte. Que seria isto? provavelmente o homem, transeunte retardatario, percebeu algum esboroamento parcial, algum signal precursor que o assustou. Foi dito e feito; acordaram em sobresalto os moradores, sahiram em tropel, e acolheram-se em qualquer escampado ao norte da Cidade. Poucas horas depois, em 22 d'esse Julho, era a derrocada (1).

Temia-se em Outubro d'esse mesmo anno de 1597

---

(1) Mor. de Mend. — *Hist. dos terrem.* pag. 66.

continuasse o desabamento. A Camara propoz se fizessem obras para o impedir. El-Rei D. Filippe I approvou o alvitre, e ordenou se lançasse mão de um de dois expedientes: ou fintar geralmente a Cidade, ou lançar um tributo temporario (1).

Em Carta Regia de 15 de Dezembro determina o mesmo senhor lhe envie a Camara o plano e orçamento das obras, visto a Casa dos vinte e quatro opinar seriam necessarios mais de 300 mil cruzados (2).

Não sei o que se fez; vejo que em 13 de Fevereiro de 1621, sabbado, desabou outra vez sobre a estrada da Boa-Vista uma nova parte do monte, das 8 para as 10 horas da manhan (3).

O Senado representou ao Vice-Rei, que, tendo-se arruinado por terceira vez aquelle cabeço, se tornava urgente o reparo, construindo-se uma barbacan de supporte, a fim de se não perder o templo de Santa Catherina, e tantas casas nobres como por ali havia; e em 20 de Março d'esse mesmo anno de 1621 assentou a dita Camara, que, reconhecida a urgencia de uma obra grande no sitio onde o monte entulhara o caminho marginal e o Caes das Negras, desatterrando tudo segundo o traçado de Theodosio de Frias, Architecto da Cidade, se tomasse de emprestimo a quantia precisa para se satisfazer a despeza, desde que o Rei decidisse o que se achava pendente quanto ao tributo (4).

(1) Sr. Freire de Oliveira.—*Elem.*—T. II. pag. 98.
(2) Id. Ibid.—pag. 99.
(3) *Elem.*—T. II, pag. 585.
(4) Ibid.—pag. 582.

Devo confessar, que não tenho agora meio de seguir o andamento do negocio; mas é bem de crer que alguma coisa se fizesse.

*

Não eram só as desaggregações de terreno que prejudicavam o sitio. Consta não menos que muitas outras vezes, pela sua grande elevação e exposição desamparada aos quadrantes de sul e sudoeste, o açoitavam desapiedadamente os vendavaes.

Em 19 de Novembro de 1724, por exemplo, soprou sobre Lisboa um temporal medonho, descripto no *Gabinete historico* (1). N'este alto de Santa Catherina foi arrancada do espigão de ferro que a segurava, e derrubada, uma grande Cruz de marmore vermelho da Arrabida, que desde muitos annos ali resistia ás violencias do Eolo (2), e que provavelmente foi a antecessora (ou talvez a successora) da *Cruz de pau* a que logo alludirei.

*

De tanto destroço nada resta hoje, felizmente, por aquelle sitio pacifico e sereno, onde as moradas ricas e grandes dão á calçada uma agradavel apparencia.

O que é indispensavel é que os nossos Municipios, que tão raramente apreciam a importancia vi-

---

(1) T. VII, pag. 176.
(2) Ibid.

vificante do bello entresachado no util, queiram impedir sempre que a orla meridional do alto de Santa Catherina se obstrua de novas construcções. O que deixaram perpetrar no alto das Chagas é nefando; não continuem.

*

Para o alto de Santa Catherina iam todas as tardes, depois do seu jantar, encontrar-se os dois velhos da anecdota, que estavam toda uma tarde calados em frente um do outro, a sorver pitadas de simonte,

Je ne lui parlais pas, il ne me disait rien;
Ainsi se termina ce superbe entretien,

e que se despediam sempre com a recommendação de «Venha amanhan mais cedo, amigo, para conversarmos.»

Para ali iam os jarretas curiosos de noticias, communicar uns aos outros os casos politicos da estranja, lidos na *Gazeta,* e decidir pacatamente a sorte dos Imperios. Lá diz Tolentino em 1779:

Iamos ouvir mil petas,
quando mais o sol se empina,
vendo acerrimos jarretas
junto a Santa Catharina
argumentando em Gazetas.

Aquillo é um respiradoiro necessario; é uma sacada aberta aos bairros proximos.

Vai-se ali desde seculos tomar o ar marinho, e

ver, nas tardes de outomno a destroçada panoplia multicor do sol poente, quando elle se recolhe ao seu camarim nocturno. Vamos d'ali contemplar a linha sinuosa dos oiteiros de Caparica, e espraiar olhos pelo nosso golpho napolitano semeado de vellas brancas; observar se chegou algum paquete transatlantico, ou se a esquadra ingleza ou alleman fundeou em linha; espreitar no Aterro, lá em baixo, o passar dos electricos, das carroagens, dos comboios, dos auto-moveis.

Emfim, as amas de creanças para ali é que vão apascentar as suas crias, e encontrar os municipaes dos seus devaneios.

Péze bem o Senado de Lisboa todas estas circumstancias momentosas, pense nos jarretas, pense nas amas, pense nos velhos do simonte, e nunca permitta que o dito popular tão pittoresco de *ver navios no alto de Santa Catherina* venha a tornar-se um quebra-cabeças para os archeologos da era de 4000.

*

A proposito:

Um proprietario abastado, enriquecido no Brazil, Domingos de Sequeira Queiroz, pensou a valer, em 1877, na formosura do sitio, e devaneou levantar á beira do precipicio um grande predio. Comprou o terreno, mandou fazer plantas e alçados, e requereu em 1 de Dezembro licença á Camara para edificar. Em 12 de Janeiro de 1878 procedeu esta ao exame do terreno; o Advogado e o Engenheiro votaram contra a concessão da licença; a Camara resolveu entrar em negociações com o proprietario.

Queiroz recalcitrou; e vendo prestes a fugir-lhe o seu sonho, pediu uma compensação, uma indemnisação exorbitante. A Commissão de obras foi de parecer que, esgotados os meios amigaveis, se recorresse a meios judiciaes. Declarou-se a lucta.

*

Logo em Fevereiro mandou Queiroz construir um tapume de taboado na orla do seu terreno confinante com a rua publica. Foi um sobresalto geral. O Vereador Pequito reclamou em 25. A Camara não descançou. Em officio de 30 de Abril communicava-lhe o seu Engenheiro Garcia que o orçamento da despeza com o traçado de um jardim, a suppressão da cortina e grade que lá havia, a edificação de um muro de supporte ao sul, e aterro indispensavel, importava em 1:858$297, o que, junto á expropriação no valor de 1:542$500 réis perfazia 3:400$797 réis. Para despezas imprevistas accrescentavam-se 599$203; a Camara em 3 de Maio approvou esses miseros 4:000$000 réis.

Em sessão de 28 de Novembro nomeou-se uma commissão camararia para tratar com Queiroz; este, que pedia primeiro 10$000 réis por metro quadrado, desceu no preço, e declarou vendel-o por 7$260. A commissão achava este preço justo, porque assim a Camara só desembolsaria 8:036$820 (1).

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1878 — pag. 59, 78, 115, 238, 304.

*

Tudo se realisou como aconselhava o bom senso, porque talvez Queiroz não dispozesse de influencias politicas, e não tivesse cotação n'esse bulhento mercado; e pouco depois (oh! alegria!) as amas, os jarretas, e os municipaes, entravam de novo na posse do lindissimo logradoiro.

Honrou-se a Camara procedendo assim. Devia ter feito o mesmo quando lhe pediram licença para pôr um anteparo no mirante das Chagas.

Queiroz deixou de edificar os seus *castellos no ar*, e a Camara substituiu-lhes um jardim suspenso sobre o Tejo. Lucrámos.

*

Mas lucrámos para sempre? não o affirmarei.

Quando, lá para o futuro (remoto ou proximo), um proprietario, que disponha de votos, quizer levantar andares, torreões, minaretes, zimborios, nos predios que o jardim publico domina hoje, ou no proprio jardim, não pode já recusar-lh'o a Camara. Recusar-lh'o! em nome de quê? Deve vender-lhe as braças de terreno que forem necessarias, para ali se erguer um monstro com muitos andares, que nos tire a vista do mar.

Depois do que permittiu no pateo do Pimenta, ha-de consentir, queira ou não queira, cedo ou tarde, por fas ou por nefas, o levantamento d'essas e quejandas torres de Babel; ha-de annuir ás veleidades dos imaginosos; ha-de, em homenagem á coherencia, cooperar com o seu beneplacito no entai-

pamento do quadro assombroso que d'ali se disfructa ainda.

O aresto do alto das Chagas justifica tudo.

O que vale, para ainda podermos gosar mais algum tempo o que é nosso... é que nem todos os donos de predios em Lisboa são politicos influentes.

CAPITULO XXXVIII

Quem sai do *alto de Santa Catherina,* toma (se vai para o *largo do Calhariz)* pela *rua da Cruz de pau,* hoje chrismada pela Camara em *rua do Marechal Saldanha.*

Deu nome a essa estreita e feia serventia uma enorme cruz de madeira, que n'aquelle cabeço era avistada de muito longe, e servia, até fora da barra, para baliza aos mareantes. Isso usava-se muito, e tinha parentesco estreito com as que iam ao longo da costa de Africa assignalando o caminho dos nossos navegantes e conquistadores.

Lá diz João de Barros:

«Nem d'ahi por diante consentiu (el-Rei D. João II) que os capitães que mandava a descobrir esta costa pozessem *cruzes de pau* pelos logares notaveis d'ella, como se fazia em tempo de Fernão Gomes, quando descobriu as quinhentas leguas de costa por condição do contracto que fez com el-Rei D. Affonso, mas ordenou que levassem um padrão de pedra.» (1)

---

(1) Asia — Dec. I, L. III, cap. III.

Quer dizer: a previdencia d'el-Rei substituiu as cruzes por padrões de lioz. A cruz de pau do alto de Santa Catherina, que tantas coisas viu, tantos navios encaminhou, e que foi (como aconteceu á Niobe da fabula) transformada em pedra, maneira de a nobilitar e conservar, cahiu; deixaram-n-a cahir; desappareceu; deixaram-n-a desapparecer; ficou-lhe o antigo nome, como derradeiro vestigio, apegado áquelle cabeço; e um bello dia, esse nome pittoresco foi apagado por uma Vereação, e atirado para a valla do esquecimento. Vivia ainda aquella cruz nas memorias publicas; continuava a ser mencionada, graças a um modesto lettreiro municipal. Como se esse lettreiro, quasi piedoso, fosse uma indignidade, rasparam-n-o.

E para quê? — pergunta o bom senso. — Que mal fazia ali aquella Cruz, e que mal fazia ali aquelle lettreiro?

Ha-de ser difficil uma resposta convincente. O que é certo é que o lettreiro foi apagado, e substituido, em Fevereiro de 1896, pelo nome do grande Marechal Saldanha!

Seja assim.

*

Na esquina oriental d'esta rua, sobre o Calhariz, existe o palacio que foi dos Marquezes de Vallada, renovado pelo novo dono.

Ora este palacio, sobre cujo portal campeavam as armas dos Meneses, de Tarouca, e as dos Castros, das treze arruelas, tem a fachada occidental para a

mencionada rua *da Cruz de Pau,* e para a *do Almada,* em que esta se bifurca por um angulo muito agudo.

Ao escrever n'este momento o appellido illustre de ALMADA, a minha penna estremeceu involuntariamente; e sabe o leitor por quê? e quer sabel-o? Não adivinha o que um tal nome diz. Poucos lisboetas, ao pronunciarem hoje com indifferença o lettreiro d'essa viella obscura, suspeitam sequer que estão evocando das sombras da Historia um dos mais completos e perfeitos cavalleiros, que jamais honraram o brio portuguez: nada menos, que o grande Alvaro Vaz de Almada.

Pois é tal qual. Trata-se d'elle, e não de outro.

*

Ladrava descomposta e atrevidissima a intriga e traição cortezan, nos paços d'el-Rei D. Affonso V, contra um homem cujo crime era ser grande, era ser popular, era ser leal.

O perseguido era o tio do Soberano, um dos da cohorte dos filhos de Filippa de Lancastre, o legendario, o liberal Infante D. Pedro.

Esporeado da veleidade do mando, e adulado pelo Duque de Bragança e pelo Conde de Ourem, entendeu o juvenil Monarcha arrancar das mãos do Regente, a quem devia tudo, o Sceptro, que elle honrava sustendo-lh'o, e resguardando lh'o na sua menoridade. Demittiu logo o Regente, e do melhor grado, a sua Realeza interina. Seguiram-se, ainda assim, as differenças que todos sabem, porque os

embustes recresceram, e sobre o Reino começou a acastellar-se o negrume da tormenta.

*

Por entre a confusão d'esse periodo ha um vulto feminino que sobresai, e que hoje podemos considerar uma victima das etiquetas estreitas: é a Rainha, a filha do perseguido, a formosa e quasi infantil Izabel; presa a um lado pelo coração, como filha; presa ao outro lado pelo dever, como esposa.

*

Chegou ao Infante D. Pedro um assomo de justissima altivez; e quando o tredo Duque de Bragança, o occulto machinador do trama, depois de acabar de insultar a seu irmão na pessoa de todos os seus partidarios e amigos d'entre-Douro-e-Minho e de Lisboa, lhe mandou pedir com fingida cortezia licença para lhe passar pelas terras do Ducado de Coimbra, negou-lh'a o Infante, sahindo-lhe ao encontro de mão armada.

El-Rei, que só buscava pretextos, deu a seu tio por traidor e desleal, e ordenou que marchassem sobre elle.

*

No paço de Lisboa, entretanto, reunia-se conselho, um dos mais ascorosos conselhos que jámais foram vistos de arrazes de Côrte. Queria el-Rei saber o que fizesse de seu tio, no caso de o colher ás mãos;

accordou-se em que lhe daria uma só de tres coisas, que era deixada á clemencia do filho de D. Duarte: ou carcere perpetuo, ou perpetuo desterro, ou morte.

E as paredes da Alcaçova não tremeram! E as torres dos Estáos não cahiram!... E o sol de Lisboa continuou sereno a illuminar o Tejo!...

Terminou abruptamente o conselho. Levantou-se el-Rei, de aspecto agitado e torvo. Levantaram-se os Conselheiros; mas no coração de alguns franzia os seus esgares negros o prazer baixo e lugubre da vingança.

Perdôe Deus a el-Rei D. Affonso V, que veio a expiar tão culpaveis fraquezas.

Só Deus sabe que amargas cogitações elle curtiria depois, sósinho, n'aquella sua solemne cadeira, que eu vi, copiei, e se conserva com tanto apreço no Varatojo!

Affonso V não era mau; era leviano.

*

....

A Rainha, que passava os dias entre lagrimas; a Rainha, para quem seu pae era ainda, e sempre, o mesmo modelo de varões, e que não acabava de entender, como doce creança que era, noiva e inexperiente, o por que assim se amotinava contra tamanho ancião um Reino todo, determinou-se em avisar o Duque de Coimbra; expediu-lhe um pagem com uma carta, em que lhe dava conta do que fôra tratado, e o prevenia de que el-Rei ia abalar-se em som de guerra.

*

Quando virmos um homem grande, procuremos-lhe o amigo, que ha-de ser digno d'elle. O amigo intimo, o *outro eu* do Infante D. Pedro, é a flor da cavallaria portugueza, é o galhardo e senhoril Conde de Abranches, é Alvaro Vaz de Almada.

— Alvaro! — lhe dizia o Infante D. Pedro n'uma camara do seu castello de Coimbra, onde ia entrando Alvaro Vaz, atonito do aspecto alquebrado e merencorio do Duque. — Alvaro! — (e não proseguia; e amarrotava convulso a carta, que n'esse momento acabara de lêr) — Alvaro!...

— Meu senhor — acudia carinhosa a voz do velho Conde de Abranches — Quão demudado vos encontro! que novas temos?

— Alvaro, lê-me essa carta outra vez; é da minha pobre filha. — E cahia-lhe a fronte nas mãos.

— Da Rainha? perguntava o Conde, tomando respeitosamente a carta, e lendo-a, pasmado e repassado de dôr.

E o Infante não desfitava do papel os olhos marejados de chôro; mas ao concluir-se a leitura, já o seu aspecto era outro. Ergueu-se. Raiava-lhe no rosto um lampejo de colera expansiva e leal; e bradou como trovejando, e batendo com as mãos abertas no peito:

— Vive Deus, que não sou eu, eu filho de Reis, homem a quem se desterre nem encarcére; entendo que entra já a morte a acercar-se de mim. Pois bem; aceito a morte.

Concertaram entre si o que havia que fazer: aper-

ceberem-se os homens de armas, por cautela, e marchar para Lisboa a desfazer com a presença e com a palavra o effeito de tanto embuste.

Ao outro dia, na velha egreja de S. Thiago de Coimbra, que lá está, juravam sobre a Hostia consagrada os dois amigos não sobreviverem um ao outro, no caso de succumbir um d'elles em peleja que estivesse para ferir-se; e na face rugosa dos dois cavalleiros, ajoelhados e abraçados, foi por ventura vista deslizar uma lagrima de estranha commoção.

*

...... Mas a Rainha não socegára; antes ao ver tantos aprestes que iam e vinham em Lisboa, tantas ordens que se expediam, tão feroz catadura no Rei seu senhor, que ella amava com todas as veras d'alma, tal sobrecenho com que a olhavam de soslaio por baixo da viseira servil os cortezãos, tantos conciliábulos nas antecamaras, tanto chegar de capitães, tanta ordenança de ginetes no Rocio, em summa todos os alardos e rebates da guerra (guerra entre a familia portugueza!); a Rainha D. Izabel, que passava os afflictos dias em oração com suas donas, encheu-se de valor. Sahindo da sua camara ao encontro d'el-Rei, quando percebeu que elle se encaminhava para o Conselho, e lhe sentiu os passos na sala grande, quiz falar, mas cahiu-lhe de joelhos aos pés a soluçar, a soluçar, semi-morta, sem conseguir soltar uma phrase!

Condoeu-se o imberbe e formoso Principe da afflicção da sua noiva, pouco antes tão feliz e tão ale-

gre! parou sem proferir palavra; viu-a pallida, com as olheiras do pranto e da insomnia, com os labios trémulos da amargura; levantou-a serio e carinhoso pelas mãos; enlaçou-lhe a cintura com o braço; e, como respondendo ao silencio e ás lagrimas da Rainha, que explicavam tudo, só disse por fim, em voz lenta e grave, inclinando para ella a fronte, com doçura e quasi em confidencia:

— Pois bem, linda, pois bem; falemos claro: se meu tio o Duque de Coimbra me mandar pedir perdão da sua altivez em negar passo ao Duque de Bragança, ouviste? e em me negar a mim as armas do seu castello, por satisfeito me haverei, e embainho de vez a minha espada. Escreve-lh'o tu mesma; pois bem; pois bem; vamos...

E afastou-se, preoccupado, deixando entregue nos braços das suas donas de honor a espavorida Izabel, que se desfazia em soluços, n'uma crise nervosa inexplicavel, e atroava com os seus alaridos de creança as abobadas dos paços roqueiros da Alcaçova, ella em cujo seio... (silencio; só ella o sabia) palpitava já o Herdeiro do Reino.

Passada a primeira torrente do chôro, escreveu a doce medianeira a seu pae, e mandou-lhe um expresso a todo o galope. Veio a resposta. A resposta eram duas cartas: uma official para el-Rei pedindo-lhe (sabe Deus com que mau grado) desculpas como vasallo; outra particular, em que o animo insoffrido do ex-Regente desabafava no peito de sua filha. Ahi dizia o Duque: «Faço mais por vos comprazer e fazer o mandado, que por me parecer razão que o eu assim faça.»

Acertou el-Rei de ver ambas as cartas; rasgou n'um impeto de furia a de perdões; e mais agreste ainda do que até ali, cresceu em sua colera, e partiu de Lisboa com gente armada, como quem fosse já a tomar Arzilla!

*

Jornadeava caminho de Lisboa o Infante D. Pedro com os seus sequazes. Tenho apesar de tudo como certo que a prudencia, e não a rebellião, lhe armara o pulso.

Descançava no logarejo da Castanheira junto ao Carregado, quando lhe vem dizer o vigilante Alvaro Vaz:

— Sus, meu senhor Infante! lá vem el-Rei meu senhor com os seus vassallos; e brilham ao sol aquelles murriões, que parece que veem accesos. Não duvideis. Vem vosso sobrinho como inimigo; busca cercar-nos.

— Prompto, meu Conde; respondeu o Infante armando-se — achar-me-ha.

Mas por não ser o logar asado ao encontro, foi postar a hoste junto de um ribeiro chamado da Alfarrobeira, ali ao pé, espiando, de ouvido alerta, serio como homem de consciencia pura, mas prevenido para o que viesse.

*

Chegou-se o fanfarrão d'el-Rei, e com a insolencia das causas ruins cercou o mesquinho arraial de seu tio, e mandou arautos pregoar ao som de trombetas que eram rebeldes os que seguissem ao Infan-

te; que lhes cumpria desamparal-o, e tornarem-se para o seu Rei e senhor natural.

Ninguem obedeceu, antes muitos do arraial de el-Rei se passaram para o do Duque de Coimbra, onde estava a razão, o prestigio, e a verdadeira força.

Seguiu-se um espaço de tregoa soturna.

Romperam emfim os de Lisboa. Responderam os coimbrões.

Alvaro de Almada, que fôra observar o arraial inimigo, veio descoroçoado ao comparal-o com as minguas do seu. Nada disse á gente, mas disse-o ao Duque, e aconselhou-o:

— Senhor, eu vol-o peço, eu o vosso Alvaro; senhor, ponde-vos em cobro; fico eu, e basto; e se houver de morrer, morrerei só. Parti, senhor!

A resposta do Infante foi apertar-lhe a mão, entrar logo na tenda, d'onde sahiu armado com uma cervilheira na cabeça, e uma cotta de malha com uma jórnea carmesim sobre ella; depois montar no seu grande cavallo de guerra, que lhe sustinham os pagens. O bom Alvaro de Almada fizera o mesmo, e começaram, cada um por seu lado, a dirigir a batalha, já inevitavelmente perdida de antemão.

Romperam-se os diques. Travou-se a peleja sem mandado, mas com o alvoroço feroz do sangue, do muito sangue.

Entrado o campo do Duque por todas as partes, e começando a declinar a estrella propicia, principiaram os seus a desertar em turba para o arraial d'el-Rei, onde morava o mando, a força, e a victoria proxima.

Era um luctar braço a braço, um esgrimir corpo

a corpo, uma justa desesperada, um arremetter de rufiães.

O Infante descavalgou, e ao ver-se tão disimado em sua gente, acordaram os seus impetos com maiores furias. Era vel-o! era ver aquella fronte alvejante illuminada de furor! era vel-o, lampejando a um lado, a outro, os seus olhares fulvos! era vel-o correr, como o infimo dos bésteiros, a linha de maior perigo, delirando de ira, e sarilhando sobre a peleja o seu montante das batalhas.

N'isto ha um tropel; ouviu-se um rugido de leão; uma setta inimiga varára o coração do Duque D. Pedro; e eil-o cahiu de bruços, o grande homem, como um miseravel, assassinado por um archeiro anonymo de seu sobrinho, por um filho do Povo, d'aquelle Povo que elle tanto amara!

....

*

Por outro lado andava na faina Alvaro Vaz.

E diz-lhe um, todo desorientado:

—Senhor, é morto o nosso Infante! é morto o nosso Infante! cahiu! além! além! é morto! Fugi, senhor!

—Eu? fugir?—pergunta com serenidade apparente o cavalleiro—eu?

Entrou na sua barraca de campanha; comeu um pouco de pão; bebeu um gole de vinho; tornou a tomar a espada, e sahiu a pé pelo arraial, que já todo era d'el-Rei. Executou prodigios de valor, com animo feito de acabar ali; pelejou como um tigre; vendeu tão cara a vida quanto poude.

E, terrivel, sentia faltarem-lhe as forças; brandindo a um lado, a outro, a pesada lamina, gritava:

— Ó corpo, já sinto que não podes mais! e tu, ó minha morte, que já tardas!...

E cahiu banhado em sangue. E acutilado, rasgado por um troço d'elles, arrancava estas palavras, que a historia repete com respeitoso terror:

— Agora... fartar, rapazes! vingar! vingar, villãos!

E rendeu a grande, a nobilissima alma.

Estava cumprido o juramento.

....

Tal foi, leitor amigo e portuguez de lei, tal foi a chamada batalha da Alfarrobeira; tal foi o inglorio fim de dois dos maiores cavalleiros da nossa boa e leal terra.

....

*

Morto o Conde de Abranches, foram-lhe logo os bens confiscados como de reo de alta traição: a casa da actual rua *do Almada,* sobre o Calhariz, campo então, e afastado, e mais uns terrenos em Caparica. Tudo se doou em 25 de agosto de 1449 a Alvaro Pires de Tavora, chamado o velho, filho de Lourenço Pires de Tavora e de Alda Gonçalves, e do Conselho d'el-Rei D. Affonso V (1). Esses bens con-

---

(1) *Historia dos varões illustres do appellido de Tavora*-Paris, 1648, 4.º 1 vol. — Sobre esta doação, e outras interessantissimas circumstancias biographicas e historicas de D. Al-

servaram-se até ha poucos annos, na sua maior parte, em poder do actual representante dos Tavoras, o Marquez de Vallada, segundo elle proprio me disse n'uma das suas conversações sempre tão eruditas e agradaveis.

Bastam estas indicações, summarias como são, para encher do maior interesse aquelle sitio, e aquella rua *do Almada;* bastam ellas para provar mais uma vez aos municipios, que a alteração impensada e cerebrina de certos nomes de ruas é muita vez uma inutilidade ignara, e muita outra um sacrilegio.

---

varo de Almada, Conde de Abranches, consulte-se o Tomo II do livro dos *Brasões da Sala de Cintra* por Anselmo Braamcamp Freire, pag. 365; erudita lista de titulares antigos, onde não sei o que devo admirar primeiro: se a paciencia e perseverança no trabalho, se a sagacidade nos confrontos e nas observações; alto subsidio para historiadores.

Pode ver-se tambem a *Resenha dos titulares* por Silveira Pinto e o Visconde de Baêna, titulo *Caparica,* pag. 352 do 1.º vol., e Torre do Tombo, Livro 3.º de Misticos, fl. 186.

CAPITULO XXXIX

Vemos pois, que desde o meio do seculo XV pertenceu o palacio da banda meridional do nosso Calhariz a ascendentes da Casa de Vallada.

Não sei qual dos donos o reconstruiu, depois de 1755; seria D. José, ou D. Francisco de Meneses da Silveira e Castro.

A frente principal cai sobre a rua *direita do Calhariz* (no seculo XVI, quem tal dirá? denominada *da Esperança,* quando tudo aquillo era campo (1). A face do nascente domina a rua *da Bica* e a do poente a rua *da Cruz de pau.*

▪

Segundo acabei de indicar, a reconstrucção actual é posterior ao terremoto grande, que arruinou o edi-

---

(1) Christovão R. de Oliv. no seu *Summario* menciona com tal nome aquella rua, logo depois da porta de Santa Catherina, por ser o mosteiro da Esperança, desde uns vinte annos, o maior que para aquella direcção se encontrava.

ficio, onde morava o Embaixador de Hespanha. Este diplomata ficou sepulto nos escombros, o que motivou um aviso do proprio dia 1 de Novembro, em que o Ministro Sebastião José de Carvalho ordena ao Marquez de Marialva dê as providencias necessarias para ser transferido para outra parte o cadaver do Embaixador (1).

*

Em 1791 estava, segundo parece, habitado o palacio; e calcúlo que pelos proprietarios.

N'esse anno, segundo o *Almanack*, morava ahi o Marquez de Pombal, Henrique; ora como elle era casado com uma filha de D. José de Meneses, D. Maria Antonia de Meneses, é provavel que acceitasse por algum tempo a hospedagem de seus sogros ou cunhados. Em 1802 e em annos seguintes morava no palacio das Janellas verdes.

Em 1803 morava n'este predio do Calhariz D. Francisco de Meneses da Silveira e Castro, 1.º Conde de Caparica (2); e tambem em 1804 (3), e nos annos proximos até 1807, em que foi para o Rio de Janeiro no sequito da Familia Real, sendo em 17 de Dezembro de 1813 agraciado com o titulo de Marquez de Vallada.

*

Modernamente ahi residiu o alludido Marquez

---

(1) *Mem das princip. provid.*, pag. 43.
(2) *Almanack* do tempo.
(3) *Gazeta* n.º 29, de 17 de Julho de 1804.

D. José, talentoso homem, que tanto podia ter deixado em lettras e sciencias, e nada deixou, mas cuja conversação erudita, chistosa, anecdotica, foi uma obra litteraria importante, que dilapidou e espalhou aos quatro ventos.

N'este mesmo palacio deu elle lindissimos bailes e agradaveis recepções, e d'elle sahiu muitos annos em grande estado, quando havia beija-mão no Paço, (cortejo, como hoje se diz) ou sessão de abertura das Côrtes.

O fausto do seu coche envidraçado, puchado a quatro magnificos cavallos ajaezados de prata, era proverbial em Lisboa.

Conheci-o n'essa casa desde a minha infancia, porque sua mãe, a sr.ª Marqueza de Vallada (que em 2.ªs nupcias casou com o Conde da Taipa) era muito amiga e admiradora de meu Pae, a quem muitas vezes acompanhei ahi sendo creança. Conheci depois o Marquez no palacio dos Rebellos Palhares na travessa *da Queimada,* na calçada *da Ajuda* n.º 12, e ultimamente no palacio Rio-Pardo (hoje demolido) da calçada *da Estrella.*

As suas collecções, os seus livros, e sobretudo a sua conversação sempre amavel, hão-de ficar lembrando a quem o tratou.

Foi este Marquez, pae do actual Conde de Caparica, quem vendeu o seu palacio do Calhariz ao Conselheiro Torres, Par do Reino, de quem passou para o actual proprietario, o Conde da Azambuja, por cabeça de sua mulher a snr.ª Condessa, enteada do mesmo Conselheiro Torres.

CAPITULO XL

Na esquina occidental da rua *da Cruz de pau* levanta-se um modesto predio de lojas e dois andares. No 2.º andar, todo de janellas de peitos, tres para o *Calhariz*, cinco para a *Cruz de pau*, morou desde 30 de Dezembro de 1863, e falleceu em 21 de Janeiro de 1892, um grande escriptor: D. Antonio da Costa. Esses vinte e oito annos de intimidade fraternal, sobre treze de conhecimento e relação, ligaram-me a aquellas paredes por tal forma, que nunca me é indifferente passar n'essa rua, onde tive o meu maior amigo.

Lembro á Camara Municipal uma coisa: quanto a honraria diante do publico a collocação de uma lapide n'aquella modesta frontaria, commemorando as obras do amigo da instrucção, e dizendo:

N'ESTA CASA FALLECEU
D. ANTONIO DA COSTA DE SOUSA DE MACEDO

Ali se escreveram os melhores livros d'esse pensador; ali traçou elle, com mão ainda tão firme, as reformas admiraveis da sua curta mas vasta geren-

cia no Ministerio da Instrucção Publica; tudo isso sahiu do tinteiro de chumbo que possuo, hoje historico, hoje monumento inapreciavel, tinteiro que o acompanhou desde Coimbra.

*

Além d'estes factos litterarios, que scenas intimas e divertidas ali se passaram! só aquella modesta

D. Antonio da Costa
Sombra tirada em 15 de Novembro de 1875

casa daria um bom livro. Aqui vai uma, e não é das peores.

Antonio da Costa e seus irmãos foram de engraçadissimo trato. Em se achando juntos, era morrer a rir. Costumava dizer um parente d'elles:

— Ainda que esteja em sexta feira de Paixão, um homem que na vespera tenha perdido o pae e a

mãe, se se achar na caturreira com dois ou tres dos Mesquitellas, ha-de por força dar gargalhada, ainda que o não queira.

Lembranças vivas da descuidosa mocidade no *Poço Novo* e em *Arroyos,* ditos, casos antigos, respostas galantissimas, eram o melhor acepipe da conversação. Illuminavam-se no saudoso clarão do passado, e remoçavam. Pedro, sobretudo (o Conde de Villa Franca), afinava perfeitamente com o feitio do irmão. N'aquella *risota* familiar, ninguem suspeitava ter ali o erudito historiador do livro *D. João I e a alliança ingleza,* o dramaturgo do *D. João II,* o poeta do *Christianismo e Progresso,* o poderoso estylista da *Historia da instrucção popular.*

Quando, logo depois de 19 de Maio de 1870, o antigo Secretario de Leiria foi nomeado Ministro da Marinha, chegou um bello dia á *Cruz de pau* o Conde de Villa Franca, ás horas em que seu irmão já tinha sahido para a Secretaria. Entrou, chamou a governanta, a snr.ª Maria Joanna Nogueira, e o creado, o snr. José Bisoiro, immortalisados por seu amo na viagem *No Minho.* José Bisoiro era um fiel, um pau-mandado, observante e de poucas falas; Maria Joanna era o typo da portugueza: toda enthusiasmos, faladora, affectuosa, dedicada, toda sorrisos para os bons, toda lagrimas para os infelizes.

O Conde de Villa Franca fechou-se com ambos na sallinha, e em tom de caso disse-lhes assim:

— Sabem que o snr. D. Antonio está Ministro?

— Sim snr., sabemos; ainda bem! Deus o conserve! e que seja por muitos annos e bons.

— Ora oiçam, — continuou o Conde em ar mys-

terioso — e tomem-me bem sentido no que lhes vou aconselhar. Além de Ministro, o snr. D. Antonio agora é tambem *Conselheiro*, ouviram? E' *Conselheiro*, coisa que elle desejava havia muito tempo. O seu maior gosto n'este mundo era ser *Conselheiro*.

— Sim?... isso é que nós não sabiamos! caspitè!...

— Elle nunca falou cá em casa no grande desejo que tinha de ser *Conselheiro?*

— Não snr.; nunca lhe ouvimos falar em semelhante coisa.

— Assim mesmo é que é. E eu vim aqui de proposito para lhes dizer isto, e recommendar-lhes muito, e pedir-lhes por tudo quanto ha, que o tratem sempre por *Conselheiro*.

— Pois está visto.

— Está visto, não; elle ha-de fingir que extranha, ha-de-lhes dizer que o não tratem assim, talvez se zangue alguma coisa, e ralhe, porque bem sabem que é a modestia em pessoa; mas (fiem-se no que lhes digo) tratem-n-o sempre por *snr. Conselheiro*. Quanto mais elle ralhar, mais *Conselheiros!* muitos *Conselheiros!* perceberam?

— Ora se percebemos, snr. Conde! e fez V. E. uma grande esmola á gente com este aviso; porque quem não sabe...

— Sim, é como quem não vê. Fiquem sabendo: toda a vez que lhe chamarem *Conselheiro*, dão-lhe um grande gosto, e elle baba-se todo. Ora por que não hão-de V.V.m.cês fazer uma coisa que tão agradavel é ao seu patrão?

Ficou isto assente de pedra e cal. Negocio resolvido; e o Conde sahiu, deixando o terreno admiravelmente preparado, e por mão de mestre, para uma caturreira de cahir.

Ao fim da tarde chega o Ministro; segue-o pela escada a cima o correio com a pasta; colloca-a no escriptorio, e sai. Antonio da Costa, pallido, cançado de um dia de trabalho, chama José Bisoiro para o ajudar a tirar a farda.

— Veio alguem?

— Sim, *snr. Conselheiro;* aqui estão estes bilhetes.

E apresentava uma salva com bilhetes de visita.

— O jantar esta prompto?

— Está, *snr. Conselheiro.*

O *Conselheiro* ainda não deu muito pela coisa. Estava distrahido.

— Snr.ª Maria Joanna, em estando a meza posta, vamos a elle.

— Sim, *snr. Conselheiro.*

— Ainda tarda muito?

— Um Credo, *snr. Conselheiro,* um Credo.

D. Antonio reparou em tanta civilidade, mas calou-se.

— *Snr. Conselheiro,* está o jantar na mesa.

— *Snr. Conselheiro,* V. E. quer que eu feche a janella?

— Posso tirar a sôpa, *snr. Conselheiro?*

— Chegou agora esta carta, *snr. Conselheiro.*

D. Antonio disse com ar sereno, em quanto corria a vista pela carta:

— Não me chamem *Conselheiro;* que semsaboria! não gosto de mudanças.

— Nós bem sabemos, *snr. Conselheiro,* que V. E. é *Conselheiro;* e então...

— Pois sim, é certo; mas não é preciso estar a dizer isso sempre a cada momento. Este assado está muito bom; tenho uma bella cosinheira.

— Isso é favor de V. E., *snr. Conselheiro..*

— Mau! exclamou D. Antonio.

— Que V. E. era Ministro sabiamos nós; mas que até era *Conselheiro,* isso é que não sabiamos!... — ponderou com ar obsequioso a snr.ª Maria Joanna, assomando á porta da casa de jantar, toda risonha.

— Que grande secca! mas deixem-se d'essa teima, peço-lh'o eu.

Elle continuava a jantar; mas elles continuavam na sua.

— *Snr. Conselheiro,* V. E. quer que traga já luz?

D. Antonio então formalisou-se, e perguntou:

— Digam-me uma coisa: quem é que manda aqui?

— E' V. E., *snr. Conselheiro;* mas...

— Mas que grande birra! Não me parece isso seu, snr.ª Maria Joanna; sabendo que me incommóda...

— Ora «incommóda», *snr. Conselheiro!* Nós é que não suspeitavamos que V. E. era *Conselheiro,* e por isso desde antes de hontem, em que foi nomeado Ministro, ainda não tinhamos feito o nosso dever.

— Mas então como souberam essa grande novidade?

— Foi o snr. Conde de Villa Franca; esteve cá esta manhan de proposito... e...

— Meu irmão?! oh! que maroto! eu já devia ter

percebido que andava aqui mão de artista... Agora vejo tudo. Pois saibam: isso é uma brincadeira d'elle. Eu sou o que era, e ficam prohibidos (mas prohibidos a valer, sob pena de eu me zangar tambem a valer) de me chamarem *Conselheiro*. Acabou-se; tenho dito.

Quadro! A cara dos dois não se descreve.

D'estas assim, tão completas, tão originaes, tão espontaneas, e com tanta bonhomia... só em casa de Mesquitellas!

*

Visto que me referi, e tanto d'alma, ao vibrante artista dos *Tres mundos,* quero, por despedida de capitulo, insistir n'uma reprovação que acima esbocei: mostrar todo o absurdo da lembrança que teve a Camara intitulando esta viella, a pobre rua *da Cruz de pau*, *Rua do Marechal Saldanha!*

Do Marechal Saldanha porquê? que facto da sua vida, que successo politico ou particular, que residencia, que brilhante feito de armas, ligava esse Homem a tal rua? Absolutamente nada.

Uma vez sei eu que elle ahi esteve; mas tanto de passagem, e por motivo tão familiar, que certamente a Camara, que o ignorava, não estribou n'esse facto a sua resolução. Eu digo o que foi.

Como a cima indiquei, ahi morou vinte e dois annos e dias D. Antonio da Costa, sobrinho materno de Saldanha. Ora é bem natural que o tio, sempre atarefado, e obrigado á avareza de visitas, não procurasse os sobrinhos; elles é que muitas vezes o visitavam, como deviam.

Estava-se tambem em 1870; era Presidente do Conselho o Duque de Saldanha, e Ministro da Instrucção publica D. Antonio da Costa. O tio teve que falar urgentemente com o sobrinho; ao sahir de casa deu ao cocheiro a indicação da rua da Cruz de pau 57, e apeou-se lá. Subiu; era dia de assignatura Real na Ajuda. Bateu á porta do modestissimo 2.º andar do notavel escriptor. Veio abrir-lhe a snr.ª Maria Joanna Nogueira; víu o grande velho, com o seu bigode de neve, a sua farda constellada de placas, a espada a rastos, e sobre tudo o seu ar grande e inconfundivel, dominador mas bondosissimo ao mesmo tempo.

— O snr. D. Antonio está cá? — perguntou aquella voz grave e doce.

— Não, meu senhor — respondeu a excellente creatura — foi para o Ministerio, ou para o Paço.

— Ora que pena! — murmurava o visitante — faz-me transtorno; precisava tanto falar-lhe!... Emfim, logo nos encontraremos.

E machinalmente, tendo entrado uns passos pelo corredor, parou indeciso, olhando por acaso, pela entreaberta porta da sala, para o seu proprio busto por Victor Bastos, ali, em cima de uma jardineira. Esteve assim dois minutos. Por fim, ia sahindo.

— V. E. tem a bondade de me dizer o seu nome, para o snr. Conselheiro ficar sabendo quem o procurou? — disse timidamente a boa Maria Joanna, dominada já por aquella presença *augusta*, e curiosa de conhecer a personagem, que nunca tinha visto.

— O meu nome? — diz sorrindo o Marechal. — Eu não trago bilhete; mas tenha a bondade de dizer

ao snr. D. Antonio que esteve aqui... Olhe: — continuou elle revirando-se para a sala, e apontando o busto — diga-lhe que esteve... (como hei-de eu explicar isto?) que veio procural-o aquella figura que ali está vendo, mas de carne e osso.

— V. E... é o... é o snr. Duque... de Saldanha?!!!...

— Sou, filha, sou eu mesmo, volveu elle abraçando-a.

Maria Joanna cahiu-lhe aos pés, e agarrou-o pelos joelhos.

Esta scena, cujos pormenores asseguro, mostra o prestigio do Heroe.

*

Se basta este motivo á Camara para dar um nome tão grande a uma travessa tão mesquinha, aqui lhe fica.

*

Mas, verdade verdade, que tinha o Marechal com essa viella? Pois um homem assim não merecia uma avenida nova? Pois o nome do glorioso Duque não se impunha melhor do que o de certos sujeitos, aliás muito boas pessoas, cujo ephemero appellido triumpha nas esquinas de algumas ruas ultimamente abertas? Pois aquelle morto, sempre vivo, não valerá mais que esses vivos, já mortos?

Em summa: isto é clamar no deserto. A Camara faz o que quer. Vozes bem superiores á minha lhe teem demonstrado o mau caminho em que vai, ella, zeladora nata das glorias da Cidade, obliterando-lhe

O Duque de Saldanha
aguarella a tinta da China

as tradições. Surda a tudo, continua a arrancar os titulos antigos, que pertencem á historia da povoação, e a dar ás praças e avenidas o nome dos seus vereadores e empregados!!!

Quando chegará o dia da justiça?

*

P. S.

Para Saldanha chegou emfim, como todos desejavamos. Honrou-se o Municipio consagrando ao invicto Marechal uma nobre praça, por proposta do Conde de Avila. Ahi vai campear o monumento.

Pagou-se uma divida.

FIM DO VOLUME II

NOTAS

Nota I. — Pag. 55

A Estanqueira do Loreto

No catalogo do leilão do sr. Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, na calçada do Salitre, o n.º 466 dizia: «Miniatura em marfim. Na tampa da caixa de rapé o retrato em busto da celebrada *estanqueira do Lorêto* muito cantada pelos poetas nos fins do seculo XVIII e principios do XIX, pela sua notavel fealdade. O fundo representa parte da loja, vendo-se as balanças, potes de rapé, e massos de cigarros, etc.»

Isto me communicou em carta de 13 de Outubro de 1902 o sr. Julio Telles Pereira. Seria esta a caixa de Sette, adquirida por Aragão? ou seria outra miniatura do mesmo assumpto? Não é facil decidir.

Nota II. — Pag. 64

Egreja da Encarnação

Parece que a sua inauguração solemne foi a 16 de Maio de 1826. Possuo o Sermão prégado ahi por Frei José de Almeida Drake, Religioso do convento de Jesus. Depois de eloquentes considerações theologicas, conclue o Padre assim:

... «Terminando este discurso, talvez espereis de mim, que prodigalise louvores aos trabalhos, sacrificios, e difficuldades, de que voluntariamente se encarregaram os que hoje teem o suave regosijo de verem as portas d'esse Sanctuario abertas, e Deus e a Purissima Virgem n'elle exaltados e engrandecidos. Pois nada direi sobre este objecto, porque nada precisa

dizer o orador; nem os seus elogios podem accrescentar coisa alguma ao zelo incançavel, com que piedosos corações d'esta respeitavel Irmandade, de dia, de noite, a todos os momentos, sacrificaram seu repoiso, seus mesmos interesses particulares, a fim de terem o prazer de concluirem em seus dias passageiros obra tão rica e sumptuosa.

«Vossos olhos se abrem e dilatam por todo este recinto precioso, e em tudo divisam majestade, opulencia, riquesa. É uma Casa de Deus, um Templo dedicado a Maria, verdadeiramente digno da gloria da Divindade, e sem duvida o mais bello e delicado, que se encontra em todo este Reino.»

Depois accrescenta com o seu enthusiasmo:

«Eu vi e admirei o magnifico Templo de Alcobaça, grande, majestoso, e talvez unico em sua prodigiosa extensão, construido a empenho do primeiro Monarcha d'este Reino para agradecer ao Ceo os triumphos que tinha alcançado sobre as innumeraveis phalanges dos Sarracenos ....

«Eu vi e admirei o sumptuoso edificio da Batalha, mandado edificar pelo animo generoso e liberal do senhor D. João I em memoria da celebre victoria de Aljubarrota ....

«Vejo e admiro o sumptuoso Templo de Belem, que sempre fará recordar os tempos doirados da nossa gloria, levantado desde os fundamentos pela grande alma do afortunado Rei o senhor D. Manuel...................................

«... Todas estas tão admiraveis obras não são em verdade de maior preço, do que este Templo augusto em que estou falando; porque um Monarcha sempre tem generosos e abastecidos recursos, com que pode ultimar os seus vastos projectos e designios ....

«Porém, qual é o fundo, ou riqueza, d'onde se extrahiram os preciosos materiaes que adornam a majestade d'este Templo? Seja licito dizel-o aqui, em abono da verdade: foi só zelo, inteireza, honra, e probidade, com que homens tementes ao Ceo administraram pequenos e escassos recursos para se concluir uma obra tão grande e apreciavel.

«Tenha portanto a nossa Religião santa este triumpho. Tenha Lisboa mais este monumento da sua grandeza, e Portugal este distinctivo da sua piedade!» ....

Nota III. — Pag. 218

A estampa que representa o Chiado reproduz uma antiga lithographia, creio que do *Universo pittoresco* (1839-1844), interessante periodico illustrado redigido por Ignacio de Vilhena Barbosa. E' um primor de exacção; e poucas vezes, antes da generalisação da photographia, appareceram vistas lisbonenses tão fidedignas.

Os predios teem ainda todo o aspecto da obra pombalina: regularidade severa, mas nenhuma elegancia. Nas sacadas observam-se as singelas grades da antiga forma. As vidraças de vidros pequenos, de guilhotina nas janellas de peitos, bastam para dar aspecto, diversissimo do de hoje, ás frontarias. Compare-se a esquina á esquerda, que é a da travessa *do Secretario de guerra,* onde está a *Casa Havaneza,* para ver como tudo parece outro. Ahi foi uma taberna.

Da antiga illuminação publica avistam-se dois candieiros de suspensão.

No lado esquerdo da rua vêem-se projectadas as sombras dos edificios fronteiros, e entre ellas a *silhouette* da egreja dos Martyres.

Dos canos de fogão de sala, hoje proscriptos pelas posturas, descobre-se um.

Em baixo vê-se a frente do palacio de Manuel José dos Contos (antiga egreja do convento do Espirito Santo), e por cima a esplanada de S. Jorge. É dia santo, ou de gala, visto que a Bandeira nacional fluctua lá no alto.

A' parte direita no primeiro plano, ergue-se o elegante e vistoso chafariz, onde imperava o Neptuno de Machado de Castro. Sobem e descem aguadeiros; a fila dos barrís *á vez* é symptoma de estiagem.

A população representada pelo artista conservou o seu caracter: a mulher de capote e lenço, o militar de barretina, os cães, então abundantissimos entre nós; e até, á nossa mão direita, o sabido bulieiro de niza, chapeo de oleado, e bota alta, ali veio procurar freguezes, desde o seu poiso municipal na proxima rua do Thesoiro velho, onde estanciavam as seges de bandeirinha.

Não me canço de olhar para este quadro, altamente suggestivo, e que para a geração actual é pura Lisboa antiga.

NOTA IV. — Pag. 207

Como reliquia deixarei aqui fielmente transcripto um annuncio de Godefroy em 1842:

GODEFROY

CABELLEIREIRO DE PARIS

SUCCESSOR DE MR. ANDRILLIAT

Largo das duas Igrejas, Rua do Outeiro N.º 9

SALA PARA CORTAR CABELLO, E
PENTEAR SENHORAS

Grande sortimento de cabelleiras, chinós, marrafas, e outros objectos em cabello. — Perfumarias, fazendas, luvas francezas e do porto. — Unico e verdadeiro bandoline para alizar os cabellos. — Agua sublime de Lubin para tirar o pano, sardas, e outras affecções no rosto. — Mucilagem francez para tingir os cabellos, sem resultado ou inconveniente desagradavel, sendo infalivel o bom resultado. — Bom sortimento de pentes de tartaruga, e de bufalo, tanto para pentear como para marrafas e travessas. — Agua de colonia, e outros objectos pertencentes á sua arte, tudo por preços cómmodos.

Typ. Morandiana — 1842.

NOTA V. — Pag. 304

O titulo exacto do livro de Gonzaga Pereira é este:

| *Descripção* || *dos* || *Monumentos Sácros* || *de* || *Lisboa,* || *ou* || *Collecção* || *de todos os Conventos, Mosteiros, e Parrochiáes* || *no Recinto da Cidade de Lisboa.* || *Em — MDCCCXXXIII.* || *Em que se mostrão os Desenhos de seos Alçados,* || *e se Des-*

creve a belleza que os mesmos continhão || *Relativo as* (sic) *Artes de Pintura, Escultura, Arqt.ª, e Gravura* || *Recopilado por* — || *Luiz Gonzaga Pereira* || — *Anno de 1840.* — |

(Cod. ms. n.º 215 da Bibl. Nac. de Lisboa, comprado em 10 de Julho de 1895 por 50$000 réis a D. Augusta Bernardina de Senna).

Luiz Gonzaga Pereira foi gravador da Casa da Moeda.

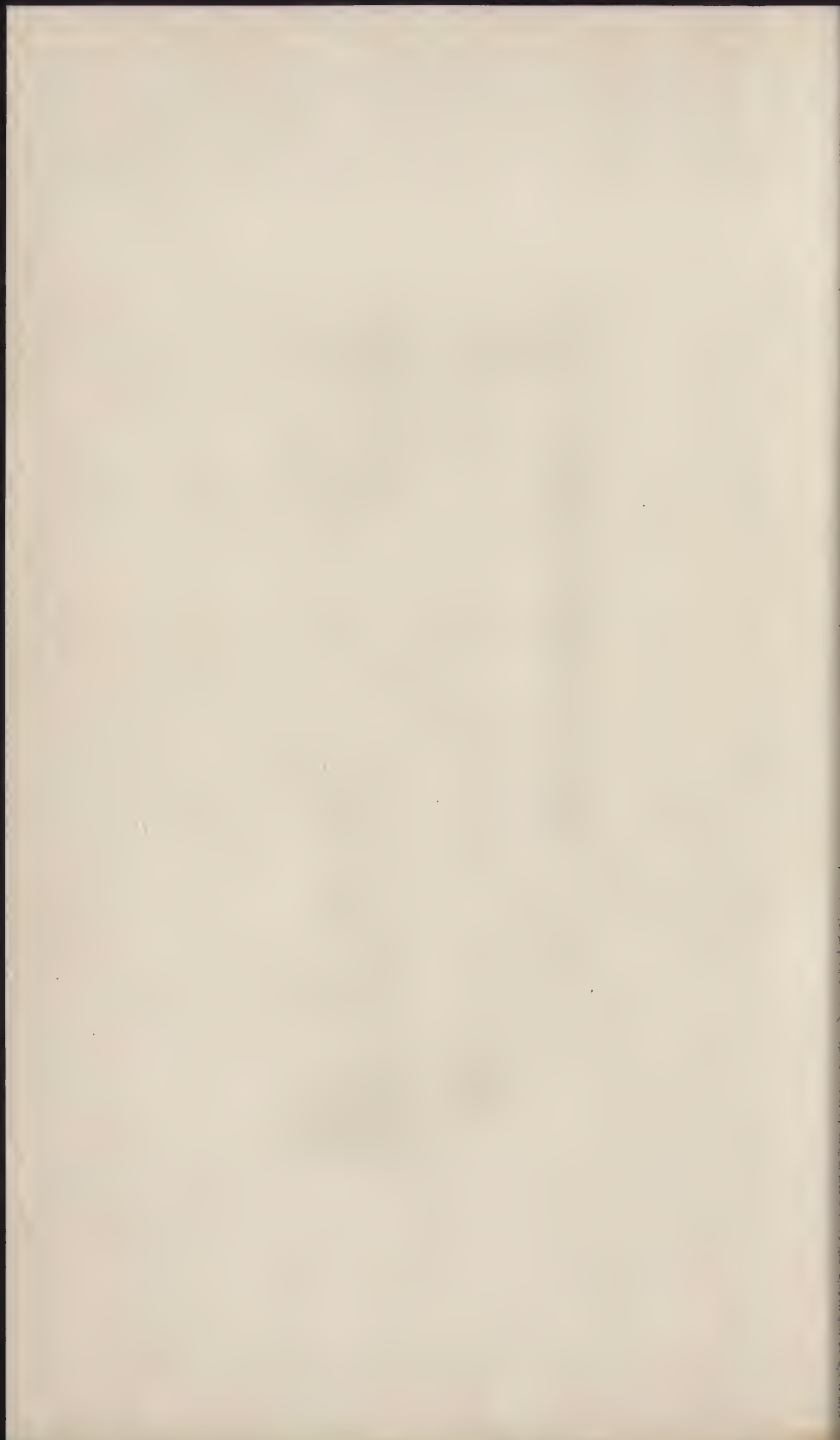
RESENHA

DAS

ILLUSTRAÇÕES D'ESTE VOLUME

O CONVENTO DA TRINDADE EM 1833

(segundo Luiz Gonzaga Pereira)

Gravura que deve ser collada a pag. 367 do volume 1.º d'esta obra. A' esquerda vê-se o cunhal do actual largo *da Trindade* sobre a rua *Larga de S. Roque*. A' direita vê-se a egreja do mosteiro. Entre esta e a segunda pilastra da cantaria, a contar da do canto, rompeu-se a actual rua *Nova da Trindade*, que leva ao largo de S. Roque. O portal em frente do espectador deve ser da portaria.

J. de C. segundo a lithographia, vista geral de Lisboa, desenhada em cinco folhas continuas por Monteiro, o artista conhecido pela designação do *Monteirinho*. Era companheiro de Annunciação, Christino, Victor Bastos, e d'elles muito apreciado pela sua pericia e graça em desenhar architectura. Possuo varias lithographias obra sua.

Pag. 309 — **Palacio dos Condes de S. Lourenço na rua da Cruz de pau** — Quando os srs. Castros compraram o predio, reedificaram-n-o inteiramente conforme as exigencias do seu estabelecimento typographico. A feição antiga desappareceu. Esta illustração é reproducção de uma gravura. Tem o grave defeito de não observar a perspectiva conveniente, por forma que parece haver ahi um largo, em logar de uma rua estreita.

Pag. 343 — **D. Antonio da Costa** — Retrato em sombra desenhado em 15 de Novembro de 1875 na travessa do Convento das Bernardas 20, por J. de C.

Pag. 351 — **O Marechal Duque de Saldanha, João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun** — Retrato a tinta da China por J. de C. (menos a cabeça, que é photographia). O Marechal raras vezes usava as fardas civis, de Official mór, de Ministro, de Par, de Embaixador, de Conselheiro de Estado. Como não conheço retrato d'elle assim, preferi trajal-o, diplomaticamente, segundo o vi um dia em 22 de Setembro de 1857.

N. B. — Aqui se offerece aos leitores da *Lisboa antiga* uma copia da vista do livro de Luiz Gonzaga Pereira representando o estado do convento da Trindade em 1833. A esquina á esquerda é sobre a rua larga de S Roque. A fachada que se vê é a do sul. Pede-se ao leitor a mande collar na pagina 367 do volume I.

INDICE

D'ESTE VOLUME II

A

C

E

H

I

J

K

L

Q

R

T

W

X

Z

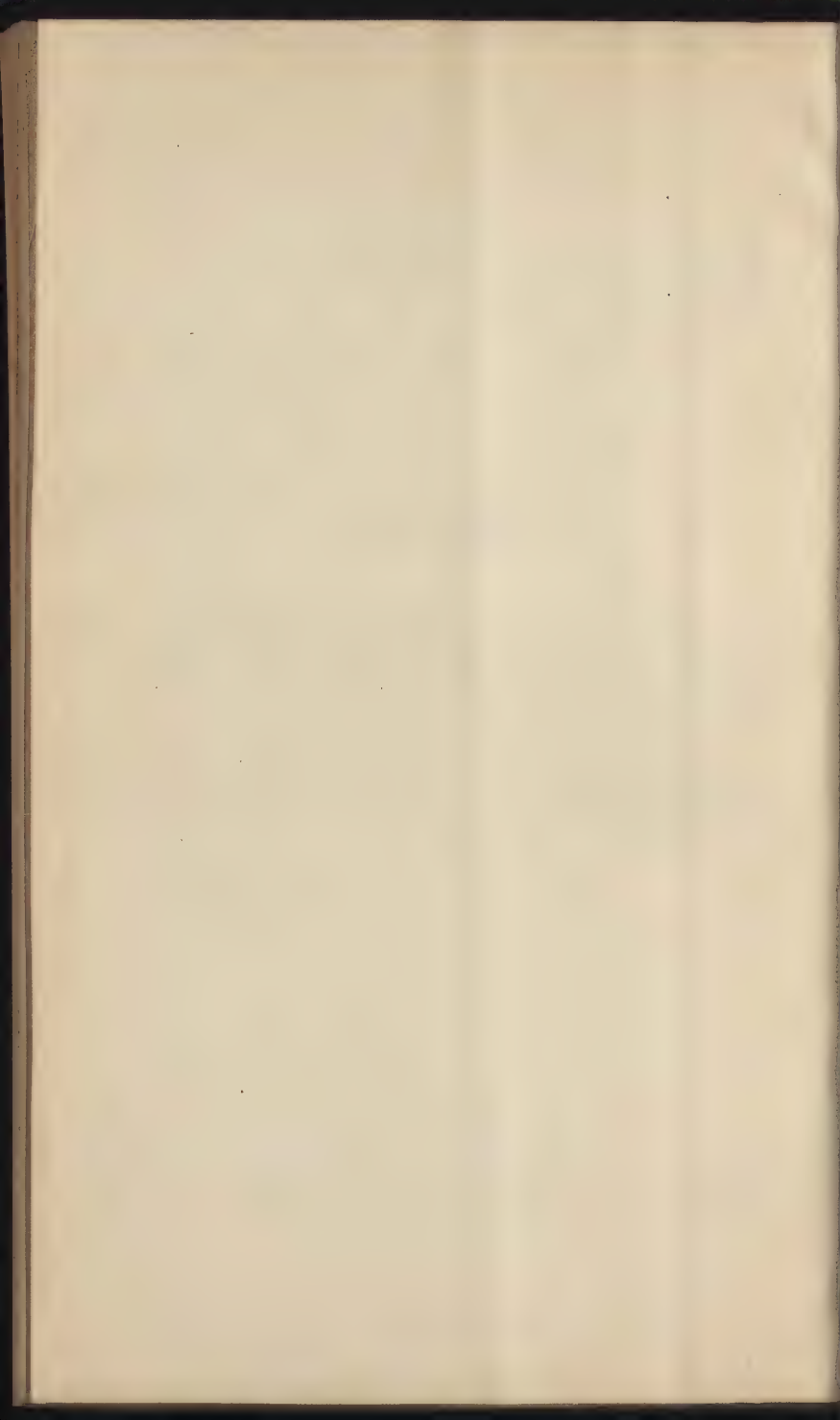
ERRATA

Peço encarecidissimamente ás pessoas que possuirem o 1.º volume d'esta edição o favor especial de emendarem na penultima linha da pagina 176 a palavra *metrópole*, substituindo-a por *necrópole*. Esse erro é mais uma prova de que os auctores são pessimos revisores das suas provas.

Agora passemos a este volume II.

Pagina 125, linha 24 — Onde se lê: Verderena — Leia-se: Verdelha.

Pagina 266, linha ultima — Onde se lê: A sala encarnada — Leia-se: A camara da sr.ª Condessa.

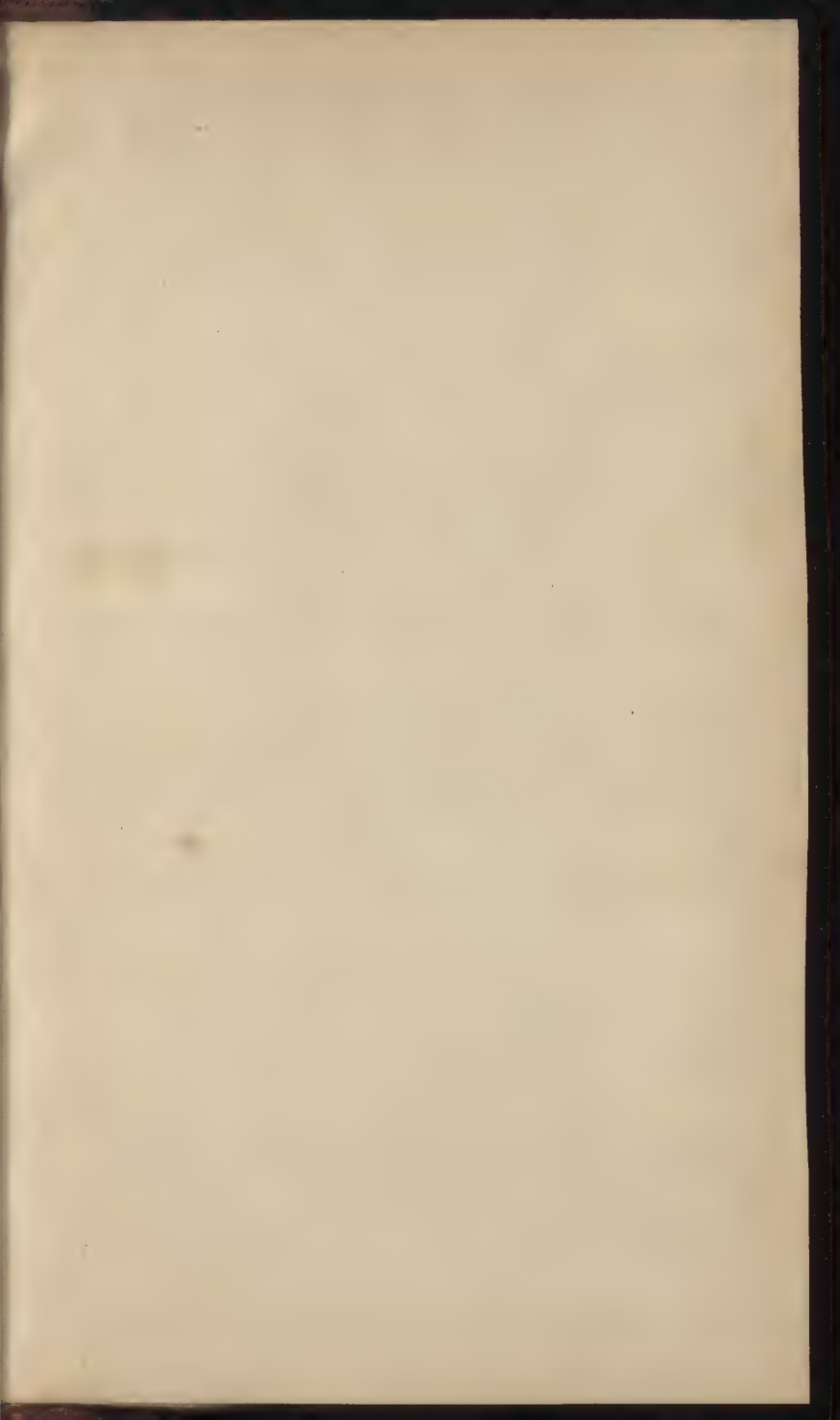
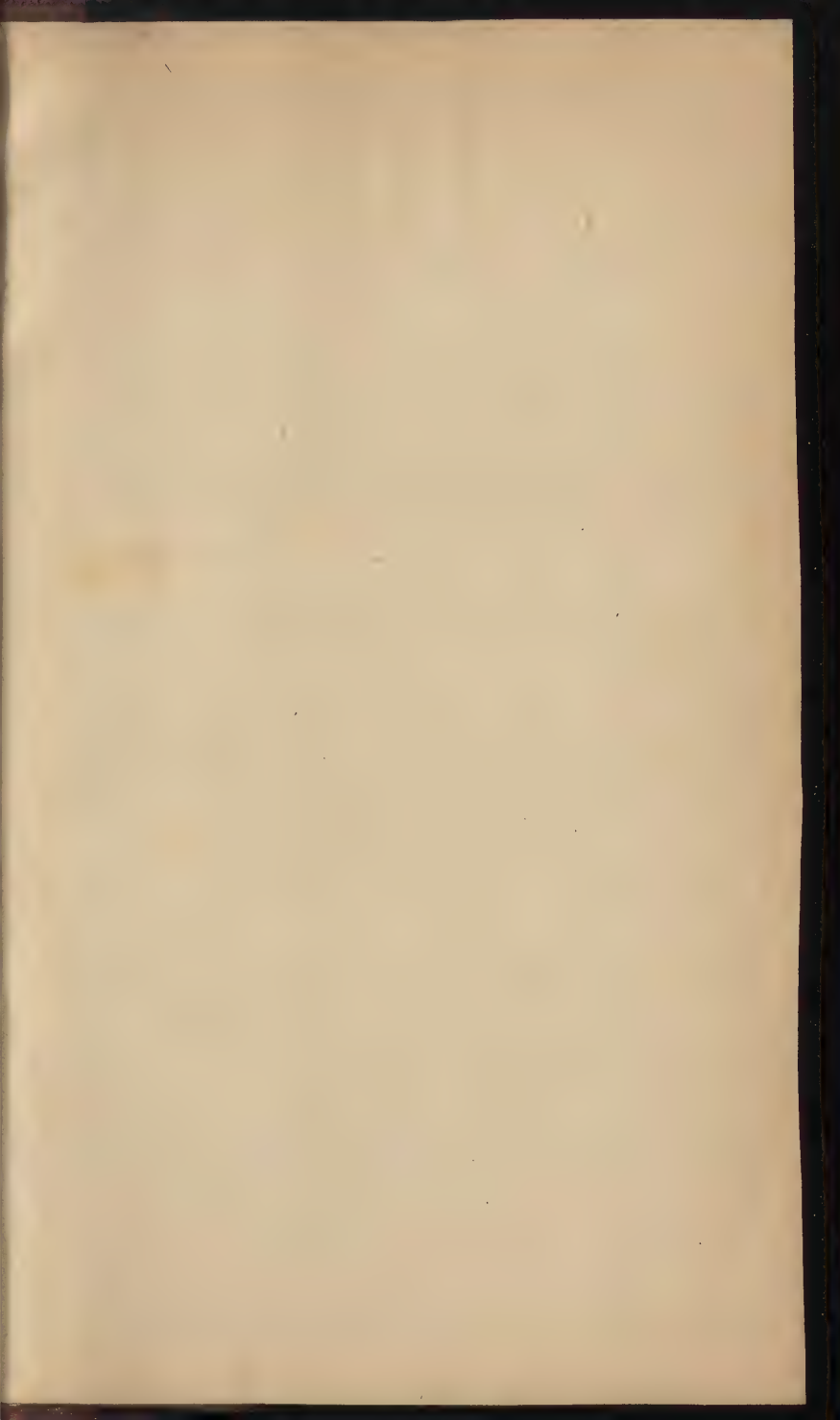
Pagina 348, linha 25 — Onde se lê: Vinte e dois — Leia-se: Vinte e oito.

RETOQUES

AO VOLUME I

A pag. 43 do volume I, na genealogia dos Andrades Caldeiras, de Monsanto, falei de Manuel Caldeira, Juiz ordinario em Gafete, e Familiar do Santo Officio. Tenho que accrescentar o seguinte, que bem caracterisa a posição social da sua familia:

INFORMAÇÕES DO COMMISSARIO DO SANTO OFFICIO, MANUEL MOURATO, NAS INQUIRIÇÕES A QUE SE PROCEDEU PARA A ADMISSÃO DE MANUEL CALDEIRA A FAMILIAR DO SANTO OFFICIO E QUE CONSTA DOS PROCESSOS N.os 498 E 1600 – MASSOS 20 E 84 DO DITO MANUEL CALDEIRA.

«A noticia que posso dar sobre as testemunhas que perguntei n'esta deligencia, na Freguesia do Monte do Chamisso, e na do Monte da Pedra, me significaram seus Parochos, erão pessoas dignas de credito, como já tenho referido no cerramento que fiz n'esta diligencia. E quanto ás que perguntei na Villa do Crato, as conheço por pessoas a quem se pode dar todo o credito, e sobre as qualidades do dito Manuel Caldeira, e de seus Paes as conheci,

pessoas nobres, ricas, abastadas e de bons procedimentos, por quanto o dito Manuel Caldeira foi casado com uma mulher natural do logar de Gafete, d'onde eu tambem sou natural, e viveu n'elle alguns annos, aonde serviu de Juiz ordinario, e n'este tempo conheci seus Paes, lavradores nobres e ricos, que se governavam com creados, e escravos que administravam as ditas lavouras, e tive noticia de que toda esta gente e seus progenitores foram pessoas nobres, e ainda hoje o dito Manuel Caldeira se conserva na mesma posse, isto é o que sei na informação do dito Manuel Caldeira.»

Ao leitor

O volume III d'esta obra tratará dos seguintes assumptos:

Palacio dos Condes do Sobral — Palacete do beco do Carrasco — Palacio de Lazaro Leitão — Quinta da Mitra no Poço do Bispo — Palacio dos Duques de Palmella, ao Calhariz — Egreja do Lumiar — Palacete na esquina do Calhariz e da rua Direita das Chagas — Palacio da travessa de André Valente — Ermida da Ascensão — Ermida de Nossa Senhora das Mercês — Rua Formosa, e seus palacios — O Marquez de Pombal; noticias historicas ineditas — Cemiterio das Mercês; Bocage e Tolentino — Ermida dos Fieis de Deus — Convento dos Caetanos — Palacio do Ratton na rua Formosa — Convento de Nossa Senhora de Jesus, etc.